

HISTÓRIAS DE VIDA DE FAMÍLIAS E EDUCAÇÃO PARENTAL: UM ESTUDO CASO PARA INVERTER CICLOS GERACIONAIS DISFUNCIONAIS

Relatório de Mestrado

Catarina Alexandra da Cruz Bagagem

Trabalho realizado sob a orientação de
Professora Doutora Maria João Sousa Pinto dos Santos
e Professora Doutora Maria São Pedro Lopes

Leiria, julho de 2013

Ciências da Educação: Especialização em Educação e Desenvolvimento Comunitário
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

HISTÓRIAS DE VIDA DE FAMÍLIAS E EDUCAÇÃO PARENTAL: UM ESTUDO CASO PARA INVERTER CICLOS GERACIONAIS DISFUNCIONAIS

Relatório de Mestrado

Catarina Alexandra da Cruz Bagagem

Trabalho realizado sob a orientação de
Professora Doutora Maria João Sousa Pinto dos Santos
e Professora Doutora Maria São Pedro Lopes

Leiria, julho de 2013

Agradecimentos

À minha mãe.

À minha família.

Ao Paulo.

À Cecília Roussos

À Mónica Monteiro

E, muito aos meus amigos.

Ao professor Filipe Santos.

À professora Maria São Pedro Lopes.

E, muito à professora Maria João Santos.

À psicóloga Sónia Gameiro.

À assistente social Liliana Ribeiro.

E, muito às mães entrevistadas.

Obrigada.

Resumo

É consensual, o papel vital que as famílias desempenham no desenvolvimento dos elementos que a compõem, sendo a criança o elemento mais vulnerável, neste sistema. Assim, a família é um sistema imprescindível para que se cumpra o ciclo vital.

Este estudo coloca no centro da investigação a tentativa de compreensão dos ciclos funcionais das famílias com crianças diagnosticadas como vítimas de mau trato por negligência. Deste modo, pretende-se, através das histórias de vida das famílias com ciclos geracionais disfuncionais, identificar os índices que predominam no seu funcionamento, criando consequentemente a possibilidade de se desenvolver um plano de educação parental.

Os objetivos deste estudo são: escutar as histórias de vida de onze famílias cujas crianças estão sinalizadas, pela Comissão e Proteção de Crianças e Jovens do concelho da Batalha (CPCJ-BTL), como vítimas de negligência; identificar e refletir sobre os índices disfuncionais que essas histórias apresentam; perceber se os ciclos geracionais disfuncionais são predominantes; conhecer a infância de cada figura parental e perceber se essa é determinante para o seu papel como cuidador; agrupar e verificar os índices disfuncionais das respetivas famílias e propor um ponto de partida para a elaboração de um plano de educação parental.

A metodologia utilizada foi o estudo de caso, incidindo sobre as histórias de vida de onze famílias do concelho da Batalha. Recorreu-se à análise quantitativa dos dados do inquérito, por questionário, e à análise qualitativa das histórias de vida, utilizando a entrevista semidiretiva e o recurso à análise de conteúdo, permitindo uma abordagem mais descritiva e rigorosa do objeto de estudo.

Neste estudo, podemos corroborar os outros estudos, realizados anteriormente: a insuficiência parental é sobretudo consequência do passado dos pais. A sua história de vida, a sua infância e as suas

referências anteriores prolongam-se em índices de disfuncionamento familiar, por várias gerações, num processo transversal.

Identificados os índices disfuncionais das respectivas famílias, no presente ciclo geracional da criança negligenciada, verificámos que os índices predominantes são os conflitos conjugais, a desorganização familiar, o divórcio, a pobreza, os maus tratos psicológicos e emocionais, a ausência do pai, o alcoolismo, a maternidade solitária e a violência doméstica.

Partindo da identificação destes índices emergentes propomos, um plano de educação parental, que se constitui como ponto de partida ideal para um processo de *empowerment* destas famílias potenciador do desenvolvimento de competências educativas. É importante reiterar que na base deste processo desenvolvimental está a ideia de que a responsabilidade educativa das crianças é do adulto educador, sendo neste que a intervenção se deve centrar.

Palavras-chave

Ciclos geracionais disfuncionais, crianças negligenciadas, educação parental e famílias.

Abstract

It is consensual, the vital role that families play in the development of all its elements, being the child the more vulnerable one in this system. That is why the family is an indispensable system for the fulfillment of the life cycle.

This study places at the center of its research an attempt to understand the functional cycles of families with children diagnosed as victims of abuse by neglect. Thus, it is intended, through the life stories of families with dysfunctional generational cycles, the identification of the indexes that predominate in its functioning, thus creating the possibility of developing a parental education plan.

The objectives of this study are: listening to the life stories of eleven families whose children were identified by the Comissão e Proteção de Crianças e Jovens do concelho da Batalha (CPCJ-BTL) as victims of neglect; identify and reflect about the dysfunctional indexes that these stories reveal; understand if dysfunctional generational cycles are prevalent; to know the childhood of each parental figure and understand if it's crucial to his role as a caregiver; to group and verify the dysfunctional indexes of each family and propose a starting point for the elaboration of a parental education plan.

The methodology used was the case study, focusing on the life stories of eleven families from concelho da Batalha. We resorted to quantitative analysis of survey data, by questionnaire, and also to qualitative analysis of the life stories, using the semi directive interview and content analysis, allowing a more accurate and descriptive characterization of the object of study.

In this study, we can corroborate other studies previously conducted: parental failure is mainly a consequence of parents' past. Their life story, their childhood and their previous references extend into dysfunctional family indexes, for several generations, in a transversal process.

With the identification of the dysfunctional indexes of each family, in present generational cycle of the neglected child, we verified that the predominant indexes are marital conflict, family disorganization, divorce, poverty, psychological and emotional abuse, father absence, alcoholism, lone motherhood and domestic violence.

Based on the identification of these emerging indexes we propose a parental education plan, which constitutes an ideal starting point for an empowerment process of these families, capable to generate educational skills. It is important to reassert that in the base of this developmental process it highlights the idea that the responsibility of educating children is of the adult, and is in him that this intervention should focus.

Keywords

Dysfunctional generational cycles, neglected children, parental education and families

Índice Geral

Agradecimentos.....	iii
Resumo	iv
Abstract.....	vi
Índice Geral.....	viii
Introdução.....	1
Parte I – Enquadramento Teórico.....	4
1. Sociologia da família.....	4
1.1. Tipos de família	8
2. Direitos da criança.....	10
2.1. Maus tratos por negligência.....	14
3. Psicologia infantil.....	16
3.1. A importância das famílias no desenvolvimento das crianças	16
3.2. Importância de uma relação/vinculação precoce	17
3.3. Papel da figura de referência	20
3.4. Inteligência Emocional.....	22
4. Educação parental	23
4.1. Estilos parentais	25
4.2. Competências parentais ou função da família	27
4.3. Ciclos geracionais disfuncionais.....	29
5. Educação e desenvolvimento comunitário local	34
Parte II – Investigação Empírica.....	38
1. Metodologia	38
1.1. Problemática e pergunta de partida	38
1.2. Objetivos da investigação	40

1.3. Métodos, técnicas e instrumentos de recolha de dados.....	40
1.4. Universo do estudo.....	43
1.5. Procedimentos.....	44
2. Caracterização do meio e da instituição.....	47
2.1. Localização.....	47
2.2. O concelho da Batalha.....	47
2.3. Apoios sociais existentes.....	49
2.4. Realidade social.....	51
2.5. Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco da Batalha.....	52
2.6. Caracterização da instituição no concelho da Batalha.....	53
3. Apresentação, análise e comentário dos dados.....	56
3.1. Inquérito por questionário.....	57
3.2. Entrevista.....	64
Conclusão.....	83
Bibliografia.....	88
Webgrafia.....	91
Anexos.....	1

Índice dos gráficos

Gráfico 1	Idade das crianças sinalizadas.....	57
Gráfico 2	Organização das famílias.....	60
Gráfico 3	Quem exerce autoridade em casa e sobre as crianças.....	60
Gráfico 4	Como é exercida a autoridade sobre as crianças.....	61
Gráfico 5	Consumo de álcool ou drogas.....	62
Gráfico 6	Maior nível de escolaridade na família.....	62

Índice das tabelas

Tabela 1	Índices positivos que levam à funcionalidade familiar.....	30
Tabela 2	Índices negativos que levam à disfuncionalidade familiar.....	32
Tabela 3	Estabelecimento de ensino que a criança frequenta.....	58
Tabela 4	Caraterização da pessoa de referência da criança.....	59
Tabela 5	Saúde	61
Tabela 6	Fontes de rendimento das famílias.....	63
Tabela 7	Índices funcionais e disfuncionais, retirados da história de vida, da família A	66
Tabela 8	Índices funcionais e disfuncionais, retirados da história de vida, da família B	66
Tabela 9	Índices funcionais e disfuncionais, retirados da história de vida, da família C	68
Tabela 10	Índices funcionais e disfuncionais, retirados da história de vida, da família D	68
Tabela 11	Índices funcionais e disfuncionais, retirados da história de vida, da família E	70
Tabela 12	Índices funcionais e disfuncionais, retirados da história de vida, da família G	71
Tabela 13	Índices funcionais e disfuncionais, retirados da história de vida, da família H	71
Tabela 14	Índices funcionais e disfuncionais, retirados da história de vida, da família I	72
Tabela 15	Índices funcionais e disfuncionais, retirados da história de vida, da família J	73
Tabela 16	Índices funcionais e disfuncionais, retirados da história de vida, da família L	74
Tabela 17	Índices funcionais e disfuncionais, retirados da história de vida, da família M	75
Tabela 18	Resultado dos ciclos geracionais funcionais e disfuncionais das famílias.....	77
Tabela 19	Índices disfuncionais do atual ciclo geracional da criança.....	78
Tabela 20	Número de ocorrências dos índices disfuncionais.....	79
Tabela 21	Listagem de índices disfuncionais das famílias.....	81

Listagem de siglas e acrónimos

CLAS	Conselho Local de Ação Social
CMB	Câmara Municipal da Batalha
CNPCJR	Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco
CPA-RF	Centro Paroquial de Assistência do Reguengo do Fétal
CPCJ	Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco
CPCJ-BTL	Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco da Batalha
CPM	Comissão de Proteção de Menores
CRG	Centro Recreativo da Golpilheira
D	Ciclo Geracional Disfuncional
ESEC'S	Escola Superior de Educação e Ciências Sociais
F	Ciclo Geracional Funcional
GIP	Gabinete de Inserção Profissional
GPS	Rede de colégios pertencentes ao grupo GPS
I	Ciclo Geracional Inconclusivo
IPL	Instituto Politécnico de Leiria
IPSS	Instituição Particular de Solidariedade Social
LPCJ	Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo
PCAAC	Programa Comunitário de Ajuda Alimentar a Carenciados
SAMP	Sociedade Artística e Musical dos Pousos
SNS	Serviço Nacional de Saúde
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura
UNICEF	United Nations Children's Fund, em português, Fundo das Nações Unidas para a Infância

As pessoas possuem diferentes capacidades de elaboração e organização da experiência emocional, e acontece que esta última seja efetivamente gerida mediante o recurso a meios menos satisfatórios.

Graham Music

A família é a célula fundamental da sociedade. Gozando ela de saúde, todo o corpo social se apresenta saudável; adoecendo a família, a sociedade também cá enferma.

Barros Oliveira

O escutar é dar voz.

Assunção Folque

Introdução

No âmbito do Mestrado em Ciências da Educação - área de especialização em Educação e Desenvolvimento Comunitário - e enquanto profissional de Educação, fez sentido, desde sempre, orientar todos os trabalhos para a temática da infância, pelo desejo de querer sempre fazer mais e melhor.

Na base deste trabalho estiveram motivações pessoais, vivenciadas profissionalmente, que deixam uma constante inquietação perante as críticas às famílias das crianças que preenchem as nossas salas, numa atitude reducionista das suas reais histórias de vida.

Assim, este trabalho pretende ser um espaço de escuta, num profundo respeito sem julgamentos, destas famílias e simultaneamente pretende-se estudar os seus funcionamentos, por forma a melhorar a vida das crianças que as constituem. Tal como confirma João dos Santos (2000), “Importa, no entanto, ter consciência de que alguma coisa se pode prever, e que se deve estudar a evolução da família, para prevenir as consequências do que poderá ser um homem criado sem amor” (citado por Branco, 2000, p.355).

Ao longo deste estudo pretendemos perspetivar: por um lado, a criança, e por outro, a família. Por vezes, ajudar a criança passa por capacitar a família, por empoderar, por desenvolver competências que lhes permitam educar. Deste modo, consideramos que a família é a base do desenvolvimento equilibrado da criança, consequentemente estudar a evolução da família é perceber o desenvolvimento da criança, que a constitui.

A primeira parte deste trabalho refere-se ao enquadramento teórico e está dividida em cinco capítulos. O primeiro é sustentado teoricamente pelo estudo sociológico do desenvolvimento das famílias. O segundo centra-se nos direitos das crianças, nas teorias do desenvolvimento infantil e nas teorias que sustentam a importância da educação parental. Esta primeira parte culmina numa reflexão em torno das teorias do desenvolvimento comunitário local.

Esta primeira parte foca uma leitura sociológica do desenvolvimento das famílias ao longo dos séculos, procurando perceber que tipos de famílias predominam na nossa sociedade. Seguidamente, e em paralelo, pretende-se perceber também a história dos direitos da criança ao longo dos tempos. Sendo a nossa amostra constituída por famílias

sinalizadas, que têm no seu interior uma criança vítima de mau trato, por negligência, foi importante referir os direitos das crianças, bem como, o que se entende por maus tratos por negligência.

No que concerne, à conceptualização teórica da psicologia infantil, entendemos ser fundamental estudar a importância das famílias no desenvolvimento das crianças. De igual modo, pretendeu-se perceber como uma relação de vinculação precoce é crucial no início de vida de um bebé e que esta relação se prolonga por toda a vida. O papel da figura de referência é outro ponto do nosso estudo teórico. Por várias razões, os pais poderão nem sempre ser os cuidadores, antes uma pessoa de referência, pelo que foi importante perceber o seu papel. Este tema tornou-se, ainda, mais importante porque os entrevistados, para o nosso estudo empírico, foram a pessoa de referência das crianças. Por fim, ainda neste capítulo, teorizamos a inteligência emocional para nos inteirar da visão ecológica da família para o desenvolvimento emocional da criança.

Dado que o presente trabalho trata das histórias de vida de famílias com ciclos geracionais disfuncionais, não podíamos terminar sem teorizar a ideia da educação parental. Esta é crucial na perceção dos ciclos geracionais, permitindo a ideia de que, as ações educativas parentais saltam de geração em geração, bem como, os estilos parentais predominam entre as famílias da nossa sociedade. Neste âmbito, procuramos perceber quais são as competências ou funções da família no ato de educar.

De igual modo, não podíamos deixar de referir a importância do desenvolvimento comunitário local, uma vez que este trabalho propõe capacitar as famílias - através de programas de formação parental - da comunidade local do concelho da Batalha.

Na segunda parte deste trabalho, apresenta-se o estudo empírico realizado, os métodos e as técnicas que lhe serviram de base, sendo nossa intenção escutar, identificar e refletir sobre os índices que nos mostram as disfuncionalidades das famílias sinalizadas por negligência pela Comissão e Proteção de Crianças e Jovens do concelho da Batalha (CPCJ-BTL). Os dados foram obtidos através da aplicação de um inquérito por questionário e de uma entrevista às pessoas de referência das crianças.

É nosso objetivo, através das histórias de vida, reunir os índices emergentes a trabalhar com as famílias, para assim, contribuir para futuros planos de programação de educação parental. Foi nosso intuito, orientados por uma perspetiva ecológica do

desenvolvimento humano, fornecer um humilde contributo para o processo de educação parental como fator de prevenção e proteção, contribuindo para o fortalecimento familiar e, conseqüentemente, para a melhoria da qualidade de vida das nossas crianças.

Parte I – Enquadramento Teórico

Na primeira parte deste trabalho são apresentados conceitos ligados à família e à criança. Damos início com uma breve explicitação sociológica do conceito de família ao longo dos tempos e retratamos os tipos de famílias existentes. Da família em si, passamos para o estudo da criança. Começamos por realizar um retrato evolutivo dos direitos da criança em Portugal e da transformação que as ideias acerca das crianças sofreram no nosso país, nas últimas décadas. Mais especificamente e tendo em linha de conta o nosso estudo sobre as crianças sinalizadas na CPCJ-BTL por negligência, não poderíamos avançar sem aferirmos os maus tratos por negligência. O terceiro ponto passa para a importância da família no desenvolvimento da criança, dedicando-se inteiramente à psicologia infantil: abordaremos a importância da relação precoce e o papel da figura de referência no desenvolvimento da criança. A importância desta abordagem está relacionada com o facto de o nosso estudo usar essas figuras para perceber os comportamentos de negligência. Abordaremos, ainda, a inteligência emocional, conceito fundamental para o desenvolvimento de competências parentais, em particular, a compreensão das suas emoções e das emoções das crianças. O quarto ponto diz respeito à educação parental dos pais (ou pessoas de referência) sobre os filhos, os estilos educativos que adotam e as suas competências parentais. Deste modo, e tendo em linha de conta a preocupação central deste trabalho que se orienta pelo estudo dos ciclos geracionais disfuncionais das famílias do nosso estudo, apresentamos um cruzamento de índices funcionais e disfuncionais explicitados ao longo de todo o enquadramento teórico. Por fim, apresentamos a noção de desenvolvimento comunitário local, com o objetivo de fundamentar a importância de capacitar uma dada população, para que se perspetive um desenvolvimento local.

1. Sociologia da família

“O modo de constituir família, as relações que fazem parte dela, os limites que as distinguem quer do grupo de parentesco quer de outras modalidades de conviver debaixo do mesmo teto (sic) modificam-se com o tempo, de um lugar para outro e por vezes também de um estrato social para outro. Ao mesmo tempo, as famílias podem mudar de forma ao passarem de uma fase para outro ciclo de vida. A multiplicidade das formas familiares, hoje como no passado, reflete (sic) estes dois processos de diferenciação” (Saraceno, 2003, p.25).

Nós humanos, desde sempre, sentimos curiosidade pelas razões do nosso próprio comportamento. Durante milhares de anos, estas razões, limitaram-se às explicações tradicionais, ou seja, em termos religiosos, superstições ou crenças. Nos finais do século XVIII, com o surgimento do desenvolvimento científico para se compreender o mundo, tal como a Física, Química e Biologia, surgiu a Sociologia, como parte deste importante processo intelectual (Giddens, 1997).

As explicações tradicionais baseadas na religião foram suplantadas, em sucessivas esferas, por tentativas de conhecimento racional e crítico. As origens da disciplina inserem-se no contexto de uma série de mudanças radicais introduzidas pelas *duas grandes revoluções* da Europa:

A Revolução Francesa, em 1789, que representou o triunfo de ideias e valores seculares, como a liberdade e a igualdade, sobre a ordem social tradicional (Giddens, 1997) e a Revolução Industrial (séc. XVIII) que representou um conjunto amplo de transformações económicas e sociais, que acompanharam o surgimento de novos avanços tecnológicos e conduziu a uma migração, em grande escala de camponeses para as cidades, causando uma rápida expansão das áreas urbanas e, conseqüentemente, introduziu novas formas de relacionamento social (Giddens, 1997).

A destruição dos modos de vida tradicionais levou os pensadores a desenvolver uma nova conceção dos mundos natural e social, colocando novas questões: o que é a natureza humana? Porque é que a sociedade é estruturada assim? Como mudam as sociedades e por que razão o fazem? (Giddens, 1997)

Com a industrialização os modos de vida alteraram-se, tal como, o conceito de família. Contudo, algumas populações que permanecem no campo, ainda hoje, mantêm a estrutura das famílias tradicionais. As pessoas que mudam para a cidade vão transformar o conceito de família. Existe, ainda, um tipo de famílias que se tornaram mistas, sendo constituídas por pessoas da aldeia e trabalhadores do proletariado, alterando-se a “composição social da população e a sua distribuição entre campo e cidade” (Saraceno, 2003, p.47).

Giddens e Saraceno mostram-nos como estas transformações sociais influenciaram as transformações na família. Isabel Dias (2004) explica-nos mais detalhadamente estas transformações familiares falando da importância do casamento nos modos de vida

tradicionais até aos tempos modernos. Ressalva que a família tradicional não resolveu muito dos seus paradoxos e “perpetuou pela modernidade. O carácter paradoxal da família moderna, não é, por isso, original. Embora assuma características específicas, parece tê-lo herdado da família tradicional, emergindo como um traço de continuidade transportado do passado” (Dias, 2004, p.31). A autora assume as relações familiares envoltas em sentimentos. Sentimentos, estes, que na sociedade tradicional, eram negociados/julgados pela mesma e que ao longo dos tempos se foram restringido ao seio familiar. Esta dimensão do sentimento passar do social para o familiar leva-nos a um caminho de longos anos.

As relações familiares estão carregadas de sentimento, e este está associado ao facto de as pessoas se juntarem por amor. Começa na escolha do cônjuge, nas relações mãe-filho e na demarcação entre a família e a comunidade envolvente (Dias, 2004). Até ao século XVIII o casamento era um negócio e a garantia da procriação humana. Nos finais do século XVIII o sentimento apoderou-se dos casais e transformou-se numa “dimensão gratificante da relação conjugal” (Dias, 2004, p. 36). A dimensão do sentimento gratificante remete-nos automaticamente para a vida sexual do casal. Até aqui a vida sexual do casal era controlada para que este ato servisse apenas para procriar. Nos finais do século XVIII, a própria construção das casas era diferente, para que o casal tivesse mais privacidade. “O lar passou a constituir uma «fortaleza segura contra um mundo hostil»” (Shorter, 1997, p.286, citado por Dias, 2004, p.37). O que era ditado pela comunidade e acompanhado de perto pelos familiares, transformou-se num sentimento em que “os indivíduos passaram a procurar, em cada relação, viver um grande amor” (Dias, 2004, p.38). Este melhoramento nas relações sentimentais e sexuais veio conseqüentemente melhorar as relações familiares, entre o casal, entre mãe-filho e toda a família envolvente.

Na família tradicional, a criança crescia num meio duro porque a família preparava-a para o mundo. As crianças não eram pertença dos pais, mas da sociedade que obrigava os casais a procriarem para angariarem continuidade humana e mão-de-obra. Daí a importância das famílias não poderem criar laços (sentimentos). A morte infantil era comum em todos os lares mas, pouco sofrida, porque havia muitos filhos em substituição e não havia laços fortes. Para as crianças “a família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental” (Ariés, 1981, citado por Dias, 2004, p.39). A partir do século XV as realidades e os sentimentos da família começaram a mudar. A

vivência do grande amor na família, anteriormente referido, veio trazer o amor pelos filhos e uma crescente preocupação com a saúde e educação das crianças. As famílias numerosas tradicionais transformaram-se em famílias reduzidas com mais preocupações no bem-estar de cada um. Reduziu-se na quantidade e aumentou-se na qualidade a todos os níveis.

A família conjugal moderna adquiriu, assim, vários patamares, introduziu o amor nos seus sentimentos, reduziu o seu núcleo familiar, construiu casas com uma maior privacidade e os filhos começaram a ser fruto de um desejo, da consequência desse amor. Todo este processo foi muito gradual e lento, mas levou a uma mudança de sentido para a família:

“ela tornou-se no que jamais fora, designadamente um lugar de refúgio onde se está a salvo dos olhares dos outros; um lugar de afetividade onde se estabelecem relações sentimentais entre o casal e os filhos; um lugar de atenção à infância que, não obstante, pode ser cor-de-rosa ou sombrio” (Ariés, 1990, p.15, citado por Dias, 2004, p.41).

Assim, tanto a família tradicional, como a família moderna, têm vantagens e desvantagens. No entanto é importante sublinhar que nas famílias modernas o conceito de privacidade, que resulta do facto de termos famílias pouco numerosas e nuclear, tornou objeto essencial da violência escondida nos lares. Não é que nas famílias tradicionais não se cometessem horríveis violências, mas na altura, a cultura assim o ditava e toda a gente sabia onde havia mais desordem, era alguma coisa de domínio público e este direito à privacidade, torna-se esconderijo de terríveis comportamentos, que deixam as vítimas isoladas. Este é o lugar sombrio que Ariés (1990, citado por Dias, 2004) nos chama a atenção: “as agressões infligidas a crianças, mulheres e idosos, encontram na família moderna um espaço privilegiado de realização” (p.49).

Então, a família é como “um sistema, um todo, uma globalidade, dentro da qual se geram relações emoções independentes de vínculos biológicos” e esta organização familiar “define relações entre diferentes subsistemas, designadamente: o individual, o conjugal, o parental, o filial e o fraternal” (Alarcão, 2006 e Relvas, 1996, citados por Portugal, 2010, p.387). Em suma, toda a família se constitui como resultado de afetos, “a família é o envolvimento natural das crias humanas” e o seu ajuntamento como resultado de querer procriar, “em todas as épocas a organização familiar visou a proteção da criança e que todas as formas de casamento tiveram como objetivo (ou

como resultado) a limitação da natalidade” (João dos Santos citado por Branco, 2000, p.354).

1.1. Tipos de família

“a família é uma rede complexa de relações e emoções na qual se passam sentimentos e comportamentos que não são passíveis de ser pensados com os instrumentos criados para o estudo dos indivíduos isolados. (...) A simples descrição de uma família não serve para transmitir a riqueza e complexidade relacional desta estrutura” (Gameiro, 1992, citado por Relvas, 2000, p.22).

Esta complexidade relacional de que Gameiro nos fala divide-se em subsistemas que caracterizam as interações dentro da família, que se vão ajustando ou não, ao longo do tempo e trazem a harmonia ou desarmonia familiar, a que Relvas (2000) chama, a *estrutura da família*. Os subsistemas são o *individual* (o indivíduo, na sua individualidade, que faz parte da família), o *parental* (os pais ou cuidadores da criança, que têm um papel específico dentro da família), o *conjugal* (o casal) e o *fraternal* (relação entre irmãos, que também têm um papel específico a desempenhar dentro da família). A harmonia familiar reina quando estes subsistemas funcionam bem entre si (influências internas) e, no seu todo, com a comunidade (influências externas), (Relvas, 2000, p.23).

A conceção da família é então influenciada por relações e organização, ou seja, a família é feita de relações internas e externas que conseqüentemente influenciam a organização familiar, “a família é uma rede complexa de relações e emoções” (Ministério da Saúde, s.d., p.1). Nesta teia de relações deparamo-nos, assim, com vários tipos de organização familiar, as famílias nucleares com filhos biológicos ou com filhos adotados ou de acolhimento. Famílias monoparentais de homens ou de mulheres, casais homossexuais de homens ou de mulheres com filhos biológicos, adotados ou de acolhimento. Famílias que se separaram e formaram novas famílias e famílias que vivem em comum com outras pessoas. Há uma panóplia de conceções de família mas, “de facto, não existe um tipo de família modelo ou ideal.” (Relvas, 1996, citado por Ministério da Saúde, s.d., p.1).

Saraceno (2003) fala-nos de “As novas famílias” (p.71), subdivindo-as em dois grupos: as “*famílias monoparentais*”, fruto de um divórcio ou de um filho fora de um casamento e as “*famílias reconstituídas*” ou “*famílias recompostas*” (Saraceno, 2003, p.75) que se referem aos casais que se juntam e já trazem filhos das anteriores relações e formam um novo casal que não é casado.

Gameiro (1998) defende ter criado uma nova expressão, ao referir-se às novas famílias, para fugir à “denominação clássica: [das] famílias reconstituídas” afirmando que não há “lugar a nenhuma reconstrução; a nova família tem elementos da família anterior, mas a sua estrutura e os afetos (sic) que a suportam são inteiramente novos” (Gameiro, 1998, p.9).

Almeida (2001) escreve sobre as novas famílias acrescentando novos conceitos. As *famílias nucleares* que são compostas por um casal com filhos. Por sua vez, as *famílias complexas* que são constituídas por “dois ou mais núcleos” de famílias e as *famílias alargada*, por último, são constituídas pela família nuclear mais uma avô, ou um tio. Esta autora também apelida as famílias, nas quais houve um divórcio e um novo ajuntamento, de *famílias recompostas* (Almeida, 2001, p.38).

Portugal (2010) baseia essencialmente, as suas ideias de família, em Paula Relvas (2007) e Madalena Alarcão (2007). A autora descreve as novas formas de família como uma rotura da família nuclear. Começa por referir as *famílias monoparentais* que podem ser consequência de uma rotura da família nuclear, que levou ao divórcio e consequentemente à monoparentalidade. Refere também a monoparentalidade por opção de uma mulher ou de um homem, que podem ter filhos biológicos ou adotados. Seguem-se as *famílias reconstituídas* que se reúnem num novo sistema, porque podem ter vindo numa fase posterior à monoparentalidade ou seguida de um divórcio. E, por fim, as *famílias adotivas*, que têm um relevo enorme para a educação e desenvolvimento das crianças adotadas ou acolhidas por estas famílias. O vínculo que caracteriza estas famílias é essencialmente afetivo e legal.

De uma forma geral, Saraceno (2003), Gameiro (1998), e Portugal (2010), caracterizam a família por Família Nuclear (família tradicional) e Novas Famílias (família moderna/reconstituída). Importa ainda reter o conceito de famílias complexas e famílias alargadas, tendo em conta as características das famílias que participam neste trabalho.

2. Direitos da criança

O século XX pode-se caracterizar como o século dos direitos da criança, como nos descrevem as autoras Tomás e Fernandes (2011). Foi neste século que se constituiu “um quadro legal de proteção às crianças e surgiram as associações, instituições, projetos e organizações em prol da infância” (p.1). As autoras explicam que a infância em Portugal vive um “conjunto de avanços, retrocessos e desafios, na afirmação dos direitos da criança e no bem-estar social” (Tomás e Fernandes, 2011, p.1). Ainda que, “Portugal foi um dos primeiros países a aprovar uma Lei de Proteção à Infância em 1911”, que se encontram na Constituição da República (Assembleia da República, 1976, preâmbulo), como direitos fundamentais, e a ratificar a Convenção dos Direitos da Criança em 1990 (UNICEF, 1990). Enquanto a área da infância não for colocada, em cima da mesa, como uma prioridade política, económica e social, muitos compromissos parecem quase impossíveis de se concretizarem (Tomás e Fernandes, 2011). Este facto é ilustrativo de uma sociedade em que vai uma longa distância entre os objetivos escritos e a ação destes conceitos. Contudo muito trabalho foi realizado ao longo destes anos.

A 25 de abril de 1974 o regime fascista foi derrubado pelo Movimento das Forças Armadas. Portugal libertou-se da ditadura, da opressão e do colonialismo. Foi uma viragem revolucionária para a sociedade portuguesa. Esta revolução trouxe para os portugueses os direitos e liberdades fundamentais. “No exercício destes direitos e liberdades, os legítimos representantes do povo reúnem-se para elaborar uma Constituição que corresponde às aspirações do país” (Assembleia da República, 1976, preâmbulo). A Assembleia Constituinte, reunida a 2 de Abril de 1976, “aprova e decreta” a Constituição da República Portuguesa. Esta constituição defende a independência nacional, garante os direitos fundamentais dos cidadãos e estabelece os pilares da democracia, construindo um “país mais livre, mais justo e mais fraterno” (Assembleia da República, 1976, preâmbulo).

Nesta constituição são, pela primeira vez, consagrados os direitos fundamentais da Infância (art.º 69) e da Juventude (art.º 70). Contudo, como já foi anteriormente referido, Portugal já havia aprovado, em 1911, a Lei de Proteção à Infância, sendo um dos países pioneiros.

Ainda assim, em Portugal, só nos anos 90 é que começaram a surgir políticas sociais com vista à proteção e acompanhamento das situações de infância e juventude. Em 1990, Portugal ratificou a Convenção dos Direitos da Criança. Em 1991, foram criadas as Comissões de Proteção de Menores. Em 1995, foi extinta a Direção Geral dos Serviços Tutelares de Menores que deu lugar ao Instituto de Reinserção Social. Finalmente, em 1999, verificou-se a última grande Reforma dos Direitos dos Menores, com a redação do diploma legal de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (PCM, 1999).

Importa ainda salientar que com a Convenção dos Direitos da Criança, os Estados começam a ter uma responsabilização acrescida sobre as crianças, pois a partir daqui, têm de prestar contas periódicas de quatro em quatro anos ao Comité dos Direitos da Criança (UNICEF, 1990).

Passamos de uma breve constituição onde são consagrados os direitos fundamentais da Infância, após 25 de abril, para uma Convenção dos Direitos da Criança e, principalmente para a ação, no que concerne à educação, formação e desenvolvimento social. A situação das crianças evoluiu, também, principalmente em termos da saúde: as taxas de vacinação aumentaram consideravelmente, a assistência durante a gravidez e o parto melhorou significativamente, bem como se verificou um aumento muito grande na taxa de escolarização das crianças (UNICEF, 2009).

Apesar destas mudanças, continuam a existir muitos problemas relacionados com a pobreza e com a exclusão social que se refletem no modo como as crianças são tratadas, em situações de violência ou no abandono escolar que no nosso país é muito elevado. Há também novos problemas decorrentes do evoluir da sociedade, como o consumo de drogas ou a desestruturação familiar que começam a merecer nova e especial atenção por parte das entidades competentes (Ministério da Educação, 2006).

Soares (2002) fala do paradigma, de nós adultos, entendermos os direitos da criança, “como um discurso decorativo e quimérico” (p.1-2). Porque é bonito referirmos estes direitos mas, os que os referem, por vezes, são os que os consideram irrelevantes, não os concretizando/respeitando diariamente. Vai ainda mais longe ao referir que na nossa sociedade os direitos da criança estão a regredir, pois quanto mais evoluem os direitos do homem, mais estes decidem sobre a vida das crianças, principalmente os próprios

pais. A autora ressalva que, também, se caminha para o reconhecimento dos direitos dos pais sobre os filhos que “não são invioláveis e que o Estado tem também o direito de intervir e proteger a criança” (Soares, 2002, p.2).

Inicialmente foi salientado as crianças sem direitos. Agora, nos tempos atuais, encontramos crianças vítimas com direitos (Soares, 2002). As crianças continuam, assim, a serem vítimas. A socióloga Gerison Landsdown (citada por Soares, 2002) lança o desafio de ultrapassarmos o modelo protetor sobre as crianças, não as vendo só como indivíduos com necessidades, mas fundamentalmente com direitos, independentemente da sua vulnerabilidade, característica da sua respetiva idade.

Considera-se que há um longo caminho a percorrer, apesar de muito ter sido feito até aos dias de hoje. Desde a primeira Constituição da República Portuguesa em 1976 até à sétima revisão da mesma em 2005, os artigos da Infância (art.º 69) e da Juventude (art.º 70) permaneçam descritivamente iguais.

O II Relatório de Portugal sobre a Aplicação da Convenção dos Direitos da Criança mostra-nos o crescimento deste trabalho e como este “...constitui uma demonstração feliz” (PCM, 1999, p.8) segundo descreveu a Coordenadora da Comissão Nacional dos Direitos da Criança, Maria Dulce Rocha na apresentação deste relatório. A Coordenadora valoriza a importância do trabalho com a comunidade, quer com instituições estatais, como privadas. O facto de se trabalhar em parceria vem enriquecer o crescimento da proteção dos direitos da criança. Para que tudo tenha sido possível, esclarece, foi importante a intervenção dos Ministérios da Educação, Solidariedade, da Saúde e da Justiça. Salientando-se ainda a importância do Instituto de Apoio à Criança, do Ministério dos Negócios Estrangeiros, do Instituto da Cooperação Portuguesa, do Ministério da Administração Interna, do Alto Comissário para as Minorias Étnicas, da Secretaria de Estado da Habitação, da Secretaria de Estado da Juventude, da Instituto da Juventude, da Inspeção Geral da Segurança Social, da Comissão Nacional da Luta contra a Sida e da Comissão Nacional de Combate ao Trabalho Infantil e do Programa Educação para Todos. Entre outros, tal como, organizações não-governamentais.

Segundo, ainda este relatório, verificamos uma progressão no combate aos direitos da criança. Também uma demonstração de que este reconhecimento não deve ser só feito como obrigação de um Estado mas, também, como um reconhecimento de todos nós. Todos temos o dever de proteger cada indivíduo, é um dever e um direito de cada

cidadão. Demonstração disso são todos os projetos que surgem ao longo do tempo quer de iniciativa do Estado, como de cidadãos profissionais, ou não, na área. Importa esta consciencialização geral e comum de toda a sociedade, ainda que haja muito caminho a percorrer. Exemplos destes projetos são as Comissões de Proteção de Menores; a Comissão Nacional de Saúde da Mulher e da Criança; o Programa Escola Segura; a criação da linha telefónica SOS Criança; o Programa Nacional de Luta Contra a Pobreza; o Programa de Educação para o Desenvolvimento, entre tantos outros macros e micro projetos desenvolvidos no nosso país. Esta progressão mostra-nos como a criança não é somente “...merecedora de proteção (sic), mas também de respeito e dignidade, com o direito de fazer ouvir a sua voz e de participar na construção de um mundo onde a liberdade, a solidariedade e a paz sejam valores fundamentais a preservar” (PCM, 1999, p. 11).

A Alta Comissária para a Igualdade e a Família, Joana de Barros Baptista, refere, no prefácio deste relatório, que embora o esforço global seja cada vez maior, os direitos das crianças ainda não são respeitados. Ainda se “perpetuam terríveis violências” (PCM, 1999, p.11). Os pais ou cuidadores da criança julgam-se donos destas e cometem terríveis atrocidades, como verificamos anteriormente. De acordo com o respeito relatório, 83% dos maus tratos são concretizados por adultos que habitam no mesmo espaço da criança. Este poder do adulto sobre a criança está a começar a ser ultrapassado por uma nova conceção: que se traduz na expressão “do superior interesse da criança”. De uma forma resumida, consiste em dar uma resposta individualizada ao interesse da criança em questão. Isto significa que a lei permite tomar diferentes decisões para cada caso, tendo sempre em conta o superior interesse da criança, dado que cada criança vive num meio económico, cultural e educativo diferente, mantendo-se assim, “um conceito indeterminado (...) o interesse do menor não é suscetível de uma definição em abstrato que valha para todos os casos” (Leal et al, 2010, p.66). A lei que salvaguarda este interesse do menor e que veio trazer estas alterações de um conceito indeterminado é a Lei nº 61/2008 (Leal et al, 2010, p.64).

2.1. Maus tratos por negligência

Os maus tratos para com as crianças podem-se verificar de diversas formas, como maus tratos físicos, maus tratos psicológicos e/ou emocionais, negligência, abandono, síndrome de Munchausen por procuração, abusos sexuais, tráfico de crianças, infanticídio, autoritarismo, entre outras tantas formas, umas mais silenciosas, outras mais visíveis e expostas (Canha, 2003 e Magalhães, 2004).

Em Portugal, segundo o Relatório Final dos Maus Tratos às Crianças (Almeida, et al, 2001) a grande percentagem dos maus tratos para com as crianças é concretizado pelos seus próprios progenitores “indivíduos que lhe estão ligados pelo laço de sangue mais próximo (...) ronda os 65%,” (p.107). Em menor percentagem estão adultos que partilham o mesmo espaço, rondando os 9%. Significa que, na sua maioria, os “agressores co-residem (...) (83%), com a criança” (Almeida, et al, 2001, p107). A grande preocupação reside na falta de voz das crianças, dado que, quem o deveria fazer, na sua maioria, são os que as maltratam.

Associado, na sua grande maioria, aos maus tratos estão: a “desorganização familiar” e as “grandes limitações na prestação de cuidados e da vigilância às crianças” (Canha, 2003, p.205). Jeni Canha (2003) no seu estudo ainda concluiu que o maior fator que leva à violência por parte do pai é o alcoolismo e por parte da mãe a “maternidade solitária e problemas de foro psicológico” (p.207). Explica, também, que é a mãe que, em termos percentuais, a pessoa que mais maltrata a criança. Mas que o pai, embora em menos percentagem, quando maltrata é com maior gravidade (Canha, 2003). A autora refere, ainda, que os maus tratos incidem quase sempre em famílias de classe social e cultural baixa e as famílias de classes mais elevadas fazem-no mais subtilmente e sem marcas, perpetuando mais sobre os maus tratos psicológicos. As famílias de classes sociais mais baixas estão mais vulneráveis e mais facilmente se descumram das suas responsabilidades parentais. Chama a esta vulnerabilidade de “situações de risco”, em que as famílias sofrem de desemprego, de dificuldades económicas, de doenças graves, de um divórcio, entre outros, e que canalizam as suas energias para a resolução de problemas, destas situações de risco, que no final perturbam, ou nem havendo esta preocupação sequer, a educação e desenvolvimento harmonioso das crianças (Canha, 2003, p.35). A pediatra constata que, normalmente estão associados mais do que um tipo de mau trato, por exemplo, quando há mau trato físico também há mau trato

psicológico (Canha, 2003). Por norma, o mau trato psicológico acompanha todos os outros tipos de maus tratos, que mais tarde se vão repercutir em comportamentos desviantes (Magalhães, 2004).

Neste trabalho debruçamo-nos apenas sobre o mau trato por negligência. A médica Teresa Magalhães (2004) descreve de forma sumária o que se entende por negligência:

“A negligência constitui um comportamento regular de omissão, relativamente aos cuidados a ter com o menor, não lhe sendo proporcionada a satisfação das suas necessidades em termos de cuidados básicos de higiene, alimentação, segurança, educação, saúde, afeto (sic), estimulação e apoio (no contexto dos recursos disponíveis pela família ou cuidadores).

Deste comportamento resulta um dano na saúde e (ou) desenvolvimento físico e psicossocial do menor.

Pode ser voluntária (com intenção de causar dano) ou involuntária (resultante, em geral, da incompetência dos pais para assegurar os cuidados necessários e adequados).

Inclui diversos tipos como a negligência intrauterina (durante a gravidez), física, emocional e escolar, além da mendicidade e do abandono” (Magalhães, 2004, p. 34).

A pediatra Jeni Canha (2003), por sua vez, e não muito divergente escreve que a negligência

“consiste na incapacidade de proporcionar à criança a satisfação das suas necessidades de cuidados básicos de higiene, alimentação, afeto (sic) e saúde, indispensáveis ao seu crescimento e desenvolvimento normais. Pode ser exercida de forma ativa (sic), com a intenção de causar dano à criança ou de forma passiva, geralmente resultante da incompetência dos pais em assegurar aqueles cuidados.

A negligência é uma forma muito frequente de maltrato, insidiosa e de graves repercussões para a criança, nomeadamente o risco de morte, acidentes, atraso de crescimento e de desenvolvimento e alterações de comportamento” (Canha, 2003, p.33).

Os sinais que nos remetem para o mau trato por negligência podem ser físicos, falta de cuidado com a higiene, má alimentação, a roupa pouco cuidada, os dentes descuidados, as unhas quebradiças, conseqüentes infeções, frequentes hematomas e atrasos no desenvolvimento (Magalhães, 2004). Quanto aos sintomas passam pelo atraso no desenvolvimento nas várias áreas, física, social, emocional e cognitiva. Perturbações alimentares e no sono, mostras de depressão, agressividade, desinteresse, “absentismo escolar”, escasso envolvimento social com os seus pares ou com outras pessoas, comportamentos desviantes como chamada de atenção, “tendência à fantasia” e uma constante ausência dos pais na vida escolar ou nos cuidados de saúde do filho (Magalhães, 2004, p. 53 e 54).

3. Psicologia infantil

3.1. A importância das famílias no desenvolvimento das crianças

“Uma copiosa bibliografia de psicologia antropológica e evolutiva, clínica e experimental, confirma que a família, em geral, e os pais, mais em particular, são o agente mais universal e decisivo na conformação da personalidade do homem e na sua socialização inicial, tanto de um ponto de vista cronológico, como na perenidade da sua ação (sic) educativa” (Beltrán et al., p.423, citado por Oliveira, 1994, p.19).

“A família é a célula fundamental da sociedade. Gozando ela de saúde, todo o corpo social se apresenta saudável; adoecendo a família, a sociedade também cai enferma” (Oliveira, 1994, p.5). Esta é uma visão mais abrangente da importância da família, principalmente da família funcional. As repercussões não são somente, entre quatro paredes mas, a nível local e mundial. A sociedade é composta por famílias. E a família é composta por indivíduos.

João dos Santos entende por família que é uma “estrutura grupal humana que envolve, protege e educa as crianças” (citado por Branco, 2000, p. 353).

Savater (1997) fala-nos que a família é a instituição responsável pela socialização primária de um indivíduo. E, a socialização secundária concretiza-se na escola, no grupo de amigos e no trabalho. Na família aprendem-se as “aptidões tão fundamentais como falar, lavar-se, vestir-se, obedecer aos mais velhos [...] distinguir a nível primário o que está bem e o que está mal” (p.45). Nesta linha orientadora Oliveira (1994) refere que a família é “o seu [da criança] primeiro grupo social, onde passa a maior parte do tempo.” e, “constitui indubitavelmente o fator (sic) mais determinante da personalidade” da criança (p.19).

Gameiro (citado por Costa, s.d.) mostra-nos outro aspeto circular da família, “a família é uma rede complexa de relações e emoções (...). A simples descrição de uma família não serve para transmitir a riqueza e a complexidade relacional desta estrutura” (p.74). A família é vista como um circuito circular em que o comportamento de um influencia a ação do outro. E, este processo depende de todo o processo familiar, mais do que das condições iniciais. Famílias com as mesmas condições obtêm resultados diferentes. Ou ainda vejamos o processo educativo de dois irmãos, vão ter resultados diferentes, ainda que, as condições iniciais sejam as mesmas!

Bowlby (1995) remete muito para a importância de a criança permanecer sempre no seio familiar, ainda que, este seja de fraca qualidade “o amor materno de que uma criança necessita é tão facilmente encontrado no seio da família e extremamente difícil fora da mesma” (p.74). O autor neste seu livro mostra-nos muito a importância de a criança não ser retirada à sua família e colocada em instituições “as crianças se desenvolvem melhor em maus lares do que em boas instituições” (p.74). Bowlby (1995) deixa-nos com duas palavras-chaves quanto à importância do papel das famílias: a privação e os cuidados maternos. Todas as crianças necessitam de cuidados maternos e ninguém devia de permitir que uma criança seja privada desses cuidados.

Relvas (2006) explica que a família tem que cumprir duas funções ao longo do desenvolvimento ou crescimento familiar: uma interna e outra externa. A sua função interna está relacionada com “a proteção dos membros” e a função externa tem de cumprir com a “socialização, adequação e transmissão de determinada cultura”. A família tem de cumprir com sucesso estas duas funções e simultaneamente cumprir a constante tarefa de construir “um sentimento de pertença ao grupo e a individualização/autonomização dos seus elementos” (p.17).

Em suma, a família tem de cumprir a sua função na sociedade e para cada indivíduo. Se este papel familiar não for cumprido de forma equilibrada, teremos famílias em desequilíbrio e conseqüentemente disfuncionais. O desenvolvimento saudável de cada criança passa pelo facto de as famílias cumprirem a sua função de uma forma equilibrada. Remetemo-nos para o início deste ponto: uma família saudável é sinónimo de crianças saudáveis, conseqüentemente uma sociedade também saudável.

3.2. Importância de uma relação/vinculação precoce

“Família é contexto natural para crescer.
Família é complexidade.
Família é teia de laços sanguíneos e, sobretudo, de laços afetivos (sic).
Família gera amor, gera sofrimento.
A família vive-se. Conhece-se. Reconhece-se.”
(Relvas, 2006, p.9)

Verificamos que a família é o núcleo do desenvolvimento da criança. É neste núcleo que a criança inicia todo um processo cognitivo, emocional e social. Brazelton (1989) vai ainda mais atrás, reforçando que a vinculação familiar começa, ainda quando há o

desejo de ter um filho, encarando como “a pré-história da vinculação” (p.17). E, ao tempo da gestação, chama o “alvorecer da vinculação” (p.17). Nesta simbiose familiar, o autor, explica como tudo começa ainda antes de existir propriamente uma criança na família. Depois de a criança nascer começa, então, a vinculação, em si (p.17). O autor remete esta vinculação para uma “natureza circular”, ou seja, todo este processo de desenvolvimento é um “processo contínuo de regeneração” onde é tomado em consideração “o estado de desenvolvimento da criança, as fantasias dos pais e a interação (sic) complexa de ambos” (Brazelton, 1989, p.185). Concluímos que a família se desenvolve como um todo.

Numa relação mais precoce, ou seja, nos primeiros meses de vida de um bebê, a relação entre pais e filhos, é basicamente uma troca de interações que favorece a evolução da vinculação de que nos fala Brazelton (1989). O autor divide estas interações em seis características: a sincronia, a simetria, a contingência, a adesão, os jogos e autonomia, que se resumem numa simbiose de estímulos ou interações do “que vem de dentro e a que vem de fora.” (p.139). Brazelton (1989) termina salvaguardando que existem “forças de natureza histórica e emocional que influenciam os adultos intervenientes na interação (sic), as quais enriquecem e complicam a relação emergente” (p.144).

Para João dos Santos (citado por Branco, 2000), a “A psicologia e a psicanálise mostram que muitas perturbações infantis, juvenis e de idade adulta têm origem no abandono das mães e da criança. Mas, as mesmas ciências mostraram também que o abandono não é só material, mas essencialmente, abandono afetivo (sic)” (Branco, 2000, p.355).

Fortalecendo a visão de João dos Santos, o psiquiatra e psicanalista Coimbra de Matos (2006) mostra-nos que “tudo é relacional” (p.5) quanto a toda a odisseia do bebê. Os casais unem-se por consequência de uma relação. As amizades nas escolas, no local de trabalho, surgem igualmente porque há relação e o que faz desenvolver todo o sistema é a “multiplicidade de relações que se estabelecem” (Matos, 2006, p.6). Também Coimbra de Matos remete-nos para a vinculação mais precoce “O nascimento psicológico do bebê faz-se no «útero mental» da mãe” (Matos, 2006, p.6) onde se estabelece uma relação ou ligação da mãe ao bebê, ainda antes do bebê estabelecer qualquer tipo de vinculação com a mãe. A esta primeira relação mental da mãe, o autor explica que é “predominantemente, da responsabilidade do animal alfa” (Matos, 2006,

p.7). Nesta relação de que falamos é intrínseco o afeto e o amor, que aumenta quanto é recíproco e “como amar comporta reconhecer, o bebê assim se vai conhecendo – no afeto (sic) e pelo afeto (sic)” (Matos, 2006, p.7). Nos meses de gestação e nos primeiros meses após o nascimento a relação é muito ainda entre mãe-filho mas por volta dos dez meses, quando o bebê olha alternadamente para o pai e para a mãe, deparamo-nos com uma “triangulação original” (Matos, 2006, p.14) onde se declara a relação entre o pai, a mãe e bebê e se funde na relação de amor do casal entre si e com o seu bebê. Para este autor o amor é o húmus de toda a relação:

“No fundo, a mensagem essencial que gostaria de transmitir é que o bem-estar interior do bebê, a sua sensação geral de vitalidade e o seu sentimento de plenitude e felicidade – traduzido na inegável expressão que o vulgo designa como «sorriso para os anjos» -, do mesmo modo que o futuro da saúde mental e o desejo de viver e produzir, são determinantes pela qualidade, congruência e força dos afetos (sic) e projetos que tecem e enriquecem a dimensão relacional da vida. É com amor e sonho, partilha e esperança que se cresce e cria. É neste terreno fértil que medra o conhecimento. O próprio corpo, sem húmus, mirra e adoece” (Matos, 2006, p.15).

Tudo é relação, tudo é amor e tudo é afeto. E o sucesso ou insucesso mental salda-se pela teoria do amor, “se queremos fazer uma teoria da mente, comecemos por fazer uma teoria do amor” (Matos, 2006, p.18).

Bowlby (1995) no seu livro de *«Cuidados maternos e saúde mental»* transmite-nos uma delicadeza e grandiosidade nesta responsabilidade que é constituir família. Fala-nos da saúde mental de cada um e do todo em família, porque a saúde do todo depende da saúde de cada elemento. No que respeita à vinculação, o autor mostra-nos o quanto é fundamental a relação entre mãe e filho. Uma mãe necessita de sentir que o seu bebê é o reflexo do seu eu, tal como, o bebê precisa sentir que é fruto de prazer e orgulho, “ambos precisam sentir profundamente identificados um pelo outro” (Bowlby, 1995, p.73). A relação entre cuidador e cuidado não se trata de cuidar de bens materiais, porque “trata-se de uma relação humana viva” (Bowlby, 1995, p.73) que comporta alterações a todos os níveis nas pessoas envolvidas e em toda a estrutura familiar. Por isso, não se pode cuidar de uma relação sem o “prazer que a mãe e a criança obtêm da companhia um do outro” (Bowlby, 1995, p.74). A base da saúde mental e do desenvolvimento da personalidade advém de uma “relação complexa, rica e compensadora com a mãe, nos primeiros anos, enriquecida de inúmeras maneiras pelas relações com o pai e com os irmãos” (Bowlby, 1995, p.13). A privação destas relações acarreta sentimentos profundamente angustiantes e comportamentos desajustados (Bowlby, 1995).

Ao estudarmos o desenvolvimento humano percebemos que biologicamente a mãe e o filho mantêm um elo de ligação muito forte, como o umbigo umbilical que os une, que à nascença é cortado, e pretendesse a partir daqui que o «corte» vá sendo cada vez maior, para que a autonomia da criança seja plena. Mas quando tratamos de vinculação ainda estamos numa fase muito inicial de todo este processo do desenvolvimento humano. Papalia (2006) explica-nos que “como o ambiente pré-natal é o corpo da mãe, praticamente tudo que afeta o bem-estar dela, desde a sua dieta ao seu humor, pode alterar o ambiente da criança e afetar o seu crescimento” (p.129). Com estas palavras facilmente percebemos que o papel de mãe começa mesmo antes de a criança nascer. E, se nesta fase a mãe consumir álcool, drogas, tiver uma má nutrição, uma vida sedentária e/ou contactar com substâncias químicas, poderá colocar em risco o crescimento saudável do seu bebé (Papalia, 2006). Após o nascimento importa sobretudo “a qualidade do relacionamento entre pais e bebé pode ser mais importante do que o método de alimentação na promoção de um desenvolvimento saudável” (Papalia, 2006, p.184).

Todos os autores, anteriormente referidos, dão-nos a conhecer a importância de uma vinculação mergulhada em relação, afeto, amor e qualidade das mesmas, para que a criança cresça num ambiente saudável e se desenvolva em plenitude. Experiências de vinculação desagradáveis repercutem-se em adultos com níveis de desequilíbrio diferenciado consoante a gravidade das suas vivências.

3.3. Papel da figura de referência

Os autores atrás referidos, Papalia (2006), Bowlby (1995) e Matos (2006), evocam constantemente o papel fundamental da mãe. Contudo nos seus textos é visível, entre parenteses, ou invés da mãe, o uso do termo «o cuidador». O que importa aqui é que haja alguém que crie laços de afeto com o bebé e estabeleça uma relação de vinculação. Quanto a esta figura de referência, a autora Jeni Canha (2003) realizou um estudo sobre «*o papel de uma pessoa de referência na sua recuperação*» relativamente a crianças maltratadas. Parece não haver ligação entre o cuidador que substitui a mãe, de que anteriormente ressaltamos, e a pessoa de referência de uma criança maltratada. O que se pretende transmitir é, se ainda há possibilidade de recuperação para uma criança retirada

da sua família e colocada numa pessoa de referência. Significa que, para uma criança que nunca teve vinculação com a sua mãe biológica, mas antes com um cuidador, o dano desenvolvimental poderá ser quase nulo.

O estudo de Jeni Canha (2003) teve uma amostra de 102 crianças e o objetivo “era de comparar dois subgrupos (sic), consoante existia ou não a orientação de uma pessoa de referência” (p.45). No estudo concluiu que “os melhores resultados foram obtidos no grupo que teve a intervenção de uma pessoa de referência” (Canha, 2003, p.201). E com base nestes resultados afirmou que “a pessoa de referência, completando, potenciando e modulando *in loco* o trabalho da equipe, que passou a integrar, desempenhou um papel decisivo na recuperação destas crianças maltratadas” (Canha, 2003, p.202).

Relativamente a um percurso sem crianças maltratadas, podemos ter a morte da mãe após o parto, o abandono e a adoção (casos logo após o nascimento em que surge imediatamente uma outra pessoa de referência). Papalia (2006) partilha que “a primeira ligação estabelece-se com a mãe, mas caso o curso natural dos acontecimentos seja perturbado, podem-se formar outras ligações” (p.241). Foi feita uma experiência em que separaram o bebé recém-nascido da sua mãe durante umas horas e concluíram que “o contato imediatamente após o nascimento não é essencial para uma ligação forte entre mãe e filho” (Papalia, 2006, p.242). O que veio mudar a opinião de muitos autores que julgavam o contrário e aliviou, também, a preocupação e o sentimento de culpa de muitos pais que adotam bebés e dos pais que são separados dos seus filhos à nascença. A autora guarda um capítulo para discutir a noção de apego, explicando o seu significado emocional, que se desenvolve na primeira infância. “O apego é um vínculo emocional recíproco e duradouro entre um bebé e um cuidador [ou pessoa de referência], cada um deles contribuindo para a qualidade do relacionamento” (Papalia, 2006, p.247).

Em forma de síntese, pegando nas palavras de Jeni Canha (2003),

“Pela nossa experiência, permitimo-nos completar uma frase de Kempe – numa sociedade moderna, a criança não pertence nem ao estado nem aos pais, pertence a si própria, ao cuidado dos pais – ou de alguém que lhes restitua a proteção (sic), tranquilidade, atenção e afeto (sic)” (Canha, 2003, p.202).

No final deste capítulo, podemos perceber que para o desenvolvimento humano o afeto e logicamente o seu entendimento revelam-se fundamentais. Assim, passamos a falar de

inteligência emocional, como sendo, a capacidade cognitiva que nos permite desenvolver emoções e sentimentos.

3.4. Inteligência Emocional

A criança quando nasce mantém uma postura de estímulos para obter resposta aos seus cuidados básicos, baseados no simples circuito de comer, dormir e expelir o que não interessa ao corpo. Se a mãe responder somente a estes estímulos básicos a criança pouco acrescenta. Espera-se, e é inato nas mães, que estas vão acrescentando estímulos de prazer, para ambos, como a comunicação, o expandir dos movimentos, as carícias, a introdução de novos alimentos. A isto podemos chamar de aprendizagem através da emoção que vai desenvolver a inteligência emocional da criança. “O que a mãe introduz a mais na sua relação com a criança, o que ela procura impor-lhe tem um carácter emocional-afetivo (sic) a que pode chamar-se linguagem (comunicação ou linguagem extraverbal)” (Santos, 2009, p.168). A mãe sem se aperceber está a estimular os sentidos e a organizar as sensações que se transformam em perceções.

Os movimentos desordenados do bebé vão-se aperfeiçoando, coordenando, a criança passa a desenvolver o seu próprio domínio sobre o mundo e conseqüentemente a determinar o seu carácter, “que é uma resultante das emoções, sentimentos e vivências e da organização defensiva ou linguagem (socializada)” (Santos, 2009, p.197). Estes jogos emocionais, entre pessoa de referência e o bebé, são fundamentais para o desenvolvimento equilibrado e harmonioso. Neste sentido, João dos Santos (2009) deixa uma mensagem para todos os que educam, desde pais, professores, entre outros, que “a criança precisa de ser educada com verdade” (p.186) porque “a realidade é que nos limita; não deve ser a lei/ordem/imposição do outro” (Matos, 2011, p.20). Só nesta simplicidade educativa, motivadora, sincera, responsável, moderada entre o bem e o mal, a liberdade e o limite da mesma, entre o permitir errar para não voltar a errar ou melhorar, e todas as posturas de verdade, é que conseguimos crianças emocionalmente inteligentes.

Mais uma vez o apelo à emoção remete-nos para Coimbra de Matos (2006) quando nos diz que tudo é relação, como vimos no ponto da importância da vinculação precoce, “sem relação não há vida mental” (p.15). Diz-nos também que o amor é a base da saúde

mental da criança - “É com amor e sonho, partilha e esperança que se cresce e cria” (Matos, 2006, p.15). Uma pessoa que é bem-educada, através da relação, afeto, amor, possui interiormente uma riqueza que a mantém satisfeita, “crescer e ser criado numa família onde exista um bom e íntimo relacionamento entre os pais, e entre os filhos, torna um indivíduo capaz” (Bettelheim, 2003, p.15).

4. Educação parental

“As boas práticas não são um dado da natureza, nem dependem apenas dos sentimentos – exigem a aquisição de competências específicas” (Almeida, et al, 2001, p.180).

Em todas as sociedades, a família é considerada o elemento central no processo de socialização da criança, “nenhum organismo social exige mais coesão do que a família, se quiser assegurar o bem-estar de todos os seus membros” (Bettelheim, 2003, p.463). Para o bem ou para o mal ela é a nossa referência e a base da sociedade. É na família que nascemos, crescemos e nos preparamos para enfrentar os obstáculos da vida, nas tristezas e alegrias do nosso trajeto de vida. Esperamos da nossa família que ela nos ensine a lidar com as adversidades e com as conquistas, sendo os pais “o recurso mais precioso que as crianças possuem, e nessa perspectiva a intervenção a nível do contexto familiar constitui-se como a medida mais importante no sentido de concretização do objetivo de as educar para serem felizes e para desenvolverem capacidades de realização” (Ribeiro, 2003, p.13-14).

Dos pais, ou das famílias, espera-se que cuidem dos seus membros, protegendo-os de forma saudável, cumprindo uma função interna. E, no cumprimento de uma função externa, espera-se, também, que preparem os seus membros a lidar com o mundo. A família, tem assim, a dupla função de criar um laço com sentido de pertença e ajudar à autonomia (Relvas, 1996).

Mas na realidade, não podemos esperar que as famílias cumpram todas o seu papel, e preparem as crianças para o mundo, embebidas em laços de afeto familiar. Pois, todas as famílias lidam com diferentes acontecimentos de vida e dispõem de diferentes recursos e suportes para o fazer. Se todas as crianças têm direito a crescer numa família, então todas as famílias deviam ter o direito de encontrar um suporte para cumprirem as

suas funções e lidarem com as adversidades que abalam o seu bem-estar. Uma mãe desprotegida “não pode promover uma organização psíquica satisfatória do bebé” (João dos Santos, citado por Branco, 2000, p.354). As famílias enfrentam grandes desafios: a alteração da função tradicional da família, a transmissão de valores, a educação, a falta de experiência, a falta de conhecimento sobre o desenvolvimento da criança, a integração da mulher no mercado de trabalho, a violência, a droga, etc. Estes aspetos desorientam os pais, que não sabem com que padrões se hão-de reger (Ferreira, 2008).

Outra perspetiva das famílias é que também elas são, em parte, produto da sua própria história, da rede de relações em que se desenvolveram, havendo uma cadeia de ciclos geracionais disfuncionais ou funcionais. “Educar é a arte de fazer falhar o sistema educativo a que se foi submetido” (João dos Santos citado por Branco, 2000, p. 390). Também elas cresceram com pais (ou outros adultos de referência) que lhes transmitiram determinados modelos e padrões de comportamento, e também, elas tropeçaram nas armadilhas das suas trajetórias de desenvolvimento, acabando por vezes por terem posturas semelhantes, ainda quando desejam ser diferentes daquilo que os seus pais foram consigo. Como pode um pai falar de emoções se nunca aprendeu a identificar as suas? Como pode um pai usar estratégias de disciplina positivas se nunca teve contactos com estratégias alternativas à punição? Como pode um pai brincar com um filho se nunca teve, ele próprio, oportunidade para ser criança? João dos Santos descreve esta teia educativa da seguinte forma:

“Quando um educador impõe aos seus filhos que sejam bem comportados, está, em regra, a repetir o que os seus pais lhe ensinaram; a sua atitude será tanto mais categórica, rígida ou severa quanto maior tiver sido a sua recusa – manifesta ou escondida – de observar as imposições dos pais. Ele será tanto mais severo quanto maior for a sua necessidade de ser severo com a criança que ele próprio foi. Se, em sua consciência, não deu toda a satisfação aos seus pais, o educador sente-se necessariamente *culpado* e, portanto, muitas vezes forçado a *castigar no outro* aquilo que se passou consigo” (João dos Santos citado por Branco, 2000, p. 390).

Outro ponto, ainda, é a comunidade que apresenta um grande peso para a saúde familiar. “A sociedade só é viável desde que a criança possa encontrar as referências de segurança na relação com pessoas privilegiadas que vivem à sua volta, ou que se observam à distância” (João dos Santos, citado por Branco, 2000, p. 352). Famílias em que os pais estão numa situação económica e social desfavorável, são famílias alvo mais fáceis de serem julgadas, que conseqüentemente vão abalar o desempenho das funções familiares. Por exemplo, porque anda preocupado com a sua situação de desemprego, o pai poderá mostrar-se ansioso ou deprimido, encontrando-se menos disponível para

prestar a necessária atenção aos seus filhos e uma criança, por exemplo, na “segunda infância, educada sem um modelo masculino, não atinge o equilíbrio emocional suficiente para se integrar na sociedade como um ser normal” (João dos Santos, citado por Branco, 2000, p.354). Os conflitos conjugais poderão facilmente surgir em momentos de elevada tensão. As dificuldades financeiras, a exclusão social e o isolamento podem facilitar a emergência de estados depressivos a que não raramente se associa o uso de álcool. O impacto das condições sociais pode, de facto, interferir de forma significativa com o funcionamento da família, que terá ainda mais dificuldades em manter as suas crianças num clima securizante. A existência de oportunidades e o reforço para o envolvimento na comunidade, de um sistema de apoio externo positivo, com recursos formais e informais de que a família se possa socorrer, podem-se constituir como fatores protetores. João dos Santos (citado por Branco, 2000) diz-nos que “A sociedade só é viável desde que o homem e a sua cria sejam envolvidos por obras que lhes mostrem que a vida comunitária está assegurada por raízes profundas que promovem a sua continuidade (...) e possa fazer comunicar a pessoa de cada um com a pessoa dos outros” (p.352).

A educação parental é uma medida muito importante, tanto na prevenção, como na resolução imediata (ainda que a longo prazo), para a qualidade de vida das nossas crianças. O trabalho somente com as crianças não resolve muito, se a família estiver “doente”. Para se chegar mais e melhor à criança, primeiro é essencial prevenir a família de doença mental, de comportamentos antissociais e promover o bem-estar e o fortalecimento da família e dos seus membros. Ao cuidar deste bem-estar das famílias, estamos a cuidar das nossas crianças e conseqüentemente da nossa sociedade, como nos remata a autora Maria José Ribeiro (2003), “o poder que a família detém é, sim, o poder de agir, alterando o curso da história, e assim melhorar ou mesmo prevenir.” (p.7).

4.1. Estilos parentais

Neste processo em espiral de desenvolvimento/vinculação familiar, Oliveira (1994) remete-nos para o estilo educativo. Aqui, a forma de educar que os pais tomam como fio condutor, é também circular, pois depende das “caraterísticas da personalidade dos pais e dos filhos, da interação (sic) entre ambos e entre o próprio casal, e ainda de

variáveis sociodemográficas, como a idade e o sexo dos pais ou dos filhos, além da classe social e cultural” (Oliveira, 1994, p.24).

O estilo educativo adotado pelos pais, ou a ausência dele, vai influenciar o desenvolvimento da criança. Estes estilos têm sempre um impacto, quer seja com consequências nefastas ou com um resultado saudável.

Estas forças históricas e emocionais remetem-nos para os estilos ou práticas educativas dos pais. Este estilo que os pais escolhem depende muito da sua história (das suas referências) de vida, “adultos mais bem ajustados são os que na infância tiveram relações calorosas com o pai e a mãe, num ambiente conjugal feliz” (Oliveira, 1994, p.31). Pais com práticas educativas mais ajustadas são filhos de pais calorosos, onde o ambiente familiar era feliz. Então, há pais que optam pelo estilo “dedicação afetiva” *versus* “hostilidade”, “autonomia” *versus* “controle” e “afastamento” *versus* “aproximação” (Oliveira, 1994, p.23). Depois, ainda podem combinar outras parcerias entre estes estilos. Muitos métodos de disciplina são estudados, analisando-se os prós e os contras e as consequências a longo prazo. Para Oliveira (1994) a “disciplina psicológica torna-se mais eficaz através da negociação do afeto (sic) e oferta de um modelo de inibição da agressividade” (p.23).

Rivero (2006) resume eficazmente os diferentes estilos parentais. Divide-os em três: o estilo autoritário; o estilo permissivo e o estilo participativo. O estilo autoritário é o estilo em que os pais têm a autoridade máxima e modelam os seus filhos recorrendo a punições físicas ou verbais, “estes pais valorizam uma obediência absoluta” (Rivero, 2006, p.1).

O estilo permissivo, a autora divide-os em dois níveis, os pais permissivos indulgentes, que são aqueles carinhosos e que satisfazem os desejos dos filhos, não como um ato educativo, mas como respostas aos seus caprichos. E, os pais permissivos negligentes que são aqueles que somente satisfazem as necessidades básicas mas, que mantêm uma postura totalmente ausente no ato de educar, não se envolvendo “nas suas funções parentais” (Rivero, 2006, p.1).

E, por último, os pais com um estilo educativo participativo, que são aqueles que estabelecem normas e limites num ambiente de afeto e compreensão. O diálogo otimista e a explicação são uma constante como forma de transmitir a importância de cada uma

das regras estabelecidas. Estes pais vão agindo consoante a fase da maturação, adequando o estilo às exigências emergentes (Rivero, 2006).

Rivero (2006) resume que os filhos de pais autoritários são, por norma, muito obedientes, mas muito inseguros, ansiosos, infelizes, “com baixa autoestima e um índice elevado de depressão” (p.2) e que os filhos de pais negligentes apresentam “maiores fragilidades do ponto de vista psicológico, emocional e social” (Rivero, 2006, p.2). Quanto aos pais que adotam um estilo participativo, ainda segundo a mesma autora, “têm filhos com maior sucesso escolar e social”. Acrescenta, ainda que, é “importante que as crianças sintam que os pais os amam incondicionalmente, mesmo quando estabelecem limites” (Rivero, 2006, p.2). Oliveira (1994) vem confirmar que os estilos educativos “mais democráticos e flexíveis favorecem mais a autoestima (sic) e o amadurecimento da consciência moral do que uma autoridade intransigente” (p.93).

Contudo, ambos os autores ressalvam que em educação, e principalmente nesta educação parental, não há um fio único e irreduzível, pelo contrário, tudo o que aqui foi dito poderá não acontecer, isto é, podemos ter meninos de sucesso de famílias negligentes e meninos com pouco sucesso de meio familiares muito amados. Oliveira (1994) diz que é importante fazermos uma “abordagem diferencial, conforme a idade, o sexo, o nível socioeconómico e cultural e eventualmente outras variáveis demográficas individuais” (p.91).

4.2. Competências parentais ou função da família

Na opinião de Relvas (1996, citado por Ministério da saúde, s.d.) “a família é o primeiro espaço onde a criança se integra e onde vai estruturar a sua personalidade. É a primeira instituição social que assegura e responde a determinadas necessidades tais como o amor, carinho, afeto (sic), alimentação, proteção (sic) e socialização, sendo um sistema que muda em função do espaço e do tempo” (p.1).

Enquanto a criança está no seu processo de imaturidade não é capaz de concretizar uma vida independente. Precisa de uma “instituição social especial” (Bowlby, 1995, p.79) que a acolha, que é a família (mas pode ser outro grupo de referência). A família, sendo o seu primeiro grupo social deve, por um lado, ajudar a criança a satisfazer as suas necessidades básicas, como a alimentação, a proteção e o conforto. Por outro lado,

proporcionar um ambiente estimulante em vista a desenvolver as suas capacidades físicas, mentais e sociais, para que se torne num adulto integrado no seu meio físico e social. “Para tanto, é necessária uma atmosfera de afeição e segurança” (Bowlby, 1995, p.79).

Mais uma vez, vimos ao encontro do que Relvas (2006) defende, isto é, que a família tem que cumprir em primeira instância duas funções, uma interna e outra externa, que vai ao encontro do que nos explica Bowlby (1995). A função interna tem a ver com a proteção dos membros que a constituem e a função externa com a socialização adequada à cultura em que está inserida. Para que estas funções se cumpram as famílias têm de desempenhar duas tarefas básicas: “a criação de um sentimento de pertença ao grupo e a individualização/autonomização dos seus elementos” (Relvas, 2006, p.17).

O ciclo vital da família comporta todo o desenrolar do funcionamento de uma família ao longo da vida. Relvas (2006) organizou uma tabela que nos mostra de forma muito clara todo este processo. Dividiu o ciclo vital da família em seis estádios que são os seguintes: 1. Entre famílias temos o jovem adulto independente, onde surge a aceitação da separação dos pais e dos filhos; 2. O novo casal onde há o compromisso efetivo de um novo sistema; 3. As famílias com filhos pequenos com a aceitação de novos membros na família de outra geração; 4. Famílias com adolescentes onde surge o início da aceitação da independência dos filhos numa flexibilidade com limites familiares; 5. Saída dos filhos com a aceitação de múltiplas entradas e saídas no sistema familiar; 6. Por fim, a última fase da vida da família, surge a aceitação da mudança dos papéis geracionais.

Papalia (2006) construiu também uma tabela com os principais desenvolvimentos típicos do ciclo vital dividindo em oito períodos: 1. “período pré-natal (conceção ao nascimento)”; 2. “Primeira infância (nascimento aos 3 anos)”; 3. “Segunda infância (3 aos 6 anos)”; 4. “Terceira infância (6 aos 11 anos)”; 5. “Adolescência (11 aos aproximadamente aos 20 anos)”; 6. “Jovem adulto (20 aos 40 anos)”; 7. “Meia-idade (40 aos 65)” e 8. “Terceira idade (65 em diante) (Papalia, 2006, p.52).

Qualquer que seja o número de etapas do ciclo vital, todos seguem uma sequência lógica. Todos se iniciam com um relacionamento íntimo entre duas pessoas e com uma identidade pessoal. Passam a formar um “novo sistema conjugal”, criam espaços para novos elementos, os filhos, e vão construindo uma relação cada vez mais desvinculada

(num processo de autonomia perante o mundo) com os mesmos. Depois surgem novas famílias e os papéis trocam-se: os filhos preocupam-se com os pais (Relvas, 2006).

É função da família cumprir este ciclo vital. E, para que se cumpra, é essencial que cada família organize o seu tempo e o seu espaço de forma a estabelecer os seus limites educacionais. A este jogo de equilíbrio entre tempo e espaço, Relvas (2006) apelida-o de “equilíbrio dinâmico”. O fator espaço é relacional e tem a ver com o equilíbrio entre a individualização e a socialização dos indivíduos. E o fator tempo é histórico e tem a ver com o equilíbrio nas sucessivas mudanças inerentes ao ciclo vital, reporta-se para a equilibrada manutenção familiar ao longo do tempo. Em suma: “à medida que o tempo vai passando as relações vão-se organizando diferentemente” (Relvas, 2006, p.29).

A crise na família surge como uma flutuação entre a orgânica do espaço e do tempo. Compete a cada família superar cada crise e com ela crescer interna e externamente.

“A história da vida da família é, então, a história da sucessiva progressão dos seus momentos de crise e períodos de transição, bem como da evolução ou dificuldades que a sua elaboração comporta no chamado ciclo vital e no intercruciar das gerações. A história da família tem assim um princípio, que se não vislumbra, e um fim sem final, que se não adivinha...mas está lá, contendo e orientando a vida familiar” (Relvas, 2006, p.31).

4.3. Ciclos geracionais disfuncionais

Os ciclos geracionais disfuncionais são todos os ciclos vitais da família que não se desenvolveram de forma fluída e sequencial. Com a agravante de este emaranhado de ciclos ainda se manter entre as gerações da respetiva família. As mudanças de ciclos podem levar a crises na família que, ou se ajustam, ou entram em disfuncionamento (Relvas, 2006).

As famílias disfuncionais são as que são confrontadas com dificuldades de várias ordens, ou de ordem familiar quanto ao seu funcionamento, ou de condições psicossociais, como o “desemprego de longa duração; história de abuso de substâncias na família; pobreza; residência em zonas de elevada criminalidade ou violência, etc” (Melo e Alarcão, 2009, p.60). Também a questão dos maus tratos, da violência doméstica, a doença mental, deficiência, entre outros. Todos estes índices de disfuncionamento familiar podem prolongar-se de geração em geração. Contudo, acredita-se que em cada nova geração exista sempre uma “luta para encontrar formas alternativas de funcionamento” (Melo e Alarcão, 2009, p.60).

John Bowlby (1995) refere que as crianças que foram privadas de um equilíbrio emocional, afetivo ao longo do ciclo vital da família, mais tarde são pais incapazes de transmitir o que nunca tiveram e, “este ciclo vicioso é o aspeto (sic) mais sério do problema” (Bowlby, 2006, p.75).

Papalia (2006) ao descrever a importância do apego, baseando-se na teoria etológica de Bowlby e Ainsworth (Papalia, 2006, p.68), explica que o modelo que se traz da infância pode influenciar o relacionamento com os elementos da sua família. As mães com modelos seguros de apego tendem a ter filhos com relacionamentos seguros perante os outros filhos de mães inseguras. “Essa linha de pesquisa mostra-se promissora para a identificação de futuros pais em risco de desenvolverem padrões de apego não-saudáveis com seus filhos” (Papalia, 2006, p.249).

“Estudos que abordam a repetição de histórias vivenciadas pelas famílias de origem, e que são transmitidas ao longo das gerações trazem algumas problemáticas no que se refere a conteúdos disfuncionais não elaborados pela família” (Silva, s.d., p.1) e que depois são depositados nas crianças, e assim sucessivamente. Cada família traz consigo um património cheio de elementos positivos e negativos, neste seguimento, cada pessoa herda experiências anteriores, “que tanto podem enriquecê-lo, contribuindo para o seu desenvolvimento, como podem prendê-lo a histórias e demandas dos outros, das quais se torna prisioneiro” (Silva, s.d., p.5).

Mas afinal onde termina o funcional e começa o disfuncional? O que é disfuncional para uns poderá ser considerado funcional para outros? O presente trabalho passa por estudar as variantes entre o funcional e o disfuncional. Como tal, é imprescindível organizarmos uma lista de índices frisados pelos vários autores aqui apresentados para, de certa forma, balizarmos o que entendemos por famílias funcionais e famílias disfuncionais.

Assim, temos na tabela 1 índices positivos pilares de uma família funcional e na tabela 2 referimos os índices disfuncionais:

Autor(es)	Ano	Pág.	Índices positivos que levam à funcionalidade familiar
Costa	s.d.	74	✓ Família é uma rede complexa de relações e emoções
Relvas	2006	17	✓ Proteção dos membros da família
			✓ Possibilitar a socialização
			✓ Família nuclear

		29	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Organização do tempo familiar ✓ Organização do espaço familiar ✓ Limites educacionais ✓ Equilibrada manutenção familiar ao longo do tempo 	
Brazelton	1989	17	✓ Desejo de ter um filho	
Matos	2006	7	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Há relação ✓ Ligação/vinculação da mãe ao bebê ✓ Afeto ✓ Amor ✓ Relação de amor do casal entre si e com o seu bebê 	
			2011	20
Bowlby	1995	73	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Saúde mental de cada um ✓ Saúde mental da família 	
		74	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Amor materno ✓ Cuidados maternos 	
		79	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Ambiente estimulante ✓ Atmosfera de segurança 	
Canha	2006	45	✓ Haver uma pessoa de referência	
Santos	2009	168	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Estímulos ✓ Comunicação ✓ Estimular os sentidos ✓ Organizar sensações 	
			197	✓ Desenvolvimento equilibrado e harmonioso
			186	✓ Educação com verdade
Bettelheim	2003	15	✓ Bom e íntimo relacionamento entre os pais e os filhos	
Ribeiro	2003	13	✓ Educar para serem felizes	
Rivero	2006	1	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Diálogo otimista ✓ Regras estabelecidas ✓ Estilo educativo participativo 	
Papalia	2006	52	✓ Cumprir o ciclo vital da família	
PCM	1999	11	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Criança digna de respeito ✓ Fazer ouvir a voz da criança 	

Tabela 1

Autor(es)	Ano	Pág.	Índices negativos que levam à disfuncionalidade familiar
Dias	2004	39	* Morte infantil pouco sofrida
		32	* Escolha do conjugue
		33	* Modo de vida tradicional
Gameiro	1998	9	* Nova família
Almeida	2001	38	* Família complexa
			* Família alargada
Portugal	2010	394	* Família monoparental
Ministério da Educação	2006	4	* Pobreza
			* Exclusão social
			* Violência
			* Abandono escolar
			* Consumo de drogas
			* Desestruturação familiar
Soares	2002	1	* Direitos dos pais sobre os filhos que não são invioláveis
		2	* Crianças vítimas com direitos * Vulnerabilidade da criança
Canha, 2003, p.33 e Magalhães, 2004, p.22			* Maus tratos físicos
			* Maus tratos psicológicos e/ou emocionais
			* Abandono
			* Síndrome de Munchausen por procuração
			* Abusos sexuais
			* Tráfico de crianças
Canha	2003	205	* Desorganização familiar
			* Limitações na prestação de cuidados
			* Limitações na vigilância às crianças
		207	* Alcoolismo
			* Maternidade solitária
			* Problemas de foro psicológico
		35	* Classe social e cultural baixa
			* Maus tratos psicológicos
			* Descurar das responsabilidades parentais
			* Desemprego

			<ul style="list-style-type: none"> ✗ Dificuldades económicas ✗ Doenças graves ✗ Divórcio ✗ Comportamentos desviantes 				
Magalhães	2004	34	<ul style="list-style-type: none"> ✗ Incompetência parental voluntária ✗ Incompetência parental involuntária ✗ Mendicidade ✗ Abandono 				
			53 e 54	<ul style="list-style-type: none"> ✗ Falta de cuidado com a higiene ✗ Má alimentação ✗ Roupa pouco cuidada ✗ Dentes descuidados ✗ Unhas quebradiças ✗ Frequentes hematomas ✗ Atrasos no desenvolvimento ✗ Ausência dos pais na vida escolar ✗ Ausência dos pais nos cuidados de saúde 			
				74	✗ Privação da criança à família		
					14	✗ Privação de relações complexas, ricas e compensadoras, com a mãe, o pai e com o(s) irmão(s)	
		João dos Santos citado por Branco		2000		355	<ul style="list-style-type: none"> ✗ Abandono das mães ✗ Abandono das crianças ✗ Abandono afetivo
					354		<ul style="list-style-type: none"> ✗ Mãe desprotegida ✗ Situação económica e social desfavorável
						352	<ul style="list-style-type: none"> ✗ Conflitos conjugais ✗ Dificuldades financeiras ✗ Exclusão social ✗ Isolamento ✗ Estados depressivos
			Matos	2006	7		✗ Insucesso mental
			Ribeiro	2003	7		<ul style="list-style-type: none"> ✗ Doença mental ✗ Comportamentos antissociais
			Oliveira	1994	31	✗ Ausência de estilo educativo	

Rivero	2006	1	* Postura ausente no ato de educar
			* Estilo educativo autoritário
		2	* Estilo educativo permissivo
			* Baixo auto estima
		27	* Índice elevado de depressão
Relvas	2006	27	* Disfuncionamento dos ciclos vitais da família
Melo e Alarcão	2009	60	* Desemprego
			* Abuso de substâncias na família
			* Pobreza
			* Residência em zonas de elevada criminalidade ou violência
			* Violência
			* Maus tratos
			* Violência doméstica
			* Doença mental
			* Deficiência
Papalia	2006	249	* Mães inseguras
			* Modelos inseguros de apego

Tabela 2

Reunimos na tabela 1 e 2 uma considerável lista de índices que nos apresentam, de uma forma mais sistemática, as características que balizam a relação entre famílias funcionais e famílias disfuncionais.

5. Educação e desenvolvimento comunitário local

Parece-nos pertinente, antes de realizarmos a abordagem do território identificado, justificar a sua presença neste trabalho uma vez que, à primeira vista, nada parece ter a ver com o que se tratou até aqui. A temática deste trabalho passa pela educação parental, que por sua vez, está relacionado com a formação dos pais para melhor educarem os seus filhos. Se nos referimos a educação, também, nos referimos a formar comunidades que consequentemente desenvolvem a sociedade. Faz, assim, todo o

sentido incluímos a importância da educação como ferramenta ao desenvolvimento comunitário. Local porque nos direcionamos para a população do concelho da Batalha.

“o desenvolvimento comunitário deve ser um processo educativo e formativo no qual a população local implicada aprende a ser responsável participando na resolução dos problemas comuns” (Gómes, 2007, p.125)

A educação para o desenvolvimento consiste em todo um processo muito complexo de formar toda uma comunidade, através de uma educação formal (contínua), não formal (permanente) e informal (natural), dotando-a com diversas ferramentas, ao nível político, educativo e social, para que haja um desenvolvimento equitativo a nível global ou local. Este é um conceito que necessita de uma constante reflexão e nunca poderá ter um fim, pretende-se que haja sempre desenvolvimento, caso contrário, tudo se torna estanque. “Mobilizador de vontades de mudança e de transformações das sociedades e dos indivíduos, tem servido também para avaliar e classificar o seu nível de progresso e bem-estar” (Roque, 2003, p.36).

A tomada de consciência é a chave para o desenvolvimento porque cria “motivações para a mudança e o desejo de a alcançar” (Gómes, 2007, p.91). A política é também, como em tudo, um fator fundamental para o desenvolvimento, não numa perspectiva de mudança da realidade, mas na concretização de ações que possibilitem “reduzir as disfunções económicas, administrativas e políticas do sistema, para alcançar algumas metas quantitativas concebidas” (Gómes, 2007, p.90). O desenvolvimento é então um processo de mudança estrutural que visa a “sustentabilidade de melhores condições de vida a partir da ação (sic) concreta e eficaz das pessoas a nível local e global” (Gómes, 2007, p.90). Todo este processo é o encontro do caminho para a paz, do respeito pelos direitos humanos, do exercício da plena democracia, é o respeito pelo meio ambiente e pela cultura, em suma, o respeito pelo modo de vida das pessoas, “um modo de ser adequado às exigências, às necessidades, aos projetos e à visão do mundo dos diversos sujeitos e sociedades” (Gómes, 2007, p.90).

“O Desenvolvimento Local é aquele processo de melhoria das condições de vida num território concreto, assumido e protagonizado pela população local” (Gómes, 2007, p.123). A mutação dos meios de comunicação faz com que as zonas mais isoladas, se sintam menos isoladas e com um acesso aos recursos, básicos e menos básicos, mais abrangente. As dinâmicas que se criam em redor do que é tradicional fazem tecer novas

consciências, hoje as aldeias são um despertar para uma melhor qualidade de vida, porque já não se coloca muito a questão da falta de acesso a novas tecnologias, por exemplo.

“É na crescente consciência destes novos desafios da humanidade, no respeito pela dignidade humana e pelas comunidades “esquecidas”, e da possibilidade de cada um contribuir para um mundo melhor, que os programas de *Desenvolvimento Local e Comunitário* se elevam na dinâmica global” (Gómes, 2007, p.90).

Na prática, para que haja modificações pertinentes, são essenciais constantes processos de ação – reflexão e formação, de forma a capacitar e motivar à participação social. “e concede-se particular importância à integração da educação nas dinâmicas próprias de cada realidade social, em particular as que se constroem desde, para as comunidades locais e com elas” (Gómes, 2007,p.99).

O “desenvolvimento comunitário deve ser um processo educativo e formativo no qual a população local implicada aprende a ser responsável participando na resolução dos problemas comuns” (Gómes, 2007, p.124). Necessitando assim do equilíbrio económico, do apoio das instituições e de atitude pessoal local, num constante processo produtivo, formativo e de ação sociocultural.

A educação como processo de desenvolvimento é, em qualquer contexto, um potencial de introdução de inovações na vida social. A educação é um fator de mudança social e é também um resultado da própria sociedade. “Esta reciprocidade está mediada, entre outros fatores, pelo conhecimento que se intercambia no ato (sic) educativo, que é um elemento fundamental para a promoção das transformações naturais e sociais” (Gómes, 2007, p.240). Nesta reciprocidade as pessoas vão construindo a sua identidade cultural através da qualidade, valorização e utilidade que dão ao conhecimento, mediante os seus contextos naturais e humanos, “os conhecimentos serão melhor ou pior valorizados e se considerarão mais ou menos úteis para transformar uma realidade determinada” (Gómes, 2007, p.241).

A globalização tende a inferiorizar a tradição, contudo a humanidade ainda se orienta muito entre o que é moderno e a tradição, com tendência a alimentar cada vez mais o que é tradicional. Consequentemente, há cada vez mais uma revitalização dos saberes locais e um respeito pela vida humana. Assim,

“a educação deve proporcionar às pessoas os instrumentos cognitivos e as capacidades necessárias para que, a partir da mobilização, da autogestão e da prática dos seus direitos, possam transformar a realidade e melhorar as suas condições de vida (...) falar de educação

equivale referir a um elemento de um projeto mais amplo que é planificar a sociedade do futuro; é contribuir para socializar as novas gerações com base no estudo e na reflexão do atual (sic) legado cultural de que dispomos e capacitá-las para desenhar um mundo melhor” (Gómes, 2007, p.243).

Compete a cada elemento capacitar a sociedade local para que esta se desenvolva como um todo. É mais fácil e mais eficaz começar do particular (local) para o global, em termos de desenvolvimento comunitário. Uma educação global deixa sempre para trás os mais fracos, enquanto uma educação local personaliza o seu ato educativo em detrimento das necessidades do grupo em si, numa perspetiva em espiral: o sucesso de todos só depende do sucesso de cada um e vice-versa (Gómes, 2007).

Parte II – Investigação Empírica

A segunda parte do presente relatório de mestrado pretende estudar os ciclos geracionais funcionais e disfuncionais de famílias sinalizadas pela Comissão e Proteção de Crianças e Jovens do concelho da Batalha (CPCJ-BTL), através das suas histórias de vida. Partindo dessa narrativa pretende-se retirar índices de funcionalidade/disfuncionalidade como ponto de partida para a organização de um programa parental adequado às necessidades emergentes de formação das famílias, com ciclos geracionais disfuncionais, como forma de prevenção, capacitação e desenvolvimento da comunidade local.

1. Metodologia

1.1. Problemática e pergunta de partida

Viver em sociedade é viver um constante desafio. Os julgamentos que os outros fazem têm muito peso na forma de ser e de estar. Na nossa sociedade os sistemas estão tão mecanizados que descuram muitas vezes dos simples gestos humanos. Os pais, como casal no seu papel parental, são um alvo fácil do julgamento, sendo julgados tanto em casa pelos familiares, como na escola, na catequese, no grupo de futebol, no grupo de música, entre outros espaços nos quais os seus filhos estão integrados. É importante, no entanto, perceber que, também, estes pais têm as suas angústias, as suas incertezas, os seus princípios éticos e morais, as suas conquistas e principalmente um passado. O passado de cada um influencia o seu próprio futuro. E, o passado dos elementos parentais de uma família tem repercussão nos filhos objetivando-se em más ou boas práticas.

Facilmente estas famílias, pelas suas vulnerabilidades, são vítimas de julgamento dos outros. São julgadas e nem sempre questionadas, se o tipo de educação que utilizam para educar os seus filhos está certo ou errado para eles. Ao escutarmos provavelmente descortinamos uma série de atitudes disfuncionais e outras funcionais. Este processo de escuta humano demonstra disponibilidade de um perante o outro. Depois de escutarmos certamente ficaremos mais esclarecidos para melhor poder ajudar, conhecendo as

fragilidades e os pontos fortes das famílias. Então seria desnecessário o julgamento, o constrangimento, a vergonha, a humilhação, a discriminação, sentimentos que ninguém gosta de sentir.

Face a esta questão, recorrente do julgamento dos pais, com este estudo procuramos dar voz escutando as suas histórias de vida. Fazendo um paralelismo com o que a teoria nos explica, pois ao conhecermos a história/evolução das famílias, percebermos o processo de desenvolvimento da criança e os seus direitos como cidadã menor.

As famílias deste estudo estão sediadas no município da Batalha o qual apresenta uma atividade social muito forte, que flui em rede para que, as ajudas sejam mais eficazes e coerentes. A qualidade de vida do concelho é moderada (CLAS, 2006). Ainda assim, a CPCJ-BTL continua a ter um número considerável de crianças sinalizadas. Esta contradição levanta algumas questões: será que o trabalho no terreno com estas famílias está a ser suficiente? Será que se julgam de mais estas famílias e se aposta pouco nelas? Será que a burocracia, a que são obrigados ao longo de todo o processo, é suficiente? Que formação é dada a estas famílias para desenvolver nelas o *empowerment*? Que histórias de vida têm estas famílias que as torna menos capazes? Será que alguém as ouve? Será que alguém as ajuda realmente nas suas fragilidades emergentes? E, as motiva nas suas potencialidades?

Será que ao ouvirmos as histórias de vida destas famílias, conseguimos perceber os seus ciclos geracionais funcionais ou disfuncionais? Este processo de escuta, de uma forma mais holística, não será uma ferramenta crucial, rica e aprofundada, para melhor se criar um programa de educação parental mais adequado às respetivas famílias? Ainda, este processo de escuta de histórias de vida, e um consequente programa parental adequado à realidade, não será um mote de prevenção, capacitação e desenvolvimento da comunidade local?

Depois destas questões que nos inquietam definimos a pergunta de partida:

Será que ao estudarmos as histórias de vida das famílias com ciclos geracionais disfuncionais, podemos obter índices para a elaboração de um plano de educação parental?

1.2. Objetivos da investigação

Com o presente estudo pretendemos dar resposta à problemática, anteriormente exposta, através da formulação dos seguintes objetivos de investigação:

Objetivo geral

Escutar, identificar e refletir sobre os índices que nos mostram as disfuncionalidades das famílias, como negligentes, sinalizadas pela CPCJ-BTL, na educação dos seus filhos.

Objetivos específicos

- a) Escutar as histórias de vida da pessoa de referência das crianças negligenciadas que estão sinalizadas pela CPCJ-BTL;
- b) Perceber se os ciclos geracionais disfuncionais acarretam conseqüentemente novos ciclos geracionais disfuncionais;
- c) Através dos ciclos geracionais perceber se a infância de cada um influencia ou determina o facto de se ser bom ou mau cuidador de uma criança;
- d) Agrupar índices disfuncionais das respetivas famílias e verificar os que mais predominam;
- e) Através dos índices disfuncionais predominantes propor um plano de educação parental que funciona como objeto de prevenção de situações de negligência. Partindo que a responsabilidade educativa é do adulto educador, mais do que da criança educada.

1.3. Métodos, técnicas e instrumentos de recolha de dados

Com o intuito de avaliar os ciclos geracionais das famílias referenciadas por negligência na CPCJ-BTL, a prática de investigação que consideramos mais ajustada foi o estudo caso, recorrendo ao uso do método quantitativo através do inquérito por questionário e o método qualitativo através do uso do inquérito por entrevista. Ainda que haja um

enorme paradigma entre a utilização dos dois métodos, neste caso, os métodos são utilizados em tempos diferentes o que vai ao encontro, do que Smith e Heshusus (1986, citado por Carmo e Ferreira, 2008) nos dizem, “as duas abordagens se fundamentam em pressupostos diferentes” (p.201).

O método qualitativo foi o que se considerou mais pertinente para caraterizar as famílias quanto aos seus dados pessoais, as suas caraterísticas particulares e os seus níveis socioeconómicos. Após uma análise dos tipos de família com que nos deparamos, passamos para um método qualitativo onde analisámos as famílias de uma forma holística, a partir de dentro, através das suas histórias de vida e de uma análise de conteúdo das respetivas entrevistas. Utilizamos assim, uma triangulação metodológica porque damos uso a “diferentes métodos para estudar um dado problema” (Carmo e Ferreira, 2008, p.202).

1.3.1. Estudo caso

A prática investigativa, que consideramos mais adequada, foi o estudo caso. As razões da escolha estão relacionadas com a atualidade e pelo facto de não se poder exercer “controlo sobre acontecimentos e o estudo focaliza-se na investigação de um fenómeno atual (sic) no seu próprio contexto” (Carmo e Ferreira, 2008, p.234). Este estudo caso é baseado nas histórias de vida havendo uma tentativa de “coligir uma narrativa de um indivíduo” sobre a sua história de vida para enriquecer ou “utilizá-las na (auto) formação de professores” (Carmo e Ferreira, 2008, p.237).

Neste estudo caso utilizamos diferentes técnicas de recolha de dados, isto é, uma triangulação de métodos, sendo elas: o inquérito por questionário, a entrevista, a história de vida e a sua respetiva análise de conteúdo. Assim, esperamos obter um produto final com uma “descrição rica e rigorosa do caso que constitui o objeto de estudo” (Carmo e Ferreira, 2008, p.236). Contudo estamos conscientes das limitações inerentes ao estudo de caso, uma vez que, continua a ser debatida a “possibilidade de generalização dos resultados a outras situações” (Carmo e Ferreira, 2008, p.236).

1.3.2. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

1.3.2.1. *O inquérito por questionário*

Pretendemos fazer uma caracterização do real contexto das famílias em análise e o inquérito por questionário tem a vantagem “de quantificar uma multiplicidade de dados e de proceder, por conseguinte, a numerosas análises de correlação” (Quivy, 2008, p.189).

O inquérito por questionário foi organizado e estruturado numa sequência, “de modo a ter uma coerência intrínseca e configurar-se de forma lógica para quem a ele responde” (Carmo e Ferreira, 2008, p.154). Assim, o questionário divide-se em três partes: uma primeira parte, de levantamento dos dados pessoais do entrevistado e da criança; uma segunda parte, sobre os dados da orgânica da família e, uma terceira parte, para recolha de dados socioeconómicos.

1.3.2.2. *A entrevista*

Com este instrumento pretendemos realizar o registo das histórias de vida que é um processo longo que requer disponibilidade, conforto, confiança, autenticidade e descontração. Uma vez que se pretende uma análise qualitativa da vida das pessoas, o registo por gravação da informação é mais fácil e seguro. Este método é justamente adequado dado que se pretende “a reconstituição de um processo de ação (sic), de experiências ou de acontecimentos do passado” (Quivy, 2008, p.193).

O facto de pretendermos ouvir histórias de vida, fez-nos optar pela entrevista semidirecta. Esta não é nem muito aberta, nem inclui muitas perguntas, permitindo uma certa liberdade de expressão. “Geralmente, o investigador dispõe de uma série de perguntas - guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado” (Quivy, 1998, p. 192). Ao longo da entrevista, o entrevistador permitiu a livre expressão sem descurar a orientação segundo os objetivos traçados.

“O planeamento de uma entrevista deve começar por integrar a explicitação dos objetivos que se querem alcançar” (Carmo e Ferreira, 2008, p.149). Assim, o guião das questões chave (ver anexo IV) começa por perguntas sobre a infância da mãe, depois sobre a infância do pai e, por último, questões sobre a forma como cuidam/educam a criança, para indiretamente percebermos como esta vive atualmente.

1.3.2.3. A análise de conteúdo

O uso da análise de conteúdo deu-se após a transcrição das entrevistas (ver anexos V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII e XIV. Todos os nomes que constam nas respetivas entrevistas são fictícios) que conseqüentemente constituíram um *corpus* representativo. Todas as entrevistas foram submetidas a uma análise de conteúdo indireta (ver parte II deste relatório, ponto 3.2.1.) que “procura uma interpretação do que se encontra latente sob a linguagem expressa” (Carmo e Ferreira, 2008, p.271). Quanto à definição das suas categorias, são “rubricas significativas, em função das quais o conteúdo será classificado” (Carmo e Ferreira, 2008, p.273), estas foram selecionadas à *posteriori* porque não foram definidas antecipadamente. As categorias ou índices (como são retratados no presente trabalho) foram apresentados por consequência da análise de conteúdo, contudo, são categorizados consoante a fundamentação teórica (ver tabela 1 e 2) para que a interpretação dos resultados possibilite a compreensão do estudo.

1.4. Universo do estudo

O presente trabalho pretende estudar as famílias que têm no seu agregado uma criança vítima de negligência, ouvir as suas histórias de vida e perceber os ciclos das crianças inseridas nestas respetivas famílias. No concelho da Batalha considerou-se que seria a CPCJ a instituição mais pertinente para o “processo de seleção de uma amostra” (Carmo e Ferreira, 2008, p.209) dada as características comuns que se pretendem estudar das famílias.

Conseqüentemente a amostra selecionada, do subconjunto da população da CPCJ da Batalha (Carmo e Ferreira, 2008) para este trabalho, teve como base as crianças sinalizadas por negligência na CPCJ-BTL, em que a medida tomada foi o apoio junto

dos pais. A população alvo é constituída por 18 crianças o que corresponde a uma dimensão de 12 famílias (recolha feita em outubro de 2012). Sendo um número razoável considerou-se que seria mais rigoroso analisar todas as famílias. Ficou, assim, uma amostra de 12 famílias representativa do seu universo de estudo.

Após a amostra definida, surge a questão de quem entrevistar, visto que as famílias são constituídas por vários elementos. Para percebermos a vida de uma criança e a razão da sua vida disfuncional consideramos que a pessoa de referência da criança seria a mais ajustada. Deduzimos que em famílias disfuncionais a mãe biológica poderia não ser a pessoa de referência da criança, esta podia ser o pai, a tia, ou a avô, daí não termos selecionado as mães, mas a pessoa de referência da criança.

Para definirmos quem seria a pessoa de referência da criança pedimos a ajuda da presidente da CPCJ-BTL, sendo uma pessoa idónea e conhecedora da realidade funcional de cada família. A presidente da CPCJ-BTL foi o elemento referenciador das pessoas a entrevistar. Este processo de referenciação exige, não só um conhecimento das famílias, mas fundamentalmente da existência de uma relação de confiança que permite a transparência do funcionamento familiar e logicamente da veracidade da informação disponibilizada.

Assim, foram selecionadas as 12 famílias cujas crianças estão sinalizadas na CPCJ-BTL por negligência e a medida tomada foi apoio junto dos pais. A pessoa que será entrevistada, por inquérito e por entrevista, será a pessoa de referência da criança indicada pela CPCJ-BTL.

1.5. Procedimentos

Pretendeu-se, com o presente estudo, verificar se as histórias de vida das pessoas nos dão a conhecer a funcionalidade ou disfuncionalidade do seu ciclo geracional. Ao escutarmos as histórias de vida pretendemos retirar os principais índices que nos mostrem a sua funcionalidade ou disfuncionalidade familiar, o que conseqüentemente pode ajudar a organizar um programa de educação parental mais adequado à realidade. Desta maneira poderemos prevenir e capacitar a nossa população local, no sentido de desenvolvermos a nossa comunidade.

Para obtermos uma amostra real das histórias de vida de famílias batalhenses, que nos mostra a sua funcionalidade e permitindo saber quais são as suas potenciais necessidades de formação na área da educação parental, consideramos que a instituição ideal seria a CPCJ-BTL.

A primeira abordagem foi o contato com a presidente da CPCJ-BTL, solicitar a colaboração da instituição, oficializar o pedido e comprometer a confidencialidade da informação facultada (ver anexo I). A presidente, por sua vez, recorreu aos seus superiores (CMB e CNCPCJ) para a autorização ser completa. Com isto pretendeu-se “solicitar autorização das instituições a que pertencem os participantes para estes colaborarem no estudo” (Carmo e Ferreira, 2008, p.283).

Depois de identificada a nossa amostra para o estudo caso, definimos um grupo de 12 famílias em que as crianças foram sinalizadas pela CPCJ-BTL como sendo vítimas de mau trato por negligência cuja medida tomada foi o apoio junto dos pais, a presidente da instituição contactou telefonicamente cada pessoa de referência a solicitar a colaboração e a propor um encontro inicial com o entrevistador. Todas as pessoas de referência da criança aceitaram facilmente a proposta, exceto uma família que nunca atendeu os telefonemas. Esta família (amostra F) não foi questionada nem entrevistada, porque a presidente considerou que poderiam surgir problemas dado as características comportamentais desta família. Ficamos, assim, com um estudo caso com uma amostra de 11 famílias, representativas do seu universo de estudo.

Este encontro antes da entrevista serviu para ambos se conhecerem. Para o entrevistador informar sobre o que espera obter, explicar os motivos que o levaram a escolher, a informar sobre o tempo previsto de duração da entrevista e para combinar a data, hora e local da entrevista.

Este procedimento vem ao encontro do que alguns autores definem como uma estratégia de intervenção importante. Assim,

“A experiência tem demonstrado que o contacto prévio com os entrevistados (...) não é um gasto inútil de energias mas constitui, pelo contrário, um investimento. Ao ter esse procedimento o investigador não só fica com mais garantias sobre a disponibilidade física e psicológica da pessoa escolhida mas também se lhe apresenta com uma imagem de profissionalismo e demonstra ter respeito pelo seu tempo, o que, decerto, irá ter efeitos positivos no ambiente em que a mesma irá decorrer” (Carmo e Ferreira, 2008, p.151).

Os objetivos do estudo não foram apresentados logo no início aos entrevistados evitando que “conhecimento vá afetar (sic) os próprios resultados do estudo” (Carmo e Ferreira, 2008, p.283). Foi ainda, estabelecido um “acordo com os participantes de forma a que fiquem explícitas conjuntamente as responsabilidades do investigador e a deles próprios” (Carmo e Ferreira, 2008, p.283), ver em anexo II.

É, ainda, importante referenciar que foi dada a liberdade ao entrevistado de escolher o local e hora da entrevista, no entanto, os locais propostos apresentavam-se confortáveis, o entrevistador mostrava disponibilidade, sem compromissos e foi assegurado que mais nenhuma outra pessoa estaria no local. O objetivo é que a entrevista se realize num local confortável para o entrevistado, num ambiente calmo e sem interferências. “É inútil esperar uma entrevista aprofundada e autêntica se esta se desenrolar na presença de outras pessoas, num ambiente barulhento e desconfortável” (Quivy, 2008, p.76).

Concretizado o primeiro encontro do entrevistador com os respetivos entrevistados seguiu-se o início dos questionários por inquérito e logo depois as entrevistas. Os inquéritos por questionário foram realizados na fase inicial do encontro com o objetivo de funcionar como que para “aquecer o ambiente relacional” (Carmo e Ferreira, 2008, p.151), neste o entrevistador é que efetuou o registo escrito, para não amedrontar os inquiridos com o facto de terem que utilizar a escrita. O facto de serem questões objetivas e de fácil resposta iria progressivamente relaxando os entrevistados.

A passagem do inquérito por questionário para a entrevista foi gradual, dando grande ênfase à arrumação dos papéis numa perspectiva que “tomar notas sistematicamente durante a entrevista parece-nos, pelo contrário, ser de evitar tanto quanto possível” (Quivy, 2008, p.77). O gravador era mostrado e explicado o seu funcionamento para criar um ambiente securizante e este se tornar discreto.

Durante a entrevista foi tido em conta o saber escutar o entrevistado para “deixá-lo exprimir-se pelas suas próprias palavras e ao seu ritmo pessoal” (Carmo e Ferreira, 2008, p.152). O saber respeitar os momentos de silêncio, dado que, “algumas pequenas pausas numa entrevista podem permitir ao entrevistado refletir mais calmamente, reunir as suas recordações e, sobretudo, aperceber-se que dispõe de uma importante margem de liberdade” (Quivy, 2008, p.75). E, também, foi tido em conta, mesmo com uma grande margem de liberdade, o controle de manter “o fluxo de informação” (Carmo e Ferreira, 2008, p.152) direcionado para o caminho que o entrevistador pretendia.

2. Caraterização do meio e da instituição

2.1. Localização

“A Batalha foi palco de grandes momentos históricos, desde a presença romana até às lutas decisivas pela independência, deixando um incontornável património cultural. Foi a vitória na Batalha de Aljubarrota em 14 de Agosto de 1385, que levou à construção do Mosteiro Santa Maria da Vitória, um pólo de atração (sic) que deu origem à Vila da Batalha” (Município da Batalha, 2005, p.2)

A Vila da Batalha situa-se na Região Centro Litoral, sub-região do Pinhal Litoral do país e pertence ao Distrito de Leiria, abarca uma área com cerca de 103,56 km² e é povoada por 16.056 habitantes¹. O Concelho faz fronteira com os Municípios de Leiria, Porto de Mós e Ourém. Integra quatro Juntas de Freguesias, sendo elas a Golpilheira, Reguengo do Fetal, São Mamede e a própria Batalha.

A freguesia da Batalha é a sede de concelho, tem uma área de 29,20 Km² abarca 39 lugares e tem uma densidade populacional de 7.522 habitantes. A freguesia da Golpilheira é a mais recente, conta com 1.609 habitantes, tem uma área de 4,94 Km² e divide-se em 8 lugares, dista da sede de concelho 4 Km. A freguesia do Reguengo do Fétal tem uma população de 2.358 habitantes, contempla uma área de 29,04 Km², distribui-se por 13 lugares e dista da sede do concelho com 5 Km. A freguesia da São Mamede abarca 3.513 habitantes numa área de 40,38 Km², dividindo-se por 29 lugares e dista da sede de concelho 15 Km, (Censos 2001).

A Batalha é uma pacata vila que contém uma vasta longevidade da presença humana, que consequentemente acarreta, atualmente, um vasto elenco historial, que faz deste local um ponto de eleição para turistas, sendo considerado património mundial pela UNESCO e em 2007, uma das sete maravilhas de Portugal.

2.2. O concelho da Batalha

O Mosteiro Santa Maria da Vitória é o ponto de referência da Vila, mas no que concerne a património cultural, a sua constituição é muito vasta. Nela encontramos vários monumentos erguidos em homenagem a várias entidades representativas, como

¹ Município da Batalha, disponível on-line em: <http://www.cm-batalha.pt/pt>. Acedido a 4 de junho de 2012.

por exemplo a Estátua Equestre de D. Nuno Álvares Pereira, o Pelourinho, o Farol Europeu, o Monumento ao Emigrante, entre outras. As igrejas espalhadas pelo concelho são várias, contando-se vinte e sete. Conta, também com vários edifícios públicos, outros privados, como o Centro de Artesanato, a Casa Dr. Gens, um edifício do séc. XVIII, um solar rural mais conhecido por Quinta do Fidalgo, a Quinta da Várzea, as Ruínas de Minas de Carvão, a Casa dos Peregrinos, Moinhos de Vento e as Grutas da Moeda (Município da Batalha, 2005).

Quanto ao artesanato local, ainda se mantém viva e rica, muitas das tradições. Exemplos vivos são a latoaria, a pirotecnia, a cerâmica, a porcelana, a cantaria artística (existindo a Escola Profissional de Artes e Ofícios Tradicionais da Batalha) e a tecelagem através do uso do tear (Município da Batalha, 2005). A gastronomia local também tem uma marca muito própria desta região, desde as Sopas Verdes, ao Tachadéu, até ao Pudim da Batalha. A tradição vinícola conta já com cinco marcas principais de vinho regional trabalhadas e lançadas pela Adega Cooperativa da Batalha (Município da Batalha, 2005)

Quanto à cultura e eventos, oferecidos pelo município, mantém um vasto leque de oferta. Desde festas de âmbito religioso, à FIABA (feira internacional de artesanato da Batalha), aos torneios desportivos, aos festivais de música tradicional, assim como, a feira do livro e do jogo (Município da Batalha, 2005).

Infra estruturas de prestação de serviços

O concelho da Batalha conta com o edifício da Câmara Municipal da Batalha, o edifício da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Batalha, com uma seção em São Mamede e um posto de correios. Em cada freguesia existe um edifício das suas respetivas Juntas de Freguesia. Existe um edifício da Guarda Nacional Republicana e um Posto de Turismo da Batalha. Na área da saúde, tem o Centro de Saúde da Batalha e mais três extensões de saúde, uma em cada freguesia envolvente. Na resposta aos cuidados continuados, integrado na Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados, acolhe o Centro Hospitalar Nossa Senhora da Conceição. Abarca três farmácias e dois depósitos de medicamentos. Quanto a lares existem três edifícios sendo todos IPSS's. Contém o Agrupamento de Escolas da Batalha, que se divide em cinco valências e um colégio da rede GPS. Conta com sete instituições bancárias. Abarca trinta e uma associações e coletividades no concelho. Existe um terminal rodoviário, assim como, de táxis (Município da Batalha, 2005).

Principais atividades do concelho

As principais atividades do concelho da Batalha são as faianças e porcelanas, o vestuário, as pedras ornamentais e industriais, a agropecuária e o turismo. As zonas industriais distribuem-se pela zona da Batalha, da Jardoeira, de São Mamede, Golpilheira e Reguengo do Fétal. Estas atividades industriais contam com estruturas como a Delegação da NERLEI – Associação Empresarial da Região de Leiria; a delegação da ACILIS – Associação Comercial e Industrial de Leiria, Batalha e Porto de Mós; a delegação da Associação Nacional de Jovens Empresários; Escola Profissional de Artes e Ofícios Tradicionais da Batalha; a CEPAE – Centro de Estudos do Património da Alta Estremadura e o Centro de Exposições/Feiras, (NERLEI, 2002).

2.3. Apoios sociais existentes

Ao consultarmos a página do município da Batalha encontramos na área de Ação e Apoio Social² todos os projetos criados, na área social, pelo município, com uma síntese geral dos princípios orientadores, seguidamente apresentada:

“O Serviço de Ação (sic) Social da Câmara Municipal da Batalha promove a resolução dos problemas que afetam (sic) a população desfavorecida do Concelho, nomeadamente, em cooperação com instituições de solidariedade social e em parceria com a administração central. A Autarquia da Batalha tem levado a cabo um conjunto de políticas sociais que visam minimizar as condições vulneráveis em que algumas pessoas vivem, consubstanciadas num conjunto de linhas estratégicas para o futuro do Município” (Município da Batalha- www.cm-batalha.pt).

O serviço de ação e apoio social conta com vários projetos. Começando pela **Rede Social da Batalha** que promove a cidadania e reconhece a igualdade de oportunidades de cada cidadão. Estimula o planeamento das políticas sociais, utilizando os recursos existentes, colmatando o combate à pobreza e à exclusão social. Enquanto rede de apoio funciona através do Conselho Local de Ação Social (CLAS) e de um Núcleo Executivo constituído por um grupo restrito de entidade³.

² Município da Batalha (www.cm-batalha.pt). Disponível on-line em: <http://www.cm-batalha.pt/areas-de-intervencao/accao-e-apoio-social>. Acedido a 9 de junho de 2012.

³ Município da Batalha (www.cm-batalha.pt). Disponível on-line em: <http://www.cm-batalha.pt/areas-de-intervencao/accao-e-apoio-social/rede-social>. Acedido a 10 de junho de 2012.

Conta com o **Gabinete de Inserção Profissional** (GIP) em parceria com o Centro de Emprego de Leiria, que tem como objetivo principal apoiar os jovens e adultos desempregados na sua inserção profissional⁴.

Outro recurso ao apoio social são as **Instituições Sociais**. O concelho da Batalha conta com cinco Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) sendo elas: a Associação de Propaganda e Defesa da Região da Batalha – Centro Infantil Moinho de Vento; o Centro Paroquial de Assistência do Reguengo do Féfal (CPA-RF); o Centro Social e Cultural da Paróquia de São Mamede; a Irmandade da Santa Casa da Misericórdia da Batalha e a Junta de Ação Social da Diocese de Leiria-Fátima – Centro Infantil Mouzinho de Albuquerque. Todas são de apoio, às diversas fragilidades sociais, em prol de uma integração social⁵.

Ao apoio social conta com **Programas de Intervenção Social** que se dividem em vários programas⁶. Em primeira instância há o Banco Local de Voluntariado onde se conta com um grupo de voluntários que canalizam o seu tempo disponível para realizarem ações de voluntariado nas diversas organizações e em diferentes domínios, existentes no município. A atividade do voluntariado é livre mas organizada num compromisso de responsabilidade. Outro programa é a Comparticipação de Medicamentos. O município em parceria com as três farmácias do conselho comparticipa com medicamentos, mediante receita médica do Serviço Nacional de Saúde (SNS), às pessoas com carências económicas e que dependam da utilização dos medicamentos. A Loja Social é outro dos programas de intervenção que contribui com roupas, utensílios, bens e alimentos doados por pessoas particulares ou empresas. Posteriormente, estes bens doados, são distribuídos mensalmente, de forma igual, pelas famílias previamente sinalizadas. O Banco de Ajudas Técnicas serve a comunidade através do empréstimo de equipamentos, como por exemplo, cadeiras de roda, camas articuladas, andarilhos, almofadas, entre outros. Esta prestação de equipamentos serve toda a comunidade, não somente, as famílias sinalizadas pela Rede Social, como toda a comunidade em geral, necessitada deste empréstimo, em que não se justifica o

⁴ Município da Batalha (www.cm-batalha.pt). Disponível on-line em: <http://www.cm-batalha.pt/areas-de-intervencao/accao-e-apoio-social/gabinete-de-insercao-profissional>. Acedido a 9 de junho de 2012.

⁵ Município da Batalha (www.cm-batalha.pt). Disponível on-line em: <http://www.cm-batalha.pt/areas-de-intervencao/accao-e-apoio-social/instituicoes-sociais>. Acedido a 9 de junho de 2012.

⁶ Município da Batalha (www.cm-batalha.pt). Disponível on-line em: <http://www.cm-batalha.pt/areas-de-intervencao/accao-e-apoio-social/programas-de-intervencao-social>. Acedido a 9 de junho de 2012.

investimento destes equipamentos, dado serem situações de utilização temporária. No apoio à habitação criou o programa Apoio Habitacional, que como o próprio nome indica, apoia a população mais carenciada no apoio às melhorias de habitabilidade em caso de estas serem desfavoráveis. O município disponibiliza material para a concretização de obras e, a mão-de-obra, só em casos de profunda insuficiência económica. Outro programa é as Novas Primaveras que consiste no desenvolvimento de atividades ocupacionais, juntos dos idosos distribuídos nas diversas instituições do concelho, através da música, o teatro e a dança. Este projeto é o resultado de uma parceria do município com a Sociedade Artística e Musical dos Pousos (SAMP). A Ocupação dos Tempos Livres é um programa direcionado para os jovens de forma a ocuparem ativamente as suas férias de verão. Os jovens podem ajudar a comunidade em diversas áreas, como no ambiente, no apoio aos idosos, no âmbito cultural, saúde, entre outros. O programa Atividades Aquáticas Terapêuticas visa dar resposta às crianças, com necessidades educativas especiais, com aulas de natação especializadas, recorrendo à técnica da hidroterapia. E, finalmente, o Centro de Convívio para Idosos, é um programa que visa dar resposta aos idosos da localidade de Alcaria, utilizando a escola primária local que se encontra desativada. Aqui desenvolvem atividades recreativas e culturais.

O **Desporto Sénior** é um projeto, do serviço e apoio social, que pretende dar resposta aos idosos, utentes das IPSS's locais, do Centro Recreativo da Golpilheira (CRG) e do Centro de Convívio de Alcaria, na área do desporto geriátrico, através do programa “Reciclagem de Movimentos”: desporto para a população sénior”⁷.

2.4. Realidade social

“O Diagnóstico corresponde, assim, à análise da realidade social num determinado contexto social, espacial e temporal, respeitante a uma ou várias situações problemáticas. Proporciona informações acerca da realidade sobre a qual se vai intervir e se quer transformar” (CLAS, 2006, p.36).

⁷ Município da Batalha (www.cm-batalha.pt). Disponível on-line em: <http://www.cm-batalha.pt/areas-de-intervencao/accao-e-apoio-social/desporto-senior>. Acedido a 9 de junho de 2012.

O concelho da Batalha é tido como um “território moderadamente inclusivo” (CLAS, 2006, p.34) onde não se apresentam grandes taxas de exclusão e os níveis de inclusão são bons, com baixas taxas de abandono escolar, assim como, de desemprego.

Neste diagnóstico social, trabalhado pelo CLAS (2006), há uma preocupação relevante sobre grupos mais vulneráveis, a quem se referem como “mancha deprimida do concelho” (p.34). Esta mancha, de preocupação elevada para o concelho, engloba a população idosa (42% da população tem mais 65 anos), onde se encontra uma grande percentagem de idosos que vivem sozinhos. A população de deficientes que somam um total de 659 e, sentem mais dificuldades, nas condições dos acessos e transportes. A população com um nível baixo de instrução, havendo uma taxa de analfabetismo de 10%. A população beneficiária de rendimento social de inserção, que soma 89 beneficiários, sendo que, 53% são mulheres e 27% têm mais de 65 anos de idade. E, a população de crianças e jovens sinalizados na CPCJ-BTL que se contam 25 casos, sendo a maior percentagem, de maus tratos por negligência.

Esta mancha deprimida inclui os grupos mais vulneráveis e estes são alvo de uma eventual intervenção social por parte dos parceiros que integram a Rede Social do concelho (CLAS, 2006).

2.5. Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco da Batalha

A Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco (CNPCJR), que é a responsável por todas as comissões de todos os distritos nacionais, tem a responsabilidade de, segundo a CNPCJR (s.d.):

“As Comissões de Proteção (sic) de Crianças e Jovens são entidades oficiais não judiciárias, baseadas numa lógica de parceria local, com autonomia funcional, que visam promover os direitos da criança e do jovem e de prevenir ou pôr termo a situações suscetíveis (sic) de afetarem (sic) a sua segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento integral, deliberando com imparcialidade e independência.” (CNCPCJR, s.d., p.2).

Foi em 1978 que surgiu a primeira Comissão, ainda designada por, Comissão de Proteção de Menores (CPM), dependia do Ministério da Justiça e “eram órgãos gestores dos centros de observação e ação (sic) social” (CNPCJR, s.d., p.2). Em 1991 enquadrada na Lei nº 189/91 as CPM trabalham como entidades autónomas nas

comunidades locais, sendo a primeira a instalar-se em Penafiel (Lei nº 189/91, 1991). Em 1998 as CPM passam a ser da responsabilidade da CNPCJR ao abrigo da Lei nº 98/98 que, agora para além, de dependerem do Ministério da Justiça, também dependem do Ministro do Trabalho e da Solidariedade. A comissão nacional tem assim, a árdua tarefa de “planificar a intervenção do Estado, bem como a coordenação, acompanhamento e avaliação da ação (sic) dos organismos públicos e da comunidade, em matéria de proteção (sic) de crianças e jovens em risco” (Lei nº 98/98, 1998, artº.1).

A 1 de julho de 1999 é aprovada a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCJ). As CPM são reorganizadas e passam a chamar-se Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ). Com a entrada em vigor da LPCJ, para além da responsabilidade das autoridades administrativas e policiais, o dever de colaborar com as CPCJ’s e o tribunal, é alargada à comunidade em geral, como “às pessoas singulares e coletivas (sic) que para tal sejam solicitadas” como está descrito na Lei nº 147/99 (1999, artº.13).

A CNPCJR abrange todo o país através das CPCJ’s que funcionam em articulação com as respetivas Câmaras Municipais cabendo a estas disponibilizar “as instalações e os meios materiais de apoio, nomeadamente um fundo manei, necessários ao funcionamento [...] são assegurados pelo município” (Lei nº 147/99, 1999, artº.14).

2.6. Caracterização da instituição no concelho da Batalha

A Comissão de Proteção de Crianças e Jovens do Concelho da Batalha (CPCJ-BTL) funciona neste concelho desde 19 de maio de 2003, por solicitação do próprio município, e dá resposta à área abrangente a este concelho. A comissão funciona no edifício da Junta de Freguesia da Batalha (CPCJ-BTL, 2008).

A CPCJ-BTL funciona com duas modalidades, tal como todas as CPCJ’s: a comissão restrita e a comissão alargada (CPCJ-BTL, 2008, art.º 5º).

A comissão alargada, segundo o regulamento interno (CPCJ-BTL, 2008, artº.6), é constituída por:

- a) Um representante do Município da Batalha;
- b) Um representante da Segurança Social;
- c) Um representante dos serviços do Ministério da Educação;

- d) Um médico, em representação dos serviços de saúde;
- e) Um representante das instituições particulares de solidariedade social, oriundo da Santa Casa da Misericórdia da Batalha;
- f) Um representante ou outras associações privadas que desenvolvem, na área de competência desta CPCJ, atividades (sic) desportivas, culturais ou recreativas destinadas a crianças e jovens;
- g) Um representante das associações de pais existentes na área de competência desta CPCJ;
- h) Um representante dos serviços da juventude/associações de jovens existentes no concelho da Batalha;
- i) Um representante das forças de segurança – GNR;
- j) Quatro pessoas designadas pela assembleia municipal;
- k) Um técnico cooptado pela comissão, com formação em Direito.

Esta comissão “constitui-se como um *fórum* de discussão e reflexão sobre as problemáticas da infância e juventude, em geral e, em particular da comunidade onde se insere.” (CPCJ-BTL, 2008, p.3). Cabe à comissão alargada formar, informar, articular, desenvolver ações, fazer levantamentos, colaborar, promover, calendarizar, dinamizar, todo um trabalho entre a comunidade em articulação com a comissão restrita, e todas as organizações e instituições inseridas no concelho da Batalha (CPCJ-BTL, 2008). No fundo é informar a comunidade dos serviços da CPCJ e da responsabilidade social de cada um e formar a comunidade mais fragilizada, tudo em constante parceria com as diversas entidades existentes. A comissão alargada funciona em reuniões de “plenário ou em grupos de trabalho para assuntos específicos, com caráter (sic) obrigatório bimensalmente” (CPCJ-BTL, 2008, p.4).

À comissão restrita, por seu lado, “compete intervir nas situações em que a criança ou jovem está em perigo” (Lei nº 147/99, 1999, art.º 21º), sendo o núcleo executivo da CPCJ (CPCJ-BTL, 2008, p.6). Esta é composta por um número ímpar, nunca inferior a cinco, dos elementos que compõem a comissão alargada, como está explícito no artigo 10º do regulamento interno do CPCJ-BTL (2008), que nos mostra, também, a designação dos elementos que a constituem, sendo eles:

- a) Presidente – Representante do Município;
- b) Secretário – Representante da Segurança Social;
- c) Representante do Ministério da Educação/Professor Tutor;
- d) Representante da Saúde – Delegado da Saúde Pública;
- e) Representantes das IPSS;
- f) Dois técnicos cooptados: um com formação em Direito e outro em Serviço Social.

Caraterizando mais especificamente os elementos que compõem a comissão restrita da CPCJ da Batalha: a presidente é psicóloga do município; o secretário é a assistente social do município; o representante do ministério da educação é professor do

Agrupamento de Escolas da Batalha; o representante da saúde é o Delegado de Saúde da Batalha; o representante das IPSS é a Diretora Técnica do CPA-RF; o técnico com formação em direito não existe, sendo substituída, pela Representante da Segurança Social da Batalha; e o técnico de Serviço Social também foi substituído por uma enfermeira de saúde pública.

A comissão restrita reúne quinzenalmente. Contudo a CPCJ “funciona em permanência” assegurando um “regime de contatibilidade (sic) permanente” (CPCJ-BTL, 2008, p.7) de forma rotativa entre os elementos constituintes.

Como é feita a atuação da CPCJ-BTL

A sinalização é feita à CPCJ por todas as “entidades com competência em matéria de infância e juventude” (Lei nº 147/99, 1999, art.º 65º), pelas “entidades policiais e as autoridades judiciais” (Lei nº 147/99, 1999, art.º 64º), por “qualquer pessoa que tenha conhecimento das situações” (Lei nº 147/99, 1999, art.º 66º) de perigo que uma criança ou jovem esteja sujeito.

Assim que é efetuada uma sinalização, através do preenchimento de uma ficha denuncia/sinalização, a equipa da comissão restrita reúne-se para discutir a situação, se há ou não uma situação de perigo. Caso constatem que não há uma situação de perigo procedem ao arquivamento do processo (Lei nº 147/99, 1999, art.º 98º). Caso se considere uma situação de risco há, então, uma abertura do processo. Depois a Presidente da CPCJ-BTL canaliza a distribuição do processo, para o gestor de caso, tendo em conta o “respeito pelas valências dos membros da comissão restrita e dos técnicos envolvidos, segundo o tipo de temáticas a que respeitam os processos ou que deles já tivessem um conhecimento anterior” (CPCJ-BTL, 2008, p.8).

O próximo passo é convocar uma reunião com os progenitores ou detentores da guarda de facto da criança ou jovem em risco ou da própria criança caso seja maior de 12 anos. A reunião serve para prestar o consentimento para a intervenção da CPCJ. Havendo uma assinatura de oposição dos progenitores ou da criança maior de 12 anos, o processo passa para a responsabilidade do Ministério Público e a CPCJ perde legitimidade para intervir (Lei nº 147/99, 1999, art.º 95º).

Caso os progenitores ou detentores da guarda de facto da criança ou jovem em risco ou a própria criança (maior de 12 anos) não se oponham à intervenção, a CPCJ continua o

processo. Inicia por fazer uma recolha de informações junto das identidades onde se insere a criança (escola, coletividades, centro de saúde, família envolvente, etc.) (Lei nº 147/99, 1999, art.º 97º). Procede a visitas domiciliárias como medida de promoção e proteção, elaborando previamente um acordo de promoção e proteção. Mantém um acompanhamento e avaliação da situação até chegarem à questão: foi removida a situação de perigo? Se sim, far-se-á um arquivamento do processo (Lei nº 147/99, 1999, art.º 99º). Caso o perigo persista, far-se-á uma revisão do acordo e acompanhamento da situação, prosseguindo com uma retirada do consentimento, de quem assinou o acordo. Aqui se não houver consentimento da retirada o processo é enviado para o Ministério Público (Lei nº 147/99, 1999, art.º 98º).

3. Apresentação, análise e comentário dos dados

Os inquéritos e entrevistas foram realizados entre os dias de 18 de outubro de 2012 a 5 de novembro de 2012. Como já foi referido nos procedimentos, houve um primeiro encontro, com uma duração de dez minutos cada um, sensivelmente. Depois, o tempo dos inquéritos e das entrevistas durou uma média de uma hora cada. Os Locais das entrevistas foram selecionados pelos próprios entrevistados que se distribuíram pela Junta de Freguesia da Batalha (4 entrevistas), nas próprias residências (6 entrevistas) e na esplanada de um café (1 entrevista). As pessoas entrevistadas foram as pessoas de referência da criança, que nesta amostra todas eram as respetivas mães, constituíram um universo de 12 mães e apresentam-se como amostras de A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, L e M. Salvuada-se que o número efetivo inquirido foi de 11 mães, visto que, uma das famílias (amostra F) não respondeu às chamadas efetuadas. Num universo de 12 mães participaram efetivamente 11 mães e, num universo de 18 crianças, entraram efetivamente para o estudo, 16 crianças.

Todo o discurso deste trabalho, quanto à designação dos nomes comuns dos familiares da criança, parte sempre da criança. Isto é, o pai da criança, a mãe da criança, o companheiro da mãe da criança, a avó da criança. A criança é o ponto de partida do uso de todos os nomes comuns utilizados, para que o discurso seja coerente.

A terceira grande parte deste trabalho está dividida em duas partes. A primeira parte diz respeito à apresentação quantitativa dos inquéritos por questionário. A segunda parte é a apresentação qualitativa das entrevistas.

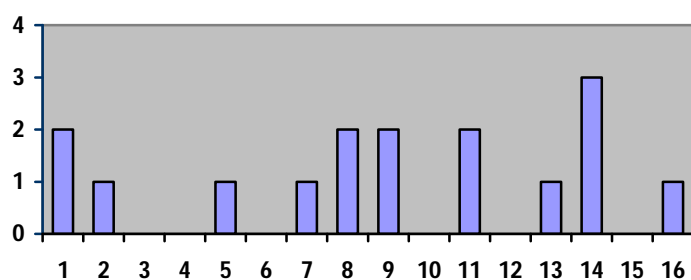
3.1. Inquérito por questionário

O inquérito por questionário está dividido em quatro pontos, começando por uma análise das crianças sinalizadas como vítimas de mau trato por negligência na CPCJ-BTL. Depois a apresentação dos dados das entrevistadas, neste caso concreto, das mães. Segue-se a apresentação da família em si e, por fim, o nível socioeconómico das respetivas famílias. Com este primeiro ponto pretendemos realizar uma caracterização geral das famílias que fazem parte deste estudo.

3.1.1. Caracterização das crianças sinalizadas por negligência

O grupo de crianças sinalizadas por negligência em que a medida tomada é o apoio junto dos pais, da CPCJ-BTL, é constituído por 16 crianças. As suas idades variam entre 1 ano e os 16 anos, sendo que a média se encontra nos 9 anos.

Idade das Crianças sinalizadas



Média de idades: 9 anos

Gráfico 1

Todas as crianças envolvidas frequentam estabelecimentos de ensino públicos ou privados do concelho da Batalha. Apenas duas bebés depois de saírem do estabelecimento de ensino ficam ao cuidado de uma ama, permanecendo com a mãe somente aos fins-de-semana.

Estabelecimento de ensino que a criança frequenta

Estabelecimento de Ensino	Nº de crianças utilizadores
Agrupamento de Escolas da Batalha	11
Jardim de Infância do Moinho de Vento	2
Jardim de Infância da Cilinha	1
Colégio de São Mamede	2
Total	16

Tabela 3

3.1.2. Caracterização da pessoa de referência

A pessoa de referência das crianças é maioritariamente a mãe. Estas têm idades compreendidas entre os 18 anos e os 46 anos de idade, ver tabela 4, sendo a média de idade das mães de 35 anos. Quanto ao nível de escolaridade, ver tabela 4, apenas duas mães têm o ensino secundário, uma o 3º ciclo do ensino básico completo e duas incompleto, 3 mães têm ainda o 2º ciclo do ensino básico completo e 3 apenas o 1º ciclo do ensino básico. Tal como, no estudo de Jeni Canha (2003) “nenhum [progenitor] tinha nível superior” (p.87), o que permite fazer a leitura que os maus tratos recaem muito sobre famílias com baixo nível de escolaridade.

Quanto à profissão que exercem, ver tabela 4, a maioria trabalha na prestação de serviços a tempo inteiro e parcial, sendo os serviços de limpeza os que prevalecem, depois temos duas empregadas fabris, uma empregada de balcão, uma auxiliar de cozinha e uma cantoneira. Em situação de desemprego temos duas mães e uma mãe de baixa sem vencimento. No geral, são mães com baixos rendimentos mensais, onde o ordenado mínimo é uma realidade comum. Mais uma vez, vamos ao encontro das semelhanças com o estudo da Jeni Canha (2003) “a categoria profissional (...) na sua esmagadora maioria enquadrava-se nos escalões mais baixos da nossa sociedade, sem qualquer diferenciação ou qualificação” (p.159).

Caraterização da pessoa de referência da criança

Parentesco	Idade	Nível de escolaridade	Profissão
Mãe	36	12º ano	Auxiliar de cozinha
	28	12º ano	Desempregada
	29	9º ano	Empregada Fabril
	18	7º ano	Empregada de Limpeza a part-time
	22	7º ano	Empregada de balcão
	39	6º ano	Baixa sem vencimento
	39	6º ano	Empregada Fabril
	41	6º ano	Trabalho em <i>Par-time</i>
	42	4ª classe	Cantoneira
	46	4ª classe	Desempregada
	46	4ª classe	Empregada doméstica

Tabela 4

3.1.3. Caracterização das famílias

No gráfico 2, abaixo apresentado, podemos fazer uma leitura do tipo de famílias que constituem a nossa amostra. Esta caraterização foi difícil devido à complexidade das orgânicas familiares. Predominam as famílias nucleares (Relvas, 1996) que são quatro, a família C, E, H e L. Depois as famílias monoparentais (Portugal, 2010). Nestas temos a monoparentalidade por divórcio, a família G, tal como a família J e M. estas duas últimas juntaram-se a outros elementos familiares, como uma tia e os avós, o que as transformou em famílias alargadas (Almeida, 2001). Também a família I é uma família alargada porque a jovem mãe ainda vive com a avó da criança. O pai da criança nunca fez parte desta família. Mais uma vez estamos perante uma família monoparental alargada. Ainda temos uma nova família (Gameiro, 1998), a família A, e outra nova família alargada, a B, em que a esta nova família se juntou a avó da criança. Por fim, temos uma família alargada, a D, onde vivem os tios e um avô, das crianças. Verificamos que estamos perante famílias com vários elementos e “o agregado familiar numeroso tem sido considerado um fator (sic) favorecedor do aparecimento do mau trato” (Canha, 2003, p.160).

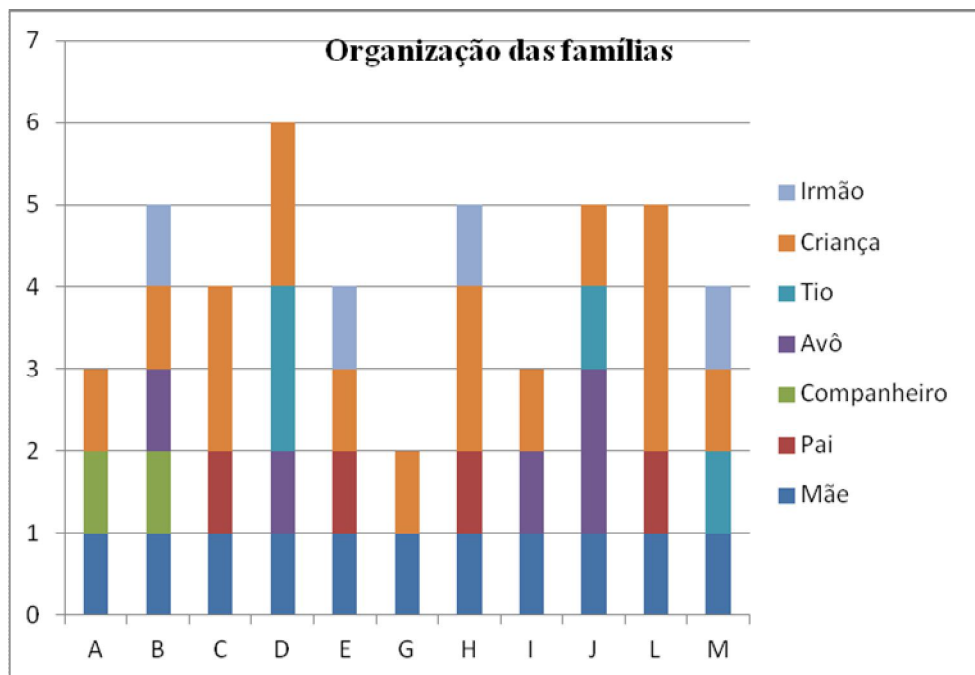


Gráfico 2

No seguinte gráfico 3, apresentamos o elemento do agregado que é identificado como sendo quem exerce mais autoridade, tanto na casa como sobre a criança. Este elemento é quase sempre a mãe, coincidindo com a pessoa de referência da criança. Apenas uma família assume que a autoridade é partilhada em ambas as situações. Numa outra família é o pai que exerce a autoridade em casa, mas perante a criança é a mãe. Temos também, uma família em que a avó exerce a autoridade em casa, mas sobre a criança é a mãe. E, por fim, temos uma família em que a autoridade em casa é exercida pelo avó e sobre a criança é o pai.

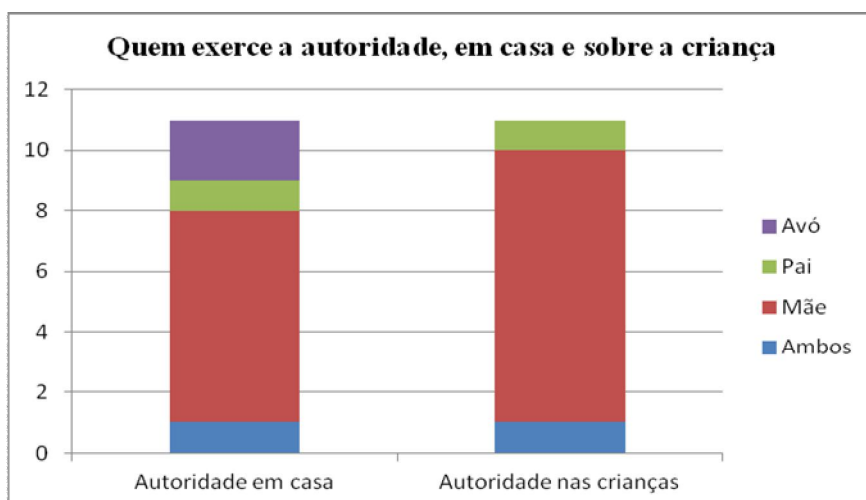


Gráfico 3

Esta autoridade é, segundo os entrevistados, exercida através do ralar. Na nossa amostra das onze pessoas inquiridas, seis dizem que apenas ralham, duas ralham e castigam, uma diz que ralar não vale de nada e parte imediatamente para o castigo e outras duas referem que não usam os castigos porque são ainda muito bebé.

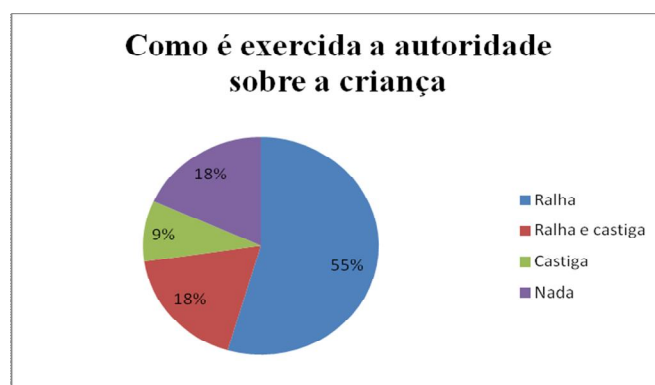


Gráfico 4

Avaliamos, ainda, o que os entrevistados consideram quanto ao seu nível de saúde, ver tabla 5. Apenas duas pessoas se consideram com uma saúde menos boa. As restantes nove pessoas dizem-se completamente saudáveis. A questão da saúde é pertinente para percebermos se a funcionalidade ou disfuncionalidade advém de uma característica externa, como é o caso da saúde. Temos a família E em que a mãe tem deficiência física. Esta condição de saúde privou-a de estudar e de manter um emprego, o que consequentemente enfraqueceu a sua formação como mãe e como pessoa, e com isso, temos um a mãe negligente por incompetência parental involuntária (Magalhães, 2004) vivendo em condições de pobreza. A família M refere que tem o colesterol alto o que não interfere com a sua capacidade parental. Podemos constatar que a saúde não é o fator base de relevância neste estudo. Ainda assim, podemos verificar que a saúde influencia, em alguns casos, a capacidade parental.

Saúde	
	%
Sim	82%
Não	18%

Tabela 5

No gráfico 5 observamos o consumo de estupefacientes que é uma realidade, mas a um número reduzido. Apenas um pai é consumidor de drogas, e dois consomem álcool com alguma frequência. Todas as restantes oito famílias não consomem, nem drogas e nem álcool.

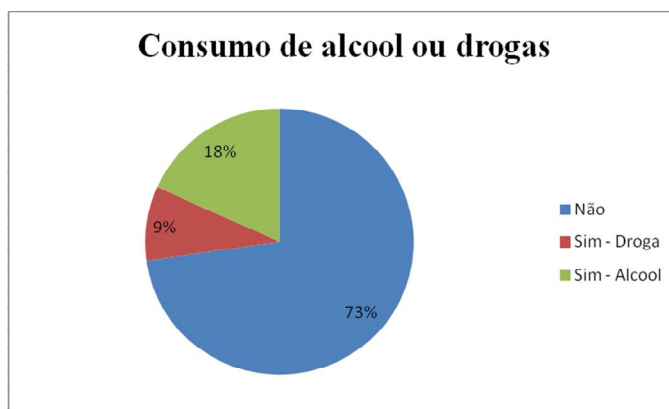


Gráfico 5

Anteriormente verificámos o nível de escolaridade das mães das crianças, agora com o gráfico 6, podemos fazer uma leitura de quem é que na família tem o maior nível de escolaridade. Temos o 9º ano que predomina com 4 pessoas, seguido de 3 pessoas que têm o 12º ano.

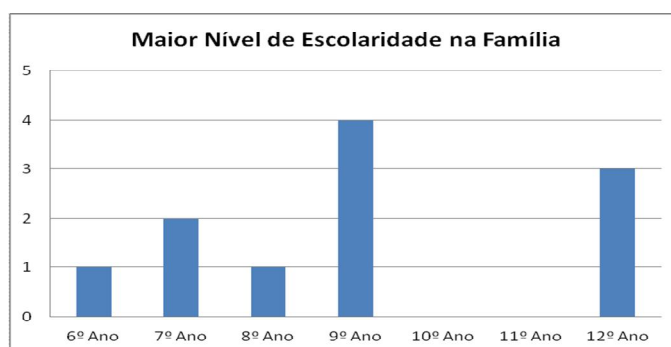


Gráfico 6

3.1.4. Caraterização do nível sócioeconómico das famílias

O gráfico nº2, atrás apresentado, permite-nos fazer a leitura de quantos elementos se constituem as onze famílias do nosso estudo. Esse número é de 46 pessoas. Tendo em conta que dessas 46 pessoas, 16 são as crianças vítimas de mau trato por negligência, e as restantes 30 pessoas, maiores de idade, são a mão-de-obra que garante o sustento destas respetivas famílias. Fizemos o levantamento das fontes de rendimentos e verificamos o seguinte (ver tabela 4): das 30 pessoas apenas 17 têm como fonte de rendimento o trabalho, o que dá uma média de 1,5 pessoas por família. Depois temos os subsídios ganhos por 9 pessoas que dá uma média de 0,8 pessoas por família, isto demonstra, que em cada família há uma fonte de rendimento por subsídio, que se dividem entre o subsídio de desemprego, a reforma, principalmente dos avós e a pensão de alimentos que os pais, de casais divorciados, têm que dar às mães. E, ainda, importante referir que 10 pessoas têm ajudas pontuais, que se distribuem pelo: Loja Social da Batalha, ajuda mensal, no vestuário e alimentos e a ajuda do PCAAC, ajuda anual, com alimentos. O que dá uma média de 0,9 pessoas por família. Podemos concluir que estamos perante famílias com baixos rendimentos *per capita*. Este facto resulta de dois fatores: primeiro porque por família não chegamos a ter 2 pessoas que trabalhem e que a maioria das famílias, que são 8, têm um agregado familiar acima dos 3 elementos, apenas 2 famílias são constituídas por 3 elementos e uma família por 2 elementos. E, segundo, pelo facto de terem baixos salários ou terem subsídios.

Fontes de rendimentos das famílias		
Fontes de rendimento	Ocorrências	Média/família
Trabalho	17	1,5
Subsidio	9	0,8
Ajudas pontuais	10	0,9

Tabela 6

Assim, podemos verificar que nas onze famílias da nossa amostra, a criança vítima de mau trato por negligência, se situa maioritariamente na terceira infância (Papalia, 2006). A pessoa de referência destas crianças é a mãe e é ela que exerce a autoridade. Estas são mulheres com baixo nível de escolaridade e com baixos rendimentos, sendo parte destes resultantes de subsídios. São agregados constituídos por vários elementos e não é

relevante o consumo de drogas ou álcool. Consideram ter um bom nível de saúde. Estas conclusões vão ao encontro do estudo da Jeni Canha (2003), dado que, as famílias aqui apresentadas apresentam um baixo nível social, económico e cultural, tal como refere a autora, “os maus tratos são mais frequentes nas famílias de mais baixo nível social, económico e cultural” (Canha, 2003, p.159).

3.2. Entrevista

A análise qualitativa das entrevistas divide-se em duas partes. Na primeira é feita uma análise de conteúdo das histórias de vida, que constitui o *corpus* representativo para a consequente apresentação dos índices que nos mostram as funcionalidades e disfuncionalidades das famílias. A segunda parte diz respeito aos resultados obtidos após a análise de conteúdo, na qual se categorizou os índices à *posteriori*, baseados na fundamentação teórica.

Daqui foi possível extrair um conjunto de índices que correspondem às características das competências parentais que determinam as funcionalidades ou disfuncionalidades. Consequentemente verificamos a sequência dos ciclos geracionais, fazendo uma análise da infância da mãe da criança, da infância do pai da criança e por fim da atual infância da criança sinalizada pela CPCJ-BTL, numa tentativa de perceber se existe uma relação geracional para o comportamento de mau trato por negligência. Ao confrontarmos os três ciclos geracionais, podemos verificar, ou não, se a disfuncionalidade desencadeia disfuncionalidade ou o contrário. Assim, havendo um ciclo funcional e outro disfuncional, que ciclo proporciona à atual criança ou ao atual ciclo geracional. Ainda, os índices disfuncionais dos atuais ciclos geracionais da criança, são o mote para uma proposta de um programa de educação parental mais ajustado e emergente das necessidades das famílias a serem trabalhadas.

As mães aqui entrevistadas, no geral, sentiram-se bem por estarem a ser ouvidas e por poderem fazer parte de um estudo de investigação. Todas levaram muito a sério este momento e sentiram-se valorizadas. Consequentemente estavam um pouco nervosas porque queriam dar o seu melhor, esta tensão inicial foi-se diluindo no decorrer da entrevista, e sem se aperceberem o discurso em cada resposta foi-se alargando e fluindo naturalmente.

3.2.1. Índices funcionais e disfuncionais dos ciclos geracionais do universo de estudo, a análise de conteúdo

Os índices definidos nas tabelas abaixo identificadas foram baseados na fundamentação teórica, muito em particular nas ideias apresentadas pelos autores, Isabel Dias (2004) no estudo da sociologia da família. Quanto ao tipo de família, usamos como referência os autores Ana Paula Relvas (2006), José Gameiro (1998), Ana Almeida (2001) e Alda Portugal (2010). Sobre os direitos da criança o ministério da educação (2006), Natália Soares (2002) e presidência do Concelho de ministros (1999). Ainda dentro dos direitos da criança, no que concerne os maus tratos por negligência, as autoras Jeni Canha (2003) e Teresa Magalhães (2004). Na área da psicologia, no estudo da importância das famílias para o desenvolvimento da criança, novamente Ana Paula Relvas (2006) que é uma autora que atravessa todo este trabalho por ser uma das grandes citadas nos estudos das famílias, Jonh Bowlby (1995) e Costa (s.d.). Quanto à importância da relação precoce para o desenvolvimento, autores como Brazelton (1989) são a nossa referência, bem como, Diane Papalia (2006), ainda João dos Santos (2000), Bowlby (1995), Coimbra de Matos (2006). No que diz respeito à família como espaço privilegiado para o desenvolvimento da inteligência emocional, usamos João dos Santos (2000), Coimbra de Matos (2006) e Bettelheim (2003). Quanto ao tema da educação parental demos como referência as ideias Ribeiro (2003) e João dos Santos (2000). Nos estilos parentais Oliveira (1994) e Rivero (2006). Nas competências parentais Jonh Bowlby (1995), Diane Papalia (2006) e novamente Ana Paula Relvas (2006). E, por fim, quanto aos ciclos geracionais disfuncionais temos Ana Paula Relvas (2006), Melo e Alarcão (2009) e Diane Papalia (2006) com a sua grande obra sobre o desenvolvimento humano.

É com base nos autores Ana Paula Relvas (2006), Diane Papalia (2006), João dos Santos (2000), Jonh Bowlby (1995), Jeni Canha (2003) e Madalena Alarcão (2009) que elaboramos a tabela 1 e 2 onde se encontram inseridos os índices por eles apresentados e que nos permitem realizar a análise de conteúdo.

O que nos leva a definir os ciclos, das nossas famílias, como funcionais ou disfuncionais são a maior ou menor quantidade de índices que os mesmos apresentam. Em caso de igualdade, ou seja, quando se verifica 50% de ambos, optamos

pelo critério de ciclo funcional, ainda que muito fragilizado. A presente análise de conteúdo foi concretizada a partir das entrevistas em anexo que contém nomes fictícios (anexos V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII e XIV).

Família A			
Infância	História de vida	Índices	Ciclo geracional
Mãe	<i>"pais eram conservadores"</i>	* Modo de vida tradicional	* Disfuncional
	<i>"a minha mãe era aquela pessoa que não queria saber da gente para nada"</i>	* Abandono afetivo	
	<i>"Não queria saber, ela não era mã, a minha mãe nunca me bateu"</i>	* Falta de relação	
	<i>"não me lembro dela me dar um beijo"</i>	* Falta de amor materno	
	<i>"tinha 16 anos e fiquei grávida, a minha mãe, o problema dela era a vergonha e, o meu pai não, era o meu sofrimento. A diferença era essa"</i>	* Fraco relacionament o familiar	
Pai	<i>"ele foi bem tratado, ele é um menino! Ele é um menino, se calhar é isso. Ele é o mais novo de 6 irmãos, ele foi, ele costumava dizer que a irmã que era como sendo a mãe (...) eu penso que foi a vida já em adulto que lhe fez dar a volta à cabeça. Não é má pessoa, não é uma pessoa violenta, nada disso. Mas que está tá pirado"</i>	* Responsabilid ades parentais descuidadas	* Disfuncional
	<i>"houve ali uns problemas com ele que nunca foram cuidados"</i>	* Problemas de foro psicológico	
Criança	<i>"quando nos separamos"</i>	* Divórcio	* Disfuncional
	<i>"eu fiz, mas foi a única solução, foi dar-lhe uma malha de porrada, então não é que o homem ficou melhor"</i>	* Conflitos conjugais	
	<i>"3, 4 anos sempre ali a farinha e tentar virar a cabeça à miúda"</i>	* Poder do pai sobre a vulnerabilidad e da criança	
	<i>"tentaram sempre vira-la contra mim e contra o irmão"</i>	* Desorganizaçã o familiar	
	<i>"às vezes eu acho que isto é quase um milagre: a miúda, no fim de tanta confusão, estar tão apumadinha"</i>	* Pai permissivo	
	<i>"Se ela queria tar lá ela tava lá, se queria tar cá, tava cá. Se resolvesse vir para aqui e, uma hora depois quisesse ir para lá, tinha que ir"</i>		

Tabela 7

Família B			
Infância	História de vida	Índices	Ciclo geracional
Mãe	<i>"do que eu me lembro foi ótima"</i>	✓ Ambiente estimulante	Funcional

	<p><i>"também tive tudo o que os meus pais me puderam dar"</i></p> <p><i>"os meus pais fizeram o melhor que puderam e nós éramos 3 irmãos"</i></p> <p><i>"Eu adorava a escola, inclusive eu ganhei o prémio de melhor aluna da 4ª classe"</i></p> <p><i>"quando conheci o pai do Luís desisti da escola e foi o maior erro da minha vida"</i></p> <p>"Agora, enquanto adulta, acha que foi vítima de maus tratos? Não. Nada, está fora de questão mesmo."</p>	<p>✓ Amor</p> <p>✓ Organização familiar</p> <p>✓ Estímulos educativos</p> <p>✗ Abandono escolar</p> <p>✓ Saúde mental da família</p>	
Pai	<p><i>"foi que teve que andar em psicólogos. Prontos que a mãe o pôs em psicólogos porque ele não andava bem psicologicamente"</i></p> <p><i>"se calhar [os pais] trataram-no bem de mais. É o que eu costumo dizer, se calhar o que ele tem agora é muito mimo, é o menino dos papás e, que isso também se calhar, o está a prejudicar um bocado"</i></p> <p><i>"Não quer dizer que sejam maus tratos, não quer dizer...eu acho que é mesmo a nível psicológico, há ali alguma coisa que falha ali."</i></p>	<p>✗ Problemas de foro psicológico</p> <p>✗ Pais permissivos</p> <p>✗ Problemas de foro psicológico</p>	Disfuncional
Criança	<p><i>"tinha 16 anos, namorei até aos 19 anos, aos 19 engravidei, entretanto o Luís nasceu"</i></p> <p><i>"Ao fim de 9 meses tive que lhe dizer: "olha segues a tua vida que eu vou seguir a minha porque não dá"</i></p> <p><i>"ele assistiu a muita guerra entre mim e o pai, não é, porque existiam, podiam não ser físicas mas verbais, existiam"</i></p> <p><i>"eu quando comecei a aperceber-me desta situação eu fui ao tribunal"</i></p> <p><i>"Ficou estipulado que ele o levaria ao fim de semana de 15 em 15 dias"</i></p> <p><i>"Chegava a casa dizia que tinha medo que não queria ir para o pai, porque o pai deixava-o sozinho em casa. Que o pai deixava-o ir brincar sozinho para a rua com o filho da madrasta"</i></p> <p><i>"partir de hoje não vês mais um cêntimo meu e não vou buscar mais o Luís". Até hoje nunca mais veio"</i></p> <p><i>"vê-se que este pai não está mesmo disposto a cumprir com a relação de pai"</i></p> <p><i>"O Luís está muito perturbado"</i></p> <p><i>"Foi a minha avó que veio para aqui e eu fiquei com medo que ela me quisesse levar"</i></p> <p><i>"eu noto que o Luís é uma criança psicologicamente afetada, é muito nervoso"</i></p>	<p>✗ Mãe jovem</p> <p>✗ Divórcio</p> <p>✗ Conflitos conjugais</p> <p>✗ Desorganizaçã o familiar</p> <p>✗ Pai negligente</p> <p>✗ Pai ausente</p> <p>✗ Maus tratos psicológicos e emocionais</p>	✗ Disfuncional

Tabela 8

Família C			
Infância	História de vida	Índices	Ciclo geracional
Mãe	<i>"A minha infância foi normal. Para mim foi normal, tá bem que o meu pai na altura bebia. O meu pai teve uns anos que bebeu muito e às vezes quando chegava a casa as coisas não corriam assim...nunca nos bateu atenção! Nunca nos tratou mal"</i>	✗ Comportamentos desviantes	✓ Funcional
	<i>"a minha mãe engravidou para se casar. Fizeram a gravidez mesmo para se casarem porque gostavam um do outro"</i>	✓ Relação de amor	
	<i>"Começaram [os pais] a trabalhar muito cedo, muito novos, toda a vida. Ainda hoje a minha mãe trabalha. Trabalha ali no mesmo sítio que eu, na Derone"</i>	✓ Família nuclear	
	<i>"Fui sempre a menina mimadinha"</i>	✓ Amor	
Pai	<i>"Mas não sei assim...tanto ele como o irmão sempre lidaram muito com o pai, trabalhavam os três juntos. Começaram a trabalhar muito cedo e eram os três juntos na construção"</i>	✓ Bom e íntimo relacionamento entre os pais e os filhos	✓ Funcional
	<i>"depois de ter os filhos acho que ficou sempre em casa"</i>	✓ Cuidados maternos	
Criança	<i>"Mas não casei grávida! Vou fazer 10 anos de casada agora dia 9 de novembro. Casei-me ainda não tinha vinte anos, fiz logo a seguir em dezembro."</i>	✓ Desejo de ter um filho	✓ Funcional
	<i>"Para mim para ser mãe, oh se é mãe cedo ou então não vale a pena"</i>	✓ Organização familiar	
	<i>"É como eu faço! É ir para o trabalho, vir para casa, fazer jantar, dar banho e oh mais o meu homem ajuda-me muito."</i>		
	<i>"Considera que é bem tratada pelo seu marido? Agora sou, presentemente sou. Se fosse à uns anos atrás, não! Pois, discutia-se bastante!"</i>	✗ Conflitos conjugais	
	<i>"Ser mãe é bom. É a melhor coisa que uma mulher pode ter é os filhos!"</i>	✓ Cumprir o ciclo vital da família	
<i>"E eu só lhe digo, muitas vezes, vocês têm que fazer o que o pai e mãe mandam que a gente se repreende e diz é só para vosso bem, mais nada!"</i>	✓ Estilo educativo participativo		

Tabela 9

Família D			
Infância	História de vida	Índices	Ciclo geracional
Mãe	<i>"A minha infância foi calma"</i>	✓ Felicidade	✓ Funcional (quebrou e passou a disfuncional)
	<i>"Sim vivíamos bem e davam-se bem. Até aos 15 anos vivemos sempre bem. Era raro o meu pai e a minha mãe discutirem, quase nada, nem me lembro sequer de ouvir ralar um com o outro nem nada"</i>	✓ Bom relacionamento entre pais	
	<i>"A minha mãe ralhava, mas a gente também se portava mal, não é! Mas mais de resto de violências, nunca houve nada, era"</i>	✓ Limites educacionais	

	<p><i>calmo"</i></p> <p><i>"Quando a minha mãe morreu, eu tinha 15 anos. Os meus irmãos tinham...um tinha 14 e o outro ia fazer 13, quando ela morreu. Aí fiquei um bocadinho instável. O meu pai trabalhava na altura, nós andávamos na escola e aí fiquei um bocadinho instável, tinha más companhias, ia para todos o lado com elas. Depois deixei de estudar com 16. O meu pai apanhou um esgotamento e eu comecei a trabalhar com 16 anos num café."</i></p>	<p>✓ Morte da mãe</p> <p>✗ Estado depressivo do pai</p> <p>✗ Abandono escolar</p>	
Pai	<p><i>"Os pais dele ainda são casados e dinheiro sim. Agora estão a passar uma fase mais complicada. A infância dele, pelo que eu sei, é uma família, ele não é às direitas, tem altos e baixos, mas são todos os irmãos. Ele começou a consumir drogas tinha 20 anos, acho eu, ele está com 27 anos"</i></p> <p><i>"Aquilo é uma família fechada. O pai dele é um homem, nota-se nele que é triste, não tem alegria. Não é capaz de se sentar à mesa e conversar com os filhos"</i></p> <p><i>"A mãe deixa-os fazer tudo aquilo que eles querem. Não é má. O problema dela é dá-lhes tudo aquilo que eles querem. É não dizer não, quando é preciso e eles têm muita liberdade da parte da mãe"</i></p>	<p>✓ Família nuclear</p> <p>✗ Comportamentos desviantes</p> <p>✗ Falta de comunicação</p> <p>✗ Estilo educativo permissivo</p>	✗ Disfuncional
Criança	<p><i>"eu desorientei-me um bocadinho, mas continuei sempre a trabalhar. Saía todos os dias à noite, depois é que conheci o meu marido, ia fazer 19 anos. Começamos a namorar e foi até agora"</i></p> <p><i>"Depois começou a namorar com ele e engravidou. Foi planeado? Não."</i></p> <p><i>"pouco tempo depois de eu ter engravidado. Estava quase a ter a menina quando ele começou [voltou] a consumir. Foi lá um colega dele a casa, que fazia anos, levou-lhes o pó e ele a partir daí começou outra vez!"</i></p> <p><i>"Mesmo ele consumindo, continuaram juntos? Sim, porque ele não me tratava mal, pelo contrário, tratava-me ainda melhor"</i></p> <p><i>"Sim, [engravidou] sem querer. Devia ter a Anita 7 ou 8 meses, aliás 9 meses, quando engravidei da segunda."</i></p> <p><i>"[o pai] assistiu ao parto da mais nova? A menina nasceu a dia 8 de setembro e ele só foi preso em dezembro"</i></p> <p><i>"em novembro nós fomos para Bragança, porque como ele consumia, a casa não tinha grandes condições onde nós estávamos e a proteção fez-nos pensar. Ou nós tomávamos uma decisão: se entregávamos as meninas a alguém de família, até nos orientarmo-nos, ou iam para uma instituição. (...) E eu tinha a família em Bragança. (...) os meus avós aceitaram-nos às três e nós fomos."</i></p>	<p>✗ Comportamentos desviantes</p> <p>✗ Disfuncionamento do ciclo vital da família</p> <p>✗ Consumo de drogas</p> <p>✗ Maternidade solitária</p> <p>✗ Pai preso</p> <p>✗ Desorganização familiar</p>	✗ Disfuncional

	<p>[atualmente] "as da proteção acharam melhor ficar a D. Isaltina com as meninas (que é a ama?), sim que é a ama. E, ela agora assinou o acordo. Fico responsável pelas meninas e a D. Isaltina fica responsável também porque elas ficam em casa dela de noite"</p>	<p>✗ Privação da criança à família</p> <p>✓ Há uma pessoa de referência</p>	
--	--	---	--

Tabela 10

Família E			
Infância	História de vida	Índices	Ciclo geracional
Mãe	"o meu tio vinha tão bêbado que deu uma paulitada ao burro e o burro vai e avança para a frente. Veio um caminhão do lado de Leiria, atropelou-nos a gente. "	✗ Alcoolismo	✗ Disfuncional
	"Então você teve um acidente aos 6 anos? Sim. E até que idade andou em tratamentos? Eu saí de lá do Alcoitão com 11 anos."	✗ Privação da criança à família	
	"Vai o meu pai tinha lá uma tábua, deu-me com uma tábua no cu"	✗ Maus tratos físicos	
	"eu perdi o andar quando tive o acidente. A minha mãe quando era para ir comigo ao hospital, levava-me ao colo"	✗ Deficiência	
	"A minha mãe tratou-me como pode, olha!"	✗ Classe social e cultural baixa	
Pai	"O pai dele matou-se, eu não conheci o pai dele. Ele conta que o pai dele queria matar a mãe dele, com veneno, e queria matar o irmão e queria matar uma irmã dele mais nova com veneno"	✗ Insucesso mental	✗ Disfuncional
	"Era uma boa mãe."	✗ Maternidade solitária	
Criança	"Tinha a minha filha e tinha o meu José. A minha filha atravessou-me a estrada, veio lá um carro, matou-ma logo"	✗ Limitações na vigilância às crianças	✗ Disfuncional
	"Considera que o seu marido a trata bem? Trata-me muito mal. Foi sempre assim ou é mais recentemente? Agora menos. Já levei muita porrada dele. Já levei, já me pôs no hospital muitas vezes."	✗ Violência doméstica	
	"Eu já lá tinha 2 bacias de roupa, peguei nelas e vim traze-las para casa da minha mãe num táxi. A minha mãe viu a roupa assim, já cheia de bichos e tudo"	✗ Desorganizaçã o familiar	
	"Ele tem andado em tribunais por causa do álcool"	✗ Alcoolismo	
	"e eu se quiser comer tenho que andar a pedir para os meus filhos não andarem a passar fome"	✗ Pobreza	
	"o meu filho é muito amigo de me ajudar, ele é muito pronto...vê a minha situação, vê coisas que eu não posso fazer, ajuda-me"	✗ Mãe com deficiência física	
	"e depois quem atura as bebedeiras sou eu, ah e os filhos. E depois não deixa dormir ninguém de noite, isto é que é o carago!"	✗ Conflitos conjugais	

	<i>"Vai, agarrei-lhe na mala, tirei-lhe as coisas para fora, vai fazer os trabalhos, já! Se não levas com um bocado do cinto deixo-te enjonjado, caraço!"</i>	✗ Maus tratos psicológicos e emocionais	
--	---	---	--

Tabela 11

Família G			
Infância	História de vida	Índices	Ciclo geracional
Mãe	<i>"A minha infância foi estudar até ao 6º ano"</i>	✗ Abandono escolar	✓ Funcional
	<i>"Não era aquela exigência que tínhamos que ajudar mesmo. Fazíamos só a lida da casa."</i>	✓ Regras estabelecidas	
	<i>"Enquanto adulta acha que foi bem tratada pelos seus pais? Foi do melhor! Uma boa infância? Foi. Não ralhavam, não batiam? Não, isso está fora de questão. Mas podiam dar uma palmadita. Não, mas não, nunca me lembro."</i>	✓ Bom relacionament o entre os pais e os filhos	
	<i>"A minha mãe era mais doméstica e o meu pai trabalhava no campo"</i>	✗ Modo de vida tradicional	
Pai	<i>"Ele, penso que sim, pelo que eu conheço sim, teve uma boa infância."</i>	✓ Cumprimento do ciclo vital da família	✓ Funcional
Criança	<i>"E o pai da Beatriz enquanto marido tratou-a bem? Durante 15 anos sim, tratou."</i>	✗ Conflitos conjugais	✓ Funcional
	<i>"E estão separados há muito tempo? Não que ele só saiu em fevereiro do ano passado" (20 meses).</i>	✗ Divórcio	
	<i>"Nem é assim uma menina muito difícil para comer, nem mal-educada, nunca me falta ao respeito. É uma menina normal, à vista de muitas mães que me falam dos filhos, acho que é muito exemplar a minha filha."</i>	✓ Limites educacionais ✓ Amor materno	

Tabela 12

Família H			
Infância	História de vida	Índices	Ciclo geracional
Mãe	<i>"somos dez filhos, a minha mãe teve dez filhos. Foi complicada pois foi, dez filhos e só o meu pai a ganhar. Pronto naquela altura, pronto, dizer que passei fome, não, não passei fome, mas era complicado."</i>	✗ Situação económica e social desfavorável	✗ Disfuncional
	<i>"não tinha assim nada que eu possa dizer que fui sacrificada a fazer isto ou aquilo, não! Brincava."</i>	✓ Educar para serem felizes	
	<i>"o meu pai nunca me bateu, ele nunca, prontos...era uma pessoa que chegava de manhã à noite ao trabalho"</i>	✗ Responsabilid ade parental reduzida	
	<i>"Tiraram-me da escola para ir trabalhar."</i>	✗ Abandono escolar	
	<i>"o meu pai era muito trabalhador, a minha mãe era doméstica, fazia umas horas de limpeza"</i>	✗ Dificuldades financeiras	

Pai	<i>"Os pais dele eram pessoas assim, tal e qual como os meus pais também, prontos, pessoas não ricas, que é mesmo assim, prontos. O meu sogro era reformado, teve 6 filhos e pronto viviam também na medida dos possíveis."</i>	✗ Situação econômica e social desfavorável	✗ Disfuncional
	<i>"Tem a 6ª classe depois foi trabalhar, também! Prontos para ajudar os pais e isso assim, que o pai era reformado."</i>	✗ Abandono escolar	
	<i>"Sempre foram muito amigos de se ajudarem uns aos outros. Ele tem mais irmãos, não é, todos trabalhavam, todos ajudavam para a casa."</i>	✓ Bom relacionament o entre os pais e os filhos	
Criança	<i>"casei com 18 anos, fiz os 18 em abril, casei em maio com o meu marido que é hoje, estou casada há 28 anos, opá uns dias melhores, uns dias piores, mas vai-se indo"</i>	✗ Classe social e cultural baixa	✗ Disfuncional
	<i>"porque é só ele a trabalhar, eu não consigo trabalho, também já tenho uma certa idade."</i>	✗ Desemprego	
	<i>"Às vezes a paciência já não...já tenho uma certa idade também, tenho 46 anos, e às vezes a minha paciência já...(pausa), mas tem de ser!"</i>	✗ Maternidade solitária	
	<i>"sou sinalizada na comissão porque houve um problema com a minha Carla. Eu atrasei-me um pouco com, uns meses que o meu marido não recebia ordenado, (...) E, eu atrasei-me um pouco nas prestações dos almoços da Carla"</i>	✗ Pobreza	
	Observação do entrevistador: nas 2 visitas efetuadas a casa estava sempre desarrumada, roupa espalhada por todo o lado e a mesa de jantar sempre cheia de tudo.	✗ Desorganização	

Tabela 13

Família I			
Infância	História de vida	Índices	Ciclo geracional
Mãe	<i>"Brinquei muito e fui sempre feliz."</i>	✓ Felicidade	✗ Disfuncional
	<i>"Sempre vivi com a minha mãe"</i>	✗ Família monoparental	
	<i>"A minha mãe está separada do meu pai já há muitos anos, era eu pequenina!"</i>	✗ Divórcio	
	<i>"Ele foi uma pessoa presente ao longo do seu crescimento? Não. Aparecia. Ia de vez em quando a casa dele, mas era rara as vezes."</i>	✗ Pai ausente	
	<i>"Considera-o um bom pai? Não. Alguma vez lhe fez mal? Não. Nunca me bateu."</i>	✗ Pai negligente	
	<i>"A minha mãe, é uma boa mãe, claro!"</i>	✓ Amor materno	
	<i>"Financeiramente, sempre tiveram dificuldades? Sim."</i>	✗ Pobreza	
Pai	<i>"Quanto ao pai da sua filha, sabe como foi a infância dele? Não."</i>		Inconclusivo
	<i>"Não conhece os pais dele? Não."</i>		
	<i>"Não sabe nada dele? Não."</i>		

Criança	<i>"Mas está feliz por ser mãe aos 17 anos? Sim. Porque não foi planejado? Não."</i>	✗ Classe social e cultural baixa	✗ Disfuncional
	<i>"Mas não vivem juntos? Não. E pensam ir viver juntos? Humm, talvez não!"</i>	✗ Pai ausente	
	<i>"E ele gosta da criança, visita-a? Sim e ajuda-a. Paga a pensão? Ainda não." "E a si, ele trata-a bem? Trata."</i>	✗ Imaturidade relacional	
	<i>"Os pais dele [do pai da criança] aceitam a vossa relação? Não, não aceitam."</i>	✗ Família monoparental	
	<i>"Você e a sua mãe têm um papel semelhante perante a sua filha? É, a minha filha e a minha sobrinha. É porque a minha mãe não sabe ler nem escrever e tenho que ser eu a andar em cima da minha sobrinha senão...as coisas da escola..."</i>	✗ Pobreza	
	<i>"Financeiramente, sempre tiveram dificuldades? Sim."</i>		

Tabela 14

Família J			
Infância	História de vida	Índices	Ciclo geracional
Mãe	<i>"A minha infância, não foi assim, não foi nada de especial, pronto!"</i>	✗ Vulnerabilidade	✗ Disfuncional
	<i>"um supermercadozito de uma senhora que era a Lurdes, então passava lá muito mais tempo. O meu irmão era com a padeira."</i>	✗ Desorganização familiar	
	<i>"Trabalhávamos mais na fazenda, ir buscar lenha. Em casa não me lembro assim"</i>	✗ Situação económica e social desfavorável	
	<i>"Depois chegou uma determinada altura dos meus 7/8 anos, foi um bocadito mais complicado mas ninguém sabe, então fui...tive assim...não foi uma violação consumada mas foi! Pronto fiquei assim...pronto, sei quem é mas nunca disse nada a ninguém. Depois a minha irmã nasceu. Ah e o meu pai era muito alcoólico. Ele teve na Guiné e uma mina arreventou e ele veio todo...pronto...veio..." (...)</i> "Então começou a beber, era todos os dias!"	✗ Abusos sexuais	
	<i>"depois também tive a situação de apanhar a minha mãe a enganar o meu pai"</i>	✗ Comportamentos desviantes	
	<i>"a minha mãe (...) não era assim uma pessoa de acarinhar os filhos e depois fazia a vida dela."</i>	✗ Abandono afetivo	
	<i>"Mas foram pais um bocadinho ausentes? Ausentes, sim!"</i>	✗ Postura ausente no ato de educar	
Pai	<i>Porque ele também perdeu o pai muito cedo e depois andou de casa em casa e pronto!"</i>	✗ Morte do pai	Disfuncional
	<i>"Fez o que quis? Foi. Andava de família em família. Ah depois andava lá ao deus de ará, é, prontos!"</i>	✗ Abandono	

Criança	<i>"conhecemo-nos por fotografias, começamos a namorar por cartas e depois quando ele cá chegou praticamente fomos logo viver juntos."</i>	* Ignorância	Disfuncional
	<i>"Cinco anos que, prontos, eu é que dava sozinha, ah, ele vinha para a Batalha, embebedava-se! Tinha maus tratos..."</i>	* Alcoolismo	
	<i>"Ainda tivemos 5 anos e depois eu pensei em engravidar a ver se ele mudava (...) foi uma gravidez muito, muito difícil. Porque ele chegava a casa bêbado, empurrava-me da cama, já com uma barrigota já grande, e aí também apanhei outra vez a enganar, a telefonar para a...uma antiga namorada"</i>	* Violência doméstica	
	<i>"Depois os 3 dias que lá [no hospital] tive aparecia lá todo bêbado, outros dias não aparecia (...) vim para casa comecei a fazer as coisas, pronto com o meu filho, ligar mais ao filho do que propriamente ao pai (...) Voltou ao mesmo [a beber] e depois tinha muitos ciúmes do filho."</i>	* Conflito conjugais * Maternidade solitária	
	<i>"Não, já estava separada, não havia nada a fazer porque fartei-me, fartei-me!"</i>	* Divórcio	
	<i>"la falar mais comigo que o filho não ligava muito e nunca lhe deu alimentação [pensão de alimentos]."</i>	* Pobreza	
	<i>"o filho já não conhece muito bem o pai"</i>	* Pai ausente	
	<i>"começou a escola apanhou uma professora (...) então ela ralhava muito e fazia coisas que não devia. Puxava os garotos cá para fora de braço, punha-o de castigo. Punha-o a trabalhar sozinho. Punha-o numa mesa cá fora. E, ele aí tornou-se muito, muito rebelde. Tanto que ela fez, foi aí que eu comecei a vir aqui (CPCJ-BTL), ela fez queixa, a denúncia sim, que ele portava-se muito mal"</i>	* Maus tratos psicológicos e emocionais	
Observação do entrevistador: na visita efetuada a casa estava desarrumada, roupa espalhada por todo o lado e a mesa de jantar cheia de tudo.	* Desorganização		

Tabela 15

Família L			
Infância	História de vida	Índices	Ciclo geracional
Mãe	<i>"a minha mãe também a vivia com muitas dificuldades porque o meu pai era muito alcoólico, mesmo! E tratava-a mal e ela andava a ser seguida pela Segurança Social, a pedir ajuda e essas coisas."</i>	* Alcoolismo * Violência doméstica	* Disfuncional
	<i>"fui molestada pelo meu pai, desde os cinco aos oito anos."</i>	* Abusos sexuais	
	<i>"Fui retirada aos meus pais mais a minha irmã (...) fui para casa da minha avó, pó norte."</i>	* Privação à família	
	<i>"fui criada lá em cima, sem...só eu e a minha irmã e os meus avós."</i>	* Pessoa de referência	
	<i>"ela ainda hoje está viva na mesma casa. Ele só saiu de lá quando foi preso."</i>	* Pai preso	

Pai	<i>"A mãe, é assim, quando ele nasceu a mãe abandonou-o, não o quis. O pai andava na guerra, (...) o pai é que o criou lá e depois trouxe-o para cá e prontos e arranjou uma outra pessoa e está até hoje com ele e tem sido criado, foi, é que ele diz, debaixo de porrada, debaixo de toda a maneira de antigamente, muito trabalho e até ao dia que foi maior de idade e foi à vida dele."</i>	<ul style="list-style-type: none"> ✗ Abandono ✗ Maus tratos físicos 	✗ Disfuncional
	<i>[o pai] "Acho que era rígido com os filhos."</i>	✗ Estilo educativo autoritário	
Criança	<i>"Conheci o pai do Joel e da Chica. Aí está as asneiras que a gente faz. É aquela coisa de liberdade"</i>	✗ Imaturidade relacional	✗ Disfuncional
	<i>"É assim, ele nunca me tratou mal, enquanto a gente teve juntos, depois saiu o divórcio é que começou as guerras."</i>	✗ Conflito entre os pais	
	<i>"Foi o maior erro [voltar a juntar-se] (...) Só pelo Adão (...) se ele quiser sair ele que saia. Eu não quero que o Adão passe o que a Chica e o Joel passaram sem pai."</i>	✗ Mãe insegura	
	<i>"Passo a vida toda a fugir. Eu se pudesse também já não estava aqui!"</i>	✗ Modelos inseguros de apego	
	<i>"Fisicamente como psicologicamente por isso é que fomos parar à comissão, várias vezes, porque ele me agride."</i>	✗ Violência doméstica	
	<i>"E ao ponto de eu ir parar ao hospital com um braço partido e coisas do género."</i>		
	<i>"eu é que estou a aguentar a porcaria toda da casa" "há mais não sei quanto meses estão-me a bater à porta, todos os meses os senhorios porque tu não vais lá pagar"</i>	✗ Desorganização familiar	
<i>"ele vai, é capaz de estar ali a moê-los e "fizeste isto e fizeste aquilo"</i>	✗ Pai autoritário		
<i>"O que é mais difícil com os seus filhos? É saber que estou em casa e a qualquer hora ele [o pai do Adão] vai abrir a porta. E, eu pergunto-me logo "vamos ter sossego ou não vamos?"</i>	✗ Maus tratos psicológicos e emocionais		

Tabela 16

Família M

Infância	História de vida	Índices	Ciclo geracional
Mãe	<i>"Eu só me lembro daí dos cinco anos, o meu pai falecer engasgado com um bocado de carne de carneiro, engasgado (...) A minha mãe ficou sozinha com cinco filhos e fomos criando assim aos poucos."</i>	✗ Morte do pai	✗ Disfuncional
	<i>[estudaram?] "Não, não, ninguém conseguiu mais porque tivemos que ir trabalhar para ajudar a minha mãe."</i>	✗ Abandono escolar	
	<i>"Brincadeiras! Às vezes levávamos porrada. Não havia televisão como agora, não é(...) Nem tínhamos luz, era candeeiro a petróleo"</i>	✗ Pobreza	

	<i>"os meus irmãos davam-me porrada que eles eram muita brutos."; "Dos meus pais não, dos meus irmãos fui vítima de maus tratos"; "E à minha mãe também batiam."</i>	✗ Maus Tratos físicos	
	<i>"embebedavam-se, chegavam a casa e davam porrada na gente."</i>	✗ Álcool	
	<i>"A minha mãe devia de começar no álcool (...) Ela começou foi a beber mais lá em casa do outro senhor"</i>	✗ Mãe alcoólica	
	<i>"Ele [companheiro da mãe] até me quis violar. Aos 14 anos ele tentou-me violar."</i>	✗ Abusos sexuais	
	<i>"Ainda não sabia [que ao ter relações sexuais que engravidava], porque comecei a namorar aos três meses apareci grávida. Os meus irmãos deram-me uma malha de porrada, puseram-me de casa para fora mais a minha mãe."</i>	✗ Ignorância	
Pai	<i>"nunca teve mimos de ninguém"</i>	✗ Ausência de afeto	✗ Disfuncional
	<i>"Ele também ficou sem o pai aos 14 anos, que até aí era um homenzinho."</i>	✗ Morte do pai	
	<i>"A mãe era muito pobrezita, assim que andava sempre escondida"</i>	✗ Isolamento	
Criança	<i>"pai do meu Adriano também era solteiro. Mas também gostava do álcool depois juntámo-nos os dois" [a beber]</i>	✗ Alcoolismo	✗ Disfuncional
	<i>"andava a tentar mesmo desistir com o álcool, por causa do meu filho (...) Mas o vício é uma grande droga! É difícil sair!"</i>		
	<i>"ele [o pai] nunca foi carinhoso, nunca teve mimos de ninguém e também para o filho é igual."</i>	✗ Pai ausente	
	<i>"desaparecer não desapareceu de Portugal, ele está cá."</i>		
	<i>"Sempre, sempre as conversas eram sempre as mesmas"</i>	✗ Conflitos conjugais	
	<i>"Ele dá porque eu fui tratar dos papéis a tribunal, ele dá-me a pensão, mas o prazo era até dia oito e ele não está a cumprir quase mês nenhum."</i>	✗ Pai negligente	
	<i>"Eu tenho melhorado um bocadinho a casa mas com a ajuda..."</i>	✗ Pobreza	
	<i>"Tu vais viver sozinho que eu também vou viver sozinha. E, agora tou sozinha com o meu filho e com a minha filha em casa."</i>	✗ Divórcio	

Tabela 17

3.2.2. Resultados obtidos

A análise de conteúdo anteriormente efetuada em paralelo com a fundamentação teórica (ver tabela 1 e 2) levou-nos a categorizar, primeiro os índices e depois confirmar o funcionamento ou disfuncionamento dos ciclos geracionais das diversas famílias.

Na tabela 18, abaixo apresentada, temos uma listagem dos índices que se referem somente aos elementos de risco que tornam vulnerável o desenvolvimento dos elementos do atual agregado familiar, ou seja, são os índices disfuncionais do ciclo geracional da criança sinalizada na CPCJ-BTL. Vamo-nos centrar só nos índices de disfuncionalidade, uma vez que, as famílias do nosso grupo apresentam 27 índices disfuncionais contra 7 índices funcionais.

Para que se verifique a discrepância dos índices funcionais para os disfuncionais, fica aqui em registo, que os índices funcionais não se repetem pelas várias famílias e são os seguintes: amor materno; limites educacionais; há uma pessoa de referência; o desejo de ter um filho; organização familiar; cumprimento do ciclo vital da família e o uso do estilo educativo participativo.

Na tabela 18 vimos, pelo contrário, a enorme lista de índices disfuncionais que somam um total de 27, como já foi referido, e muitos repetem-se pelas várias famílias:

Características	Família	A	B	C	D	E	G	H	I	J	L	M
Alcoolismo						X				X		X
Classe social e cultural baixa								X	X			
Comportamentos desviantes					X							
Conflito conjugais	X	X	X			X	X			X	X	X
Consumo de drogas					X							
Desemprego								X				
Desorganização familiar	X	X			X	X		X		X	X	
Disfuncionamento dos ciclos vitais da família					X							
Divorcio	X	X					X			X		X
Família monoparental									X			
Ignorância										X		
Imaturidade relacional									X		X	
Limitações na vigilância à criança						X						
Mãe com deficiência física						X						
Mãe insegura											X	
Mãe jovem		X										
Maternidade solitária					X			X		X		
Maus tratos psicológicos e emocionais		X				X				X	X	
Pai ausente		X							X	X		X
Pai autoritário											X	
Pai negligente		X										X
Pai permissivo	X											

Pai preso				X							
Pobreza					X		X	X	X		X
Poder do pai sobre a vulnerabilidade da criança	X										
Privação da criança à família				X							
Violência doméstica					X				X	X	

Tabela 18

Na tabela 19 fizemos uma leitura vertical e constatamos o número total dos índices disfuncionais que cada família soma:

Família	A	B	C	D	E	G	H	I	J	L	M
Nº de ocorrências dos índices disfuncionais	5	7	1	7	9	2	5	5	10	7	6

Tabela 19

Da leitura das tabelas 18 e 19 que contêm as características das famílias do nosso estudo, e tendo em linha de conta os índices atrás definidos, na tabela 1 e 2, verificamos que nestas existe uma forte heterogeneidade, podendo ir desde famílias que apresentam uma só característica, e neste sentido podemos inferir que não constitui por si só motivo de disfuncionalidade, até famílias que apresentam 10 índices. O problema agrava-se quando se verifica uma acumulação destas características, existindo a ocorrência de 5 ou mais índices. Estas características ou índices foram catalogados tendo em linha de conta as áreas fortes do desenvolvimento da criança, a teoria da vinculação (experiências de vinculação desagradáveis repercutem-se em adultos com níveis de desequilíbrio diferenciado consoante a gravidade das suas vivências (Papalia, 2006), o desenvolvimento da inteligência emocional, dos estilos parentais e suas competências e os direitos fundamentais das crianças, que aqui logicamente aparecem comprometidas. Se o desenvolvimento da criança está comprometido poderemos associar que existe corroborado diagnóstico por negligência da CPCJ-BTL. Quanto a maus tratos a pediatria Jeni Canha (2003) constata que normalmente estão associados mais do que um tipo de mau trato, por exemplo, quando há mau trato físico também há mau trato psicológico. Por norma, o mau trato psicológico acompanha todos os outros tipos de maus tratos, que mais tarde se vão repercutir em comportamentos desviantes (Magalhães, 2004).

Na tabela abaixo (tabela 20) podemos observar os resultados obtidos das 11 famílias quanto aos seus ciclos geracionais. Assim verifica-se que ciclos disfuncionais (D) originam ciclos geracionais disfuncionais: famílias A, E, H, J, L e M. Famílias cujos ciclos de ambos os pais são funcionais (F) originam ciclos geracionais funcionais: famílias C e G. Podemos verificar, também, que havendo um dos ciclos, de um dos pais, disfuncionais, encontramos disfuncionalidade no atual ciclo geracional: famílias: B, D e I. Salienta-se que na família I o ciclo geracional do pai é inconclusivo (I) porque a entrevistada desconhecia por completo a infância do pai da criança. Mas, como o ciclo geracional da mãe é disfuncional, incluímos no grupo de que basta haver um ciclo disfuncional, para que o atual ciclo geracional seja disfuncional, que é o que realmente acontece com a família I.

Número de ocorrências dos índices disfuncionais

	Ciclo geracional da mãe	Ciclo geracional do pai	Ciclo geracional da criança
Família A	Disfuncional (D)	Disfuncional (D)	Disfuncional (D)
Família B	Funcional (F)	Disfuncional (D)	Disfuncional (D)
Família C	Funcional (F)	Funcional (F)	Funcional (F)
Família D	Funcional (F)	Disfuncional (D)	Disfuncional (D)
Família E	Disfuncional (D)	Disfuncional (D)	Disfuncional (D)
Família G	Funcional (F)	Funcional (F)	Funcional (F)
Família H	Disfuncional (D)	Disfuncional (D)	Disfuncional (D)
Família I	Disfuncional (D)	Inconclusivo (I)	Disfuncional (D)
Família J	Disfuncional (D)	Disfuncional (D)	Disfuncional (D)
Família L	Disfuncional (D)	Disfuncional (D)	Disfuncional (D)
Família M	Disfuncional (D)	Disfuncional (D)	Disfuncional (D)

Tabela 20

Fazendo uma soma do que foi verificado anteriormente com base na tabela 20, temos seis famílias em que os três ciclos geracionais são disfuncionais (6 - D+D=D); duas famílias em que os três ciclos geracionais são funcionais (2 - F+F=F) e, por último, três

famílias em que pelo menos um dos ciclos dos pais é disfuncional e conseqüentemente o da criança também (3 – F+D=D).

Podemos inferir de forma subjetiva que a disfuncionalidade leva à disfuncionalidade e o mesmo acontece com a funcionalidade dos ciclos geracionais. Assim, havendo um ciclo geracional disfuncional, conseqüentemente, encontramos disfuncionalidade no atual ciclo geracional.

Vimo-nos aqui confrontados com o que Jonh Bowlby (1995) nos refere; as crianças que foram privadas de um equilíbrio emocional, afetivo ao longo do ciclo vital da família, mais tarde são pais incapazes de transmitirem o que nunca tiveram e, torna-se num “ciclo vicioso [que] é o aspeto mais sério do problema” (p.75). Oliveira (1994), quanto aos estilos educativos que os pais adotam diz que esta escolha depende da sua história ou do seu ciclo geracional com os seus pais, bem como, das suas referências de vida, e que “adultos mais bem ajustados” (p.31) são os que proporcionam um ambiente feliz. João dos Santos (citado por Branco, 2000) escreve que “quando um educador impõe aos seus filhos que sejam bem comportados, está, em regra, a repetir o que os seus pais lhe ensinaram” (p.390), preocupante é quando as referências não são as mais ajustadas. Mas o que poderemos esperar de pais que não foram amados? Não tendo referências de amor também eles não saberão amar os seus filhos. E, para além do amor, o respeito, a verdade, a não-violência, entre tantas outras referências que se passam de geração em geração.

Com esta amostra de 11 famílias vimos aqui confirmadas as repercussões do disfuncionamento de uma família, que dificilmente se alteram com as gerações vindouras. E, de como um elemento disfuncional, numa dupla conjugal, leva a que se inicie um novo ciclo disfuncional.

Finalmente, ao observarmos a tabela 21, apresentamos a problemática predominante da nossa amostra, que são os conflitos conjugais, que se encontram presentes em oito famílias. Seguindo-se a desorganização familiar com sete famílias, o divórcio e a pobreza são a terceira problemática com 5 famílias. Depois temos os maus tratos psicológicos e emocionais, o pai ausente, o alcoolismo, a maternidade solitária, a violência doméstica e entre outros.

Índices disfuncionais das famílias	Nº de famílias
Conflitos conjugais	8
Desorganização familiar	7
Divorcio	5
Pobreza	5
Maus tratos psicológicos e emocionais	4
Pai ausente	4
Alcoolismo	3
Maternidade solitária	3
Violência doméstica	3
Classe social e cultural baixa	2
Imaturidade relacional	2
Pai negligente	2
Comportamentos desviantes	1
Consumo de drogas	1
Desemprego	1
Disfuncionamento dos ciclos vitais da família	1
Família monoparental	1
Ignorância	1
Limitações na vigilância à criança	1
Mãe com deficiência física	1
Mãe insegura	1
Mãe jovem	1
Pai autoritário	1
Pai permissivo	1
Pai preso	1
Poder do pai sobre a vulnerabilidade da criança	1
Privação da criança à família	1

Tabela 21

Indo ao encontro do que nos refere Gómes (2007), se pretendemos um desenvolvimento local é preciso melhorarmos as condições de vida das pessoas que nele habitam. O “desenvolvimento comunitário deve ser um processo educativo e formativo no qual a população [é] implicada” (Gómes, 2007, p.124). Desta análise fica claro que estas famílias apresentam ciclos de funcionamento educativo, resultante da sua própria educação disfuncional, exibindo comportamentos de negligência para com os seus educandos. Nesta lógica faz todo o sentido formarmos estas famílias através de um

programa de educação parental ajustado às suas necessidades. Com base nas suas histórias de vida, estas famílias forneceram os índices emergentes que devem ser trabalhados, para melhorar as suas capacidades enquanto pais. A construção deste programa não era um dos objetivos deste estudo, mas somente ser um ponto de partida para a sua elaboração.

No entanto, é importante referir que os programas de educação parental são uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento das nossas comunidades locais. A perceção dos ciclos funcionais e disfuncionais das famílias é como que um alerta da necessidade de uma formação que capacite as respetivas famílias, e conseqüentemente previna as crianças de serem maltratadas. Com o resumo que obtivemos da tabela 21 é possível elaborar um plano de educação parental. Começar por elaborar estratégias de intervenção que permitam tratar dos conflitos e disfuncionalidades dos conjugues, para assim, desbloquear o que os leva a maltratar psicologicamente e emocionalmente as suas crianças. Ou seja, primeiro tratar dos pais para melhorar a qualidade de vida dos filhos, uma vez que “a família é o núcleo de desenvolvimento da criança” (Relvas, 2006, p.9). Então, “gozando ela [a família] de saúde, todo o corpo social se apresenta saudável; adoecendo a família, a sociedade também caí enferma” (Oliveira, 1994, p.5).

Conclusão

É muito comum, entre quem tem um papel educativo, verificar-se situações de crianças negligenciadas ou de pais injustamente difamados. Assim, temos por um lado, as crianças maltratadas pelos pais e, por outro lado, os pais que são julgados pelos docentes e pela sociedade em geral. Preocupa-nos as crianças essencialmente. Mas ao julgarmos os pais sem conhecer a sua história de vida, parece-nos injusto, julgar o seu modo de atuar pois, toda a sua história influencia o seu presente e futuro. Provavelmente julgamos pessoas que estão a dar o seu melhor no seu papel de educador. O problema reside nas suas débeis referências infantis que se repercutem nos seus papéis de educador. “Educar é a arte de fazer falhar o sistema educativo a que se foi submetido” (João dos Santos citado por Branco, 2000, p. 390).

As famílias no seu percurso histórico atravessaram inúmeras alterações na sua estrutura. Durante muitos séculos as famílias tradicionais predominaram. Esta ideia de família foi sofrendo várias alterações, resultante de fenómenos sociais e económicos, obrigando ao surgimento novas formas de família. Nas sociedades atuais o amor parece ser a base para a constituição da família (Dias, 2004) diversificando, conseqüentemente o seu tipo e estrutura (Gameiro, 1998).

A privacidade dos casais, resultantes desta nova conceção de família trouxe muitas conquistas, no entanto, esta intimidade não raras vezes, abriu para o perigo do isolamento dos elementos destas novas famílias. Começam assim a definir-se os contornos de um contexto propiciador do aparecimento e de visibilidade do mau trato. As mães são as principais maltratantes das crianças mas os pais quando o fazem é com maior gravidade. Estas famílias maltratantes, na sua maioria, sofrem de desorganização familiar onde residem problemas de foro psicológico, problemas com o álcool (mais o pai), maternidade solitária (para as mães), conflitos conjugais, entre outros problemas que se associam como hímen à vulnerabilidade da própria família (Canha, 2003).

A importância de estudarmos os direitos das crianças foi fundamental para se perceber o que já foi feito e o que há ainda (muito) por fazer. A negligência é a forma mais frequente de mau trato (Canha, 2003) e, na sua grande maioria, por incompetência parental involuntária, quando os pais não sabem que estão a prejudicar os seus filhos, por exemplo, não cuidando da sua higiene e dando uma alimentação desajustada, e por

incompetência parental voluntária, quando todos os atos são com intenção de magoar, prejudicar, etc. (Magalhães, 2004).

A criança como ser de direitos tem que ser compreendida e ajudada ao longo do seu desenvolvimento. A sua família é a ferramenta imprescindível para que o ciclo vital da vida seja cumprido (Papalia, 2006). A família tem assim um papel importante no desenvolvimento da criança e tem de cumprir uma função interna, ao cuidar dos seus elementos constituintes, e uma função externa, que é preparar os seus elementos constituintes para o mundo social e cultural (Relvas, 2006). A função da família começa, logo, numa relação de vinculação precoce muito importante para o crescimento harmonioso do bebé. Esta vinculação inicia-se ainda quando se decide ter um bebé. O sucesso da vinculação necessita de relação, afeto e amor. A privação destes acarreta frustrações e comportamentos desviantes (Matos, 2006 e Bowlby, 1995). Todo este processo pode ser concretizado com os pais biológicos ou com outras pessoas de referência para a criança. Assim, a pessoa de referência constrói todo este processo de relação vinculativa embrenhada em amor e afeto, proporcionando uma vida de sucesso para a criança. Manter um equilíbrio emocional constante, envolto em amor, relação e afeto desenvolve a inteligência emocional de qualquer criança, tornando-a assim num indivíduo capaz (Matos, 2006). Esta é uma das funções da família.

Nesta perspetiva da educação parental, verificamos que a família é a base para o bom e equilibrado desenvolvimento da criança, mas manter este equilíbrio constantemente é uma prova difícil, que requer empenho dos pais. Na realidade muitas famílias, por mais que se empenhem, quebram este equilíbrio, exibindo uma incapacidade. Esta insuficiência vem principalmente do seu passado, da sua história de vida, da sua infância e das suas referências anteriores. Como pode um pai equilibrar as emoções do seu filho, se nunca ele aprendeu a identificar as suas? Como pode um pai brincar com o seu filho, se nunca brincaram com ele? Como pode um pai utilizar estratégias educativas positivas, se as suas referências anteriores eram punitivas? (Santos citado por Branco, 2000).

É função da família manter o seu equilíbrio vital, agir em conformidade com a fase em que os seus elementos se encontram e, assim, adequar as suas exigências emergentes envoltas em relação, amor e afeto. Na passagem pelas várias fases do ciclo vital é fundamental um ajustamento adaptativo, pois educar um bebé é diferente de educar um

adolescente. A crise nas famílias acontece normalmente nas passagens flutuantes entre os diversos ciclos. Compete a cada família superar cada crise e com ela crescer interna e externamente.

Os ciclos geracionais disfuncionais acontecem porque as famílias não foram capazes de desenvolver este equilíbrio sequencial de uma forma fluída e funcional. As disfuncionalidades são o resultado de muitas dificuldades de vária ordem, como o desemprego, a pobreza, o consumo de drogas e álcool, elevada criminalidade, a violência doméstica, os maus tratos, a doença mental, a deficiência, a ausência de amor, de afeto, de apego, os conflitos conjugais. Estes índices de disfuncionamento familiar podem prolongar-se de geração em geração, ao que apelidamos de ciclos geracionais disfuncionais (Alarcão, 2009, Bowlby, 1995 e Papalia, 2006) perpetuando a aparente impossibilidade de quebrar o ciclo de maltrato e da impossibilidade de potenciar o desenvolvimento.

A educação e desenvolvimento comunitário local é uma ferramenta essencial para colmatar, em parte, os disfuncionamentos destas famílias. O desenvolvimento é uma responsabilidade social. Isto é, o desenvolvimento dá-se em espiral, o sucesso de um é o sucesso de todos e o sucesso de todos depende do sucesso de cada um. A consciência social deste paradigma é a chave de motivação para a mudança. Compete a cada um de nós capacitar a nossa sociedade local para que esta se desenvolva como um todo. Ao formarmos estas famílias ditas disfuncionais, mediante um programa parental emergente, estamos a capacitá-las com ferramentas educativas, procurando melhorar os seus processos educativos, pessoais e sociais e conseqüentemente a melhorar a comunidade local.

Assim, o estudo que nos propusemos realizar vem corroborar grande parte do que referimos, podendo de algum modo ecoar dados já apresentados, no âmbito de outros estudos na área do funcionamento familiar e do mau trato por negligência.

A metodologia usada foi o estudo caso por se tratar de um tema atual preocupante e por não podermos “exercer controlo sobre todos os acontecimentos” (Carmo e Ferreira, 2008, p.234) que nos propusemos analisar. As técnicas e instrumentos de recolha de dados são a análise quantitativa, com o recurso ao uso do inquérito por questionário, e a análise qualitativa, com o recurso ao uso da entrevista semidiretiva e a análise de

conteúdo das histórias de vida. A análise quantitativa foi utilizada para caracterizarmos as famílias que constituem a nossa amostra. A análise qualitativa serviu para obtermos um produto final mais descritivo e rigoroso do objeto de estudo. Neste estudo caso, estamos conscientes das suas limitações por não se poderem generalizar os seus resultados a outros grupos (Carmo e Ferreira, 2008).

Indo ao encontro do nosso estudo caso e dos objetivos que traçamos, ao escutamos as histórias de vida das pessoas de referência, neste caso as mães, das crianças sinalizadas pela CPCJ-BTL por negligência, identificamos vários índices disfuncionais das respetivas famílias e refletimos sobre os mesmos, atingindo assim, o objetivo geral.

Concluimos que ciclos geracionais disfuncionais (D) têm como consequência novos ciclos geracionais disfuncionais, $D+D=D$. O mesmo acontece com os ciclos geracionais funcionais (F), que consequentemente proporcionam novos ciclos geracionais funcionais, $F+F=F$. Ainda, verificámos que, num casal, havendo dos elementos um ciclo geracional disfuncional há probabilidade de um novo ciclo geracional com disfuncionalidade, $F+D=D$. Estas conclusões vão ao encontro do que se tratou ao longo de todo o enquadramento teórico, onde explicitámos a ideia de que a educação é cíclica, passando de geração em geração. Parece confirmar-se que a infância de cada um determina o facto de se ser bom ou mau cuidador. Reflete-se que adultos que foram negligenciados são potenciais negligenciadores.

Quando damos possibilidade às famílias de contar a sua história, elas fornecem muita informação sobre o seu funcionamento, enquanto figuras parentais. Permitem uma visão holística e ecológica de todo o funcionamento familiar, criando assim, a possibilidade de identificar os índices de funcionamento e disfuncionamento da mesma. Neste processo de escuta das famílias, agrupámos uma lista de índices disfuncionais, dado que, estes se elevavam aos funcionais uma vez que as nossas famílias pertencem a um grupo que está diagnosticado como disfuncional. Destes índices de disfuncionalidade emergem os conflitos conjugais, a desorganização familiar, o divórcio, a pobreza, os maus tratos psicológicos e emocionais e o pai ausente.

A implementação de um plano de educação parental, partindo destes índices emergentes, seria o ponto de partida ideal para empoderar estas famílias disfuncionais, permitindo-lhes um processo educativo enquanto pais e mães destas crianças.

Fase aos constrangimentos, este é um estudo caso muito complexo que facilmente nos leva ao desvio, pelo facto do seu objeto estar carregado de subjetividade. Apesar da possibilidade de identificarmos as disfuncionalidades destas famílias, um olhar mais atento, permite-nos perceber que muito ficou por realizar das histórias escutadas.

Reportando às propostas ou desafios futuros, propõe-se um projeto para o concelho da Batalha onde se possa elaborar e executar um programa de educação parental que abarque as famílias com ciclos geracionais disfuncionais, permitindo quebrar ciclos de disfuncionalidade, promotores de perturbação no desenvolvimento das crianças que constituem estas famílias.

Propõe-se que, para delinear um programa de educação parental se recorra à entrevista com o intuito de escutar as histórias de vida, uma vez que, estas se revelaram um elemento importante para a identificação de índices que permitem perceber as áreas mais fragilizadas destas famílias. Deste modo, por um lado, escutamos, ou seja, dá-se voz a estas famílias, empoderando-as, por outro lado, obtém-se informação privilegiada indiretamente, sem o confronto e agressividade próprios de quem tem o poder de questionar e de quem é questionado.

Para a consecução deste projeto, seria fundamental o desenvolvimento de um conjunto de ações que tivessem como objetivo central ouvir as histórias de vida das pessoas, permitindo-lhe o acesso à sua autodeterminação. Abrindo-se assim a possibilidade de se poder descortinar os ciclos geracionais disfuncionais e com estas famílias traçar um plano preventivo de formação, capacitando-as de competências educativas. Para a concretização deste objetivo seria importante que a CMB contratasse um Educador Social ou outro profissional na área do desenvolvimento comunitário.

Bibliografia

ADAMNS, Paul. BERG, Leila. et al. (1971). *Os direitos da criança – para a libertação das crianças*. Lisboa: Livros Unibolso.

ALMEIDA, Ana e Helena. ANDRÉ, Isabel. (2001). *Famílias e maus tratos às crianças em Portugal*. Lisboa: Assembleia da República.

BELO, José M. (1999). *Para uma Teoria Política da Educação. Atualidade (sic) do Pensamento Filosófico, Pedagógico e Didático (sic) de Delfim Santos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

BETTELHEIM, Bruno. (2003). *Bons Pais. O sucesso na educação dos filhos*. Lisboa: Bertrand editora.

BRANCO, M. E. C. (2000). *Vida, Pensamento e Obra de João dos Santos*. Lisboa: Livros Horizonte.

BRAZELTON, T. Berry e GRAMER, Bertrand G. (1989). *A Relação Mais Precoce. Os pais, os bebés e a interação (sic) precoce*. Lisboa: Terramar.

BOWLBY, John. (1995). *Cuidados Maternos e Saúde Mental*. São Paulo: Martins Fontes.

CANHA, J. (2003). *Criança Maltratada. O papel de uma pessoa de referência na sua recuperação. Estudo prospetivo de 5 anos*. Coimbra: Quarteto Editora.

CARVALHO, Maria João Leote de. (2003). *Entre as Malhas do Desvio. Jovens, espaços, trajetórias(sic) e delinquências*. Oeiras: Celta Editora.

CARMO, Hermano e FERREIRA, Manuela. (2008). *Metodologia da investigação. Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade aberta, 2ªed.

CLAS da Batalha (2006). *Diagnóstico Social*. Batalha: o autor.

CPCJ-BTL (2008). *Regulamento Interno*. Batalha: o autor.

DIAS, Isabel (2004). *Violência na Família. Uma abordagem sociológica*. Porto: Edições Afrontamento.

- FERREIRA, Luana. (2008). *Co-Construir o Tempo: Avaliação de um Curso de Formação Parental e Parentalidade Masculina Positiva em Contexto de Risco*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- GAMEIRO, José. (1998). *Os Meus, os Teus e os Nossos. Novas Formas de Família*. Lisboa: Terramar.
- GAUTHIER, Benoît. (2003). *Investigação social. Da problemática à colheita de dados*. Loures: Lusociência.
- GIDDENS, Anthony (1997). *O que é a sociologia*. Lisboa: Gulbenkian. Pp.1-19
- GÓMEZ, J.A.C. FREITAS, O.M. e CALLEJAS G.V. (2007). *Educação e desenvolvimento comunitário local. Perspetivas pedagógicas e sociais da sustentabilidade*. Porto: Profedições, Lda.
- INE - Instituto Nacional de Estatística Portugal. (2002). *Censos 2001*. Lisboa: o autor.
- KELLERHALS, Jean, TROUTOT, P., LAZEGA, E. (1989). *Microsociologia da Família*. Mem Martins: Publicações Europa América.
- LEAL, Ana Teresa, et al. (2010). *Poder Paternal e Responsabilidades Parentais*. Lisboa: Quid Juris.
- LOURENÇO, Orlando M. (1997). *Psicologia de Desenvolvimento Cognitivo. Teoria, dados e implicações*. Coimbra: Livraria Almedina.
- MAGALHÃES, T. (2004). *Maus Tratos em Crianças e Jovens*. Coimbra: Quarteto Editora.
- MARTINS, Manuela Mourisca. *A criança. Um átomo no infinito*. Porto: a autora.
- MATOS, António Coimbra. (2006). *Entre memória emocional e memória semântica: mito pessoal do bebé*. Revista Portuguesa de Psicanálise. Vol. 26, No.2, p.5-20. Lisboa: Climepsi Editores.
- MATOS, António Coimbra. (2011). *Relação de qualidade: penso em ti*. Lisboa: Climepsi Editores.

MELO, A. e ALARCÃO, M. (2009). *Centros de apoio familiar e aconselhamento parental: proposta de um modelo global de organização*. Brasil: Psicologia & Sociedade. Vol. 21, No. 1, p.55-64.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (2006). *Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação*. Brasília: Secretaria de Educação Básica.

Município da Batalha. (2005). *Batalha – terra de história, concelho de futuro*. Batalha: o autor.

NERLEI – Associação Empresarial da Região de Leiria. (2002). *Perfil económico e social da região de Leiria*. Leiria: JORLIS.

OLIVEIRA, J. H. Barros (1994). *Psicologia da Educação Familiar*. Coimbra: Livraria Almedina.

PAPALIA, Diane E., OLDS, S.W. e FELDMAN, R.D. (2006). *Desenvolvimento humano*. 8ª edição. Porto Alegre: Artmed Editora S.A.

Portaria nº 400/2003 de 19 de maio (2003). Diário da República.

PORTUGAL, Alda & ALBERTO, Isabel. (2010, 52 – Vol. II, 378-400). *Revista Psychologica*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

PCM - PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS (1999). *II Relatório de Portugal sobre a Aplicação da Convenção dos Direitos da Criança*. Lisboa: o autor.

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. (5ª edição), Lisboa: Gradiva.

RELVAS, A.P. (1996). *O Ciclo Vital da Família. Perspetiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.

RELVAS, A.P. (2000). *Por Detrás do Espelho. Da Teoria à Terapia com a Família*. Coimbra: Quarteto Editora.

RELVAS, A.P. (2006). *O Ciclo Vital da Família. Perspetiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.

RELVAS, Ana Paula e ALARCÃO, Madalena – coord. (2007). *Novas formas de família*. Coimbra: Quarteto, 2ºed.

RIBEIRO, Maria J. S. (2003). *Ser Família. Construção, implementação e avaliação de um programa de Educação Parental*. Braga: Universidade do Minho.

ROQUE, Rogério Roque. (2003). *Desenvolvimento – um conceito ultrapassado ou em renovação?*. Caderno de estudos africanos nº4. Lisboa: ISCTE

SANTOS, João dos. (2009). *É através da via emocional que a criança aprende o mundo exterior*. Lisboa: Assírio & Alvim.

SARACENO, Chiara e NALDINI, Manuela (2003). *Sociologia da Família* (2ª ed.). Lisboa: Editorial Estampa.

SAVATER, Fernando (1997). *O Valor de Educar*. Lisboa: Editorial Presença.

SOARES, Natália Fernandes. (2002). *Os direitos das crianças nas encruzilhadas da Proteção (sic) e da Participação*. Universidade do Minho. Instituto de Estudos da Criança.

SULLEROT, Evelyne (1997). *A Família. Da crise à necessidade*. Lisboa: Instituto Piaget.

UNICEF (1990). *A convenção sobre os Direitos da Criança*. Lisboa: o autor.

Webgrafia

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA (1976). *Primeira Constituição da República*. Lisboa.
Disponível on-line em:
<http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>.
Acedido em janeiro de 2012.

ASSEMBLEIA DA REPUBLICA (2005). *Lei Constitucional n. 1/2005. Sétima revisão constitucional*. Lisboa: Diário da República. Disponível on-line em:

<http://www.parlamento.pt/RevisoesConstitucionais/Documents/Revisao2005/155a00.pdf>

f. Acedido em janeiro de 2012.

CNPCJR – Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco (s.d.). *Sistema de Proteção Português*. Disponível on-line em: <http://www.cnpcjr.pt/left.asp?07.01#01>. Acedido a 13 de maio de 2012;

CNPCJR - Comissão Nacional Proteção das Crianças e Jovens em Risco (s.d.). *Guia pergunta-resposta para as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens*. Disponível on-line em: http://www.cnpcjr.pt/preview_documentos.asp?r=60&m=PDF. Acedido a 7 de junho de 2012.

COSTA, M^a Isabel Bica Carvalho. (s.d.). *A Família com Filhos com Necessidades Educativas Especiais*. Viseu: Escola Superior de Enfermagem de Viseu. Disponível on-line em: <http://www.ipv.pt/millenum/millenum30/7.pdf>. Acedido a 5 de junho de 2013.

FERNANDES, Paulo. (s.d.). *Literacia Emergente e contextos educativos*. Disponível on-line em: http://omb.no.sapo.pt/documentos/Artigo_PauloFernandes_OMB.pdf. Acedido a 6 de junho de 2013.

Lei n^o 147/99 de 1 de setembro de 1999 (1999). Diário da Republica. Disponível on-line em: <http://dre.pt/pdf1s/1999/09/204A00/61156132.pdf>. Acedido a 7 de junho de 2012.

Lei n^o 189/91 de 17 de maio de 1991 (1991). Diário da Republica. Disponível on-line em: http://www.cnpcjr.pt/preview_documentos.asp?r=1264&m=PDF. Acedido a 7 de junho de 2012.

Lei n^o 98/98 de 18 de abril de 1998 (1998). Diário da Republica. Disponível on-line em: http://www.cnpcjr.pt/preview_documentos.asp?r=1019&m=PDF. Acedido a 7 de junho de 2012.

MATA, Lurdes. (s.d.). *Literacia familiar e desenvolvimento de competências de literacia*. Disponível on-line em: <http://www.exedrajournal.com/exedrajournal/wp-content/uploads/2013/01/18-numero-tematico-2012.pdf>. Acedido a 6 de junho de 2013.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. (s.d.). *A Família como sistema*. Administração Regional de saúde do Algarve. Disponível on-line em: http://www.arsalgarve.min-saude.pt/saudeeviolencia/exemplo/images/conteudos/2_2_1_pdf1_familia_como_sistema.pdf. Acedido a 10 abril de 2013.

Município da Batalha (s.d.). Disponível on-line em: <http://www.cm-batalha.pt/pt>. Acedido a 14 de maio de 2012;

REI, Raquel Candeias (s.d.). *Participação Social da Infância*. Disponível on-line em: http://www.cnpcjr.pt/preview_documentos.asp?r=1508&m=PDF. Acedido a 13 de maio de 2012;

RIVERO, Catarina (2006). *Estilos Parentais – Diferentes Formas de Educar*. Disponível on-line em: <http://www.catarinarivero.com/artigos/Estilos-Parentais.pdf>. Acedido a 18 de junho de 2012.

SILVA, C.F. e DUTRA, S. P. (s.d.). *A transmissão transgeracional e o adoecimento psíquico familiar*. Disponível on-line em: <https://psicologia.faccat.br/moodle/pluginfile.php/197/course/section/98/crstiane.pdf>. Acedido a 6 de janeiro de 2013.

TOMÁS, Catarina, FERNANDES, Natália (2011). *Direitos da Criança em Portugal: os desassossegos dos riscos na/da Infância*. Disponível on-line em: <http://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/890/1/Direitos%20da%20crian%C3%A7a%20em%20Portugal.pdf>. Acedido em janeiro de 2012.

UNICEF (2009). *Celebrando os 20 anos da Convenção sobre os Direitos da Criança*. Lisboa. Disponível on-line em: <http://www.unicef.pt/artigo.php?mid=18101111&m=2&sid=181011115>. Acedido em janeiro de 2012.

PORTUGAL, Alda & ALBERTO, Isabel. (2010). *O papel da Comunicação no exercício da parentalidade: desafios e especificidades*. *Psicologica* 52, Vol. II. Disponível on-line em: http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=15&ved=0CH4QFjAO&url=http%3A%2F%2Fiduc.uc.pt%2Findex.php%2Fpsychologica%2Farticle%2Fdownload%2F1062%2F510&ei=GD5IUdfbL6eJ7AaBhYD4DA&usq=AFQjCN G9TgS1_W3n-M09Y-H6QUXHrMpbxA&sig2=BrcfaKbhNohmMXq-8EDghA. Acedido a 10 de abril de 2013.

Anexos

Índices dos anexos

Anexo I	Declaração da ESEC'S do IPL.....	3
Anexo II	Declaração de Consentimento.....	4
Anexo III	Inquérito por questionário.....	5
Anexo IV	Entrevista, o guião.....	7
Anexo V	Transcrição da entrevista à família A.....	8
Anexo VI	Transcrição da entrevista à família B.....	13
Anexo VII	Transcrição da entrevista à família C.....	22
Anexo VIII	Transcrição da entrevista à família D.....	26
Anexo IX	Transcrição da entrevista à família E.....	31
Anexo X	Transcrição da entrevista à família G.....	37
Anexo XI	Transcrição da entrevista à família H.....	41
Anexo XII	Transcrição da entrevista à família I.....	49
Anexo XIII	Transcrição da entrevista à família J.....	54
Anexo XIV	Transcrição da entrevista à família L.....	63
Anexo XV	Transcrição da entrevista à família M.....	71



DECLARAÇÃO

A Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria declara, para os devidos efeitos, que o(a) estudante Catarina Alexandra da Cruz Bagagem, do 1º ano do Curso de Mestrado em Ciências da Educação – Especialização em Educação e Desenvolvimento Comunitário, irá realizar um trabalho de campo no âmbito da Unidade Curricular “Projeto” leccionada nesta Instituição pela docente Doutora Maria Antónia Belchior Ferreira Barreto.

Mais se declara que sendo este trabalho integrado no plano curricular do referido curso, o(a) estudante aceita e concorda livremente com o facto de que toda a informação, relativa à Instituição que faculta a realização do mesmo, é confidencial e permanecerá secreta.

Leiria, 12 de Junho de 2012

O Diretor,

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Luís Filipe Barbeiro', is written over the printed name.

Luís Filipe Barbeiro

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

ASSUNTO: a aluna do IPEiria, Catarina Alexandra da Cruz Bagagem, portadora do BI 11832129, está a realizar o seu projeto de mestrado em educação e desenvolvimento comunitário em parceria com a CPCJ da Batalha. O seu objeto de investigação são as histórias de vida do adulto de referência das crianças sinalizadas por negligência. Neste sentido solicita consentimento para a realização de inquéritos e entrevistas juntos destas mesmas famílias, indicadas pela CPCJ da Batalha.

Eu, Catarina Alexandra da Cruz Bagagem, portadora do BI 11832129, declaro que me comprometo ao devido sigilo perante as informações recolhidas por inquérito e por entrevista, junto da(o) Sr. (a) _____ e sua família, que permitiu fazer parte do presente projeto de investigação. Tal como, me comprometo a eliminar as gravações, se assim o entenderem.

A aluna

(Catarina Alexandra da Cruz Bagagem)

Eu, _____ portador(a) do BI, _____ declaro que autorizo ser entrevistada(o) pela aluna Catarina Alexandra da Cruz Bagagem, do Mestrado em Educação e Desenvolvimento Comunitário, no IPEiria. Mais solícito que as gravações _____ eliminadas no final do trabalho.

A/O entrevistada(o)

I - Inquérito por questionário

Data da entrevista:

Local da entrevista:

Amostra:

Dados pessoais

1. Criança(s)

Idade (s): _____

Estabelecimento de ensino que frequenta: _____

2. Entrevistado (a)

Parentesco com a criança: _____

Idade: _____

Nível de escolaridade: _____

Situação atual face ao emprego: _____

Caraterização familiar

3. Quantos vivem em economia comum e partilham o espaço de casa?

Adultos	Feminino		Grau parentesco	
	Masculino		Grau parentesco	
Crianças	Feminino		Grau parentesco	
	Masculino		Grau parentesco	

4. Quem com maior frequência, exerce a autoridade na vossa casa? _____

5. Quem chama a atenção das crianças quando elas se portam mal? E, geralmente como o faz? E onde? _____

6. Considera-se uma pessoa saudável? _____

7. Tem conhecimento de alguém na sua família que consuma álcool ou drogas?

Sim

Não

8. Do seu agregado quem tem mais escolaridade? _____

9. Qual? _____

Nível socioeconómico

10. Quais são as vossas fontes de rendimento e/ou de apoio?

Trabalho

Subsídios

Ajudas
pontuais

Especifique

Outros

II - Entrevista

O presente inquérito e entrevista visam dar resposta ao estudo de investigação de uma tese de Mestrado em Educação e Desenvolvimento Comunitário. O objeto de estudo principal, são as histórias de vida de adultos, cujos as suas crianças estão sinalizados na CPCJ da Batalha.

Eu, Catarina Alexandra da Cruz Bagagem, aluna responsável pelo presente Inquérito e entrevista, solicito a colaboração de todos os adultos referenciados pela Presidente da CPCJ da Batalha, para a concretização desta investigação.

Grata pela sua colaboração

Catarina Bagagem

História de vida

Questões chave para a entrevista semidiretiva

1. Fale da sua infância.
2. Hoje, enquanto adulto, acha que foi vítima de maus tratos na sua infância?
3. E, o outro(s) progenitor (es)acha que foi(foram) vítima(s) de maus tratos?
4. Acha que o seu companheiro a trata bem?
5. É o cuidador desta(s) criança(s)?
6. Quem chama a atenção das crianças quando elas se portam mal? E, geralmente como o faz e onde?
7. Cuidar desta(s) criança(s) é fácil ou difícil?
8. O que é mais difícil?
9. O que é mais fácil?

Anexo V

Transcrição da entrevista à família A

Conte-me como foi a sua infância?

Normal. Pronto os pais eram conservadores como todas as pessoas que têm 80 anos nesta altura.

Eram católicos?

Sim.

Os seus pais trabalhavam?

A minha mãe era no campo e o meu pai era guarda no santuário.

Sempre viveu em São Mamede?

Sim, fora a parte em que tive com o pai da Ana nos Estados Unidos durante 2 anos e ela nasceu lá. Depois voltei para cá.

Mas voltando à sua infância?

Pronto, frequentei a escola normal. Tinha uma irmã. Até tinha boas notas na escola. Não estudei porque nunca tive incentivos para isso. Porque era a tal coisa daquelas pessoas antigas, estudar até nem era muito importante, o dinheiro fazia mais falta e os meus pais diziam: tudo aquilo que eu gastava na escola, digamos assim, a minha irmã recebia esse dinheiro. Ora isso para uma criança de 10 ou 11 anos, era a mesma coisa que dizer, deixa-te estar quieta! Mas eu hoje estou arrependida, quer dizer, não é que eu tenha achado muita falta dos estudos até hoje, mas sei que tinha capacidade para ter estudado mais. Agora já não dá a cabeça já está muito fraca. Pronto não estudei, fui trabalhar para a fábrica, como toda a gente naquela altura que trabalhava na fábrica das loiças. Trabalhei lá 17 anos. Isso é que foi um erro trabalhar lá tanto tempo, porque acho que uma pessoa quando é nova deve experimentar mais coisas, nem que não tenha estudos, mas há coisas que gosta mais. Porque eu, depois fui para os Estados Unidos, quando saí lá da fábrica, experimentei lá trabalhar no supermercado, no cabeleireiro e vi que afinal o mundo era muito mais do que os cacós. Isto é a realidade, depois vim para cá, porque normalmente vivi lá com o pai da Ana, porque era...apercebi-me...é assim, ao envolver-me com o pai da Ana eu envolvi-me com uma pessoa que eu já conhecia, porque quando éramos garotitos, tínhamos namoriscado, sei lá como dizer, agora é curtir, antigamente...não sei como é que se diz! Ah, eu achava que aquela pessoa ia ser a salvação, porque o pai dos meus miúdos era assim tipo...era uma pessoa que vinha de um nível muito baixo, teve a oportunidade de ter uma vida, normal! Não aproveitou e eu cansei-me! Porque ele realmente era uma pessoa que pegava um bocado na pinga, mas isso nem era o problema maior, porque para mim o problema maior que ele tinha era ser muito mentiroso. E, para mim é a pior coisa que uma pessoa pode ter é mentir. É preferível dizer uma má verdade do que uma boa mentira. Pronto isso começou-me a...mas também era muito nova quando casei com ele. Eu casei porque já estava grávida do meu filho mais velho. Bom, complicações daquelas ao molho. E depois claro, eu fui crescendo e fui-me apercebendo que aquela pessoa, opá era má! Ele era mau, no fundo era mau. Chegou-me a tratar mal também, não tratou mais porque eu nunca fui uma pessoa fraca e impus-me um bocado. Mas de qualquer maneira, pronto para mim era mentiroso, tralfulha, pronto...eu não conseguia viver com aquilo. Nunca me conformei com isso, sabe! Há aquelas pessoas que se conformaram e

ainda hoje estão assim. Eu nunca me conformei. Prontos, depois separamo-nos. E quando conheci o pai da Ana...quando conheci o pai da Ana não, porque já o conhecia antes, mas achei que ali estava a salvação da pátria. Só que depois com o tempo fui-me apercebendo que ele estava...a vida também tinha sido madrasta para ele. Tinha criado as filhas sozinho. O homem pirou! Não mas isto é...se falar com a Dra Sandra ela diz-lhe porque ela conhece. Pirou, ou melhor, foi pirando! Acho que houve ali uns problemas com ele que nunca foram cuidados. A família dele hoje já se apercebeu disso. Mas quando eu dizia, ah a maluca és tu! Muito bem a maluca sou eu! Agora já estão a ver que sim. Não era uma pessoa má, não era! Mas era impossível viver com ele, pronto! Era impossível viver com ele, tanto foi que com o problema da Ana, ele inventou trinta por uma linha. Esta história de nós estarmos aqui (sinalizados na CPCJ-BTL) foi por causa dele. Porque ele inventava que me batia, ele inventava que...chegou-se à conclusão que isso era tudo mentira! Ah e foi assim!

Esteve quantos anos com o pai dos seus filhos?

Sensivelmente 13 anos.

E com o pai da Ana?

É pá, talvez, é assim, entre viver juntos e eu cá e ele lá, tivemos talvez uns 4 anos. Prontos...mas não deu, enfim! Isto é a vida!

Voltando novamente à infância, agora enquanto adulta, como é que você vê os seus pais?

É assim. Acho que, por exemplo, a minha mãe, os conselhos dela eram bons, hoje em dia continuo a achar, mas a minha mãe era aquela pessoa que não queria saber da gente para nada. Não queria saber, ela não era má, a minha mãe nunca me bateu, mas não é por isso que a mãe é boa, por não me ter batido. Porque o meu pai bateu-me e para mim ele é muito melhor que ela. A minha mãe era aquela pessoa que não...pronto se tava suja, não fazia mal, se comia, também não interessava, não é que ela não tivesse, ela ia para a fazenda e não queria saber de mais nada. Ainda hoje ela é assim, que ela fez o mesmo ao meu pai assim que ele acamou, não queria saber dele para nada! Essa parte acho que em relação a ela é isso. Não me lembro de a minha mãe ir ao colégio. Nunca me lembro dela me ir levar à catequese, de ir à escola, essas coisas, não me lembro nada disso. Ela não fazia, não me lembro dela me dar um beijo, não me lembro dela me ir deitar. Já de certas coisas já me lembro do meu pai fazer. Até da verdasquinha de oliveira me lembro, mas parece que ao fazer isso, naquela altura doía-me, mas isso, hoje entendo que ele preocupava-se. Ele é que ia ao colégio, ele é que, se fosse preciso, ia à feira comprar os sapatos, lembro-me de ele me ir acachar na cama. A parte dos beijos nunca foi muito beijoqueiro, mas pronto isso é outra coisa. Pronto, eu acho que o meu pai, por exemplo, quando eu tinha 16 anos e fiquei grávida, a minha mãe, o problema dela era a vergonha e, o meu pai não, era o meu sofrimento. A diferença era essa. Agora se me dizer que ela era má pessoa? Não é má pessoa, mas para ela tanto faz.

Qual é o nível de escolaridade da sua mãe?

Ela tem a 3ª classe.

E o seu pai?

Acho que também é a 3ª classe.

Acha que o facto da sua mãe ser católica influenciou a atitude dela como mãe?

Pronto talvez. Ela...bem o meu pai trabalhava no santuário. Acho que ele lá viu uma coisa que eu também já vi. Que deus não tem nada a haver com a igreja. Para mim é assim que eu vejo. E, deus é outra coisa, que eu acho que existe. Continuo achar que existe, cada vez acho mais. Às vezes penso que ele se esqueceu de mim, mas prontos. Mas ele realmente sendo católico era de outra maneira. Ela acho que era...pronto só importava o que os outros diziam. Ainda hoje é isso que lhe importa.

Então violência física nunca houve?

A minha mãe, nunca me lembro dela me bater.

Provavelmente foi pior o facto de ela ignorar.

Exatamente. Mas eu até pensava que era...porque eu à minha irmã (tenho uma irmã que é 10 anos mais velha) achava que talvez a minha mãe pensasse, não ela toma conta da outra e não sei quê. Mas a minha irmã queixasse do mesmo. Parece que com ela ainda era pior.

E a infância do pai da Ana, como acha que foi?

Eu acho que ele foi bem tratado, ele é um menino! Ele é um menino, se calhar é isso. Ele é o mais novo de 6 irmãos, ele foi, ele costumava dizer que a irmã que era como sendo a mãe. A mãe ia para a fazenda, porque antigamente era assim, e a irmã faz de conta que era a mãe. Não vejo assim muito...eu penso que foi a vida já em adulto que lhe fez dar a volta à cabeça. Não é má pessoa, não é uma pessoa violenta, nada disso. Mas que está tá pirado. Por acaso se falasse, se alguma vez falasse com ele ia dar-me razão, porque acho que todas as pessoas acham o mesmo. Pronto, não sei...

A Ana tinha quantos anos quando vocês se separaram?

A Ana quando nos separamos, quando eu vim dos Estado Unidos ele ficou, tinha 10 meses, ela não se lembra de nada, ainda bem. Mas depois ainda andamos ali um anito ou dois a ver se dava, por exemplo, ele lá eu cá, por causa da menina e assim. Mas ela tem pouca ideia de nós, de nos ver juntos. Ele ficava comigo na minha casa, quando vinha cá, mas foi muito pouco tempo. Ela ainda não tinha 3 anos quando foi de vez.

E está com o seu atual companheiro há quantos anos?

Há um ano e meio.

Então os homens de referência da Ana são os irmãos e agora o seu companheiro?

O homem...eu penso que ela ainda é pequena, mas para ela a pessoa que ela vê como um exemplo a seguir, e ainda bem, é o irmão mais velho. Que é o padrinho e para ela é o Raulinho, é o Raulinho, é o Raulinho. Ou seja ela...mas o pai dela não entende isso.

O pai dela continua nos Estados Unidos?

Não. Esse é que é o problema resolveu vir para cá, isso é que foi. Tem sido terrível. Agora está mais manso. Mas devo dizer-lhe uma coisa, não sou a favor de nada daquilo que eu fiz, mas foi a única solução, foi dar-lhe uma malha de porrada, então não é que o homem ficou melhor. Opá é assim, isso não se faz, considero que isso não se faz, mas eu passei-me da cabeça, já andava...isto desde os 3, 4 anos sempre ali a farinhar e tentar virar a cabeça à miúda e não sei quê! E não respeitar as ordens do tribunal, não respeitar as ordens aqui das senhoras (da CPCJ-BTL), epá, chegou-se a um ponto que eu um dia, ao pé da escola, fui-me a ele. Mas foi remédio

santo. Já vai quase em dois anos tá a ver, não um ano, foi em janeiro. Começou a cumprir que foi uma maravilha.

Mas o que é que ele pretendia, voltar com o vosso relacionamento ou queria a menina?

Não. Primeiro acho que ele queria voltar, depois viu que não havia hipótese, queria a menina só para ele. Era o que ele queria, tanto que, ele abafa a menina. E nota-se isso nisto: quando ele vai a qualquer lado com a menina, as pessoas que conhecem a Ana quando está comigo, falam para ela, e ela nem responde. Ela não sabe, mas ela está oprimida, está...ele abafa prontos! Eu não sei explicar de outra maneira mas é mesmo isto, ele abafa a miúda e foi sempre assim. E, pronto e depois parece que não confia em mim para cuidar dela, mas agora. É o como eu digo, isto às vezes queres um amigo, dá-lhe porrada.

Mas vocês estão aqui referenciados na CPCJ por discutirem à frente dela?

Não. Foi porque ele não parava...quer dizer, ele levava a miúda e depois eu... como é que eu hei-de explicar? Aquilo foi assim, como ela estava nos Estado Unidos, começou a querer levar a menina lá. Para mim ele não queria lá ficar com ela. E, eu nunca assinei e então ele tanto enfarinhou que um dia foi ao tribunal e quis fazer um contrato...ai como é que se chama aquilo...aquilo não é um contrato mas faz de conta. Por nós não tínhamos nada, só que ele era tão enfadonho, que ele prontos, é assim, assim, assim! Ela estava comigo, quando ele vinha cá, estava com ela. Não estava mal. O problema é que ele depois vinha muita vez e depois a miúda ficava toda transtornada, porque pronto ainda era pequena. E quando começou a escola primária ele resolveu vir para cá de todo. Ora se ele veio para cá de todo, pois andava...ele levava a miúda e queria, ele queria que fosse ela a mandar. Se ela queria tar lá ela tava lá, se queria tar cá, tava cá. Se resolvesse vir para aqui e, uma hora depois quisesse ir para lá, tinha que ir. Quer dizer não cabe na cabeça de ninguém! E eu aborreci-me com aquilo e vim aqui falar com elas. Foi aí que começou.

Então foi você?

Fui eu que vim cá. E elas meteram uma lei, uma semana cada um. Mas aquilo primeiro que entrasse nos eixos foi um problema.

Quanto ao seu atual companheiro, acha que ele trata bem a Ana?

Sim, sim, sim. Sim, eles dão-se bem.

Acha que agora está feliz?

Hum, sei lá! Isto ainda está um bocado...mas sim, pelo menos estou um bocado mais em paz, isso também é muito importante. Epá isto a gente também chega a um ponto que isto de ser feliz, isto a gente já não sabe bem o que é que é! Mas sim é uma pessoa que trata bem a menina, sim e comigo é uma pessoa que não tenta controlar, pronto...até se calhar eu até sou pior que ele, que é do hábito que eu tenho de controlar tudo, porque fui obrigada a controlar sempre tudo. Mas não é uma má pessoa, é uma boa pessoa. Eu não tenho queixas a fazer.

E cuidar desta criança é fácil ou difícil?

Da Ana é fácil, do pai é que é difícil. Ela é boa menina, não tem...às vezes eu acho que isto é quase um milagre: a miúda, no fim de tanta confusão, estar tão aprumadinha, tão equilibrada porque...prontos.

O que é que é mais difícil?

Olhe o mais difícil, sabe o que é, é quando ela vem de lá. Não é sempre. Mas muitas vezes ela vem de lá e vem, ela deve vir com a cabeça cheia. Em relação mesmo ao meu companheiro, a mim já não são capazes, tá a perceber. Comigo já não são capazes de a virar. Mas eu penso que é, porque ela vem e parece que vem meio violenta com ele. Depois esquece tudo o que lá lhe disseram. Eu notei e ele já notou, mas isto já é velho, porque tentaram sempre vira-la contra mim e contra o irmão, mas penso que aí já não estão a conseguir.

E o que é mais fácil?

Hum, ela não é difícil. É um bocadinho teimosa, pronto. Fora isso não... não vejo assim grande dificuldade com a miúda, pelo menos de agora. Daqui a um tempo isto vai ser mais complicado mas pronto.

Anexo VI

Transcrição da entrevista à família B

Ficou estipulado que ele o levaria ao fim de semana de 15 em 15 dias. No entanto eu comecei, o menino a maior parte das vezes não queria ir para lá. O pai, pelo o que eu me vim a aperceber, sempre que levava a criança ao fim de semana, ou o deixava em casa da avó e saía sozinho, prontos, não passava quase tempo nenhum com a criança. agora aqui à uns tempos para cá eu comecei-me a aperceber que ele começou a deixar o menino sozinho em casa, com uma outra criança, que é neste caso filho da madrasta, que é hiperativo em último grau, com 12 anos.

Os dois sozinhos?

Deixava os dois sozinhos em casa, saía o pai mais a madrasta e as duas crianças ficavam sozinhas em casa. Eu não estava lá para ver, não é? Eu soube através do Luís. Chegava a casa dizia que tinha medo que não queria ir para o pai, porque o pai deixava-o sozinho em casa. Que o pai deixava-o ir brincar sozinho para a rua com o filho da madrasta, em que houve situações, em que tiveram que andar a fugir de pessoas adultas que lhe queriam bater. Prontos, isto no centro dos Marrazes. Para mim os Marrazes mete-me um bocado de respeito pelo o que se houve. Eu não conheço propriamente os Marrazes, conheço de vista, mas pelo que eu ouço dizer, não é das localidades mais próprias para as crianças andarem sozinhas. E, eu quando comecei a aperceber-me desta situação eu fui ao tribunal. Já lá tinha um processo a decorrer em que o pai do Luís nunca me aumentou a pensão de alimentos. Na altura pagava-me 75€o que é pouco. Foi o que ficou estipulado na altura do regulamento e ele nunca me aumentou. Ficou estipulado que ele teria que me aumentar todos os anos e ele nunca procedeu ao aumentou. E, eu pus um processo a decorrer em 2010 no tribunal em Porto de Mós. Quando comecei a ver estas situações em que o Luís vinha para casa e tinha medo, eu fui lá saber o que é que poderia fazer e encaminharam-me então para a Proteção de Menores. Onde a Dra. Sofia começou a tomar conta do processo mais a professora Lisa e começamos, então, a desenvolver este processo. Isto tem-se vindo a complicar cada vez mais. O pai, fomos chamados os dois, para assinar um acordo em que ambos nos comprometíamos a fazer as coisas como deve ser. Ah, eu da minha parte, penso que está tudo cumprido, pelo menos a Dra. acha que sim, também. O pai do Luís já não. Até que agora em agosto passado o Luís era para estar 15 dias com o pai de férias. No dia 1 foi de férias e no dia 8 a madrasta liga-me. Ele tinha uma consulta no dia 9 no dentista, eu avisei antecipadamente: olha dia 9 ou vêm vocês trazer o Luís ou eu vou busca-lo para ir ao dentista. Ah vens busca-lo. Tudo bem. Eu no dia 8 liguei-lhe para lhe lembrar que no dia 9 o ia buscar, em que a madrasta responde: ah o Luís aleijou-se, não é nada de mais, eu vou-te dizer mas não te assustes, ele cortou um dedo do pé. Eu disse, cortou um dedo do pé onde? Ah nós estamos aqui nas piscinas do Reguengo, ah, eu já fui com ele ao Centro de Saúde, mas está tudo bem. E eu assim: está tudo bem mas o que é que disseram no Centro de Saúde? Ah disseram que se ele fosse ao hospital que levava ali uns pontos mas ele não quer ir ao hospital então eu não o levei. Então uma criança com 7 anos não quer, não vai! Eu na minha opinião isso está errado e eu disse: então quando saíres das piscinas podes passar aqui para eu ver o Luís? Ah não, eu estou com uma amiga já não vou aí. E eu disse assim: prontos tá bem. Eu agarrei no meu carro e fui ter com ele às piscinas para ver como é que estava o meu filho, porque senti-me na obrigação de o fazer. Eu cheguei lá e o menino vinha a coxear, mal podia andar. E, depois disse-lhe: olhe eu vou levar o menino ao hospital é em Leiria, quando eu sair deixo-te o menino nos Marrazes. E ela disse que não: “ não levas menino nenhum ele está à minha responsabilidade e eu não te

deixo levá-lo daqui”. Eu disse: “desculpa eu sou a mãe, o pai não está cá para dar a opinião. Se o pai cá estivesse ficava à responsabilidade do pai, como o pai não está, eu sou a mãe e eu vou levar o meu filho. Tenho mais direito do que tu para ir saber o que é que se passa”. Aí ela empurrou-me. Empurrou-me e disse: “tu daqui não o levas”. E o menino começou: “mas deixa-me ir com a minha mãe eu quero ir com a minha mãe”. Disse-lhe o menino. E ela quando o menino lhe disse isso agarrou no menino e encostou-se à porta do meu carro para não me deixar entrar. E eu tirei-lhe o menino das mãos, pus o menino dentro do carro, empurrei-a para poder entrar para o meu carro, entrei para o meu carro e ela mandou-se para o chão para o meio do caminho a fingir-se desmaiada. Mandou-se para o chão para eu não passar com o carro. A colega que estava com ela mais a minha mãe comigo, agarram nela, chegaram-na para a borda e eu passei com o carro e com o menino e levei o menino ao hospital. E, prontos, no hospital a primeira coisa que me disseram foi: “o menino já tomou alguma coisa para as dores?”. Não tinha tomado. O Bem-u-ron aqui no Centro de Saúde da Batalha disseram para lhe darem o Bem-u-ron, ela em vez de lhe dar o Bem-u-ron, foi com ele para as piscinas, novamente. Prontos o menino teve, não podia pôr o pé no chão, não podia nada. Foi uma situação assim um bocado complicada. Não levou pontos porque saltou-lhe mesmo o bocadinho da carne. Ele tem a cabeça do dedo é redonda e um bocadinho da carne saltou fora, ficou quadrada a cabeça do dedo dele. E prontos foi uma situação complicada. A partir daí o pai não estava presente nesta situação. A madrastra não sei como é que lhe fez a história o pai manda-me uma mensagem a disser: “a partir de hoje não vês mais um cêntimo meu e não vou buscar mais o Luís”. Até hoje nunca mais veio. Agora, desde o dia 8 de agosto nunca mais veio buscar o filho. Ele passa pela rua, se vir o filho, não fala ao filho. Aliás em junho, antes de se passar esta situação, em junho...julho do ano passado, antes desta situação, o menino estava de férias e eu, o meu companheiro e o meu menino mais novo, fomos até à Pia do Urso dar um passeio, e estávamos lá, até levamos um lanchinho para fazer lá um picnic. Estávamos lá a fazer o picnic no parque de merendas aparece o pai dele, porque o pai trabalha na SuperBock e então foi lá descarregar àqueles restaurantes da Pia do Urso, foi descarregar, nós estávamos lá, e eles acabaram por almoçar também nessas mesas. O pai chegou, viu o filho, nem sequer se dirigiu ao filho. Sentou-se numa mesa ao nosso lado, não falou ao menino e eu depois disse-lhe: “vais falar ao teu pai”. E o menino disse-me: “mas mãe o pai é que chegou o pai é que se quiser é que me vem falar!”. Eu disse: “não, vais falar ao teu pai. O pai não vai falar, mas tu vais lá!”. O menino foi lá, deu um beijo ao pai, mas foi assim uma coisa, deu-lhe um beijo, voltou para a mesa. O pai abalou primeiro que nós e nem até logo disse ao filho...e foi uma coisa! Depois estávamos nós, nós ainda fomos às casas de banho a seguir ao almoço, sentamos assim num murozinho que havia em frente às casas de banho, o pai voltou a passar lá, falou para o meu companheiro, porque ele vai descarregar SuperBock onde o meu companheiro trabalha, falou ao meu companheiro e ao filho não disse nada. E o menino depois comentou comigo: “oh mãe então mas o pai fala ao Mário e a mim não me diz nada?”. São situações que marcam. Na minha opinião são situações que marcam e prontos a partir desse dia a situação está assim. Agora fomos chamados, há semana...há 15 dias mais ou menos, a uma reunião ali à Comissão. Ah em que a Dra. lhe perguntou se ele estaria disposto a reatar a relação com o filho, onde ele disse diretamente à Dra. que não: “deixem-no crescer e depois ele que venha falar comigo.”. e a Dra. até lhe perguntou: “então deixem-no crescer porquê? Você gostava que os seus pais lhe fizessem o mesmo quando você era pequeno, gostava que os seus pais lhe dissessem, olha cresce e depois vem ter connosco”. Ele respondeu: “não fizeram mas ainda podem fazer!” Foi a resposta dele para a Dra. prontos. E a Dra. disse que o melhor que há a fazer é encaminhar para o tribunal porque vê-se que este pai não está mesmo disposto a cumprir com a relação de pai, não está, não nasceu para ser pai e prontos há aqui alguma coisa que não está certa. E, prontos

agora eu também já fui a tribunal, aonde por último ele alegou que o filho pode não ser dele, para não pagar a pensão de alimentos. Porque a Dra. disse-lhe: “olhe você não ir buscar o seu filho é consigo, está no seu direito, não o quer ir buscar. Tem o direito de o ver como tem o direito de não o querer ver, é consigo. Agora você sabe que é obrigado a pagar a pensão de alimentos, independentemente de o ir buscar ou não”. E ele disse para a Dra.: “eu nem sei sequer se ele é meu filho”. Prontos eu dispus-me logo a fazer os testes porque tenho a consciência tranquila. Dispus-me a fazer os testes e já fui a tribunal dizer qual era a situação e o que é que o pai tinha alegado e em tribunal disseram-me: “ele agora se quiser ponha o processo para fazer os testes você deixa correr como está e ele se quiser que depois, que alegue isso em tribunal e depois resolve-se.”

E, no meio disto tudo está aqui o Luís?

O Luís está muito perturbado. Ah eu ainda agora fui, na 2ª feira falar com a professora. Ah eu estou a notar o Luís alterado, mesmo a nível de comportamento, não cá em casa porque cá em casa mantém um comportamento estável. Há uma vez ou outra que ele é assim mais alterado, mas prontos, por norma mantém o comportamento estável. Eu notei mais foi a nível dos estudos. Quando eu vinha eu sentava-me a estudar com ele e ele: “oh mãe já não me lembro disto”. “mas tu não deste na escola?”. “não sei não me lembro se a professora deu!”. Toda a matéria que eu estudava com ele, ele dizia que não se lembrava. Até que eu disse: “mas o que é que tu andas a fazer na escola para não te lembrares que a professora dá a matéria ou não, ou o que é que se passa?”. “Ah eu ando o bocadinho a portar-me mal e tal, eu ando a falar.”. Ele no fundo ele diz-me a verdade e o que é que faz e se se porta mal conta-me. E, eu fui falar com a professora e a professora disse: “olhe não se pode dizer que ele se anda a portar mal, ele não se anda a portar mal, ele anda um bocadinho desorientado, aonde anda mais conversador e não tem tanta atenção, mas nem é o portar mal é mesmo ele que anda desorientado.”. Mas prontos ele anda a ser acompanhado pela Dra. Sandra e vamos ver daqui para a frente. Mas prontos nota-se que isto mexe com ele, e acho que é normal a situação. Eu não lhe dei a conhecer que o pai não o queria ver, longe de eu querer fazer...porque isso perturbar mesmo ainda mais o Luís saber que o pai dizia que ele poderia não ser filho dele, não é. Eu não dei a conhecer ao Luís, se tiverem que lhe fazer o teste, não sei se vou lhe dizer o porquê ou não, logo se verá. Mas eu para já não o quis fazer e achei que o devia proteger desse pormenor. Mas prontos ele independentemente não querer ir para o pai, porque eu já falei com ele e disse-lhe: “se não quiseres ir para o pai mas quiseres ir para a avó, a mãe fala com a avó e tu vais para casa da avó.” E ele o que me diz é: “eu não quero ir para ao pé dessa gente.”. É a resposta dele e prontos. Inclusive nós fomos ao Continente um dia à noite numa 6ª feira. Estávamos todos no Continente, eu, ele, o meu menino mais novo e o meu companheiro e apareceu a avó do Luís. E a avó foi ter com ele, eu até me afastei um bocado para ela não dizer que eu é que não deixava o menino estar com ela ou alguma coisa. Eu deixei-o a falar sozinho com a avó e afastei-me um bocadinho e avó disse-lhe: “olha a avó queria-te dar um brinquedo mas tens que ir com a avó à caixa para a avó pagar.”. E ele deu-lhe de resposta: “Eu contigo à caixa não vou, se me quiseres dar um brinquedo, dá-me o dinheiro que eu pago.”. Prontos ele nem quis ir com a avó à caixa. Não sei, teve medo, não sei, porque ele muita vez, ele anda no futebol porque ele tem treinos no futebol, e eu punha-o nos treinos e eu vinha para casa e depois eu ia busca-lo quando acabava o treino. E houve um dia que a avó foi aos treinos ter com ele. E eu quando cheguei para o ir buscar ele estava a chorar e eu disse: “Oh Luís o que é que se passou? Aleijaste-te, aconteceu alguma coisa?”. “Foi a minha avó que veio para aqui e eu fiquei com medo que ela me quisesse levar.”. E eu disse-lhe: “Mas avó nunca te vai levar porque a avó não tem ordem para isso, ela nunca te pode levar sem eu deixar.”. “pois mas ela veio para aqui, eu pensei que ela me queria

levar e depois ela chegou aqui e começou a falar da minha vida com o meu pai à frente dos meus amigos e eu fiquei envergonhado.”. Prontos eu tentei falar com a avó, alerta-la para essa situação porque ele sente, pode nem ser a vergonha, mas sente-se diferente, não é! Há muitas crianças que talvez na situação dele, mas falar ali em público ele sentiu-se. E eu liguei para casa da avó, aonde quem me atendeu foi o avó, e eu ouvi a voz da avó por detrás, e perguntei-lhe: “A D. Elsa está eu queria falar com ela?”. “Não, não está!”. Ela nem sequer ao telefone veio. E eu disse ao avó o que é que se tinha passado, o avó ainda me desligou o telefone na cara e ainda diz que eu é que era a culpada, mas prontos. Tudo assim são situações complicadas e prontos!

Agora mudando de assunto, agora vamos falar de si, da sua infância. Como foi a sua infância?

É assim, do que eu me lembro foi ótima. Eu posso dizer que não sou das crianças que teve tudo mas também tive tudo o que os meus pais me puderam dar. Do que eu me lembro tive uma infância que, é assim, não se pode pedir mais porque eu tive o que pude realmente, e fui uma criança que...os meus pais fizeram o melhor que puderam e nós éramos 3 irmãos pequenos a viver em casa e tentaram fazer sempre tudo para nós o que puderam. Eu andei na escola, vinha às alturas do carnaval, nós tínhamos os fatos que queríamos porque o meu pai dava sempre, fazia-nos as vontades que é mesmo assim. A nível de escola fui sempre uma criança, e é por isso que eu sou mais exigente com o Luís, eu fui sempre uma criança que nunca precisei que nunca ninguém me mandasse estudar. Eu adorava a escola, inclusive eu ganhei o prémio de melhor aluna da 4ª classe, porque eu vivia no Alentejo e lá na terra do meu pai davam todos os anos um prémio à melhor aluna da 4ª classe e eu ganhei no meu ano. Ah e por isso talvez é que eu com o Luís sou um bocadinho mais ao nível da escola sou mais exigente com ele por isso porque eu sempre fui exigente comigo própria. Eu tentava sempre alcançar mais, e eu à vezes, eu vinha para casa tinha uma coisa para fazer e se eu não conseguia eu chorava com raiva de não conseguir fazer aquilo, mas eu tinha que o fazer sozinha. A minha mãe é uma pessoa que não sabe ler nem escrever. O meu pai sabe, mas o meu pai era a única pessoa que trabalhava e estava fora, saía de manhã e entrava à noite. E, então tudo o que eu fiz foi por mim sozinha, lutei sempre para conseguir algo mais e prontos depois...quando conheci o pai do Luís desisti da escola e foi o maior erro da minha vida.

E, é do Alentejo de onde?

Portalegre. Eu não sou de lá, sou de Peniche. Mas o meu pai era de lá e era lá que tinha o trabalho dele e nós fomos para lá viver e eu passei lá a minha infância toda. Eu saí de lá tinha 11 anos e depois vim para a Batalha e acabei a minha infância aqui. Mas o que me marca mais foi a infância lá. Foi realmente o que eu mais gostei. Eu chorei muito quando saímos de lá. Ainda me lembro o que o meu pai me disse: “olha vamos ter que...” o meu pai era encarregado de pedreiras da Marlene e explorava as pedreiras no Alentejo. Entretanto o dono da Marlene disse: “olhe vou fechar as pedreiras aí mas preciso de você aqui na Batalha para ir gerir a Marlene lá na Batalha.”. E o meu pai não teve outra opção, não é! Era o encarregado geral e teve que vir. Quando ele me disse aquilo foi...prontos eu chorei. Eu não queria, eu não queria sair do Alentejo. Hoje digo que não era capaz de voltar para lá. Só mesmo para passar férias porque são coisas totalmente diferentes. Mas prontos eu na altura era aquilo, era o meu mundo, eu estava ali, vivi ali, cresci ali e prontos. Estava habituada aquilo e não me queria vir embora. Já os meus irmãos, não. Os meus irmãos são mais velhos eu sou a mais nova. Os meus irmãos queriam era sair de lá porque não gostavam do Alentejo. Eu adorava aquilo, sentia-me lá tão bem. Tinha lá a família, os amigos, tudo! E era lá que eu gostava de estar. Mas prontos depois vim para cá e tudo foi a habituar-me a uma vida nova e habituei-me e hoje não queria voltar, sinceramente.

Então a sua mãe era analfabeta e o seu pai?

O meu pai tinha a 4ª classe.

E eles ralhavam consigo, colocavam-na de castigo, como a tratavam?

É assim eu não me lembro de ser uma criança de dar grandes problemas e grandes motivos para ralar. Eu lembro-me que o meu pai deu-me uma vez uma palmada e foi a única, graças a deus, que eu me lembro, e já eu tinha 16 anos. Porque eu defendi uma colega que era uma pessoa que ele não gostava e achava que essa colega não era a melhor colega para mim e um dia eu comecei a defende-la. No meio de uma conversa o meu pai dizia que não gostava e eu comecei a defender essa colega e então aí deu-me uma palmada. Foi a única que eu me lembro, por causa de eu defender uma colega, deu-me uma palmada. A minha mãe não me lembra. Ralhava, dava-nos castigos sim, o normal, mas bater também não me lembro. Mesmo o meu irmão já levou do meu pai mais porrada, mas também era outro comportamento que eu não tinha. O meu irmão era terrível mesmo.

Agora, enquanto adulta, acha que foi vítima de maus tratos?

Não. Nada, está fora de questão mesmo.

Que idade tinha quando conheceu o pai do Luís?

Eu tinha 16 anos, namorei até aos 19 anos, aos 19 engravidei, entretanto o Luís nasceu tinha eu acabado de fazer 20 anos. Nunca foi uma relação estável até porque, e eu acho que teve tudo mais a haver com a parte da mãe dele, porque a mãe dele era uma pessoa que gostava muito de se pôr na nossa vida e eu para mim, eu tinha, fiz uma família e acho que era, dentro da nossa casa, nós é que tínhamos que mandar. E, ela era um bocado, eu quero, posso e mando. Ela ajudou-nos muito na altura, comprou muita coisa para o Luís, mesmo para nossa casa, ela ajudou-nos muito, mas depois ajudava-nos e queria ser ela a mandar. E isso para mim estava fora de questão. Eu não deixava os meus pais mandarem na minha vida, porque já era crescida, tinha uma família, tinha um filho e, também muito menos, ia deixar a minha sogra mandar na minha vida. Então, eu trabalhava em Leiria na altura e o menino andava ali no infantário no Moinho de Vento. E, ela queria que eu por obrigação, todos os dias, saísse de Leiria, eu saía de Leiria às oito da noite, ela queria todos os dias ver o neto, mas não vinha cá, queria que eu levasse o neto a casa dela então queria que eu saísse às oito da noite Leiria, chegar e não chegar, a minha irmã é que ia buscar o menino ao infantário, eu ia buscar, às oito da noite, oito e meia, a casa da minha irmã e depois ela queria que eu agarrasse no menino e fosse para casa dela.

Vocês viviam aqui na Batalha?

Nós vivíamos aqui na Batalha, sim. Era complicado fazer essa vida todos os dias. E depois os desentendimentos começaram com o pai do Luís. Mais por causa da mãe dele se querer pôr na nossa vida. Entretanto, depois nós casamos porque o Luís, eu queria batizá-lo e o padre aqui da Batalha não deixava batizar o Luís sem nós sermos casados. Eu casei, posso dizer que um bocado forçada, para batizar o meu filho, porque não era o que eu queria, nem de perto nem de longe. Eu nunca pensei em casar mas fi-lo para batizar o meu filho. E, depois do casamento tivemos 9 meses casados. Ao fim de 9 meses tive que lhe dizer: “olha segues a tua vida que eu vou seguir a minha porque não dá.” Não dá, as coisas começaram-se a complicar, nós fomos de lua de mel, fomos para o Algarve e depois viemos do Algarve fomos para Peniche. E, a minha irmã casou no mesmo dia que eu, fomos vestidas de igual, fizemos tudo juntas, a cerimónia, a boda, tudo, ela foi a madrinha do Luís. Foi o batizado do Luís também no mesmo dia. E, ela depois, para o Algarve nós fomos sozinhos, mas depois para Peniche combinámos e fomos

todos juntos. Estávamos nas Berlengas em Peniche toca-me o telefone, era uma tia minha que vive lá, e que sabia que nós íamos para lá, então ligou para saber se nós queríamos ir almoçar a casa dela. Bem, o pai do Luís quando atende o telefone, que vê que é ela, começou a, ofendeu-a mesmo, assim em público. Nós estávamos no meio das Berlengas, tanta gente a rodear-nos e ele começou a ofender a minha tia, só por ela perguntar onde é que estávamos e se queríamos almoçar. Prontos ofendeu-a, chamou-a de tudo, eu disse-lhe: “Olha não concordo com o que fizeste, a minha tia não te ofendeu, aliás estava a perguntar se nós queríamos ir almoçar a casa dela, ainda nos estava a fazer um favor e tu ofendeste a minha tia sem razão.”. Depois aí começaram uns conflitos lá em Peniche, nós tínhamos levado, nós tínhamos dois carros e estavam os dois em nome dele, embora um tivesse em nome de nós os dois, só que ele era o primeiro titular e eu era a segunda. E, ele tinha emprestado esse carro à minha, que a minha irmã tinha o dela na oficina. Então em Peniche, depois de se passar isso tudo, tirou o carro à minha irmã. Deixou-nos a pé com um menino que tinha um ano, o Luís. Deixou-me a pé com o Luís, a mim, à minha irmã e ao meu cunhado. A minha irmã até disse: “Olha não foi nada comigo, eu não sou vista nem achada na situação, acho que não agiste bem em me tirares o carro que mo tinhas emprestado a mim. Os carros ficaram em Peniche, eu paguei um táxi para me vir embora para a Batalha. Viemos embora, eu paguei cento e tal euros na altura, ainda era em escudos, vinte e tal contos, talvez, salvo erro. Vim de táxi e quando cá cheguei de táxi ele já cá estava. Começou a pedir desculpa. Ligou para a minha tia a pedir desculpa à minha tia. Foi falar com a minha irmã e pediu desculpa à minha irmã. E, depois ainda me pediu a mim para ir buscar o carro a Torres Vedras. E, eu ainda fui, depois de passar por isto tudo ainda lhe fui buscar o carro, e prontos, a partir daí as coisas nunca mais se entenderam. Eram situações que vinham atrás de situações.

E, ele tratou-a bem? Psicologicamente e fisicamente?

Psicologicamente e fisicamente, é assim, ele nunca me bateu porque eu nunca deixei. Houve uma altura que em que a minha mãe estava em nossa casa e ele disse para a minha mãe: “você tire-me daqui a sua filha que eu mando-a das escadas abaixo e nem sequer chamo os bombeiros.”. Disse ele para a minha mãe. Nós vivíamos num terceiro andar. E, eu disse-lhe: “a mim mandares-me das escadas abaixo, nem penses em tocar-me porque eu saio daqui e vou à GNR, não penses sequer em bater-me!”. Depois ele, quando eu lhe disse isto, começou a bater com as portas. A casa não era nossa, era alugada, e eu dei-lhe de resposta: “Olha não batas com as portas, bate antes com a tua cabeça, porque as portas não são nossas e não tens que estar a estragar o que não é teu.”. E, ele não tem mais nada, eu tinha o filho ao colo ao pé dele e ele agarra-se à parede e dá cabeçadas na parede que o sangue da testa dele ficou na parede. À frente do menino, o menino tinha um ano e tal, o menino viu aquilo, não é, o menino ficou a chorar. Eu depois fui para outra divisão da casa. A minha mãe quando foi ver a parede disse: “olha o sangue dele está agarrado à parede.”. Ele mandou ali umas quantas cabeçadas na parede.

Mas nunca lhe bateu?

Não, a mim não. E é assim, se batesse também só faria uma vez, porque eu ia fazer queixa. É coisa que eu não tolero é violência.

Mas acha que ele a tratou bem?

Não.

Agora fale-me um pouco da infância do pai do Luís, dos pais dele?

É assim, eu não sei muito da infância dele é uma coisa que nós nunca falamos muito foi sobre a infância dele. A única coisa que eu sei da infância dele, que ele chegou a comentar, foi que teve que andar em psicólogos. Prontos que a mãe o pôs em psicólogos porque ele não andava bem psicologicamente e prontos é a única coisa que ele comentou sobre a infância dele.

E, acha que os pais dele o trataram bem?

É assim, se calhar trataram-no bem de mais. É o que eu costumo dizer, se calhar o que ele tem agora é muito mimo, é o menino dos papás e, que isso também se calhar, o está a prejudicar um bocado.

E que tipo de formação tem os pais?

A mãe é costureira, o pai também era encarregado, também trabalhava na Marlene. Agora não sei o nível de escolaridade.

Mas em termos de violência acha que os pais o foram ou não?

É assim, não me parece. Ele é filho único logo daí acho que ele foi muito apapricado a nível, de tios, a nível de pais, a nível de avós, prontos. Ah nível de violência, não sei, nunca comentamos isso, mas também não me parece. Mas às vezes as aparências iludem, mas não me parece, penso que não.

Mas há aqui algo que não está bem?

Sim, tem que haver aqui alguma coisa. A mim parece-me que é a nível psicológico, a nível do pai do Luís como da avó. Não quer dizer que sejam maus tratos, não quer dizer...eu acho que é mesmo a nível psicológico, há ali alguma coisa que falha ali.

Provavelmente um bloqueio emocional por ter uns pais tão presentes que nem dão oportunidade de opção livre de escolha.

Sim, ainda hoje em dia, a avó é que tenta mandar na situação que está acontecer. A avó está sempre a dar opinião e está sempre a ameaçar-me “eu faço queixa de ti, eu tenho amigos advogados, eu tenho amigos psicólogos”, prontos é sempre a conversa dela, sempre que se dirige a mim, é que tem amigos que podem. Eu aquilo ali é um bocadinho de, eu tenho poder e posso fazer tudo com os poderes que eu tenho. Mas eu, isso passa-me ao lado e eu sou pela verdade e tenho a minha consciência tranquila.

Vou opinar um pouco. Já reparou que o pai do Luís sempre fez estes jogos psicológicos e está a fazer o mesmo com o Luís. Isto é um ciclo geracional.

É, e é assim, eu sinto que o Luís já desde criança, e ele assistiu a muita guerra entre mim e o pai, não é, porque existiam, podiam não ser físicas mas verbais, existiam. Houve alturas em que nós discutíamos e prontos o Luís estava connosco, foi-se apercebendo, mesmo o facto de o pai bater com a cabeça na parede, ele assistiu a tudo isso. E, eu noto que o Luís é uma criança psicologicamente afetada, é muito nervoso, é...ele qualquer coisinha ele chora, ele se não conseguir fazer um trabalho e que eu lhe diga: “oh Luís não é assim e tens que fazer melhor ou a mãe tem que apagar para tu voltares a fazer.”. Ele só isso leva-o a chorar. Ele é nervoso e isso para mim tem tudo a haver com o psicológico e com o que ele assistiu quando ele era pequeno.

Você é a cuidadora desta criança, mas quem é que chama a atenção?

Por norma eu, embora o meu companheiro quando tem que chamar também chama. E, aliás, ele está a viver com o Luís desde os dois anos é como se fosse o pai, não é! Está a fazer o papel de

pai e ele quando tem que chamar, também chama, mas mais eu, sim, quando há alguma coisa. E, aliás eu também passo mais tempo com ele, estou desempregada, o meu companheiro trabalha, sou a pessoa que passa mais tempo com as crianças, e então sou eu que chamo mais a atenção.

Como o faz e onde?

É assim, por norma cá em casa, aliás quando ele se porta mal na rua eu digo: “olha a gente quando chegar a casa vamos conversar”, e por norma faço-o em casa. E primeiro tento sempre uma conversa, não é, e olha se não melhora as coisas de castigo. Já houve alturas que eu tive que lhe dar castigos e foi um castigo. O maior castigo que lhe pude dar foi tira-lo dos treinos assim durante um mês. Ele andava na escola a descarrilar um bocadinho, houve alturas até de se pôr com os colegas, passou uma rasteira a um colega, que o colega até teve que ser visto nas urgências, porque aleijou um dente. Não foi nada de grave, graças a deus. Então nessa altura que eu vi que o Luís andava mais perturbado, eu disse-lhe: “olha Luís a mãe vai-se chatear contigo se tu não melhora, eu vou-te ter que dar um castigo.”. Mas a situação, ele não deu grandes ouvidos à conversa e eu tive mesmo que lhe dar um castigo, e disse: “durante um mês não vais à bola, os treinos, durante um mês para ti acabou, tanto os treinos, como a playstation, o computador, telemóvel, tudo isso para ti acabou. Então aí ele ao fim de um mês estava na linha, completamente, ele encarrilhou. Depois eu voltei a ir falar com a professora e a professora disse: “já não parece o mesmo Luís já temos a criança que eu tinha no início e que é a criança que eu realmente quero ter” e a professora até disse: “fez-lhe bem esse castigo, tirá-lo da bola, fez-lhe bem.”.

Cuidar desta criança é fácil?

É assim, eu não acho difícil. Eu tenho dito várias vezes que eu tenho os melhores filhos. Mas é assim, com esta situação que se está a passar agora, eu noto que o Luís também precisa de mais atenção. É uma criança que quando...há alturas em que a situação está mais calma e ele anda realmente mais calmo. Mas quando a situação começa a ter outro nível, que também começa a evoluir para o pior, como está nesta situação, o Luís também parece que ele não anda por dentro, diretamente por dentro de tudo, mas ele também nota, ele também sente que há alguma coisa que não anda bem, não é!

Você anda ansiosa e passa-lhe isso, não é?

Pois é. A mais a mais quando é a reuniões, depois é ir a tribunal e isso mexe connosco, não é! E, eu quando ansiosa, ele também se apercebe. Ou quando ando mais nervosa ele também se apercebe, mas prontos eu aí tento ser mais calma com ele, leva-lo com mais calma. Eu agora fui falar com o professor e eu até lhe tinha dito: “olha Luís eu vou falar com a professora, se a professora me disser assim muito mal, que te andas a portar muito mal, tu vais estar mais um tempo sem ir à bola e se for preciso eu até te tiro do futebol.”. Mas depois eu fui falar com a professora e a professora até me disse que não era nada por aí além, que realmente ele andava a falar mais um bocadinho e que andava mais distraído, mas que não se podia dizer que fosse mesmo mal comportamento. E, ele quando eu saí da reunião ele disse-me logo: “oh mãe então o que é que a professora lhe disse? Eu ando a portar-me mal, não é mãe? Vou sair da bola?”. Eu vou assim: “olha vamos aqui fazer um pacto os dois: tu queres sair da bola ou queres continuar na bola mas comes-te a portar bem?”. “eu prometo que me começo a portar bem mas eu quero continuar na bola!”. “então prontos vais à bola mas tens que te portar bem!”. E a situação agora está assim, ele pelo menos estes dias tem andado bem.

E o que é que é mais difícil com ele?

Mais difícil é a teimosia. Ele é muito teimoso. E mesmo a professora chegou-me a dizer que a professora dizia-lhe “olha isto é assim” e ele dizia “não é, é como eu estou a dizer” e a professora “mas não Luís é como a professora está a dizer” e ele ateuava, ateuava e tinha de levar a dele até à avante. O Luís aqui em casa ah, prontos, eu às vezes mando-lhe fazer aqui alguma coisa e ele se não quer, se não está para aí virado, ele é teimoso e tenta levar a dele à avante. Mas bem conversado ele acaba por ceder.

E o que é que é mais fácil?

Mais fácil...todo o resto acho que é fácil. Ele a nível de estudos, acho que é uma criança que não me dá problemas nenhuns. Ele chega da escola, ele se tem que fazer os trabalhos, ele não tem que se estar a mandá-lo. Ele chega diz “olha mãe tenho trabalhos vou fazer”. Se ele desarruma alguma coisa ele sabe que, e foi uma regra que eu sempre impus desde pequenos: desarrumam têm de arrumar! As coisinhas dele, os brinquedos dele, é o espaço deles, ele é que o têm de o manter. Eu faço a limpeza geral, limpo, faço as camas e isso mas os brinquedos, eles desarrumam eles é que têm de arrumar. E o Luís é uma criança que tem isso em mente e tudo o que desarruma ele faz ele...eu não o tenho que andar a chamar a atenção “faz isto faz aquilo”, ele o que desfaz também faz. O pequenino já não é assim. O pequenino não gosta de arrumar.

O Luís é o seu companheiro!

É, é! O Luís é o meu menino, o pequenino também, mas o Luís é aquela criança que não tem o carinho de pai e nós temos sempre tendência, eu gosto dos meus dois filhos igual, dou carinho aos dois igual, mas o Luís é aquela criança que não tem o carinho do pai e acho que precisa um bocadinho mais de mim. O pequenino tem o carinho do pai constante e o Luis já não é assim. Embora o Mário goste muito do Luís, o Mário passa horas a brincar com o Luís, a jogar playstation com o Luís, mas é diferente, não é! O Luís sabe que aquele não é o pai dele. Ele já me disse “eu gosto mais de estar com o Mário do que com o meu pai” e eu tento-o fazer ver que não é a mesma coisa, não é, porque ele precisa de estar com o pai, mas ele não quer. Ele chegou-me a dizer “o meu pai não brinca comigo, o Mário joga playstation comigo. O meu pai quando lá me tem passa horas na televisão não quer saber de mim”. São tudo coisas que marcam a criança.

Anexo VII

Transcrição da entrevista à família C

Fale da sua infância?

Ah o que é que você quer que eu lhe diga? A minha infância foi normal. Para mim foi normal, tá bem que o meu pai na altura bebia. O meu pai teve uns anos que bebeu muito e às vezes quando chegava a casa as coisas não corriam assim...nunca nos bateu atenção! Nunca nos tratou mal. Prontos era capaz de ter o prato de sopa na mesa e sem mais nem menos pegava no prato, se não tivesse em condições, e chão! Mas isso era com o álcool, porque fora isso ele era, prontos, era uma pessoa normal.

E a sua mãe?

A minha mãe, o que é que quer que eu lhe diga da minha mãe? A minha mãe sofreu algum tempo! Sofreu! Sofreu alguns anos até que ele deixasse de beber.

Mas os seus pais davam-se bem?

Ah davam-se, davam-se, davam-se! Eles dar-se bem, davam-se. Sempre se deram até porque a minha mãe engravidou para se casar. Fizeram a gravidez mesmo para se casarem porque gostavam um do outro, mas na altura, o meu avó não consentia por ela ser a filha mais nova e assim. Eles davam-se bem e gostam um do outro. Só que prontos o meu pai com o álcool...há pessoas que com o álcool dão para a brincadeira e o meu pai não era muito para a brincadeira, mas agora, foi só uma fase e nunca foi nada com a gente!

Tem mais irmãos?

Tenho um irmão mais velho, é polícia.

A sua mãe era doméstica?

Não, a minha mãe sempre trabalhou. Toda a vida trabalhou.

E o seu pai também?

E, o meu pai também, sempre trabalharam. Nunca deixaram o trabalho para trás. Sempre fomos pobres mas nunca nos faltou nada. Mas sempre trabalharam, sempre! Tanto a minha mãe como o meu pai, deve ser mais ou menos como os seus! Começaram a trabalhar muito cedo, muito novos, toda a vida. Ainda hoje a minha mãe trabalha. Trabalha ali no mesmo sítio que eu, na Derone (fábrica de confeções), apesar de às vezes já não conseguir muito bem mas também trabalha.

Então era trabalho, casa?

Pois, então! É como eu faço! É ir para o trabalho, vir para casa, fazer jantar, dar banho e oh mais o meu homem ajuda-me muito. De manhã, principalmente, ele é que dá o pequeno almoço, ele é que faz o chocapic. O pequeno, às vezes é um bolacheirão, tem que se dar à boca, o pai é que lhe dá. Se for preciso também os veste. De manhã isso aí ele ajuda-me muito.

E o seu pai também era assim?

Não. O meu pai já não era bem assim. Nisso o que fosse preciso, era a mãe é que tinha de tratar.

Pois, a mãe mandava nos filhos?

Era. O meu pai também mandava. O meu irmão acho que atinou mais alguma coisa na escola, talvez uns estalinhos que o meu pai lhe tivesse dado, por causa só de errar umas contas e eu nisso nunca. Fui sempre a menina mimadinha. Não quer dizer que o meu irmão não tivesse recebido os mimos! Recebeu mimos tal e qual, mas eu era, como era a mais nova era a mais mimada. Era a menina.

Portava-se melhor?

Oh pá, isso de portar melhor, foi só a té uma certa idade depois fui muito rebelde! Fui muito rebelde. Nunca, é assim, nunca roubei, nunca fiz nada disso, mas tinha uma rebeldia muito grande. Era eles não me deixarem fazer o que eu queria e eu revoltava-me e fazia à mesma!

Agora, enquanto adulta, acha que foi maltratada pelos seus pais?

Não, de maneira alguma! Não, nunca, isso nunca! É assim o meu pai é daquelas pessoas que gosta mas que não gosta de dar a mostrar, não gosta de...prontos gosta, lá dentro gosta, mas não de mostrar assim muito com gestos de afeto. Há pessoas assim.

E a infância do seu marido?

O meu marido? Não sei. A única coisa que eu sei é que ainda não tinha um ano de idade e tomou para lá comprimidos para a França. Deve ter sido isso que lhe causou algum mal...afetou o cérebro (risos). Não, não sei de nada. Acerca do meu marido não sei assim grande coisa.

Mas conhece os seus sogros?

Conheço, moram já ali em baixo. Mas não sei assim...tanto ele como o irmão sempre lidaram muito com o pai, trabalhavam os três juntos. Começaram a trabalhar muito cedo e eram os três juntos na construção. Ah depois também tiveram ali um aviário em cima conjunto, também era, prontos também trabalhavam em conjunto, os três. Não posso dizer muito porque eu nunca fiz essas perguntas mas, eu acho que não (que não eram maus pais).

Então os seus sogros era também trabalho-casa, casa-trabalho? Não havia álcool, por exemplo?

Ah, não. Podia lá haver um copinho de vinho e também devia de beber às vezes, ainda hoje bebe, mas não era de chegar a casa...não!

E a sua sogra é doméstica?

A minha sogra foi...praticamente, depois de ter os filhos, acho que ficou sempre em casa. Mas ele tem muito! Oh tá bonita! Ah a mulher não precisava de trabalhar que ele tem muito e quer levá-lo todo para a cova!

Retomando a sua infância, estudou até ao 9º ano?

Até ao 9º ano e com chumbos pelo caminho. Eu tive três anos no mesmo ano, no 8º ano.

Então teve uma infância feliz e uma adolescência rebelde?

Respondona! Isso ainda hoje, às vezes, sou respondona! Mas era, era na altura! Não fui assim uma adolescente como estas de agora, é como algumas colegas minhas foram, que saíam à noite e iam a um bar ou uma discoteca. Eu não, nunca tive...nunca me deixaram fazer esse tipo de coisas. Até houve uma altura que eu comecei a fumar lá na escola, ainda fumei uns sete anos, e eles quanto mais me diziam e ralhavam e resmungavam que não queriam, quanto mais eu

fumava! Só me estava a prejudicar a mim, não é, mas pior eu fazia. Era assim, eles não me deixarem fazer assim alguma coisa que eu vingava-me nisto ou naquilo.

Mas de resto foi uma boa adolescente?

Ah fui!

Depois saiu da escola e começou logo a trabalhar na fábrica que ainda hoje trabalha?

Passado dois ou três meses talvez. Vai fazer treze anos, práí.

E casou com que idade?

(risos) façam as contas! Vou fazer trinta anos.

Pois, tem a filha mais velha com 9 anos...

Mas não casei grávida! Vou fazer 10 anos de casada agora dia 9 de novembro. Casei-me ainda não tinha vinte anos, fiz logo a seguir em dezembro.

Por opção?

Por opção!

Construíram primeiro a casa e depois casaram?

A casa já estava em construção. Ele já tinha...o meu marido é pessoa que gosta de ter! Mesmo lá em cima ele tem aqueles moinhos, ele gosta de ter. Tinha o apartamento na Mira, que o pai dele deu um apartamento a cada um dos filhos na Mira. O irmão mora por cima até e a gente tem aquele por baixo, até está arrendado. Mas esta parte de baixo já estava toda construída, já tinha as paredes todas. Porque, já por ideia dele, ele quis começar a construir uma casa para ele, a pensar já no futuro. Depois então, como a gente decidiu casar, ele decidiu acabar a casa. Construísse a casa, fez-se a casa antes da gente casar e viemos logo para aqui morar.

Depois vieram os filhos?

Fiquei grávida em fevereiro. Para mim para ser mãe, oh se é mãe cedo ou então não vale a pena!

Pois vai ser uma avó jovem!!

Isso agora não sei. Mãe sim agora avó, isso já não sei. Cada qual é como é, mas eu não acho jeito uma mãe, ser mãe aos trinta ou aos trinta e tal anos! Há aquelas que infelizmente coitadas, se têm nessa idade, sofreram muito ali para arranjar um filho, não é! Mas outras é mesmo por...não querem. Por alguma coisa o casamento do meu irmão acabou. A mulher não tinha vontade disso e é educadora de infância. É aí que eu às vezes me ponho a pensar, quer dizer, é educadora de infância, gosta de lidar com crianças e não queria ter filhos!

Considera que é bem tratada pelo seu marido?

Agora sou, presentemente sou. Se fosse à uns anos atrás, não! Pois, discutia-se bastante!

Quando as crianças fazem algum disparate quem é que chama a atenção?

É assim, é os dois, depende! Às vezes eu sou capaz de os repreender por isto ou por aquilo e o pai dizer que não vale a pena estar a...por causa disso não vale a pena. Outras vezes é o contrário. Opá normalmente a gente repreende os dois. Tem que ser, eles são muito teimosos.

Mas vocês não tiram a autoridade um do outro em frente às crianças?

Tem alturas que não é bem assim! Às vezes não...não concordo assim muito bem. Mas pronto tem que ser, tem que ser e depois como o meu marido é mais velho também tem aqueles ideais daquelas pessoas como o meu pai, por exemplo, tem que ser assim e tem que ser assim. E ele pronto tem que fazer o que o pai manda. E eu só lhe digo, muitas vezes, vocês têm que fazer o que o pai e mãe mandam que a gente se repreende e diz é só para vosso bem, mais nada!

E cuidar destas crianças é fácil ou difícil?

Uuuu...tem dias! (risos) Tem dias que não se pode! O meu mais pequeno tem dias que vem da escola endiabrado de todo! Não se faz nada dele. É saltos, é pinarotes, é...prontos não se faz nada dele. Às vezes tem dias é um elétrico prontos, não vele a pena. Mas é bom! É bom ser mãe!

O que é mais difícil?

É quando eles são teimosos. Quando eles começam a ateimar, ateimar, não vale a pena!

Como a mãe era, não é?

Pois! (risos) Pois, pois, ai, ai, quem sai aos seus não degenera, isso é verdade! A minha Beta é assim mais calminha é assim uma criança mais calminha. Agora ele não é uma criança muito mexida, muito elétrico, é como o pai!

E o que é mais fácil?

Sei lá! Tanta coisa! Opá é tudo fácil, desde o momento em que eles não venham com vontade de ateimar, é tudo fácil! Ser mãe é bom. É a melhor coisa que uma mulher pode ter é os filhos!

A gente tenta educa-los para o melhor possível, mas se eles forem da qualidade de serem o que têm que ser, não há nada a fazer, não é! O futuro dirá!

Anexo VIII

Transcrição da entrevista à família D

Fale-me da sua infância?

A minha infância foi calma. Quando a minha mãe morreu, eu tinha 15 anos. Os meus irmãos tinham...um tinha 14 e o outro ia fazer 13, quando ela morreu. Aí fiquei um bocadinho instável. O meu pai trabalhava na altura, nós andávamos na escola e aí fiquei um bocadinho instável, tinha más companhias, ia para todos o lado com elas. Depois deixei de estudar com 16. O meu pai apanhou um esgotamento e eu comecei a trabalhar com 16 anos num café. Estive lá 5 meses e depois saí desse café e fui trabalhar para a pastelaria onde estou agora.

Na sua infância os seus pais davam-se bem, viviam bem?

Sim, sim vivíamos bem e davam-se bem. Até aos 15 anos vivemos sempre bem. Era raro o meu pai e a minha mãe discutirem, quase nada, nem me lembro sequer de ouvir ralar um com o outro nem nada.

Nem com vocês?

A minha mãe ralhava, mas a gente também se portava mal, não é! Mas mais de resto de violências, nunca houve nada, era calmo.

Vocês estudavam os 3, havia dinheiro e trabalho?

Sim, a minha mãe trabalhava. O turno dela era das duas às seis da tarde lá no Reguengo e o meu pai trabalhava o dia inteiro. Trabalhavam os dois. Havia tudo comida e roupa.

Eram bem cuidados?

Sim era tudo muito bom, até aos 15.

E sua mãe morreu de acidente?

Não, morreu de cancro da mama.

E aí desmoronou tudo?

Foi, foi um bocadinho tudo abaixo. O meu pai teve o esgotamento, ficou de baixa, passado um ano cortaram-lhe a baixa e depois houve ali um desequilíbriozito (financeiro) mas depois eu comecei a trabalhar e já...voltamos mais ou menos ao estável.

E, os seus irmãos?

Continuaram a estudar até ao 9º ano. Eles tiraram o curso.

E depois começou a namorar?

Não. Eu comecei a namorar com 18 anos e o rapaz com quem comecei a namorar tinha 28 anos, ainda namoramos um ano, mas depois ele deixou-me. E eu desorientei-me um bocadinho, mas continuei sempre a trabalhar. Saía todos os dias à noite, depois é que conheci o meu marido, ia fazer 19 anos. Começamos a namorar e foi até agora.

E dele, sabe alguma coisa da infância dele?

Os pais dele ainda são casados e dinheiro sim. Agora estão a passar uma fase mais complicada. A infância dele, pelo que eu sei, é uma família, ele não é às direitas, tem altos e baixos, mas são todos os irmãos. Ele começou a consumir drogas tinha 20 anos, acho eu, ele está com 27 anos. Começou a consumir mais a outra namorada que ele tinha, têm uma menina em conjunto que tem 8 anos. Foi-lhe tirada, essa foi entregue aos pais dele, até hoje está com os pais dele, há 8 anos.

Então quando começou a namorar com ele, ele já consumia?

Não, tinha deixado. Porque a menina foi tirada pelo tribunal porque eles dois consumiam. E, ele foi obrigado a ir ao CAT, a consultas de reinserção social, porque aqui eles também vendiam droga, pronto. Eles tiveram ali muita complicação. Foi mesmo obrigado a deixar e agora há 3 anos voltou outra vez. Houve aí um tempo, quando eu comecei a namorar com ele, não, já não consumia nada e há 3 anos começou.

Vocês continuam juntos, mesmo estando ele preso?

Sim.

Então ele já consumia quanto engravidou a sua 1ª filha?

Não, foi pouco tempo depois de eu ter engravidado. Estava quase a ter a menina quando ele começou a consumir. Foi lá um colega dele a casa, que fazia anos, levou-lhes o pó e ele a partir daí começou outra vez!

Mas voltando à infância dele?

Aquilo é uma família fechada. O pai dele é um homem, nota-se nele que é triste, não tem alegria. Não é capaz de se sentar à mesa e conversar com os filhos. O mais novo, por exemplo, tem muitos problemas com o tribunal. Agora acho que até anda mais calminho porque teve de ser obrigado, porque senão eles pegavam nele, as senhoras de proteção de leiria pegavam nele e metiam-no numa casa de correção. Aquele é muito instável também.

Mas o pai é agressivo ou ignora os filhos?

Ele ligar, liga, mas não é aquele afeto que um pai...

E a mãe?

A mãe deixa-os fazer tudo aquilo que eles querem. Não é má. O problema dela é dá-lhes tudo aquilo que eles querem. É não dizer não, quando é preciso e eles têm muita liberdade da parte da mãe, por isso é que eles são assim quase todos.

Avançando. Depois começou a namorar com ele e engravidou. Foi planeado?

Não.

Mesmo ele consumindo, continuaram juntos?

Sim, porque ele não me tratava mal, pelo contrário, tratava-me ainda melhor.

Mas você sabia?

Sim, ele nunca me escondeu isso. Não me escondia nada mas tratava-me muito melhor. Normal, pronto era aquela coisa de namorados, mas quando consumia era o mundo imaginário na cabeça dele. Era tudo muito bonito na cabeça dele.

Depois engravidou também da segunda filha, sem ser planeado?

Sim, sem querer. Devia ter a Anita 7 ou 8 meses, aliás 9 meses, quando engravidei da segunda.

E vocês nunca viveram juntos?

Sempre vivemos juntos até agora, até há um atrás. Agora não porque ele está preso. Mas desde que engravidei até agora que sempre andamos juntos. Para onde um ia o outro ia atrás. Depois com a menina, só tínhamos uma ainda, nessa altura, íamos sempre para todo o lado juntos.

Então até há um ano...

Que está preso.

Mas ainda assistiu ao parto da mais nova?

A menina nasceu a dia 8 de setembro e ele só foi preso em dezembro. Mas em novembro nós fomos para Bragança, porque como ele consumia, a casa não tinha grandes condições onde nós estávamos e a proteção fez-nos pensar. Ou nós tomávamos uma decisão: se entregávamos as meninas a alguém de família, até nos orientarmo-nos, ou iam para uma instituição. E perguntaram-me onde é que eu tinha família? E eu tinha a família em Bragança. Falaram com o meu pai, o meu pai falou com os meus avós e os meus avós aceitaram-nos às três e nós fomos. Fez agora um ano que nós fomos embora.

Foram para Bragança antes do seu marido ser preso, mas ele ficou cá?

Ele ficou cá porque não podia ir connosco.

Então as suas filhas foram sinalizadas, sugeriram você afastar-se dele e vocês foram embora em novembro de 2011 e ele foi preso logo em dezembro de 2011?

Sim.

E, vocês aceitou?

Sim, ou tinha aceite ou as meninas tinham ido para uma instituição.

A irmã dele tem uma casa grande. Eu falei com ela na altura e até lhe disse que eu pagava o infantário das meninas, eu pagava as fraldas, tudo isso. E, ela não quis.

E, agora está cá há quanto tempo?

Desde abril. Nós viemos cá passar a páscoa porque ele era para sair em abril, na altura ele só tinha apanhado 4 meses de uma multa, ainda não tinha sido nada dos processos que ele tinha. Nós pensávamos que ele ia sair em abril e vim para cá para passar a páscoa, só que depois ainda tinha mais um ano para cumprir. E, falei com as senhoras da proteção lá de cima, porque depois o processo passou para Bragança. Elas disseram-me que não podia ser assim, que tinha de ter uma casa para mim e para as meninas. Depois a Dra. Luciana daqui e a Dra. Sandra, andavam a ver. Na altura até falamos das meninas irem para uma instituição daqueles centros temporários e depois eu falei com uma colega minha, que é a dona deste café, e ela quis-me ajudar e ficou com a minha mais velha. Fomos falar com a Dra. Luciana, ao início elas aceitaram o acordo, a Anita ficava com a Teresa, a Bela ficava comigo. Ela vinha para ao pé de mim à 2ªf que era, depois eu comecei a trabalhar na pastelaria onde tinha começado aos 17 anos, e tinha folga à 2ªf. Eu ficava com a Bela porque ainda não tinha infantário que era em julho. Ela ficava com as duas, eu depois vinha buscar a Bela e a Anita ficava com ela. Depois houve uma complicação qualquer outra vez e a D. Isaltina ficava com as meninas porque as da proteção acharam melhor ficar a D. Isaltina com as meninas (**que é a ama?**), sim que é a ama. E, ela agora assinou o

acordo. Fico responsável pelas meninas e a D. Isaltina fica responsável também porque elas ficam em casa dela de noite, por causa do meu horário de trabalho. Tem sido isto até agora.

E concorda com isto tudo?

Por um lado sim, porque as meninas estão bem, elas gostam dela, é como se fosse a segunda mãe delas e têm muitos meninos para elas brincarem lá em casa, concordo. Mas por outro lado, gostava de as ter ao pé de mim, mas o meu horário de trabalho e sozinha, não consigo!

E o seu pai e os seus irmãos concordavam que elas ficassem lá em casa?

Sim...

Vai visitar o seu marido?

Sim, costumo lá ir só quando tenho folga, à segunda-feira.

Então quando ele sair da prisão, a ideia é irem viver todos juntos?

Sim. Nós tivemos a falar. Por enquanto, se ele sair em liberdade condicional, eu queria manter as coisas assim, as meninas continuarem na D. Isabel, que é para não haver já alterações no acordo. Porque senão, se vamos estar a mexer no acordo, vai tudo voltar ao mesmo, como antes. Então, ele também concordou, até nós não termos uma casa e ele não ter um trabalho, porque depois tem que ter um trabalho, é obrigado a ter trabalho se sair em liberdade condicional e só depois daí as meninas ficarem connosco todos os dias!

Considera que foi vítima de maus tratos pelo seu marido?

Não.

É bem tratada por ele?

Sim, isso trata.

E ele pelos pais dele?

Não, pelo contrário, era liberdade a mais!

E cuidar destas crianças?

São fáceis de cuidar. A Anita é muito meiguinha, agora a outra, quando alguma coisa não lhe agrada, faz birras que já nem lhe podemos tocar, porque se tocarmos ela faz uma birra ainda maior. Então eu tenho que a deixar chorar até acalmar. Esta é muito complicada...(risos).

Quando as crianças estão a portar mal quem é que chama a tenção?

Sou eu.

E quando o pai estava presente?

Era eu também. Ele dizia-me: olha as meninas! Lá ia eu. Depois a minha Anita refilava muito com ele (brilho nos olhos de alegria com saudades), mal via o pai começava logo a refilear com ele, lá na linguagem dela e eu ria-me. Cuidar delas não é difícil, também são tão pequeninas! Não, nada. Não há castigos, são tão pequeninas.

E o que é mais difícil com as meninas?

O mais difícil é...é...

É estar longe delas!

É. (correm lágrimas de tristeza)

E o que é mais fácil?

É quando vou busca-las. (chora porque já não consegue conter mais)

Você está a fazer 2 horários, o seu e da sua colega que está de baixa. Quando ela voltar fica só com o seu horário normal. O que está a pensar fazer?

Já consigo ir buscar as meninas ao infantário, como tenho horário até às quatro, vou eu busca-las às quatro e meia. Porque depois o horário de manhã, estou de manhã, outro dia estou à tarde e depois volto a estar de manhã e, à tarde, já consigo ir busca-las às quatro e meia e, pô-las de manhã ao infantário. Depois à noite vai lá a D. Isaltina e vai leva-las e depois eu vou busca-las, como fazíamos antes.

Têm é de continuar com a D. Isaltina?

Sim, o acordo é estarem com a D. Isaltina. Mais ninguém pode ficar com elas.

Mas você pode ir todos os dias ter com elas?

Posso. Quando eu não consigo ir vê-las, porque às vezes eu não consigo, a D. Isaltina vai ter comigo à pastelaria, pronto, para me as mostrar.

Independentemente do seu marido ser toxicodependente, ser um recluso, as suas filhas não terem sido planeadas, noto em si e nas suas palavras um grande amor pela sua família. Vai continuar a lutar para ter a sua família toda junta novamente?

Sim...(chora e respira fundo como se tivesse uma nuvem negra a pairar sobre si e um peso enorme nos ombros, que tenta libertar. Vejo uma jovem sonhadora, lutadora, que ama a sua família, mas que se sente cansada e muito sozinha.)

Transcrição da entrevista à família E

Fale-me da sua infância?

A minha infância foi, eu quando era pequenina, andava na escola, aqui na Faniqueira e andei na escola só 15 dias. Porque nós estávamos a viver na casa de uma tia da minha mãe, porque ela não tinha filhos. A minha mãe como era sobrinha, os meus avós morreram quando a minha mãe tinha um ano e meio, a minha tia ficou com encargo de 8 sobrinhos. Depois uns cresceram, foram trabalhar para os empregos deles e lá se ajuntaram-se, casaram-se e a minha mãe como era a mais nova de todos e a minha tia vai assim: “olha quem ficar a tomar conta de mim até ao resto da minha morte e do meu marido, ficará com isto.” A minha mãe levou muita porrada, passou o que deus sabe mas, a minha mãe ficou com aquilo. E, depois eu lembro-me da minha tia morrer. Depois dela morrer ficou o meu tio. O meu tio era muito mau, também, queria vender tudo e queria pôr a gente de casa para fora, mas a minha mãe nunca saiu porque a minha mãe tinha lá feito um poço e pronto tinha lá feito coisas com o dinheiro dela. E, a minha mãe lá ficou. Depois o meu tio gostava muito de mim, porque era eu a primeira sobrinha que tinha nascido e os outros eram pequenininhos, bebês, e o meu tio vai assim: “Oh Cecília, queres ir com o tio? (Aonde tio?) Olha anda enfeitar a campa da tia. (Olha vou). Então vai ali ao quintal apanhar uma rosas e depois vamos”. E, eu fui. Mas o meu tio foi ali buscar uns miúdos ali no Casal Marra, e fomos lá e depois fomos ao cemitério e no cemitério à vinda para cá, fomos a uma taberna, onde o meu tio se encharcava de vinho, e depois fomos pôr o menino a casa dele. E, depois veio pelos pinhais, acolá onde é agora a inspeção, veio por ali e foi ali ao atravessar aquela estrada, aquilo era só pinhais e depois eu disse assim: “ó tio olha que vem lá um carro”. Mas o meu tio vinha tão bêbado que deu uma paulitada ao burro e o burro vai e avança para a frente. Veio um camião do lado de Leiria, atropelou-nos a gente. Não me lembro mais nada. Estou a falar de coisas que a minha mãe me contou. Que o meu tio ficou no meio da estrada encolhido e morto. E, eu fui retirada para uma distância até à valeta. Mas quando me viram, chamaram a ambulância, já eu estava em Leiria, depois deram-me oxigénio para aguentar até Coimbra para ver o que é que me faziam. Depois telefonaram para a minha mãe me ir buscar para eu acabar de morrer em casa. E disseram à minha mãe: “Ó senhora Leonor, você como é mãe da Cecília, você traga o fatinho de batizado para a vestir porque agora ela vai morrer a casa.”. Como a minha mãe foi lá buscar-me para ir morrer a casa, encontrou lá o marido de uma professora que andava aqui na Faniqueira. Então, depois esse marido apanhou a minha mãe e disse assim: “ouça cá, o que é que a senhora veio aqui fazer? (venho aqui buscar a Maria Cecília S. C. que é para ir morrer a casa.) Não, não a senhora não sai daqui. Se ela sair daqui para fora morre logo.”. Porque eu estava na estufa. Então a minha mãe não saiu de lá enquanto não me viu. Mas a minha mãe para me ver fez-me despedir, ela e uma tia minha. Depois viu-me na cadeira de rodas encolhidinha, parecia um pinto, disse ela, e não me deixaram de lá sair. Eu só me lembro de ir para outro hospital. No outro hospital só fazia era ginástica e comida, pouca! Depois lembro-me de ir para Coimbra, depois universidade, na universidade lá estava tudo muito parado, pessoas a borrar-se, pessoas sem assistência. Depois de Coimbra fui para casa e depois de casa, recebi um postal para me dirigir ao Alcoitão. Alcoitão era um hospital de ossos e fui para lá. Mas fui para lá, nunca tinha lá estado ganhei medo, agarrada mas lá fiquei. Tive na TO, a TO é fazer trabalhos manuais; tive no ginásio, é para fazer ginástica; tive no centro de recuperação de fala porque eu não falava e depois tive na escola, tive lá também na escola. Depois como eu estava saturada de lá estar sozinha, às vezes estava lá sem fazer nada, ia ajudar

as enfermeiras a lavar os copos dos medicamentos e elas não me queriam deixar vir embora. Depois eu tinha lá uma tia, que é irmã da minha mãe que vivia em Lisboa, que ia quase todas as semanas lá ao hospital. E, depois estive lá 6 meses e saí. Depois vim para casa, depois aí de 6 em 6 meses ia lá chamada...

Então você teve um acidente aos 6 anos?

Sim.

E até que idade andou em tratamentos?

Eu saí de lá do Alcoitão com 11 anos.

Depois ia lá de 6 em 6 meses.

Ia lá a tratamentos, se estava...pronto a perguntas, se tava tudo a correr bem. E depois deram-me uma tala, essa tala era para a mão, mas a mão, este osso ficava sempre assim, aleijava-me aqui o ferro no braço de depois muitas vezes ia para a escola e começava a chorar. A professora vai assim: “então o que é que se passa Cecília?”. Isto está-me aqui a aleijar, dói-me tanto o pulso, quero escrever e não posso. Depois elas mandaram-me para tirar o aparelho e, portanto, fui e depois a minha mãe levou o aparelho lá ao hospital e prontos, já aparelho para ninguém! Depois lá estive em casa. Estudei até aos 14 anos, depois aos 18 queria tirar o exame da 4ª classe, aqui não me deixavam e depois fui, uma vizinha ali era professora de noite e fui ter com ela, para ver se ela me deixava tirar o exame da 4ª. Ela deixava-me, levava-me e trazia-me e depois eu fiquei com o exame da 4ª e prontos. Eu estive em casa uma temporada e depois chateei-me de estar em casa e depois fui para ir à menina Cilinha à Batalha para ver se me arranjavam qualquer coisinha para mim. E depois ela arranjou-me acolá os tempos livres, acolá ao pé da casa do padre, onde é agora a coisa das reuniões, o salão. Era lá o corte e costura, aprender a bordar e assim depois aprendi lá a fazer o meu enxoval, depois vim para casa e depois de casa fui ali para Leiria para tirar o corte e costura. Só que não fui capaz de tirar o corte e costura porque o meu braço não deixa. E depois puseram-me na cozinha a fazer comer, a lavar a louça, a fazer as camas.

Mas trabalhava a onde, num hotel?

Não, era numa casa de vestidos para noivas, aquelas coisas de capas para padres, roupa para bebé, essas coisas assim. Mas eu não fui capaz, meteram-me na cozinha a fazer comer para aquela gente toda. E fazia, depois lavava a louça, arrumava a cozinha, arrumava a sala, punha a mesa, arrumava a mesa, fazia as camas, enfeitava...

Desculpe interromper. Já me falou da sua mãe e o seu pai?

O meu pai só a mim, só me bateu 2 vezes. Foi assim: uma vez fui eu que fui teimosa, porque o meu pai disse-me assim: “ó Cecília tu não saís daqui de casa, que estás aqui muito bem, e vais fazer aquilo que a tua mãe te mandou”. Eu fui muito teimosa, abri o portão e saí cá para fora. Vai o meu pai tinha lá uma tábua, deu-me com uma tábua no cu, desculpa lá eu dizer, fiquei com o cu dormente. Nunca mais.

Depois continuou a trabalhar em Leiria?

Depois aos meus 19 anos, um rapaz do Arnal que também é deficiente, encontrei-o na paragem da carreira com um malote, contendi com ele e perguntei: vens da onde? – venho do trabalho. Mas um deficiente como tu, trabalhas? – Trabalho. Então, mas olha se tu me arranjasses trabalho para mim também eu ia. Dei-lhe a minha morada, o meu nome e ele foi ter com as

assistentes sociais e as sociais resolveram a me meter lá. Depois o rapazinho escreveu-me a dizer para eu me comparecer no gabinete de uma assistente social na caixa. E eu fui lá. Depois o serviço era lá ao pé das finanças novas, era num apartamento, em que era o restaurante em cima e nós trabalhávamos na cave de baixo. Eu gostei muito de pintar a louça, porque era louça que vinha Alcobaga de uma fábrica que fazem lá coisas de barro, e depois a gente pintávamos. A gente desenhávamos os desenhos e depois pintávamos.

Então você arranhou um emprego?

Andei lá a pintar louça 2 anos e depois como viram que estava aprovada na pintura, mandaram-me para os Pousos. Depois dos Pousos eu andei lá 15 dias e depois o patrão vai assim: “vou fazer umas perguntas. Quem é que não está a receber pensões nenhuma? (ah nós estamos a receber pensão). Então vocês querem receber pensão ou querem receber caixa?”. Nós pensamos se ele dá-nos a caixa e depois se ficarmos desempregadas, nem caixa, nem pensão. Nós queremos a pensão. “então vá, vocês vão falar com a assistente social e depois vêm o que é que ela vos diz”. Ela depois vai, deu sessenta contos à gente, a cada um da gente, e depois nós desistimos de ir lá para os Pousos. Depois viemos para casa. Depois de lá não fui para mais lado nenhum.

Mudando um pouco de assunto. Acha que os seus pais, foram uns bons pais?

Para mim foram. Para mim foram porque olha eu vou-lhe dizer, a minha mãe está aí, a minha mãe houve, tudo o que passei, tudo o que a minha mãe passou comigo, e com nós, e principalmente comigo, eu não andar, eu perdi o andar quando tive o acidente. A minha mãe quando era para ir comigo ao hospital, levava-me ao colo, uma matulona, levava-me ao colo. Levava-me ao colo aqui para a paragem, depois lá em Lisboa levava-me ao colo para ir para o comboio até ao hospital, para me lá pôr no hospital. Andava sempre comigo ao colo.

A sua mãe tratou-a muito bem?

A minha mãe tratou-me como pode, olha!

Com todas as dificuldades da vida, tratou-a muito bem. E o seu pai também?

E os meus irmãos também. Tenho mais 3 irmãos pequenitos.

Mas o seu pai tratou-a bem?

O meu pai tratou. O meu pai naquele tempo trabalhava aqui no leirioa, trabalhou...trabalhou em muitos lados. E a minha mãe era doméstica. Era e é.

E casou com que idade?

Não casei, estou junta. Com 24 anos. Este mês vai fazer 22 anos que estou junta.

Ao fim de um ano de se juntar teve a sua filha.

A minha filha arranhei-a tinha eu 25 anos. Com 24 anos eu estava junta, trabalhei nos balaustres, depois eu abortei e depois fui para o hospital sem dizer nada a ele. Depois quando eu vim do hospital, vim para o Rui, mas o Rui tinha lá outro no meu lugar e o Rui mandou-me embora. Depois tive ali a viver no Brejo, ali numa casa sem água, sem luz, sem nada. Mas depois veio uma chuvada encheu-me aquela bodega de água, tive que pedir socorro à minha mãe. A minha mãe não se acreditava, foi lá ver à noite mais o meu homem. Depois a minha mãe deu-me abrigo lá numa sala, deu-nos o sofá, deu-nos abrigo. Depois a minha mãe tinha lá uma casita velha, muito velhota. O meu pai arranhou aquele chão, arranhou cacos e o carago e o meu

homem também ajudou. Lá fizemos um aconchego para lá estarmos a viver. Depois tinha o meu José, era pequeninito também tinha disparates, tinha que andar sempre a coiso. Depois a minha cunhada arranhou outro patrão novo e ia mudar de casa e perguntou se a gente queria ir para lá e a gente não dizemos que não. Fomos para lá e depois de lá fomos, tivemos lá uns 2 anos ou que é. Depois a fábrica do leirioa fechou, depois o meu homem não tinha dinheiro para pagar a renda. Depois o meu compadre com dó da gente levou-nos para casa dele, mas na casa dele também tinha seus filhos para lá viver. Tinha a minha filha e tinha o meu José. A minha filha atravessou-me a estrada, veio lá um carro, matou-ma logo! Depois desde daí...

Que idade é que ela tinha?

A minha filha tinha dois anos e meio. Depois desde daí, fui para lá outra vez, fui para casa dos meus compadres. Depois a minha cunhada não me deixava lá lavar a roupa nem nada, porque coitada também era sozinha, o meu compadre não ajudava nem nada. Eu já lá tinha 2 bacias de roupa, peguei nelas e vim traze-las para casa da minha mãe num táxi. A minha mãe viu a roupa assim, já cheia de bichos e tudo, e já não me deixou ir. Passado uns 15 dias então, apareceu-me o meu homem ao portão. Depois a minha mãe não queria abrir o portão mas depois abriu. Depois a gente arranjamos a casa velha, depois fomos para a Jardeira.

E já estão aqui nesta casa há quanto tempo?

Há 15 anos.

Então o seu filho mais novo o Tomé, já nasceu aqui nesta casa?

Nasceu. Quer dizer nasceu no hospital.

A sua infância foi muito difícil e a do seu marido?

É assim, ele andou até a 3ª classe. Eu não conheci o pai dele. O pai dele matou-se, eu não conheci o pai dele. Ele conta que o pai dele queria matar a mãe dele, com veneno, e queria matar o irmão e queria matar uma irmã dele mais nova com veneno. Mas, a mãe, estava a lavar roupa, quando o pai chegou ao pé da mãe e disse: “Rita anda cá. Para quê? Anda cá! Ahh...ele já estava bêbado e a mãe não se chegou e depois foi ter com a irmã. A irmã fugiu. Foi ter com o irmão, o irmão também fugiu. E, depois, o pai viu que se calhar ninguém lhe dava confiança, bebeu ele o veneno. Bebeu ele o veneno, deitou-se dentro do quarto e depois vai a mãe disse assim para ele, não sei como é que ele se chamava...ah Fernando: oh Fernando anda cá, vem comer. A mãe chega ao quarto dá com esponjado no chão. Depois ela deu com ele esponjado no chão, muito roxo, muito inchado e depois ela fecha a porta para ele dar as últimas ou que é. E depois foi com ele para o hospital, desde aí, não me lembro, não sei mais nada.

E a mãe?

E a mãe, desde que a conheci, desde os meus 24 anos, a mãe era uma boa mulher.

Sempre o tratou bem?

Sempre. A mãe dele uma vez, a gente ficávamos em casa...a gente chegámos ir a casa dela, mas a irmã dele não estava lá ela. Depois ela para não pôr a gente na rua, deu-nos à gente a cama dela e ela foi dormir para cima não sei de quê, que eu também não vi. Dormiu mal ela para dar cama à gente. Era uma boa mãe.

Então o seu marido estudou até à 3ª classe e depois começou a trabalhar?

Sim, ele e os irmãos todos. Ele teve um irmão que veio aqui para a praia da, da, da...

Mas, então ele não é de cá?

Não, é do norte.

Considera que o seu marido a trata bem?

Trata-me muito mal.

Foi sempre assim ou é mais recentemente?

Agora menos. Já levei muita porrada dele. Já levei, já me pôs no hospital muitas vezes.

E continuam juntos?

Oh minha senhora para onde é que eu vou? Olhe eu vou-lhe dizer! A senhora se tivesse filhos, a senhora separava-se do seu marido, e os seus filhos a verem! Isso é uma má...um exemplo mau para os seus filhos!

Mas o seu marido bebe?

Sim. Ele ontem, ele trabalha aos domingos, faz domingos lá umas horazitas lá para a engorda e depois o patrão paga-lhe. E ele quando se apanha com dinheiro põe-me a mim de lado, eu não sou nada a ele! E, eu estava a fazer o jantar e ele pirou-se para o café. E, depois viram-me cá dizer que lhe roubaram a bicicleta e estava com uma bebedeira e estava a chorar. Eu desliguei tudo e fui lá e estava a chorar e eu: oh Té qu'é da tua bicicleta? É muita bem feita roubarem-te a bicicleta que tu não páras em casa. Tu quando tens dinheiro é sempre aqui o café, lembras-te sempre do café mas, não te lembras das coisas que tens em casa. Temos que pagar as coisas que se devem em casa e ainda temos comprar comida para os teus filhos comerem, e eu se quiser comer tenho que andar a pedir para os meus filhos não andarem a passar fome e, tu não tens que ter dinheiro aqui para o café". Sempre dinheiro. E depois estavam lá umas calhandreiras ao pé dele a falar com ele, e eu carago quando eu as vi, meteu-me cá uns nervos. Vai assim a dona do café: "oh Cecília o que é isso?" "Oh rapariga tu cala-te, não me digas é nada, que eu estou com uns nervos do carago! Então este desgraçado anda farto de trabalhar, e vem-me para aqui sem comer, põe-se a beber e depois quem atura as bebedeiras sou eu, ah e os filhos. E depois não deixa dormir ninguém de noite, isto é que é o carago!" Vai eu agarro num braço, agarro na bicicleta: "vá casa! Casa já imediatamente! Vais comer e depois no fim de comer vens para aqui, vai comer, já!" Se ele não me obedecesse ao que eu lhe estava a dizer, c'um carago! Vai agarra na bicicleta...o dono do café vai assim: "Ó Telmo vá agarras na bicicleta, vais comer e no fim de comeres, se quiseres vens aqui beber um café! Agora, bebes agora, bebes aguardente, bebes café, chegas a casa quem paga é tua mulher, isso não se faz." Disse o dono do café para ele. E, ele obedeceu a ele e depois vai assim para ele: "ah se eu vou para casa ainda venho aqui ao café". E eu: "ah não vens não! Vais para casa é para te lavares, para estares em casa e para ires para a cama". Mas ele depois fomos para casa, fiz o jantar, ele comeu e depois foi para a cama. Isso foi para a cama.

Resumindo, ele bate-lhe?

Agora não tem batido.

Fala-lhe mal?

É assim, ele chega a casa quer logo o comer feito em cima da mesa para comer. E depois, no fim de estar bem, com comer na barriga, vai para o café. Mas é assim, ele não se lembra que tem

um filho na escola a estudar. E o filho quer comer todos os dias na escola. E o filho para estudar tem que comer, ele não se lembra disso.

Então ele não liga nenhuma ao filho?

Não. Ele tem andado em tribunais por causa do álcool. Se ele não bebesse álcool nada disto era.

Mudando de assunto. E cuidar do seu filho mais novo é fácil ou difícil?

É assim, agora com a idade que ele tem está a ser muito difícil, porque ele está a ser mais, como é que hei-de explicar! Está a ser mais...eu agora fiz assim, fiz uma regra: tu vais deitar, mas primeiro vais fazer os trabalhos da escola. Tu vais ver televisão, mas primeiro vais fazer os trabalhos da escola. Tu vais para casa de fulano e sicrano, mas primeiro fazes os trabalhos da escola, porque se não for assim, ele não os faz e ele tem guardado boas notas na escola, porquê? Porque eu tenho andado em cima dele, porque eu ontem fui assim: ó Tomé já fizestes os trabalhos da escola? Oh mãe não trago nada. Não trazes nada? Mas então a tua diretora de turma, no ano passado disse que trazes trabalhos todos os dias para casa e tu não trazes nada? Põe-te a fazer imediatamente os trabalhos! Oh mãe... Vai, agarrei-lhe na mala, tirei-lhe as coisas para fora, vai fazer os trabalhos, já! Se não levas com um bocado do cinto deixo-te enjonjado, caraço! O gajo aí tem medo, o gajo pôs-se logo: oh mãe eu faço, eu faço! Vá imediatamente faze-los e foi fazê-los. Se não fosse assim, estava eu feita, andava sempre...

Quem chama a tenção do seu filho é você? O seu marido nunca está cá?

Não.

E ele, porta-se bem? Como é que você o castiga, se é que o faz?

É assim, o meu filho é muito amigo de me ajudar, ele é muito pronto...vê a minha situação, vê coisas que eu não posso fazer, ajuda-me. Mas, por o bem é bom rapaz, mas por o mal...

O que é que é mais difícil?

É não fazer o que eu mando.

E o mais fácil?

É, se for preciso me ajudar, ajuda-me. Mas hei-de lhe dar qualquer coisa para ele obedecer.

Anexo X

Transcrição da entrevista à família G

Fale-me da sua infância?

A minha infância foi estudar até ao 6º ano. Andei aqui na escola das Garruchas, andei na da Batalha. Depois comecei a andar nas feiras a vender a roupa. Depois casei, fui trabalhar para uma pastelaria para Leiria, a seguir à pastelaria fui sempre andar a trabalhar em fábricas.

Mas e a sua infância? Tem irmãos não tem?

Tenho 3 irmãos, 2 irmãs e 1 irmão.

E, brincavam ou ajudavam os vossos pais?

Ah não éramos os mais castigados nisso. Não era aquela exigência que tínhamos que ajudar mesmo. Fazíamos só a lida da casa.

Enquanto adulta acha que foi bem tratada pelos seus pais?

Foi do melhor!

Uma boa infância?

Foi.

Não ralhavam, não batiam?

Não, isso está fora de questão.

Mas podiam dar uma palmadita.

Não, mas não, nunca me lembro.

E o pai da Beatriz. Como foi a infância dele?

Ele, penso que sim, pelo que eu conheço sim, teve uma boa infância.

E os pais dele eram bons pais?

Eram pessoas simples, sim boas pessoas.

O que faziam os seus pais?

A minha mãe era mais doméstica e o meu pai trabalhava no campo.

Viviam da agricultura então?

Sim.

E o pai da Beatriz enquanto marido tratou-a bem?

Durante 15 anos sim, tratou.

Namoraram quantos anos?

8.

Depois casaram, construíram casa, foi um ciclo normal?

Pois foi, foi um ciclo normal.

E então estes últimos anos é que complicaram?

Sim durante estes últimos 5 anos.

E estão separados há muito tempo?

Não que ele só saiu em fevereiro do ano passado (20 meses).

E os seus pais ainda hoje estão juntos?

Eu só tenho pai já não tenho mãe.

E os pais dele ainda vivem juntos? Sempre viveram juntos?

Sim.

É a cuidadora da criança?

Sim.

E quando o pai vivia nesta casa, quem é que cuidava mais?

Eu, sempre eu.

Mesmo quando ela se portava mal quem é que chamava à atenção?

Ela nunca foi de se portar mal, mas prontos eu é que a repreendia sempre de algumas coisas, prontos que pudessem acontecer, eu estava sempre. Fui sempre uma mãe galinha.

Cuidar dela então é fácil?

É.

E o que é que é mais difícil?

Eu acho que é educa-la. Prontos não é que ela seja assim uma menina, que ela é assim muito simples, não é teimosa nem nada, mas a maneira de a gente lidar com ela, dos problemas da escola e tudo é que é mais difícil, fazer cumprir o dever.

Ela é muito reservada?

É. Ela nem fala assim muito nem nada. Eu é que tenho que andar sempre a perguntar se ela tem algum problema ou se precisa de alguma coisa ou quê. Não é assim uma menina que diga que precisa disto ou que precisa daquilo, eu é que tenho de andar sempre em cima do acontecimento.

E o que é mais fácil?

Ah de resto é tudo. É tudo fácil. Nem é assim uma menina muito difícil para comer, nem mal educada, nunca me falta ao respeito. É uma menina normal, à vista de muitas mães que me falam dos filhos, acho que é muito exemplar a minha filha.

Voltando à sua infância. Os vossos pais namoraram, casaram, tiveram filhos, foi um ciclo normal. Foram todos bem educados?

Sim fomos.

Não há ninguém alcoólico, toxicodependente?

Tenho uma irmã, a mais velha, prontos mas agora já não. Mas uma altura, prontos andava um bocado transtornada com a vida dela e metia-se um bocadito no álcool, para esquecer, não sei. Mas agora já não.

E, os seus pais tiveram algum problema com álcool?

Não. Oh o meu pai de vez em quando lá bebia um copito a mais, mas nada de especial!

E o que acha do seu ciclo geracional?

Ah eu acho que foi bom.

No fundo o ciclo que os seus pais tiveram você manteve-o?

Sim. Eu também estou a seguir.

Não quer contar nada sobre a sua infância?

Não, graças a deus acho que não tenho assim nada que possa dizer o contrário, alguma coisa normal.

Deixou de estudar por opção ou porque os seus pais assim o quiseram?

Não foi porque eu quis. Porque gostava de ir para as feiras vender roupa e prontos, preferi sair da escola.

Mas os seus pais não vendiam na feira?

Não.

Incentiva a sua filha a estudar? Ou acha que não é importante?

Sim eu incentivo. Era o que eu gostava é que tirasse um curso.

Arrepende-se de ter saído da escola ou não?

Por mim não. Porque eu sinto-me que para além de não ter grandes estudos nunca me faltou trabalho. Se não for numa coisa é noutra. Mas vejo que de hoje à avante que se não se tiver um curso ou estudos que não se consegue nada. Eu por mim não me importo porque me vou desenrascando, agora para a minha filha gostava que ela tirasse um curso.

E os seus pais sempre vos incentivaram a estudar?

Foi, eles sempre incentivaram. A gente é que nunca ligou grande coisa, mas também naquela altura não era obrigatório e prontos qualquer pessoa arranjava um trabalho com mais facilidade do que agora. Porque se fosse nesta altura se calhar uma pessoa pensava mais em estudar e tirar um curso.

Os seus pais têm a 4ª classe?

Olha, acho que sim! Eu acho que têm a 4ª classe também. O meu pai acho que nem a 4ª classe tem.

Mas sempre vos incentivaram a estudar?

Sim. Mas nunca nos obrigaram a nada.

Não obrigaram a sair da escola para irem trabalhar?

Ah não, isso não. Pelo menos a mim isso não. A minha irmã ele dizia que se ela quisesse continuar a estudar que ele ajudava no que fosse preciso e tudo, como sempre ajudou. A gente é que nunca quis. Arranjamos um trabalho, prontos!

Anexo XI

Transcrição da entrevista aberta à família H

Fale-me da sua infância?

Da minha? A minha infância foi, a minha mãe teve 10 filhos, foi complicado, não era, só o meu pai a ganhar!

Você é a mais nova?

Não, abaixo de mim ainda estão três, mais três irmãos e acima de mim estão...prontos somos dez filhos, a minha mãe teve dez filhos. Foi complicada pois foi, dez filhos e só o meu pai a ganhar. Pronto naquela altura, pronto, dizer que passei fome, não, não passei fome, mas era complicado.

Você estudou?

Sim, eu estudei até à 4ª classe. Fiz o 1º ano de ciclo mas chumbei. Com 12 anos, 13 anos vá, tiraram-me da escola para ir trabalhar.

E dava o ordenado ao seu pai?

Sim dava o ordenado ao meu pai e minha mãe. Eu ganhava naquela altura 500 escudos por mês, que já era muito bom e dava tudo ao meu pai, claro! Depois casei com 18 anos, fiz os 18 em abril, casei em maio com o meu marido que é hoje, estou casada há 28 anos, opá uns dias melhores, uns dias piores, mas vai-se indo.

E na sua infância, brincou?

Ah brincar, brincar, quer dizer...

Quando saí da escola o que fazia?

Eu vinha da escola, fazia os trabalhos da escola e praticamente prontos, brincava, porque a minha mãe vivia na cidade e nós vivíamos sempre na cidade, que era a cidade de Torres Novas. E a minha mãe tinha uma casinha, não tinha assim nada que eu possa dizer que fui sacrificada a fazer isto ou aquilo, não! Brincava.

Então não trabalhou no campo?

Não, não, não, porque eu vivia na cidade. Brincava, claro com os vizinhos.

Agora, enquanto adulta, acha que foi bem tratada pelos seus pais?

Não a minha mãe, portanto, o meu pai nunca me bateu, ele nunca, prontos...era uma pessoa que chegava de manhã à noite ao trabalho. Não, nunca, nunca me ralhava. Era mais a minha mãe, claro. A minha mãe...

Pois, com dez filhos!

Pois com dez filhos era normal que ela ralhasse, que até desse uma palmada, um estalo, um puxão de orelhas ou um castigo, era normal, não é? Prontos, dez filhos não é fácil.

Mas acha que foi maltratada?

Não, não, que me lembre não.

Eram tempos difíceis?

Sim eram tempos muito difíceis, eram! Mas que eu me lembro maus tratos nunca tive, não.

E, a opção de sair da escola foi de quem?

Foi da minha mãe e do meu pai, prontos. Tiraram-me da escola para ir trabalhar.

E com os seus irmãos?

Foi igual, foi. Que é assim, epá a gente não dávamos para estudar, prontos chumbei, já tinha chumbado no 4º ano, já tinha chumbado no 5º ano e a minha mãe tirou-me da escola. Naquela altura podia-se tirar da escola, prontos, a qualquer momento e ela pôs-me a trabalhar. A mim e ela fez o mesmo com os meus irmãos, tal e qual.

E os seus pais bebiam?

Não, não, eram pessoas, o meu pai era muito trabalhador, a minha mãe era doméstica, fazia umas horas de limpeza e isso assim, não, não. Se eu me lembro nunca houve assim zaragatas, nunca houve discussões...que eu me lembra não!

Os tempos é que eram difíceis...

Os tempos é que eram difíceis, que eram muitos filhos e era naquela altura, era só o meu pai a ganhar um ordenado. A minha mãe é que fazia umas horas e também ganhava, prontos pouco, mas ganhava. Mas que eu tivesse maus tratos, não! Graças a deus não!

Depois casou...

Casei com 18 anos, fiz os...

Foi por opção?

Sim, sim. Já namorava há 2 anos.

Porque o seu filho mais velho tem quantos anos?

O meu filho mais velho tem 27 anos, o mais velho. Não é o que está aqui. O que está aqui tem 19.

Então tem quantos filhos?

Eu tenho quatro filhos. O mais velho não está aqui comigo. O mais velho já está junto com uma rapariga já há 6 anos. Portanto este é o que está aqui na minha casa ainda comigo, mas tenho 4 filhos.

Um com 27 anos, um com 19 anos, outro com 14 anos e a mais nova com 8 anos. São dois meninos e duas meninas. Então está casada há quantos anos?

Eu estou casada há 28 anos.

Então ainda teve um ano casada sem filhos.

Ainda tive um ano sem filhos.

Então casou com o que ainda é hoje seu marido.

Ainda é hoje meu marido, graças a deus, há 28 anos, hoje em dia é raro. Os casais de antigamente...antigamente durava muitos anos os casamentos não é. Mas hoje em dia com a idade que eu tenho mais o meu marido, o meu marido tem 54 anos, eu tenho 46, ahh mas muitas vezes até se admiram “eh fogo já estás há tanto tempo casada e não sei quê”. É raro, prontos, hoje em dia alguém gabar-se que está há 28 anos casado. Graças a deus, opá uns dias melhores, outros dias piores, porque é só ele a trabalhar, eu não consigo trabalho, também já tenho uma certa idade. Opá vamos vivendo. Temos uma hortinha, temos gado, criação, galinhas, coelhos e tenho a horta.

E, a infância do seu marido, como foi?

Os pais dele eram pessoas assim, tal e qual como os meus pais também, prontos, pessoas não ricas, que é mesmo assim, prontos. O meu sogro era reformado, teve 6 filhos e pronto viviam também na medida dos possíveis.

Viviam na cidade ou no campo?

Não, já viviam na aldeia, na aldeia que era perto de Torres Novas, era uma aldeia prontos!

Ele também estudou?

Sim, o meu marido também estudou até ao 6º ano, naquela altura era a 6ª classe. Tem a 6ª classe depois foi trabalhar, também! Prontos para ajudar os pais e isso assim, que o pai era reformado.

E como acha que os pais dele o trataram?

Ah sim, não, não. O meu sogro, que deus o tenha, o meu sogro era muito doente do coração, ele era reformado por causa disso, por ser doente do coração. Que eu tenha conhecimento, não. Sempre foram muito amigos de se ajudarem uns aos outros. Ele tem mais irmãos, não é, todos trabalhavam, todos ajudavam para a casa.

Então vocês conheceram-se em Torres Novas e viveram lá e depois é que vieram para aqui?

Sim, nós conhecemo-nos em Torres Novas. Eu vivi em Torres Novas, só estou a morar em São Mamede há 19 anos. Faz 20 anos agora na última semana de janeiro.

Já são muitos anos. Mas explique. Casaram e viveram lá.

Sim vivi em Torres Novas. Casei, vivi lá e vim...e depois o meu marido já trabalhava em São Mamede há 20 anos, portanto depois eu vim para aqui morar, porque ele vinha e ia todos os dias, de Torres Novas para aqui e daqui para Torres Novas. Então arranjei aqui casa e vim morar para aqui porque era mais perto para ele e isso.

E o seu marido trata-a bem?

Ai graças a deus, disso posso-me gabar que é verdade. Opá eu, nós temos as nossas discussões, às vezes por isto ou por aquilo mas, ah numa boa, numa boa, graças a deus. Tenho filhos espetaculares, tenho um marido espetacular, muito trabalhador, muito amigo dos meninos, dos filhos, prontos de todos mesmo! Ah e meu também, não estou a ser fingida, não estou a ser nada, estou a dizer a verdade. Isto é verdade. O meu marido sai às sete e meia da manhã de casa, nove, nove e pouco está em casa para jantar, ah janta comigo, com os garotos os filhos, está ali na cozinha ao pé de nós. Vê um bocadinho de televisão, bebemos o cafezinho aqui em casa e

tamos aqui e depois vamos todos para a cama. As garotas vão para a cama, as garotas dez, dez e quarto estão na cama. O meu marido, não... é...,lá nisso ele não é, não estou...ao domingo que é o único dia que ele tem disponível, que é o domingo, ele nem de casa sai. De volta do gado, de volta da horta. O meu marido adora horta, o meu marido adora semear, adora...tudo! Não, graças a deus, não. Repare eu estou a ser muito sincera. Excelente marido, excelente pai, trabalhador.

Quem é o cuidador das crianças?

Sim sem dúvida, eu dou banho, dou comer, eu dou...eu ensino os trabalhos da escola, eu ensino...também pudera eu estou todo o dia em casa, isso é normalíssimo que eu, que seja eu a cuidar mais deles que o pai, não é! Prontos, o pai chega à noite, o pai janta connosco, o pai brinca com ele e não sei quê, mas sou mais eu, prontos! Eu sou eu a mais presente.

Então é você que chama a tenção das crianças quando elas se portam mal?

Sim. Isso sou mais eu.

E como é que faz?

Como é que eu faço em que sentido?

Quando eles se portam assim muito mal?

Castigo. Porque é assim, bater não vale a pena, rallo. De vez em quando um estalo vai, prontos. Ah é normal então, se eu é que dou educação, um estalo de vez em quando. Mas eu sou mais de castigar do que bater, mais de castigar. “Fizeste mal? Não fizeste o que te mandei? Arrumar o quarto! Não arrumaste o quarto, tudo bem não há problema, 3 dias sem televisão”. Então a mias velha que está numa idade assim um bocadinho critica que é os 14 anos, é onde eu me posso coiso, é telemóvel, tiro-lhe o telemóvel, pronto. É castigo! É assim, vou-lhe bater? Não me vale de nada. Ela amanhã ela torna a fazer igual e bater não vale de nada é que ópois dói-lhes a eles e dói-me a mim. Dói a eles e dói-me a mim, eu então, não, não vou bater, castigar. Não há televisão e não há telemóvel, acabou, principalmente à mais velha. A outra tem 8 aninhos, já é mais, então está numa coisa, a gente pergunta e ela responde logo. A gente diz-lhe qualquer coisa e ela tem a resposta na ponta da língua, 8 anos hoje em dia, não é, prontos! Às vezes digo “Carla fazer os trabalhos da escola!”, “oh mãe já vou”, “Carla fazer os trabalhos da escola!”, “oh mãe já vou!”, “não é já vou, é já. Ou vais fazer os trabalhos da escola ou ficas sem a televisão, agora escolhe!”. E ela vai logo. Ai se não, ela sabe que eu cumpro com os castigos! Ela sabe que eu que cumpro!

É difícil ou fácil cuidar destas meninas?

Pronto já tenho uma grande dose, tenho a minha dose desde já, pronto vai já desde o mais velho não é! Às vezes a paciência já não...já tenho uma certa idade também, tenho 46 anos, e às vezes a minha paciência já...(pausa), mas tem de ser! Porque é assim o pai trabalha de manhã à noite, para poder pôr o comer em cima da mesa, tenho que ser eu! Às vezes a minha paciência já tem um limite, mas eu tenho que ganhar mais. Sou mãe não posso dizer assim “olha vai ali para o vizinho e ele que te ensine a fazer os trabalhos da escola”, não posso!

E o que é mais difícil?

Ahh (pausa) às vezes tem dias que é em tudo. Tem dias que é em tudo. Estou às vezes, porque é assim, uma mãe é mãe, mas não é de ferro e a mãe às vezes também está doente. Uma mãe às vezes também fica doente. Eu às vezes, às vezes mesmo doente, às vezes constipada ou porque

comi qualquer coisa que me fez dor de estômago e não tenho paciência (foi dito de uma forma mesmo carregada, mesmo já sem paciência alguma!), daqueles dias que já não há paciência, mas eu tenho que a ganhar. Porque o pai chega tarde e não tem, não vem a tempo de ensinar os trabalhos da escola e o pai também vem farto de trabalhar, que é mesmo assim, também vem cansado, porque é ele que põe o comer em cima da mesa e eu tenho de fazer das tripas coração, que é mesmo assim. Agora difícil, difícil às vezes é tudo, tem dias que é tudo, é tudo!

Mas o comportamento das meninas é difícil?

Ai não, elas... não, não, não, graças a deus. É assim, têm aquelas coisas delas, que é normal e estão, têm 14 anos e é que me está a ser mais difícil, mas comportamento, vem da educação que elas também levam desde pequeninas, não é, pronto! Opá as minhas filhas não me faltam ao respeito, não... às vezes dizem aquelas respostas “ah já vou. E porque é que vou aí e não vai a mana?” às vezes elas dizem “ah porque é que vou eu e não vai a mana?”, “porque é a ti que eu estou a mandar e és tu que vais fazer”, “então eu só vou fazer se a mana for comigo”, “assim, não, vais tu porque és tu que eu tou-te a mandar a ti, pronto, e se eu entender que a mana vai é porque a mana vai. Se eu não entender que a mana não vai, a mana não vai, porque é a ti que te tou a mandar”. E ela vai.

E o que é mais fácil?

Mais fácil. Mais fácil. Ah, é eu dizer “olha Carla vai para a banheira tomar banho” isso vai logo a correr, gosta muito! Ah, por exemplo, sei lá mais fácil... é tê-las as minhas filhas, é normal. O mais fácil é ter as minhas filhas ao pé de mim, graças a deus. Porque é assim, estou todo o dia em casa sozinha praticamente. O pai vem almoçar, mais o resto estou sozinha. Mas sinto a falta delas aqui. Quando é as férias e agora começou a escola, sinto falta delas é normal, porque sinto-me também muito sozinha aqui, todo o dia.

Eu já terminei a minha entrevista... (interrompe)

Mas que nós somos uma família feliz, somos, graças a deus.

E uma família grande!

Ah pois. E o meu filho mais velho, vem cá, de vez em quando, às vezes ao domingo. Pronto o normal. Às vezes está-me a ligar “oh mãe está tudo bem, precisas de alguma coisa para as manas ou não sei quê?”

E porque é que está sinalizada na CPCJ-BTL?

Ahh, é assim, sou sinalizada na comissão porque houve um problema com a minha Carla. Eu atrasei-me um pouco com, uns meses que o meu marido não recebia ordenado, aliás ainda lá estão 4 meses de ordenado, que o do mês passado ainda não veio. E, eu atrasei-me um pouco nas prestações dos almoços da Carla.

A Carla é a menina dos 8 anos?

É a pequenina, sim! Que é da Iserbatalha, prontos! Eu até já falei com uma senhora que costuma vir, que eu não sei se ela é Sandra, eu não tenho a certeza, e disse-lhe a ela que, opá assim que eu pudesse começava a pagar o que tenho em atraso. E este ano elas já vieram aí, a semana passada, segunda feira da semana passada, e elas concordaram comigo, prontos. A Carla já tem os livrinhos da escola, já tem os materiais, já tem tudo. Os almoços estão normais, estão regularizados para este ano. Só que está aqui aquela dívida em atraso.

Então foi a escola que a sinalizou?

Foi. Está aquela dívida em atraso que, epá que eu, sou sincera, que eu disse, sou sincera se eu tivesse o dinheiro para pagar tudo eu pagava já tudo.

Mas qual foi a justificação que deram para sinalizar a Carla, que ela andava a passar fome?

Não, porque se realmente eu não tinha dinheiro para pagar as prestações do almoço aí automaticamente vieram logo fazer uma visita. Vieram logo fazer uma visita, vieram logo questionar-me. E eu disse, “opá assim, aqui para casa ainda vou tendo, muita coisa também me dão, dão-me muita roupa, dão-me muita coisa”, tenho a agricultura, tenho uma horta, tenho o gado, criação e vou comprando pouco a pouco, conforme o meu marido. Porque o meu marido faz uma horitas, depois das cinco, faz uma horitas ali em São Mamede, num senhor. Ah, epá e vai dando para comer, para comprar o leite, para comprar iogurtes, para comprar pão, para comprar alguma coisa. Onde ele trabalha o ordenado normal, eles já estão atrasados há 4 meses e aquilo está para fechar, para prontos. E é o que eu disse, “epá assim que eu poder eu vou pagar. Eu vou pagar, eu nunca disse que não pagava. Eu vou pagar, pouco a pouco vou pagar. Não sei é quando”. Não posso prometer que é hoje, que é amanhã, que é depois, não posso prometer, não, não o tenho. Tomara eu ter para ir à loja para comprar para casa.

Mas elas já aqui tiveram, a semana passada. A Carla já tem os materiaizinhos todos, opá fiz o sacrifício. Comprei os materiais, comprei os livros, comprei tudo, para ela ter tudo em condições na escola. Foi o que eu fiz este ano, assim que começou a escola em setembro. Ah o problema delas é agora a dívida que têm em atraso.

Vou aproveitar e ainda vou um bocadinho à sua infância. Você já trabalhou ou esteve sempre em casa?

É assim, eu trabalhei até aos 18 anos, até casar eu trabalhei. Ah depois casei, tive lá dois...ah...vim para aqui morar há 19 anos, tive 2 anos aqui sem trabalho, depois fui para a Matcerâmica trabalhar. Trabalhei lá 10 anos na Matcerâmica com 3 filhos. Depois fiquei grávida da minha Carla. Como fiquei grávida da minha Carla ah... eu despedi-me da Matcerâmica porque tinha o meu filho mais velho a estudar ainda. Tinha o meu Rui também e tinha a minha Ariana na pré, na pré escola lá no colégio. Tinha os dois no colégio e tinha a minha Ariana na pré. Ora automaticamente a pré escola paga-se muito no colégio. Eu tinha que ir pôr a minha filha numa ama para poder ir trabalhar. E depois eu e o meu marido começamos a fazer contas e o meu ordenado só, não chegava. Para pagar escolas, para pagar a pré para a minha Ariana, pagar a ama para a minha filha (bebé de que estava grávida).

Ainda não havia o Centro Social e Paroquial de São Mamede?

Não, não. Tinha que pagar uma ama para tomar conta dela, são logo...uma ama, portanto há 8 anos atrás, uma ama tinha que pagar 120€ só para a ama ficar com ela. Depois tinha que levar, tinha que comprar fraldas para casa, fraldas para a ama. Comer para casa, comer para a ama. Tudo em conjunto para um lado e para o outro, então o meu ordenado só, não chegava. Ainda tinha que ir mexer no ordenado do meu marido que eu tinha o ordenado mínimo. Eu estava há 10 anos na Matcerâmica mas eu estava com trezentos e tal euros de ordenado, então ainda tinha que ir mexer no ordenado do meu marido. Então aí nós pensamos “não! Tu trabalhas, trabalhas de manhã à noite. Tens que ir pôr os teus filhos ao colégio, pôr a tua filha à ama, a que horas é que tu tens que te levantar para despachar tudo?”. Pequeno almoço, vesti-los, calça-los e nem sei quê, eu tinha que me levantar minimamente, cinco e meia, seis da manhã. Trabalhar à oito da manhã já super cansada. Vinha de lá às cinco da tarde, tinha que os ir buscar todos à escola ou

tinha que ir buscar à ama. Tinha que vir para casa fazer tudo. Tinha que vir fazer o jantar, almoço para o outro dia porque eu vinha almoçar a casa mais o meu marido, não dava! Então meu marido disse-me, “então vens para casa, não pagas a amas, não pagas a pré-escola, não pagas almoços, tens transporte, tens carro, tens carta”. Porque sou eu que tenho carta o meu marido não tem. “fazes tu isso, tomas conta da Carla, vais buscar a Ariana, dá-lhes o almoço, pões no horário normal que não tens que pagar”, eu tinha que pagar horas extras antes de o horário normal da escola, da pré-escola, portanto tinha que a ir pôr minimamente às sete e meia da manhã. E, das sete e meia até às nove eu tinha de pagar um x que era do tipo do ATL, prontos. “assim não pagas, vais pôr a menina à escola à mesma, não quero que a menina falte à escola, que não vá para a pré-escola, porque é bom conviver com as outras crianças, só que epá não ganhas mas também não pagas, fazes tu. Tomas conta da Carla, vais buscar e pôr a Ariana, dá-lhes o almoço, vais busca-la ao almoço e dá-lhes o almoço”. Fica mais barato. Foi uma decisão tomada por a gente os dois, porque eu tinha que ir mexer no ordenado do meu marido.

Agora já podia arranjar trabalho?

Sim agora já podia, porque a Carla já tem 8 aninhos. A outra já tem 14 anos, já estão grandinhas, prontos já... só que eu já estou farta de correr tudo. Olha agora a Matcerâmica agora já não está a meter ninguém. A fábrica de São Mamede, aquilo está um caos também, já faltam uns 6 meses de ordenado e não sei quantos subsídios, que aquilo está mesmo, aquilo está mesmo, prontos, para dar as últimas, não vale a pena. Matcerâmica já não está a meter ninguém e depois eu também tenho uma certa idade. Não é qualquer pessoa que me dá emprego, ou no restaurante, ou na Cova de Iria, por exemplo, restaurantes ou cafés, ninguém me dá assim emprego de qualquer maneira. O que é que eu tenho andado a fazer por aí, uma ou duas horas por dia. Passar a ferro, fazer uma limpezazita, pouco. Uma hora ou duas por dia a 3€à hora.

Já reparou que está a ser igual à sua mãe, muito trabalhadora e dedicada aos filhos?

A minha mãe sempre! Muito trabalhadora e dedicada aos filhos. A minha mãe trabalhava sempre.

Com dificuldades mas sempre a tentar dar o melhor aos filhos, certo?

Sempre, sempre! Eu, é o que eu tenho andado a fazer. A tentar dar o melhor aos meus filhos. E é o que eu digo às vezes “um dia quando a mãe se for não sei quê o que vai ser de vocês? Eu sou muito mãe galinha. E a minha mãe também era, com 10 filhos, fez das tripas coração para os criar todos, prontos, todos vivos, graças a deus.

E o seu pai também?

O meu pai também muito. Trabalhava. Epá com muitas dificuldades!

Ainda hoje vai visitar os seus irmãos?

Sim, muita vez a Torres Novas. Eles estão lá em Torres Novas, alguns. Outra está em Leiria, outra está em Mira D´Aire. Elas vêm aqui, às vezes, às vezes vou lá, prontos somos muito unidos.

E os seus pais?

Os meus pais já faleceram há muito ano. O meu pai já faleceu há 20 anos e a minha mãe já faleceu há 14 anos.

Mas continuam unidos?

Sim, muito! Por exemplo, uma irmã minha, olha ainda há pouco tempo uma irmã minha foi operada à barriga e não sei o quê. Foi logo, “olha a Celeste foi para o hospital para ser operada”, prontos, juntamo-nos todos no hospital para a ver e não sei o quê! Prontos somos assim.

E os seus filhos, também são assim muito unidos?

À muito, muito. Qualquer coisinha, portanto se eu for às compras, a pequenina, “oh mãe e para a mana? Oh mãe e para o mano, não compras?”. Às vezes compro, opá um miminho, as crianças também precisam, não é? Não pode ser opá, como costume dizer “sopa, sopa, carne, carne, peixe, peixe”, não! Vou à loja “mãe compras-me este saquinho de bombons?”, “compro”, prontos, vejo que posso comprar, compro! Mas nem sempre, opá mas também um miminho de vez em quando também não faz mal, não é! Ou por exemplo, ao domingo de manhã, vou pô-los à catequese, as duas “ah ó mãe tens dinheiro para comprar um croissant no Vergílio?”. Às vezes tenho outras vezes não, “tenho”, “mãe então compras um croissant à gente?”. Então vá lá mais cedo, despachar, vamos um bocadinho mais cedo, vamos lá comprar um croissant. Vamos lá, eu bebo um cafezinho, elas comem um croissant, estão lá, podem ser testemunhas. Opá quando posso também dou, não poder ser só de casa, casa, escola, escola, casa, escola, escola, casa, também não é por aí. Graças a deus é assim a vida!

Anexo XII

Transcrição da entrevista à família I

Como foi a sua infância?

Brinquei muito e fui sempre feliz.

Sempre viveu ali com a sua mãe?

Sempre vivi com a minha mãe, mas nem sempre vivi ali.

E, o seu pai?

A minha mãe está separada do meu pai já há muitos anos, era eu pequenina!

Não se lembra?

Não.

Ele foi uma pessoa presente ao longo do seu crescimento?

Não. Aparecia. Ia de vez em quando a casa dele, mas era rara as vezes.

Considera-o um bom pai?

Não.

Alguma vez lhe fez mal?

Não. Nunca me bateu.

E a sua mãe?

A minha mãe, é uma boa mãe, claro!

A sua mãe teve-a com que idade?

Humm não sei...

Era tão nova como você?

Não.

Enquanto adulta hoje, acha que a sua bem a tratou bem?

Não. Trata-me bem demais às vezes!

Não quer contar mais nada da sua infância?

Não.

Sempre brincou, estudou. E porque é que desistiu de estudar?

Sempre brinquei e andei sempre na escola. Desisti no 7º ano porque estava a fazer o 8º e 9º ano num curso em Leiria e, depois como andava grávida, desisti.

Então, nunca chumbou?

Não.

E não pensa continuar a estudar?

Penso um dia.

E o pai da sua filha? É Presente?

É.

Mas não vivem juntos?

Não.

E pensam ir viver juntos?

Humm, talvez não!

E ele gosta da criança, visita-a?

Sim e ajuda-a.

Paga a pensão?

Ainda não.

Ele é da Batalha?

Não, não vive aqui.

E a si, ele trata-a bem?

Trata.

Volto a questionar, quando a bebé faz algum disparate quem é que chama a atenção?

Quando ela se porta mal não (porque ainda é bebé) mas quando ela faz coisas que sabe que está a fazer mal, ela começasse a rir e a gente tem que ralar um bocadito também. Sou eu e a minha mãe às vezes. A minha mãe não porque ela não gosta muito de levantar a voz à Liliana.

Você e a sua mãe têm um papel semelhante perante a sua filha?

É, a minha filha e a minha sobrinha. É porque a minha mãe não sabe ler nem escrever e tenho que ser eu a andar em cima da minha sobrinha senão...as coisas da escola...

E cuidar desta criança é difícil?

Não, não é difícil, é fácil.

Está contente por ser mãe aos 17 anos?

Claro, com uma filha como eu tenho!

E o que é que é mais difícil na sua vida neste momento?

Neste momento é arranjar trabalho. Trabalho fixo mesmo. Quem tem uma criança não é fácil.

Mas está feliz por ser mãe aos 17 anos?

Sim.

Porque não foi planeado?

Não.

E o que é mais fácil com a bebé?

Humm, não é nada difícil, ela é uma santinha, não faz nada de mal.

Ela come e dorme!!

Claro. Humm, não, não é bem assim. Mas se nós a pomos dentro do parque ela tá lá a brincar sossegadinha.

Mudando de assunto. Por onde viveu com a sua mãe?

Vivemos no Valado. Tive lá até aos 7, 8 anos mais ou menos. E depois vivemos em Porto de Mós.

E o seu pai viveu com vocês no Valado e em Porto de Mós?

Não, nessa altura a minha mãe já não estava com o meu pai.

Não sabe que idade é que tinha quando o seu pai saiu de casa?

Não, não sei.

Era mesmo pequenina então?

Era.

E depois foram para Porto de Mós e tiveram lá quanto tempo?

Tivemos lá muitos anos. Há coisa de 5 anos é que viemos aqui para a Batalha.

Então estudou no Valado, em porto de Mós, na Batalha e quando é que foi para Leiria?

Foi à pouco tempo que eu fui para Leiria, foi no ano passado, mais ou menos em maio. Tinha começado o curso, tinha acabado este ano em setembro.

E a sua mãe sempre foi uma boa mãe. Sempre a deixou fazer tudo?

Sim. Humm quase tudo!

Sempre saiu quando quis, sempre fez o que quis?

Mais ou menos isso.

Quando era pequena a sua mãe deixava-a a ir brincar para onde quisesse?

Não.

E agora?

Ah agora deixa-me sair, às vezes. Mas não pode...

Mesmo antes da bebé nascer?

Sim, quando eu queria, pedia-lhe e saía.

Financeiramente, sempre tiveram dificuldades?

Sim.

Mas a sua mãe sempre trabalhou?

Sim. A minha mãe quando veio para aqui foi para vir trabalhar, aqui para a camara da Batalha.

E só agora é que ficou desempregada?

Não. Depois ficou desempregada e arranhou trabalho numa fábrica de separação de lixo e depois ficou desempregada em agosto do ano passado.

Voltando novamente à sua infância, como é que encarou tantas mudanças de casa, terra e de escola. Não lhe transtornaram?

Não.

Conseguiu arranjar sempre amizades?

Consegui.

Nunca ficou triste por deixar as suas amigas?

Sim, isso é sempre triste. Mas falo com elas na mesma.

Quanto ao pai da sua filha, sabe como foi a infância dele?

Não.

Não conhece os pais dele?

Não.

Não sabe nada dele?

Não.

Os pais dele aceitam a vossa relação?

Não, não aceitam.

Nunca chegou a conhece-los?

Não.

Mas o pai assumiu a criança?

Sim.

E os avós assumiram?

Não.

Então, não sabe mesmo nada da infância do pai da criança?

Não.

E como é que ele está a lidar com o facto de os pais dele não aceitarem a neta?

Não sei, ele também fala pouco disso.

Ele estuda ou trabalha?

Está a trabalhar.

E já estava a trabalhar antes de você engravidar?

Sim, já trabalhava.

E é muito mais velho?

Não.

É da sua idade?

Não.

Que idade tem ele?

Ele tem vinte e poucos.

Anexo XIII

Transcrição da entrevista à família J

Fale-me da sua infância?

A minha infância, não foi assim, não foi nada de especial, pronto! O que me lembro é, pronto, éramos pequenitos, andávamos todos uns com os outros. Eu era a mais velha de 3 irmãos. Somos 4 mas a última já eu tinha 13 anos e então a infância foi mais em casa da...então havia lá um café, um café e um supermercozito de uma senhora que era a Luísa, então passava lá muito mais tempo. O meu irmão era com a padeira. Então andávamos assim, andávamos na escola, vínhamos da escola para casa, íamos para a escola. Usávamos roupa uns dos outros, normal naquela altura e foi assim até entrar no ciclo. Eu perdi um ano, sim, na 3ª classe. E, depois íamos buscar o meu irmão. Havia altura que íamos buscar porque saíamos cedo. O meu irmão Rui ainda não andava na escola. Sei que fui lá buscar um outro irmão Luís e estávamos à espera, aquilo não era nada como está agora, e então havia aí uma...um muro e depois assentávamo-nos lá num pauzito que lá estava, mas o meu irmão era muito irrequieto, caiu de lá para baixo, então partiu a perna e partiu o braço. O que me lembro mais é disso. Depois a infância...a infância...

Brincaram muito ou tinham de trabalhar em casa?

Trabalhávamos mais na fazenda, ir buscar lenha. Em casa não me lembro assim, era mais a minha mãe talvez. E, então era mais na lenha, no campo e fazíamos isto. Ao fim de semana era...era...

Era brincar ali na rua?

Era! Íamos para os cafés. Depois chegou uma determinada altura dos meus 7/8 anos, foi um bocadito mais complicado mas ninguém sabe, então fui...tive assim...não foi uma violação consumada mas foi! Pronto fiquei assim...pronto, sei quem é mas nunca disse nada a ninguém. Depois a minha irmã nasceu. Ah e o meu pai era muito alcoólico. Ele teve na Guiné e uma mina arreventou e ele veio todo...pronto...veio...

Com muitas mazelas?

Muito. Pronto não vinha a andar, muitas mazelas, teve muitos anos no Ultramar mas não...antes de eu nascer ele já cá estava. Depois a minha mãe casou-se com ele e depois é que teve-me a mim. Mas ele já vinha com esse trauma muito grande. Então começou a beber, era todos os dias! Íamos buscar aos cafés, eu lembro-me que a minha mãe ia lá com o carro de mãozito dela e trazia muito. Até aos meus 13 anos. Foi então que trouxe, veio a minha irmã, em último, já a minha mãe tinha 41 anos. Então nasceu a minha irmã e o meu pai deixou de beber nessa altura e então já fomos assim mais ou menos. Prontos já tivemos uma vida assim mais ou menos. Depois nisto, da minha irmã nascer, era pequenina e depois também tive a situação de apanhar a minha mãe a enganar o meu pai, prontos foi uma situação também que me marcou bastante. Depois nisto comecei a trabalhar aos 13 anos. Porque eu normalmente fiz o 1º ano, o 5º ano aqui e depois fiz o 6º ano já de noite. Já não consegui fazer mais, então fiz o 6º ano de noite, só que tinha de vir direto a pé, só que já era muito de noite quando nós saíamos. De vez em quando, era raro, apanharmos boleia, mas de vez em quando apanhávamos. Então depois comecei a trabalhar numa fábrica, uma fábrica de moldes ali na Azoia, então já lá não há essa fábrica. Era de...ai como é que se chama aquilo? Era de...fazia muito coisa, era de pratos de louça, era de louça prontos! Pronto comecei a trabalhar só que era muito pesado, era muito pesado porque

tínhamos que emborcar os moldes com o líquido assim para fora. Então os moldes aí eram muito mais pesados e depois tive lá quase 6 meses, não cheguei a 6 meses e vim-me embora. Já não aguentava mais então nem fiz o resto. Podia ter feito o resto pois tinha ajudas, mas não! Cheguei ao fim do mês e vim-me logo embora. Depois fui trabalhar para a Estalagem da Ala dos Namorados, trabalhei lá ainda 3 anos. Então, ahh, lá foi mais ou menos, pronto. Depois... conhece muita gente, depois lá também conheci uma colega minha, também me ajudou mas não era assim bem, bem, boa colega. Pronto tinha lá os seus problemas, tinha sempre que sair com homens diferentes, pronto. E apanhei aí também, fiquei um bocadito escaldada porque não estava à espera, mas...pronto fomos trabalhar. Depois no fim, no fim encontrei lá um rapaz com quem eu namorei 2 anos, que era da Nazaré, tudo correu bem. Depois no fim, pronto, disse que não era só a única que ele queria, então olha melhor...era melhor fechar, era melhor desistir. Pronto sofri um bocadito mas depois lá temos que arribar e então depois fui trabalhar para Leiria, numa pastelaria, tive lá 5 anos. Também era muito massacrada, mas pronto, foi bom lá, foi de camioneta e vínhamos. Depois ainda consegui tirar a carta de condução mais o meu irmão. Vínhamos a pé para a Batalha, lá em cima na Batalhense, ainda consegui tirar mais o meu irmão, vínhamos a pé. Ah mas antes disto o meu irmão esteve muito tempo, teve um problema muito grave. Ah, eles disseram que era mais ou menos da aumentação que tinha, mas se éramos todos irmãos não sei porque é que ele...pronto lá devia ter menos defesas e apanhou uma doença nos intestinos e então ele teve um grave...era muito tempo, foi muito massacrado nos Covões e pronto ele habituou-se à ideia mas ficou muito, muito, ah, como é que se chama? Não era assim uma pessoa...

Uma pessoa muito fechada?

Era, era, muito fechado e depois já era muito, descontrolava-se rapidamente, das anestésias que ele tomava, pronto, depois ficou com o saco quando tinha 19 anos. Ficou com o saco para fazer cocó. Tiraram-lhe o intestino, o intestino grosso. Essa doença começou aos 14 mas, depois o médico que nós apanhamos também não era bom. Então só foi, só acharam mesmo, mesmo no fim, foi tirado mesmo aos 19 anos. Já foi suturado mais um bocado, já tirou mais um bocado do intestino. Mas pronto mantém-se. Agora também casou, pronto, fez a vida dele, não pode ter filhos que a mulher tirou o problema dele todo. Ah e depois eu...eu...

Tirou a carta com o seu irmão?

Tirei a carta com o meu irmão e pronto, ele conseguiu ter um carro e eu não. Pronto também não era assim, não era preciso naquele tempo. Também ia e vinha de Leiria de autocarro. Depois entretanto lá a minha vizinha que era a Lurdes fez com que eu conhecesse o meu ex-marido. Prontos conhecemo-nos por fotografias, começamos a namorar por cartas e depois quando ele cá chegou praticamente fomos logo viver juntos. Pronto ficou lá em casa, como ela não tinha cá família, era de Mangualde. Tinha uma família mas era em Alcobça e então ficou lá em casa e depois, pronto começamos logo a viver junto. Mas ele gostava muito de andar sozinho, fazer as coisas sozinho, à maneira dele, mas nisto eu também, como era nova, tava um bocadito tapada e nem...não...

Estava apaixonada, não era?

Era. E então pronto, ele começou aí a beber, ele era alcoólico e...e eu sempre pensei que ele conseguisse ultrapassar isso, sim! Porque ele também perdeu o pai muito cedo e depois andou de casa em casa e pronto! Eu com pena, talvez com pena, deixei-me andar um bocado. E, depois

fomos uma vez fomos para o norte e quando cá chegamos, o meu irmão disse que não podia lá em casa porque me tinha enganado e não queria... se ele saísse...ah, ah...

Se ele ficasse, ele saía?

Não. “Ele não entra mais. Mas se quiseres ficas, se não quiseres, vais com ele!” ele para mim, o meu irmão. Porque os meus pais nunca se... pronto...era raro. Pronto a minha mãe andava por cá, andava por lá, sozinha, também não era assim uma pessoa de acarinhar os filhos e depois fazia a vida dela. Estava cá mais tempo em baixo na Batalha, ia e vinha, ia a pé, não dava satisfações a ninguém e ela é que orientava o dinheiro do meu pai, pronto! E, então fazia na loja, fazia o fim do mês e depois ao fim do mês ia lá pagar. Pronto era assim que faziam. E depois nunca tínhamos nada. Isso não dava para juntar nada. Chegava àquele dia, pagava as coisas e ficava sem nada na mesma, não era bem orientado. E, então andávamos sempre a patinar na mesma coisa. Depois o meu irmão começou a ser mais autónomo e prontos começou a...

Mas você foi então com o seu marido na altura?

Não eu fui depois com o meu marido. Vim com ele. Tivemos aqui numa...num quarto, que era ali no Vieira, ali em cima também no Moinho de Vento. Ainda tivemos lá num quarto, não sei se foi uma semana se não. Depois alugamos uma casa nas Brancas e lá tivemos 5 anos. Cinco anos que, prontos, eu é que dava sozinha, ah, ele vinha para a Batalha, embebedava-se! Tinha maus tratos...

Batia-lhe?

Não batia mas era mais as palavras. Sim, as palavras era mais...também levei um estalo em casa e depois lá também nas Brancas. Só que nós pensamos “ah isto é só uma vez sem exemplo” e não é! É uma vez e vem mais...é a seguir vem mais. Depois tivemos lá 5 anos, ele chegava a casa muito tarde, às vezes nem...pronto chegava muito, muito tarde! E às vezes bêbado e às vezes... uma miséria! Ainda tivemos 5 anos e depois eu pensei em engravidar a ver se ele mudava, que ele com um filho podia mudar e não sei quê! Depois foi uma gravidez muito, muito difícil. Porque ele chegava a casa bêbado, empurrava-me da cama, já com uma barrigota já grande, e aí também apanhei outra vez a enganar, a telefonar para a... para uma antiga namorada dele. Tenho isto à noite. Eu ia trabalhar todos os dias e ele não ia. Cheguei a vir, aqui para a Batalha, apanhar a camioneta, apanhava lá nas Brancas e depois apanhava aqui, muitas vezes voltava para trás a pé para chamá-lo para ir trabalhar. E, depois vinha com uma senhora que era da senhoria, tava lá a filha, que tava aqui num banco e então eu vinha com ela. Às vezes ela dava-me boleia, para lá também. Só que ah... depois o transporte que tínhamos era uma mota e já era muito complicado eu já andar de mota e então foi assim muito atribulado! Mas depois fizemos, no fim do meu filho nascer, fizemos... depois do meu filho nascer era raro ele lá ir ao hospital, também só tive 3 dias. Correu muito bem. Eu cheguei lá tive logo a criança.

E o pai assistiu ao parto?

Não, não! Não porque eu fui mais o meu irmão. O meu irmão é que levou e ele ia de mota porque nessa altura ele não falava muito bem com o Pedro, então o meu irmão não o levava, portanto teve que ir de mota. E, quando lá chegou já tinha nascido, já estava vestidinho e tudo, então foi quando ele levou a mala. Depois os 3 dias que lá tive aparecia lá todo bêbado, outros dias não aparecia. No dia a seguir do meu filho nascer, o meu tio da Jardoeira morreu num acidente lá à borda da estrada, e então pronto também não...pronto foi assim! Depois vim para casa comecei a fazer as coisas, pronto com o meu filho, ligar mais ao filho do que propriamente ao pai. Pronto aí tornou-se ainda pior e aí fomos a uma consulta em Alcobça, que

conseguimos, de alcoolismo. E, lá pronto conseguiram fazer com que ele parasse 2 ou 3 dias, mas de resto voltou ao mesmo. Voltou ao mesmo e depois tinha muitos ciúmes do filho.

Por você dar mais atenção à criança?

Era, muitos ciúmes. Embora que ele tivesse que fazer mais alguma coisa pelo filho, não! Ele tinha muitos ciúmes e depois dizia que não. Depois quando eu...quando ele...depois...um ano para batizar, tive de casar. Tinha ele 6 meses não tinha um ano, tinha ele 6 meses, o bebé. Hoje em dia não faz mal o ser ou não batizado, mas naquela altura achava que sim. Então para o batizar tínhamos que casar e casamos. Orientamos tudo muito bem e depois casamos. Tivemos aí a família mais chegada toda e pronto fizemos a festazita. A minha mãe pagou o jantar.

E batizou o Manuel nesse dia, também?

Sim, sim... Depois quando ele tinha um ano e meio cansei-me, pronto! Cansei-me pronto, ia trabalhar, ia tudo, com o meu filho e tudo e depois tinha que o aguentar e tudo, cansei-me pronto! Cansei-me, fui à, fui ali falar com a...que era no Posto de Médico, que há lá uma divisão que nós temos que podemos falar.

Foi com o Dr. Valter?

Não, não, foi antes, foi muito antes e foi com uma senhora, não foi com o diretor de lá, foi com uma senhora que estava destinada a isso. Não sei se há hoje senão, não tenho visto. E, então a senhora, pronto, deu-me uma força, depois também foi falar com o advogado para ver qual era a situação que coiso...e cansei-me, andava saturada, andava a chorar no trabalho e tudo, já não rendia nada. E o meu filho numa semana antes já tinha deixado de comer no infantário, ele tinha um ano e meio, que ele tava...eles sentem os bebés, eles sentem!

Eles sentem tudo, sentem!

Exatamente.

Ele frequentava que jardim-de-infância, o Moinho Vento ou a Cilinha?

Andava na Cilinha, fui lá. Eu fui aos dois, mas depois a Cilinha entrou logo, mal fiz eu, mas pronto, andou na Cilinha até à escola, até entrar na escola mesmo. Depois cheguei uma vez a casa e... ah nisto, depois antes estive cá a mãe dele. A mãe dele fez com que ele fosse para a bruxa e fosse a todo o lado para ver se tinha alguma solução...ah...e não tinha, não tinha! Tinha que partir dele e não...não... pronto fomos a vários médicos mesmo, não só de Alcobaça, mas vários médicos.

Você fez tudo por ele?

Fiz... era muito só para ele e para mim era... punha-me de lado e eu sempre a ver se conseguíamos fazer alguma coisa. Mesmo a família dele que é de Mangualde, às vezes íamos lá passar o natal, diziam que ele só olhava para ele, era só ele. Depois eu trabalhava dia e de noite e então olha! Ah e depois a mãe deu-nos um carro, deu-nos dinheiro, deu-nos um carro, só que ele gastou o dinheiro todo e depois o carro ainda ficou, e ele não tinha carta, mas às vezes andava com ele aqui na Batalha. Tanto que uma vez apanhou um acidente, espatifou o carro todo. Éramos para ir para Mangualde e depois já fomos, espatifou ali na... quando se vai para a Rebolaria...

No Arneiro?

No Arneiro e depois vim eu com o garoto, já tinha o menino, vim com ele de carro a pé no carrito, à procura onde é que ele tinha botado o carro, porque os polícias é que o tinham levado a casa, já não era a primeira vez, já eram várias vezes que o tinham levado, pois aparecia todo borrado, todo mijado, é aquelas misérias de alcoolismo. Depois...ah...

Então ele não apanhou nenhuma multa, a polícia não fez nada?

Pois, porque devia ser aqui da Batalha, já o conheciam bem, não foi chamado nem nada, pronto ou então fugiu do local e depois apareceu, não sei ficou assim, porque não bateu contra ninguém, foi sozinho. Mas antes disso ele já tinha tido um acidente de mota, tinha partido uma perna e lá ia todos os dias ao hospital vê-lo. Ia a pé porque não havia camionetas naquele tempo e muitas vezes que eu fui que ia lá vê-lo.

Mas isso foi depois do Manuel nascer?

Não, foi antes.

E, depois vocês separaram-se e você foi viver para casa dos seus pais até hoje?

Sim.

E ele?

Ele foi depois... ele andava aqui a reboque, para trás e para a frente e depois a senhoria da casa fez com que eu mudasse de fechadura porque não o queria lá mais. O contrato foi feito comigo, não ficou com ele.

Mas afinal você ficou lá ainda?

Onde? Não, não, não!

Foi logo para casa dos seus pais?

Fui, assim que entrei em casa dos meus pais já não saí mais. Não fui para mais lado nenhum. Nem voltei, disseram-me que eu devia voltar, mas não voltei.

Então a senhoria é que mudou a fechadura?

Sim. Porque o contrato foi comigo e depois ainda fui lá limpar a casa. Depois ele andava a reboque e depois acho que vieram busca-lo e foram...ah mas antes disso, antes disso ele foi para Coimbra para o Sobral Cid, a ver se eu me conseguia reconciliar ainda, já no fim. Mas ainda a ver se eu reconciliava. Não, já estava separada, não havia nada a fazer porque fartei-me, fartei-me! Ainda lá fui busca-lo ao Sobral Cid mais a minha mãe. Pus o meu filho no infantário e fui lá mais ela, já tava separada. Lá uma médica disse-me “ah agora tem que o acompanhar bem o seu marido e que tem que jantar muito bem, ajudá-lo bem” e eu disse assim, “olhe não vou ajudar porque o meu filho já se está a sentir, ele já está diferente no infantário, só tem um ano e meio!”, “não os garotos não são assim!”. Pronto vim-me embora e ficou assim... Ele ficou aqui, tanto acho que foi os irmãos que vieram cá buscar e levaram-no para a Inglaterra, então tá lá, na Inglaterra mas tem sempre feito... ah depois foi o divórcio, lá o advogado consentiu...lá deu algumas palavras e então ele disse que nunca dava-me o divórcio e então mas deu-me. Tive o divórcio mas antes tive que ser, tive que ir a tribunal para regular o poder paternal.

Então é você quem tem o poder paternal?

Tenho, eu tenho o poder paternal da criança porque ele não era...não, não... Depois foi para a Inglaterra e quando cá vinha ia só... pronto ia vê-lo, mas ia falar mais comigo.

Para ainda tentar reconciliar?

Sim. Ia falar mais comigo que o filho não ligava muito e nunca lhe deu alimentação.

Nunca pagou nada?

Nunca pagou nada. E depois também tive que ir fazer isso e também estou a receber pela Segurança Social, que é... como é que se chama aquilo? Vem de Lisboa...

É o abono?

Não, não é, o abono é outra coisa.

A pensão de alimentos?

Exato é a pensão de alimentos, prontos vem de Lisboa. Depois começou-me a dar isso porque diziam que ele é que tinha que pagar isso, pronto para não ficar preocupada porque o pai é que devia pagar, pronto. Ainda estou a arreceber a pensão de alimentos porque o pai pronto, não adianta porque não me dá dinheiro. Não me dá dinheiro, não me dá dinheiro! Depois isto tem-se passado, ah depois ele vinha cá e fazia isso. Depois veio a dizer ao tribunal que eu não deixava estar com ele. Eu não o deixo, eu não o deixo levar, pode lá estar o tempo que quiser a ver a criança ou a brincar com ela, só que ele não vem também para aí há uns 4 anos mais ou menos. Já cá também não vem. Por isso o pai já não...o filho já não conhece muito bem o pai. Só que o pai quer o levar.

Para Inglaterra?

Para Inglaterra e também o quer levar para Mangualde. Só que é muito complicado porque ele também deve ver, eu já lhe tenho explicado, porque ele não está com ele. O filho não sabe, pronto, posso chamar pai mas não tem aquele modo, exatamente. Mas ele não vê isso, que levar o filho, quer levar o filho. Então cada vez que cá vem lá tenho que ir eu para o tribunal, fazer as mesmas coisas que sempre fiz porque ele não tá com ele. Ele não tá habituada, tá bem que agora aqui há dois anos, dois não, um ano, um ano e meio para cá, tem telefonado, todos os dias, todos os dias, todos os dias, até que chegou pronto ao coiso que ele não queria falar com ele, era só a falar ao telefone e pronto! Isto passou-se até aos dez anos. É assim, pois eu acho que ele tem tido problemas, não é! O álcool também não é agradável, tem que trazer alguma coisa, então lá tem sido visto nos hospitais lá da... da... ele também acho que não trabalha, não sei, deve tar reformado. Lá ajudam-nos, ajudam mais que cá e então é tem ficado.

Agora mudando de assunto porque já contou a sua vida até agora...

Então, deixe-me só contar mais uma coisa!

Esteja à vontade.

E depois agora a partir dos dez anos, como o meu filho está a ficar maior, então para o comprar, já lhe perguntou o que é que ele quer. E, então o meu filho é muito esperto também, sabe que os garotos, então já lhe pediu uma PSP3, já lhe deu. Já pediu a Nintendo, também já lho deu. Agora quer um computador, vamos lá ver se lho dá. Pronto tem vindo sempre assim que é para quando ele cá vier o poder levar.

Pois, para ele poder dizer, “o pai deu-te isto tudo agora tens de ir comigo”.

Exatamente. Tanto que ele, pronto, disse-me assim por alto “ah era, como eu não posso ir aí, era bom que ele viesse aqui à Inglaterra, só uma semana no natal”, ah e depois desorientava-me muito a criança quando ele cá vinha. Ficava mesmo, mesmo, desorientado.

E, qual é a opinião do Manuel, ele gostava de ir ter com o pai?

Não, não, não.

Também temos que dar voz a uma opinião da criança.

Sim. Ora...sim, se ele é uma criança e depois ao telefone “oh filho dou-te isto, dou-te aquilo e fazemos isto e fazemos aquilo” se calhar está a ser influenciado, exatamente, e não sei se isso o vai levar. Mas em principio não porque ele, ele...ah...ele sem a mãe é um bocadinho difícil.

Mas o facto de você ter o poder paternal, permite a você decidir, ou não?

Ah...se ele fosse um bom pai... ou se ele fosse...ah... se ele fosse...

Eu estou a dizer, por lei. Por lei é você quem decide?

Sim, por lei, sim. Ele tem direito a ver.

Mas não tem direito a fazer o que quiser?

Não, não.

Sem a sua permissão?

Sim, sim, sim. Mas se for para o levar, eles levam-nos sempre.

Ai é?

É. Eles conseguem passar em todo o lado, menos no aeroporto. Tem que levar um consentimento da mãe.

Então agora mudando de assunto. Você hoje, enquanto adulta, acha que foi maltratada na sua infância pelos seus pais?

Não.

Mas foram pais um bocadinho ausentes?

Ausentes, sim!

Mas nunca a trataram mal?

Não.

E os pais do seu ex-marido?

Ele já não tinha pai quando eu o conheci, só tinha mãe, mas ela, olhe, era também muito ausente com o filho.

Ele estudou até que ano?

Até à 4ª classe.

E depois?

Ah...

Fez o que quis?

Foi. Andava de família em família. Ah depois andava lá ao deus de ará, é, prontos!

E você, já verificamos que não foi nada bem tratada pelo seu ex-marido?

Não, não...

E, ele em relação ao seu filho, também foi completamente ausente, mas fisicamente nunca o tratou mal?

Não, eu também, ele tinha um ano e meio e eu também o protegia muito.

Mas fisicamente nunca o tratou mal?

Não, não...

Mas o facto de o ignorar, estava a fazer exatamente o que a mãe lhe fez?

Exatamente.

Mais a agravante dos ciúmes.

Sim. Depois isto tem vindo tudo a... a... a escola e depois eu fazia essas coisas, depois eu tinha cá e depois fazia muita coisa para eu ir a tribunal e depois advogados e tudo, o garoto também via isso.

Você ficava transtornada e a criança também.

Era, era.

O Manuel foi um projeto seu e do seu marido?

Foi, foi, foi.

Os dois decidiram?

Sim, sim, sim.

Viveram muitos anos juntos e depois é que decidiram?

Foi e só depois é que tivemos a criança.

E, cuidar do Manuel, é fácil ou difícil?

Nunca é fácil cuidar de uma criança, mas a gente tenta tudo por tudo. É uma criança muito doce.

Não lhe causou ainda grandes transtornos, não é rebelde?

Foi um bocadinho agora já está assim mais, mais coiso. Porque é assim no infantário, no infantário ele não foi bem puxado, então também o deixavam à parte e a gente não sabia bem disso. Nós perguntávamos se estava tudo bem, se era preciso assim levar a um psicólogo, quando ele tivesse lá na pré. Era um menino a...a... como é que é... a... muito conflituoso, lá no infantário e... e é normal nos meninos. Mas eu sempre perguntei se era preciso levar ao psicólogo e ela disse-me que não que estava tudo bem com o Manuel, o Manuel é normal e pronto. Em casa como estava pouco tempo com ele, também era normal, não o via assim. Sei que fazia assim muitas birras, mas isso é normal porque também estava sozinho e tinha mais coisas. E, depois tinha... era muito, muito hiperativo, pronto achava-o ali muito nervoso, numa altura, assim antes de começar a escola. Depois começou a escola apanhou uma professora que não estava habituado com ele e ele também não estava habituado com ela, então ela ralhava

muito e fazia coisas que não devia. Puxava os garotos cá para fora de braço, punha-o de castigo. Punha-o a trabalhar sozinho. Punha-o numa mesa cá fora. E, ele aí tornou-se muito, muito rebelde. Tanto que ela fez, foi aí que eu comecei a vir aqui (CPCJ-BTL), ela fez queixa, a denúncia sim, que ele portava-se muito mal e que ele a... pronto andava lá pelo chão a rastejar e tudo. E então começamos a ir ao hospital e aqui. Aqui teve também a ter aulas com a Dra. Sandra (psicóloga) e depois teve tudo muito bem e depois passou para a escola. Mas agora já não tem prontos. E depois nunca mais deixamos de ir ao hospital prontos. Tomou a medicação porque é muito hiperativo, andou na natação para acalmar e, isto tem vindo sempre assim. Depois acalmou um bocadinho, pronto, mudou de professora, teve o primeiro... a e depois não aprendia nada! Já não levava daqui o ensinamento que devia de levar e depois lá chapéu, perdeu-se, não sabia nada. E, então o primeiro ano como tem que se passar todos, passaram-no mas ele ficou retido no segundo ano. E, sempre foi uma batalha com a professora também, pronto lá tem vindo... depois mudou de professora, para a Dra. Graciete que era daqui e, lá tem ido um bocadito aos empurrões, mas vai.

E o que é mais fácil com o Manuel?

Era, quando bebé, era mais fácil. Assim que eles começam a andar chapéu!

Mas o que é que o Manuel tem de bom?

Ah é muito carinhoso, é... é... é abraçasse à gente, é... embora que seja um bocadinho ele, não sabe dar valor aos outros, é só ele, é um bocadinho egoísta, pronto.

Um bocadinho como o pai!

É, tem o feitio do pai, mas é muito carinhoso, é...

Você teve uma infância minimamente feliz, uma adolescência mais perturbada, e agora acha que está a dar o seu melhor como mãe?

Exatamente. Tento dar o que a minha mãe não me deu e tou a dar. Ele sai sempre comigo, vai para todo o lado comigo.

Anexo XIV

Transcrição da entrevista à família L

Fale-me da sua infância?

Ui, tocou por um ponto logo. É assim eu não me lembro de muita coisa. Eu tinha a idade do Adão e fui molestada pelo meu pai, desde os cinco aos oito anos. Fui retirada aos meus pais mais a minha irmã, a minha irmã tinha três anos de diferença mais nova, quando isto foi tudo, enquanto isto andou e não andou, este processo, a... eu fui retirada aos meus pais mais ela. Prontos fui para casa da minha avó, pó norte. Eu não me lembrava nada disto, não sei, depois, além de tratamento que fiz. Lembro-me perfeitamente da minha avó andarem a correr comigo para o Porto, porque na altura que deu isto tudo eu era para ficar, em casa mais a minha irmã mais a minha mãe. Só que a minha mãe preferiu ficar lá com ele.

E a sua mãe sabia do que o vosso pai vos fazia?

Sabia. Ela nunca acreditou em mim. Sabia. Ela nunca acreditou. Eu lembro-me perfeitamente, uma das poucas coisas que eu tenho lembrança fixa, foi de estar no hospital na morgue a fazer os exames, a fazer essas coisas que eram precisas, perfeitamente porque eu sei que sentia que era um sítio muito frio, e lembro-me disso, prontos. Foi isso e foi no dia do julgamento, é as únicas coisas que tenho, o resto que disse o que falei, foi tudo à base de terapias e tudo isso que eu fiz a... e prontos fui criada lá em cima, sem...só eu e a minha irmã e os meus avós. Uma avó responsabilizou-se perante a PJ e o tribunal porque eles ficavam praticamente lá com a gente.

Com os seus pais vivam onde?

Vivíamos em Lisboa e sou de Lisboa. Fui criada em Lamego, perto de Lamego, pela minha avó e os meus tios. A minha avó já faleceu. Entretanto até ter 18 anos eu não tinha ordem de vir para baixo, fui sempre...ficaram responsáveis por mim e pela minha irmã, até eu ter 18 anos. O que desprendeu isto tudo e que deu a saber todas estas coisas que se estavam a passar foi a minha irmã. Porque na altura a minha mãe também a vivia com muitas dificuldades porque o meu pai era muito alcoólico, mesmo! E tratava-a mal e ela andava a ser seguida pela Segurança Social, a pedir ajuda e essas coisas. Normalmente é o que se faz pronto, tinham-me a mim e à minha irmã e a gente conhecia muito bem a senhora e a minha irmã sabia onde é que era o consultório dela. Agora chama-se “Mariosor” onde está o cemitério, e ela sabia e levou-me, a mim e à minha... fomos as duas a pé por aí a fora e prontos eu parece que estou a ver e ela fez e falou e nunca mais pegaram em nós, nunca mais... e a minha mãe sempre disse que não, que não, que era impossível. O próprio médico quando estava a chegar da medicina faz esses exames, disse-lhe a ela claramente o que é que se tinha... que era e que não podia ser... que eu com cinco anos não podia estar a inventar e essas coisas. E, ela nunca acreditou, tanto que digamos assim, que nos pôs na rua a mim e à minha irmã e... cá temos e tal. E isso tudo reflete nos meus filhos, por isso é que elas muitas vezes estão em cima de mim porque reflito muitas coisas neles, porque tudo o que eu passei, tudo o que eu tive que andar, trabalhar e sofrer, para criar-me a mim e à minha irmã.

Lembre-me, a sua irmã é mais velha ou mais nova?

Mais nova três anos.

E ela é que foi a corajosa para denunciar?

E ela é que foi...

Você tinha que idade?

Eu tinha oito anos e ela tinha cinco anos. Nós é que fomos, prontos, ela é que foi pedir ajuda. Porque ela via e depois ele já estava num estado, que já estava a castiga-la a ela. Porque a gente tava sempre pegadinhas para não para não termos, a gente dormíamos juntas e para que uma não se afastasse da outra para que não acontecesse nada! Só que ele depois ele castigava-a a ela para ela se afastar. Foi assim uma série de coisas muito desagradáveis.

E a sua mãe ficou com o seu pai e será que ele não a tratava mal?

Não. Eu acho que não. Não porque depois ela ainda hoje está viva na mesma casa. Ele só saiu de lá quando foi preso.

E ele continua preso ou já está em liberdade?

Não sei, nunca soube mais nada. Sei que ele teve lá e que teve num... lá ao pé, ao pé donde a gente vivia, teve lá muito tempo, pelo que a minha mãe diz que o via a beber um copo.

No norte, em casa dos seus avós, sentiu que foi bem tratada?

É assim, fui tratada, enquanto a minha avó foi viva e ela podia, fomos criadas, fomos... depois a gente começou a crescer e era muita responsabilidade para ela, que éramos duas meninas, tínhamos passado o que tínhamos passado. Toda a gente sabia o que é que se estava a passar e foi muito complicado, pois! Quanto entrei na altura da adolescência, por exemplo a idade que a gora a minha filha tem, a partir daí tive que trabalhar muito, muito, muito, para sustentar...

Mas em termos físicos não foi maltratada?

Não, não, muitas vezes... tal e qual como eu faço aos meus filhos, com eles, e é muito errado, sai os desabafos. Porque a minha mãe, a gente teve lá muito tempo e ela nunca foi capaz de aparecer, nem perguntar se precisávamos de alguma coisa, mesmo à minha avó, nunca entrou em contacto connosco, nunca quis saber. Quem lá ia, e agente tinha as noticias e os meus tios prontos para saberem como é que estavam as coisas, era mesmo a policia judiciaria que lá ia. Nunca nos deixaram vir para baixo enquanto ele não saísse de lá.

E, depois aos 18 anos?

No dia em fiz 18 anos vim para Lisboa.

Mas não foi para casa da sua mãe?

Foi. Era a minha casa a casa da minha irmã. Viemos as duas porque a ordem era só para mim. Ela só estava lá por precaução, digamos assim. E porque a minha mãe nunca a chamou, nunca esteve, nunca a puxou para ao pé dela e ela ficou sempre comigo e foi... as duas fomos criando uma à outra, quase. E, prontos viemos para baixo, eu fui trabalhar, foi logo no dia em que eu fiz 18 anos, peguei nos meus... meti-me no comboio e vim para baixo. Eu queria sair lá de cima.

Depois do que passou em Lisboa, na casa dos seus pais, ainda voltou para lá?

Foi muito pouco tempo. Foi só arranjar trabalho, comecei a trabalhar. Conheci o pai do Joel e da Chica. Aí está as asneiras que a gente faz. É aquela coisa de liberdade e quero, e quero sair e quero estar e quero... foi assim tudo muito feito, assim... Casámos. Tive o Joel, depois a Chica e a minha irmã também. E depois viemos para este lado, é a tal coisa não queríamos estar lá. A

minha mãe disse ao pai deles o que é que se tinha passado, coisa que eu nunca tinha dito, só para ver se ele me largava, na altura.

Mas ele tratava-a mal?

Não.

Tratava mal os seus filhos?

Não. Não, não. Quando eu tive o meu Joel, tinha 6 meses e a gente veio para estes, para Alcanede viver a fugir. Eu fugia ele vinha atrás, uma coisa assim.

Agora perdi-me um bocadinho. A fugir de quem, do seu pai ou do seu marido?

Não, a fugir de toda a situação porque aquele ambiente lembrava-me tudo o que se passava, é normal, tudo. As pessoas que me conheciam, tudo, aquilo é, para mim eu pensava queria sair lá de cima para ser mais independente e poder não ter que trabalhar no campo. Depois vim cá para baixo quando, passado algum tempo, vi que aquilo não estava, não estava a conseguir estar ali dentro, não conseguia. Então prontos, o meu marido também tinha cá na altura, o pai do Joel e da Chica, também tinha a mãe e viemos para cá. Entretanto nasceu a Chica, pouco tempo, ela tinha um ano e meio, quando o pai nos deixou.

Desculpe insistir, mas o pai deles nunca vos tratou mal?

É assim, ele nunca me tratou mal, enquanto a gente teve juntos, depois saiu o divórcio é que começou as guerras.

Mas foi ele que vos abandonou?

Ele saiu de casa porque arranjou outra pessoa, andava com más companhias e eu disse-lhe a ele que não podia ser. Ou ele se endireitava ou a coisa não podia ser. Entretanto ele saiu de casa e foi viver com quem estava, na altura prontos, com quem andava. Só que depois arrependeu-se, viu que não era tudo um mar de rosas e queria voltar para casa. Eu na altura não deixei, fiquei sozinha com eles os dois, pronto até conhecer o pai do Adão.

Depois é que veio para a São Mamede?

Depois ele trabalhava aqui em Fátima e como ficava longe ainda, viemos para aqui viver, cá estamos! Passo a vida toda a fugir. É verdade, passo a vida toda a fugir. Toda a gente me diz que passo a vida toda a fugir. Eu se pudesse também já não estava aqui! Se pudesse já estava noutro sítio. Pegava nos meus filhos que eles é que são tudo para mim.

E o seu atual marido como foi a infância dele?

O pai do Adão, é assim, eu não os conheço muito bem.

Mas como acha que foi a infância dele?

A mãe, é assim, quando ele nasceu a mãe abandonou-o, não o quis. O pai andava na guerra, pelo que eu sei assim por alto, pronto nunca se fala muito nessas coisas, no princípio não se falava e então agora muito menos porque eu nem estou com eles. Pelo que eu me apercebi, o pai andava na guerra na Angola, na altura, andava lá, e veio buscar o menino que a mãe não o quis e criou-o, o pai é que o criou lá e depois trouxe-o para cá e prontos e arranjou uma outra pessoa e está até hoje com ele e tem sido criado, foi, é que ele diz, debaixo de porrada, debaixo de toda a maneira de antigamente, muito trabalho e até ao dia que foi maior de idade e foi à vida dele.

Então o pai dele batia nele?

Era rígido, digo eu, que as pessoas lá na altura, eu digo o mesmo, os meus tios não eram maus eram rígidos, e nós pelo menos no nosso caso saber o que se passou ainda eram mais rígidos, não que nos fizessem mal e que a gente andasse ali tudo direitinho. E, acho que o pai dele também, porque eu não, pelo que eu conheço, penso eu que não fosse. Acho que era rígido com os filhos.

E, o seu marido trata-a bem?

Nunca. Foi o maior erro, foi eu ter, tava muito tempo sozinha com o Joel e com a Chica e acho que foi um dos piores erros, digo mesmo. Mesmo a ele já lhe disse. Foi, estou arrependida a 100%, não tou a 100%, me ter metido nesta, porque estava tão bem. Tinha a minha vida, tinha a minha casa, tinha... tudo de volta. Só pelo Adão. Só por ele é que eu não me arrependo 100%, se não tinha... já me tinha... aliás acho que já me tinha era ido embora se não fosse por ele. Porque também não quero, e já deixei bem claro, se ele quiser sair ele que saia. Eu não quero que o Adão passe o que a Chica e o Joel passaram sem pai. Se bem que ele não é muito, não é muito apegado ao pai ou, nunca foi, prontos, não é muito de chamar pelo pai ou se estiver aflito ou quando tiver doente. Mas tenho andado a evitar ao máximo.

Mas ele trata-a mal em que sentido?

Fisicamente como psicologicamente por isso é que fomos parar à comissão, várias vezes, porque ele me agride. Eu não posso dizer nada e depois também tenho os outros dois... agora como já vê que não me conseguia atingir a mim, porque eu deixei, como se tivesse morrido, desliguei mesmo, não estás cá, estás cá, não estás na mesma. E, então via tudo o que ele me dizia não já não me afetava começou a atacar os meninos e então aí é que levava às nossas grandes discussões. E ao ponto de eu ir parar ao hospital com um braço partido e coisas do género. E agora estamos assim numa paz. Ele sai logo de manhã, canhou esta semana não estar aqui, na semana passada por exemplo estava a trabalhar. Saio logo de manhã às oito horas já não estou em casa, deixo o Adão no ATL, vou para o trabalho, saio entro às oito, nove, quando... e não venho mais tarde porque não quero, senão vinha mais tarde. Só que também tenho que pensar que os tenho a eles e que tenho que os gerir a eles também e a vidinha deles. Tenho de tratar deles.

Mas às oito é muito tarde. Eles ficam sozinhos?

Aqui em casa. O Joel e a Chica vão busca-lo, vão busca-lo quando chegam da escola e depois ficam à minha espera até eu chegar. Prontos mas esses os horários também é assim, não é, não tem sido agora todos os dias, mas na altura de junho, julho e agosto foi uma perdição, eu cheguei a ter meses que não folgava uma semana. É muito trabalho mas se não for assim nada se faz.

Estava a dizer que agora estava em paz, porquê?

É porque sabe, aliás se ele não seguir as regras que elas cumpriram, porque também, porque elas também não o são capaz de chamar a ele à razão, só me chamam a mim, que ele tá-se muito maribando... ele sabe que está sempre ali qualquer coisa, uma barreira que... mas foi sempre assim. Sempre. Eu às vezes até lhe dizia a elas “eu prefiro que vocês estejam aí” porque eu não faço mal nenhum, ando a trabalhar, cuidando o melhor possível que posso, dando o melhor possível mediante o que eles precisam, saúde, o que eles precisam, tudo, isso não tenham razões, para andar preocupada, “ao estarem aí é ótimo, para mim é ótimo”.

Mas então ele sai e não ajuda nada?

É. Eu saio primeiro que ele, ou há dias, ou há dias que ele sai primeiro que eu. Entramos, saímos, a gente a quase que nem há nada. Há dias que a gente não diz uma palavra um ao outro.

Então enquanto estão sinalizados pela comissão ele já não lhe faz mal?

Faz, faz, ele vai, é capaz de estar ali a moê-los e “fizeste isto e fizeste aquilo” e depois eu tenho que lá ir, aí está tenho sempre que eu me ir meter ao barulho, senão ele está ali a moer as crianças, começa a... como a minha Chica, pronto.

Você é a cuidadora das crianças e o seu marido não intervém em nada na educação deles?

Não. Não em nada, não se ele não...

Nunca vai buscar à escola?

Acha? Nunca ele foi leva-las nem busca-las.

Mas o Adão sim?

Isa quando era mais pequenino sim. Então é o único, é o único (filho). E vai porque é obrigado, ele vai, ele vai... ele foi às consultas com ele a Lisboa e tudo, porque foi obrigado. Foi comigo, porque sabe que se ele não for lá e que se o menino não for às consultas ah, ele vai ser chamado. Aliás eu nem sequer permitia isso, porque se visses que eu andei, o que eu corri, os médicos, para ele ser operado, para ele ser tratado como está, não ia perder a cabeça e dizer assim “olha agora não vou porque tu não queres!”. Então mas estamos a fazer jogos? Não. Ele se não fosse eu ia mas depois ele havia de ser chamado. Não é? Porque é no fundo o que elas me fazem a mim, não é? Porque eu disse, ele sabia há seis meses, ele foi operado há seis meses, há oito meses mais ou menos, e depois ao seis meses ele tinha que lá ir ao operador saber se estava tudo bem, só para o ano se deus quiser, vai tar tudo bem. E, ele disse-me “ah não vamos à consulta com o Adão, não vale a pena, vamos gastar dinheiro, não tenho dinheiro.” “Não tens o quê? Mas então tu não fazes nada? Tu não pagas aqui nada? Eu tenho o meu extrato da minha conta que mostra bem os pagamentos que faço. Eu tenho como provar, ah, que eu é que estou a aguentar a porcaria toda da casa” é mesmo assim, às vezes tem de ser mesmo assim a falar com ele. “eu ah e com as ajudas que me têm dado. Tu não pagas a renda todos meses, há mais não sei quanto meses estão-me a bater à porta, todos os meses os senhorios porque tu não vais lá pagar! Onde é que tu gastas o teu dinheirinho que não podes ir com o teu filho a Lisboa? Isso é que era bom!”. Não quis saber mais, ao outro dia, isto é assim porque eu não me posso esticar muito senão há logo guerra e disparates, coisas do género. Ao outro dia “ah tu não tens’ então deixa estar que eu vou arranjar dinheiro para ir com o teu filho a Lisboa” e fui! Fui pedir ao meu patrão, porque tinha, tinha e tenho feito muita hora. O meu horário é das nove às seis, por isso o resto... e olha... fomos com o menino a Lisboa. Veja lá se ele se recusou a ir? Não recusou! Tem sido umas coisinhas assim e depois faz assim umas coisinhas assim, muito à picuinhas, sabe! Não sei de propósito mesmo para ver se há confusão, para ver se... mas eu já nem ligo. Neste momento nem ligo.

Quando as crianças se portam mal quem é que chama a atenção?

Ah sou eu!

E como é que faz? Ralha, castiga, bate?

Ah, não, eu nunca fui de bater, nunca fui. É assim, há que me cegar mesmo para acontecer. Então aos mais velhos ainda pior. Então o Adão é uma flor de estufa, nem vale a pena. Não há-

de me cegar mesmo, fazer uma coisa assim mesmo muito, muito grave que fosse. Além que eu tenho uns filhos, posso pôr as mãos para o céu, que têm sido impecáveis. Ralho. Ando todo o dia “e tá quieto e não faças isso”, é... hoje vá lá. Ele já estava a adivinhar, hoje está tranquilo. Noutra dia “está quieto Adão, para quieto Adão”, é que ele não para um segundo, então passo o dia todo nisto, mas bater não, não.

E castigos?

Ah de vez em quando que leva, isso os mais velhos... os mais velhos, por exemplo, ela anda a prometê-las novamente, é tirar o computador. O computador, o telemóvel, é conforme no que eles andarem muito agarrados. E ao Adão também, eu por exemplo, leva assim... mas não, eu não sou nada assim de... a gente também costuma dizer, a gente passa tanto que depois quando vai dar aos nossos, não sei, sou muito galinha, mas não sou de andar sempre... gosto de os deixar andar à vontade, até... eles sabem que têm limites.

E cuidar destas crianças, é fácil ou difícil?

Uuufff, tem sido, eu não aguento. Mas vê-los crescer, eu quero vê-los a crescer cada vez mais, eles que cresçam para serem independentes, para não ter que eu andar sempre preocupada. Sempre, sempre, sempre, preocupada com eles.

Mas eles não lhe causam problemas maiores?

Não. Agora já ando mais despreocupada prontos. Todos eles têm... são com problemas mas todos eles têm-se visto, por exemplo, o Joel não dava nada na escola, nada, nem ler, nem escrever, até ao 5º ano foi uma desgraça, não sabia nem o nome dele. Prontos, depois lá apanhei um anjo pelo caminho disse assim, “o seu filho tem dislexia, não está preparado, o seu filho vamos tratar dele”. Hoje o Joel passou para o 9º ano, está a fazer um curso, uma formação porque, para não ir aos exames para o ano. Tá-se a endireitar ele próprio sozinho, tá a conseguir a ajudar-se a si próprio, com as ajudas que a Dra. Aguiar anda a segui-lo, agora ela deixou, agora já, no hospital deram-lhe alta porque achavam que ele agora, tem de ser tudo um trabalho dele e está a ter ajuda no colégio. Prontos a Chica é a minha crise, porque é olhar para mim ao espelho, como eu era e ela é igual. Muito revoltada, muito revoltada com tudo, tudo, tudo... tudo para ela faz explodir. Se ela está alguma coisa engasgada, se há algum problema, era revira, ela vira o quarto de cabeça para baixo. Uma vez veio aqui a Dra. Sandra, ela estava bem, não sei o que é que se passou na escola, no outro dia tinha o quarto de manhã de pernas para baixo, tudo assim, mas mesmo! Ela vira mesmo, gavetas, tudo! E por isso ela também, a Dra. Sandra anda a segui-la e a ver se a gente consegue leva-la com calma, ver se ela consegue estudar, este ano chumbou. Não quer... anda... pois é... tenho que levar muita calma e pensar assim, “bem tu foste assim foste aprendendo, foste aprendendo a conteres-te” e ela está igual, está assim numa fase... muito difícil! Mas está a sair. O Adãozito, olhe era a nossa preocupação, era ele não ouvir, não tomar atenção, não... não se concentrar. Ainda está agora, está com cinco anos, ainda não está minimamente preparado para ir, nem sequer para a escola.

Mas tem realmente algum problema de audição?

Ele não ouvia, por isso é que ele não tomava sentido de nada que a Silvia (educadora) lhe pedia, toda a gente me dizia “o menino tem problemas, o menino tem problemas”. Na altura ninguém sabia o que é que ele tinha. Ele foi visto por uma porrada de médicos e ninguém foi capaz de dizer assim “o seu filho não houve! O seu filho não é malcriado, o seu filho não houve simplesmente.” Que ele com dois anos não podia ser malcriado. E, então depois quando ele saiu do Pinheirinho (creche) foi para o Colégio de São Mamede, juntei lá os irmãos, e a Goreti, a

educadora que estava a segui-lo, é que me disse “o seu filho é que não houve, ele não é irrequieto, não é diferente” que ele ficava isolado, agora também acontece, mas agora já nem tanto, gosta de estar assim sozinho. Se estiverem cá os irmãos ou uma coisa qualquer, ele isolasse. E, na altura, ele isolava-se muito, muito, num canto parecia que estava de castigo, sabe quando a gente põe as crianças de castigo? Ele fazia assim, prontos. E essa educadora é que me disse, mexa-se com ele porque ele não é... o problema dele não é bem no comportamento. E eu fui com ele, fui logo, no outro dia quando fui buscar o Adão à noite, no outro dia já nem fui trabalhar. Peguei nele e fui mesmo ao especialista com ele e fui logo ao otorrino com ele, a uma clinica prontos. E, ele próprio é que fez os exames e tudo e é que me disse “você tem que se mexer com o menino”. E depois fomos à Benedita com um médico que lá está, fez os exames todos, isto foi quinze dias, acho que nem um mês chegou.

E, já foi operado e tudo?

Foi num instante. Num mês fez os exames, foi operado, fez tudo!

E ele já ouve melhor?

Agora já, se chamar por ele, ele já responde.

E tem alguma terapeuta da fala para o ajudar lá na escola?

Tem sim senhor. Não, era isso que eu gostava. Falei isso com a Dra. Sandra, a comissão, me prometeram, que ia alguém com ele. Ele vai à terapia porque eu tive que me mexer. Eu é que andei à procura de uma terapeuta para ele e num lugar onde eu pudesse ir com ele, porque eu não tenho transporte próprio, não conduzo, só o pai é que conduz... e... sei lá... Elas prometeram que realmente ia lá alguém para olhar por ele e até hoje. Acho que se não deram indicação nenhuma porque não fizeram nada.

O que é mais difícil com os seus filhos?

É saber que estou em casa e a qualquer hora ele vai abrir a porta. E, eu pergunto-me logo “vamos ter sossego ou não vamos? Posso ir dormir descansada ou não?”, não consigo dormir descansada. Foi todas estas indicações que eu dei à Dra. Sandra na altura e ela diz que também depende muito... tou muito subcarregada por tudo o que eu passei. Porque eu não consigo. Ele tá aqui, eu chego muito cansada do trabalho. Chegar aqui, dar jantar, muitas vezes trago o jantar já feito de lá. Chegar aqui dar jantar, preparar o Adão para deitar, tudo... e... e não consigo dormir descansada porque ele anda aqui a cirandar pela casa. E, estou sempre a pensar “e os meus filhos, e a minha filha, e os meus filhos, e a minha filha, e a minha filha está acordada” e eu não consigo dormir. Alevanto-me cinquenta vezes durante a noite, muitas vezes sobressaltada, e elas dizem também que isso pode ser devido ao que eu passei e estar a espelhar naquilo. Agora já não é tanto, não é tanto porque, prontos, ele chega a casa, eu chego a casa e não há confusão.

E, o que é mais fácil?

É vê-los crescer. É ouvir o meu filho dizer o nome da irmã e o meu, que ele não dizia. Ouvir dizer o professor que o meu filho passou para o 9º ano sem ajudas nenhuma, de ninguém, sem unhas, sem proteções, sem nada, ele passou como outra criança normal, é fácil, é muito bom. Eu nesse dia a quase que, sei lá, porque eu estava à espera que ele chumbasse, que não conseguisse atravessar e ela é que passasse por exemplo, e foi completamente ao contrário. E vê-la a crescer a ela também, porque ela também, além de ser assim, ela... eu só estou a espelhar nela, ela é o meu espelho. Toda a gente me diz, porque eu transpiro isso tudo para ela como mulher. Eu

estou sempre a acautelá-la, eu estou sempre a protege-la “se acontecer alguma coisa, tu dizes logo à mãe, não tenhas medo de nada, dizes logo à mãe. Tanto aqui como lá fora, onde for.” mas é vê-la a crescer que ela está uma mulherzinha, linda! Linda, linda, linda, linda! Tou sempre com o coração de mãe. É, é sempre, sempre, com todos esses coisas que a gente vê na televisão, com tudo, com tudo, tudo, tudo, o que se ouve, é drogas, é tabaco, é bebidas... tá na idade, ela está na idade. Que eu vejo os outros bem mais coisa que ela e ela e tanto... mas não, é como o meu Joel diz “oh mãe a gente sabe o que faz não te preocupes”, ele diz-me assim muita vez, “não te preocupes com a gente que a gente sabe o que faz”. A gente preocupa-se sempre!

Anexo XV

Transcrição da entrevista à família M

Fale-me da sua infância?

Eu só me lembro daí dos cinco anos, o meu pai falecer engasgado com um bocado de carne de carneiro, engasgado, pronto, sufocou-se, morreu. Éramos cinco irmãos todos pequenos. A minha mãe ficou sozinha com cinco filhos e fomos criando assim aos poucos.

E, a sua mãe trabalhava?

À jorna, aos dias que podia e tinha um irmão mais velho que já trabalhava na serração, que ajudava a minha mãe, e foi assim.

Estudaram todos até à 4ª classe ou alguém estudou mais?

Não, não, ninguém conseguiu mais porque tivemos que ir trabalhar para ajudar a minha mãe.

Você é a mais nova ou a mais velha?

Eu sou a mais velha das raparigas mas tinha dois irmãos mais velhos que eu da parte do meu pai. E íamos aos caracóis para irmos às excursões da escola e para ganhar para os materiais da escola.

Ainda ajudava na lida da casa e do campo?

Claro. Apanhar erva para as ovelhas, para as vacas, tudo o que nós pudéssemos fazer para ajudar a minha mãe.

E brincar?

Brincadeiras! Às vezes levávamos porrada. Não havia televisão como agora, não é! Nem telemóveis, nem computadores, não havia nada. Nem tínhamos luz, era candeeiro a petróleo. Só tenho luz na minha casa desde que o meu filho nasceu.

Do Adriano?

Sim.

Mas a sua casa não é a casa dos seus pais?

Não. A casa dos pais é aquela que está ao lado da minha e não tem luz ainda nem casa de banho.

Mas não vive lá ninguém?

Agora não.

Quando andava na escola, saíam da escola e iam todos trabalhar?

Era. Apanhar erva para o gado, lavar as meias dos meus irmãos, tínhamos que ter as meias enxutas para eles vestirem no outro dia. Cozer os feijões... ai meu deus!

E, brincar?

Brincávamos mas não era com bonecas, nem com nada, era... sei lá... às escondidas. E latas de atum engatadas umas às outras!

Depois da 4ª classe deveria ter dez anos e foi trabalhar?

Eu fui sempre burra na escola. Tou pior que o meu filho...

Mas com onze anos saiu da escola e foi trabalhar?

Ah não. A minha mãe juntou-se com um senhor de São Jorge. Tinha fazendas e nós amanhávamos as fazendas e pronto ele pagava a jorna à minha mãe e foi assim. E, depois eu comecei a trabalhar com quinze anos, empreguei-me numa fábrica de tapetes, para ajudar a minha mãe. O meu primeiro ordenado foram oito contos.

Ainda era muito!

Há 27 anos.

Explique-me. A sua mãe teve dois filhos de um senhor antes de casar com o seu pai?

Não teve só um o mais velho. Já tava com ela quando o meu pai casou com ela. E depois teve nós quatro.

Depois do seu pai morrer, foram viver para a casa do outro senhor, mas só por trabalho?

A minha mãe primeiro começou lá a fazer uns dias de trabalho. Porque a minha mãe trabalhava assim para as pessoas para fora. Ele era viúvo, gostou do trabalho da minha mãe e depois começou a gostar dela e fomos todos para lá. Só o meu irmão mais velho é que não quis ir, foi para casa de uma tia minha, para a Golpilheira. Casou de lá, fez lá a vida dele em casa da minha tia.

Depois começou a trabalhar aos quinze numa fábrica de tapetes.

Numa fábrica de tapetes. Depois comecei a namorar também.

Aos quinze anos?

Não aos dezoito. Aos quinze não que os meus irmãos davam-me porrada que eles eram muita brutos.

Eram dois homens e três raparigas. Mas o seu irmão mais velho já não vivia com vocês. Era só um irmão que lhe batia.

Não, são três. Porque o meu irmão mais velho a minha mãe já tinha. Depois foram mais dois irmãos e eu e a minha irmã.

Eles eram mais velhos, tomavam conta das irmãs?

Era. Mal a gente fizesse qualquer coisa mal ou não tivéssemos as meias enxutas no outro dia, levávamos logo porrada.

Depois começou a namorar aos dezoito com quem?

Aos dezoito que é o pai da minha filha.

Casaram?

Sim, que o padre não casava a minha filha sem eu ser casada. Casou, batizou, mas depois a partir daí nunca nos demos bem, porque ele era muito mentiroso.

A sua filha foi planeada ou não?

Ainda não sabia, porque comecei a namorar aos três meses apareci grávida. Os meus irmãos deram-me uma malha de porrada, puseram-me de casa para fora mais a minha mãe.

Então e depois?

Fui viver com ele para a Costa numa casa de renda. Tive lá um ano. Tive a minha filha lá e depois voltei outra vez para casa da minha mãe. Porque a minha mãe queria a menina não me deixou fazer nenhum aborto.

Mas não foi ao hospital?

Não fui ao hospital. Mas tive a minha filha na Costa e depois fui para a Amieira outra vez.

E o pai da sua filha?

Ele é que construiu aquela casa que estamos agora a viver mas a partir que eu tive a minha filha nunca mais gostei dele.

Porque ele era mentiroso?

Era. Mentia-me muito e às pessoas. Mandava homens vir ter comigo. Ele ia ter com os colegas, mandava os homens vir ter comigo e depois então chegava a casa e dizia que eu tinha amantes.

Ele é que fazia isso tudo?

Era. Porque as pessoas depois vinham-me dizer. E tenho provas disso. Depois eu comecei-me a alterar de ele me andar sempre a dar amantes sem eu os ter. Olha, tive que arranjar provas, já que os queria, olha tive que arranjar outro amante... deixei-o a ele! Passei uma vida complicada.

E o Adriano?

O Adriano veio depois doutro pai. Que a minha filha é que queria “ah oh mãe tens-me que me arranjar um mano, não tenho um mano para brincar” e o pai do meu Adriano também era solteiro. Mas também gostava do álcool depois juntámo-nos os dois, tive dez anos junta com ele, continuou ir buscar o meu passado do pai da minha filha. Que eu tinha amantes, que só tinha homens. Quando eu vinha de boleia com algum colega da fábrica, era meu amante. Sempre, sempre as conversas eram sempre as mesmas que eu disse. Tu vais viver sozinho que eu também vou viver sozinha. E, agora tou sozinha com o meu filho e com a minha filha em casa.

O pai da sua filha viveu quanto tempo consigo?

Cinco anos, porque a gente viveu juntos mas cada qual na sua cama. Foi o inferno.

E o Adriano nasceu quantos anos depois da sua filha?

Da minha filha doze.

Então ainda esteve uns anos sozinha com a sua filha?

Sim a ganhar para a minha filha. Ele nunca me deu sustento. O pai da minha Mónica nunca me deu sustento. Só que agora quando foi a partilha da minha casa no divórcio, ele deu a parte da casa à filha, é assim, eu perdoo-lhe o sustento, ele perdoa-me a casa, senão tinha que haver o pagamento.

Com o pai do Adriano teve quanto tempo juntos e há quanto tempo estão separados?

Dez anos (juntos). Ele dá porque eu fui tratar dos papéis a tribunal, ele dá-me a pensão, mas o prazo era até dia oito e ele não está a cumprir quase mês nenhum.

Vou voltar um bocadinho à sua infância. Já referiu que os seus irmãos lhe davam porrada. Agora enquanto adulta acha que os seus pais a trataram bem?

Dos meus pais não, dos meus irmãos fui vítima de maus tratos. O meu pai só tinha eu cinco anos, não me lembro de nada, que ele me batesse, não me lembro.

E, a sua mãe?

A minha mãe às vezes dava-me uma tarefa porque eu também portava-me mal, andava no cabredo com os garotitos. Não fazia o que ela me mandava...

Mas os seus irmãos é que lhe batiam mesmo a sério?

A sério, até nos deixar negras.

Era mesmo com muita violência!

Sim. E à minha mãe também batiam.

Eles trabalhavam?

Quer dizer, eles foram trabalhadores, até uma certa altura, até serem novos. Mas depois um começou-se a desmazelar um bocadinho, não queria trabalhar. Então o meu irmão mais novo, nós chamamos-lhe o Frederico, é o Frederico também com a coisa dos outros estarem em casa e ele estar a entregar o ordenado e não quererem trabalhar, ele também se pôs um bocado à boa vida. E depois vinham aqui para a Batalha, embebedavam-se, chegavam a casa e davam porrada na gente.

Vocês viviam do quê? Do seu ordenado?

Pois. Eles queriam comer e beber, mas não tinham dinheiro porque compravam-na e nós levávamos porrada. Às vezes a minha mãe tinha que esconder uma coisita, uma pinguita ou qualquer coisa, escondia. Mas não valia a pena porque eles davam porrada à mesma! Ainda era pior.

Coitada da sua mãe!

A minha mãe morreu a quase nas mãos dos meus irmãos. Morreu nova com 61 anos porque ela começou a perder os trambelhos aos cinquenta. Um morreu com 29 anos, o mais velho, arrebitou-lhe uma veia no esófago e o mais novo atirou-se para de baixo de um camião, foi a ideia dele com os copos, foi enfiar-se debaixo de um camião.

Morreram todos novos! Mas antes, quando viviam todos juntos, quem é que sustentava a casa financeiramente?

Eu trabalhava na fábrica, era a minha irmã. Ah a gente dava-lhe algum, porque a gente também queria comprar umas pecinhas de enxoval, que a gente gostava. Dantes ia umas carrinhas à porta e a gente comprava assim umas pecinhas e depois andava quase um ano a pagar.

E o senhor com que a sua mãe vivia permitia que os seus irmãos batessem nela?

Ele depois também se virou a bater à gente. Ele até me quis violar. Aos 14 anos ele tentou-me violar. Mas também já morreu, também já lá tá a paga-las.

Estou a ver que os homens que passaram na sua vida foram todos muito maus para si.
Eu acho que se aproveitam da pobreza.

O pai da sua filha também era violento?

Quer dizer ele é um bom pai a passar pela filha, dar-lhe um beijo, e dizer que está tudo bem.

Não lhe ligava nenhuma?

Não. E mesmo agora está na Suíça, se se lembrar que está sozinho, liga à filha a mandar-lhe beijos, que vem e que depois lhe dá qualquer coisa, abalou para a Suíça e não lhe dá nada! Promete e não lhe dá. A minha filha quando teve o primeiro carro, quando foi tirar a carta, comprou um carrito e mais eu. Fizemos um crédito no Juncal, comprou um carrinho mais eu, fomos pagá-lo, andávamos a pagar uma prestação de cem euros. Ele veio todo espertalhão disse assim “oh filha vamos trocar de carro melhor, o pai paga-te o resto”. A minha filha foi nas cantigas do pai e de trocar o carro cá, teve que ficar a pagar dois.

Mas porquê dos dois, ele levou o outro?

Porque ficou a pagar o resto do crédito do outro e do crédito que o pai fez.

Pelo menos têm os dois carros ou não?

Não porque a minha filha depois teve que trocar, para arranjar assim um mais económico para depois ir para a escola.

Mas o pai nunca bateu nela?

Não. Não agressivo para a filha não foi.

O não dar importância não foi relevante?

É, mas a minha filha gosta muito dele. Eu às vezes digo-lhe assim “gostas mais do teu pai que nunca te deu nada do que de mim!”. E, ela fica triste.

Quanto ao pai do Adriano, tratou bem o filho?

O pai do Adriano é tal e qual, não lhe dá mimos nenhuns.

Também desapareceu e não vem visita-lo?

Ele mora em São Jorge, desaparecer não desapareceu de Portugal, ele está cá.

Enquanto viveram juntos também era um pai ausente?

Ah, ele nunca foi carinhoso, nunca teve mimos de ninguém e também para o filho é igual. Porque ele vai lá, dá-lhe o cheque mas quer saber quais são as pessoas que dormem comigo.

Está a dizer que o pai do Adriano teve uns maus pais?

Ele teve pais e podia estar bem na vida, só que o álcool faz estragar tudo. Porque ele é da família dos Rinos de São Jorge. O álcool é que faz...prontos... nós ficamos sem nada!

Mas os pais dele não lhe batiam?

A ele? Ele também ficou sem o pai aos 14 anos, que até aí era um homenzinho. A partir dos 14 anos ficou sozinho também com a mãe e trabalhou 35 anos na Scania. Agora mandaram-no embora porque já está com 50 anos. Ele aparecia lá alcoolizado todos os dias, portanto ainda

tava pior. Deram-lhe uma indenização e mandaram-no embora. Agora não sei se está no fundo de desemprego, se lhe arranjam trabalho, que eu não controlo a vida dele.

Contudo os pais nunca o trataram mal?

Não, não. A mãe não. A mãe era muito pobrezita, assim que andava sempre escondida. Parecia uma pessoa que andava sempre escondida, parecia assim um bichito. daquelas pessoas assim antigas.

Cuidar do Adriano é fácil ou difícil?

É difícil porque ele é teimoso. É teimoso. A gente diz-lhe uma coisa mais de cinquenta vezes e ele não liga nenhuma.

É organizadinho, responsável?

Ah isso não! É muito desorganizado. Ainda agora, ontem trazia um recado da professora de música a dizer que se tinha esquecido outra vez da flauta. Já é uma terceira vez que já se esquece de levar a flauta. Ele é que sabe que materiais é que tem de pôr para o dia seguinte pa escola não é eu que tenho de andar sempre a espreitar. Tou sempre a dizer “André prepara os teu materiais”, “ah já tá, já tá tudo” é a conversa dele para mim “já tá tudo”. Chego ao fim e ao cabo não tá nada!

Depois recebe os recados em casa?

É. Mas a gente anda sempre com os livros atrás dele a ateimar mas não vale a pena. Agora pu-lo ali (centro de estudos) a ver se ele se consegue endireitar alguma coisita. Já vim aqui esta semana a uma psicóloga com ele.

E, o centro de estudos não é caro?

Sei lá se é caro, mas eu preciso, porque a irmã não pode ajudar, não tem tempo. São 85€ por mês. Agora só vai pagar meio mês porque ele só vai entrar hoje e são, vou pagar 62,5€ porque é inscrição e seguros que eles vão ter, que se aleijarem, se houver algum problema, para terem um segurozinho.

O que é mais difícil no Adriano?

É a teimosia.

E o que é mais fácil?

É o amor. É muito, muito beijoqueiro. Anda sempre agarrado à irmã aos beijos e a pedir desculpa. E a mim também. Vai-me dar um beijinho à noite. Outras vezes vem dormir para ao pé de mim.

Então tem um menino meiguinho?

Tenho. Graças a deus tenho.

É o primeiro homem na sua vida que é meigo!

É meiguinho. Também a irmã tava sempre a dar miminhos quando ele era pequenino, agora não se descola, até ela diz “deslarga-me, deixa-me, poça não desembrulhas”.

De uma infância cheia de violência está a conseguir educar os seus filhos com mais carinho.

Sim, desde que lá tenho a senhora que tem 90 anos, ela fez-me um testamentozinho, do que tivesse dava-me para eu tomar conta dela. Eu tenho melhorado um bocadinho a casa mas com a ajuda...

Eu não me referia a questões materiais. Mas mais a questões de bons tratos, dado que os seus irmãos, o companheiro da sua mãe....

Até tenho aqui uma cicatriz, outra aqui na cabeça que mostra o que eu sofro!

Mas agora o ambiente da sua casa é mais tranquilo?

Sim.

E sente-se mais feliz assim?

Sim.

E é isso que quer continuar a dar aos seus filhos?

Sim, até nem gostava que a minha filha saísse de lá ao pé de casa. Que eu tou sempre a dizer “tens ali a casa da avó até a podias reconstruir para não te ires embora, que eu não tenho ninguém”. Não queria mais ninguém aqui para casa. (chora).

(A conversa continuou em off até que surgiram assuntos importantes:)

(...)

O pai da sua filha?

Sim. Uma vez a minha irmã ofereceu cinco contos, ainda era em escudos, ofereceu cinco contos para ela deixar arrancar um dente e ela deixou arrancar o dente e pu-los lá dentro do migalheiro. Ele até isso levou. O migalheiro estava em casa da minha mãe que era para ele não mexer.

Ele quis bater à sua mãe por causa do dinheiro?

Uma vez virou-se à minha mãe e virava-se aos meus irmãos. Partiu o nariz e os braços aos meus irmãos. Apanhou os dois ao colo dele, os meus irmãos iam-se virar a ele, nós vivíamos lá num buraco que lá tava na casa e eles diziam para entrar, mas tiveram que baixar assim a cabeça para entrar, ele estava lá dentro com um pau, abriu logo o nariz ao mais novo, partiu os braços ou escavacou a cara toda, já não ma lembro. Mas foi uma guerra nesse dia, que ele teve que dormir fora de casa senão os meus irmãos matavam-no.

Isto são tudo histórias de muita violência!

E depois os meus irmãos também se viravam ao meu padrasto, lembro-me quando ele souberam que ele me quis violar, viraram-se contra o meu padrasto. Quiseram-lhe dar uma malha de porrada, ele até andou lá, tinha uma pistola no bolso até disparou lá dentro de casa.

A sua mãe, no meio disto tudo, refugiava-se no álcool também!

Deixei-o. Acabou por o deixar também. Nós começamos a dizer “oh mãe ele trata a gente mal, vamos embora”. Nós fomos viver para casa dele em São Jorge, porque ele tinha luz e televisão. “A gente vai-se embora”. Tínhamos uma junta de vacas pequeninas. Eu mais a minha irmã, como éramos pequeninitas, ele tinha para aí... comecei a trabalhar com 15 anos, tinha para aí uns 14 anos, agarramos nas vacas, a minha irmã era mais nova que eu três anos. Trouxemos as vacas e a minha mãe e viemos viver outra vez para aquele buraco sem luz.

Mas pelo menos não havia tanta violência!

Com os meus irmãos houve sempre. Cada vez pior.

A sua mãe começou a beber quando?

Não. A minha mãe devia de começar no álcool aí aos quarenta e tais anos. Quando os meus irmãos já eram granditos. Porque ela, antes disso não era alcoólica. Ela começou foi a beber mais lá em casa do outro senhor, porque ela também amanhava vinho. Tinha assim o vinho à vontade. Começou a beber mais à vontade e quando deu por ela, olha tava viciada. Que ela antes disso não era. Era muito trabalhadora, toda a gente gostava de falar para ela para ela ir trabalhar. Olhe são coisas que passam!

(Mais uma vez a conversa continuou em off até que voltei a ligar o gravador:)

(...)

Estava-me a contar que antes da sua filha, só bebia pouco porque o pai da sua filha não bebia.

E eu para tá-lo a comprar para mim, não!

Depois com o pai do seu Adriano...

Quando se juntámos com o pai do meu Adriano, ele fazia o vinho, eu também ajudava não é, então aí, às vezes fazíamos uns petiscos lá em casa, que ele matava uns porcos, matava bois, depois convidava assim uns colegas para lá ir comer um bife ou uma febra e pronto o que fosse. A gente punha o vinho na mesa, tínhamos a comida, íamos enchendo o copo (risos).

E, aí você bebia mais?

É. Mas durante o dia todo, não era só naquela hora.

Depois quando é que deixou de beber?

Há um mês, desde que estou a tomar os medicamentos para a depressão. Já andava a tentar desde que a Segurança Social lá tem ido a casa, andava a tentar mesmo desistir com o álcool, por causa do meu filho, que eu quero o meu filho...(chora).

Fez algum tratamento?

Não.

É mesmo força de vontade?

É.

Acho que o seu filho merece!

É. Merece. O meu filho e a minha filha. Merece. Porque eles são bons para mim. Se eu lhe pedir alguma coisa ela faz-me tudo, também eu faço a ela. Que ela teve um acidente muito grande, escavacou o carro todo e eu é que tive de pagar o concerto.

Ah já não bebe à um mês, quer ajudar os seus filhos...

Quero ajudar os meus filhos e a mim também! Que eu já andava a ficar acabadica.

Você tem 42 anos?

42.

Ainda é nova!

Ja parar aos calcanhares da minha mãe e eu não quero.

Pois já teve um exemplo.

Um? Dois, três! Os meus irmãos também e morreram novos. Mas o vicio é uma grande droga! É difícil sair!